

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS HISTÓRICOS LATINO-AMERICANOS

***“ESSES ALEMÃO TÊM QUE SE CONVENCER QUE
NÃO MANDAM MAIS NA CIDADE...”***

**RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE RECEPTORA E (I)MIGRANTES EM
PANAMBI NA DÉCADA DE 1970**

ELIANE DE MELLO

São Leopoldo

2006

ELIANE DE MELLO

***“ESSES ALEMÃO TÊM QUE SE CONVENCER QUE NÃO
MANDAM MAIS NA CIDADE...”***

**RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE RECEPTORA E (I)MIGRANTES EM
PANAMBI NA DÉCADA DE 1970**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale
do Rio dos Sinos – UNISINOS como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História, área de
concentração em Estudos Históricos Latino-Americanos.

Orientador: Dr. Martin Norberto Dreher

São Leopoldo

2006

Para “Samuca” (Samuel Bolívar de Mello)... “filho-sobrinho”...

o “Alemão” da família...

AGRADECIMENTOS

Pesquisar, para mim, é sempre uma tarefa coletiva: é no diálogo que o texto vai tomando forma e, principalmente, são o carinho e a amizade que dão ânimo para continuar o trabalho. Assim, minha lista de agradecimentos, felizmente, é extensa.

A meus pais, Vergílio e Selma de Mello, pelo carinho, apoio e confiança. A meu irmão Marcos André de Mello, pelo constante incentivo e por ter me auxiliado na formatação dos gráficos. À Mariana Wiercinski, minha cunhada, pelo apoio e amizade. À minha irmã Fernanda de Mello, por tudo... A Samuel Bolívar de Mello, pelos beijos e abraços...

À Rosane Márcia Neumann, pelo incentivo, pela disponibilidade em discutir meus textos, por me acompanhar nas entrevistas, pelas sugestões de bibliografia. Por acreditar no meu trabalho, às vezes mais até do que eu...

Ao Fabio Lemes e a Marlise Vitcel, pela aula de economia e pela amizade.

Ao Valdecir, pela preciosa indicação de bibliografia na área da Geografia.

Aos funcionários dos arquivos, pelo atendimento atencioso, em especial, à direção da ACI, a Natanael e Francisco da Prefeitura e Sérgio Lopes, do Museu e Arquivo Histórico Panambi.

A Martin Norberto Dreher, meu orientador, pela dedicação, por sua generosidade em compartilhar seus conhecimentos e, principalmente, pela amizade.

Aos professores do PPG-Unisinos, especialmente Prof. Dr. Arthur Blásio Rambo, Prof. Dr. Flávio M. Heinz, Prof.^a Dr.^a Marluza M. Harres, Prof.^a Dr.^a Beatriz Vasconcelos Franzen, Prof.^a Dr.^a Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos e Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira, que me “apresentou” a Norbert Elias. Às secretárias do PPG, especialmente Janaína Vencato Trescastro. Também à Imgart Grützmann, professora visitante do PPG que, pacientemente, discutiu comigo meu projeto de pesquisa, suas colocações foram imprescindíveis.

A Prof^a Dr^a Sandra Jatahy Pesavento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que aceitou participar da comissão de avaliação do trabalho.

Aos colegas do Mestrado, especialmente ao Odinei, ao Bartel, ao Enildo, ao Cleverson, ao Daniel, ao Miguel, a Deusa e à Sinara, amigos para toda a vida.

A todos os amigos que me incentivaram, especialmente à Carmem Ribeiro, Márcia Braum, Sandra Braum, Andrea Petry, Fabiane Martins, Marlise Santos, Edela Lutz, Marlisa Sartori, Luciana Flores Oliveira, Regina da Silva, Clair Bartach, Juliane Eisen, Eliane Jaques, Márcio Kersting, Jerson Fontana e Celso Acker. Ainda, Tânia Dall Forno Gabbi e Vera Malheiros que digitaram parte da documentação. Aos meus vizinhos, Tereza e Alvarino Verbes Oliveira, que sempre demonstraram preocupação com meu bem estar tanto nas viagens, quanto nos “intermináveis” dias em frente ao computador...

À direção da Escola Estadual de Ensino Médio Paulo Freire que “facilitou” minha vida profissional durante o período da pesquisa.

À Cátia, Gilmar e Dioninho, amigos queridos que me acolheram em sua casa nestes dois anos em que vivi em constante “migração” para São Leopoldo.

Aos entrevistados, por terem se disposto a compartilharem suas memórias... E a mãe de um de meus alunos, que em certa ocasião comentou que se sentia discriminada na cidade por não ser alemã... Sua “queixa” foi à motivação inicial deste trabalho.

À CAPES, pela bolsa de estudo que cobriu os gastos com as disciplinas.

À Elis Bayer, pela revisão, e ao VIP Centro de Idiomas pelo abstract.

“O inferno são os outros...”

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as relações entre sociedade receptora e migrantes, especialmente as que se referem à incorporação dos novos moradores ao lugar de destino. Para tanto, toma-se como objeto empírico as relações estabelecidas entre os dois grupos na cidade de Panambi, localizada na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, na década de 1970. Formada por (i)migrantes/descendentes de alemães e luso-brasileiros, a referida localidade viveu um processo conflituoso de construção de identidade, o qual resultou numa suposta hegemonia econômica, cultural e política do grupo étnico alemão. Todavia, na década de 70, o seu rápido desenvolvimento econômico causou a desestabilização dessa estrutura, principalmente devido à migração em massa. Dentre as consequências desse processo estavam o alargamento do fosso entre ricos e pobres, as mudanças na estrutura física da cidade e o início da desintegração dos velhos sistemas de valores e costumes, os quais controlavam o comportamento das pessoas, mantendo certo jeito de viver baseado na disciplina, na dedicação ao trabalho e na devoção religiosa. Essas transformações refletiram-se na atitude defensiva da sociedade receptora, que intensificou sua busca por paradigmas identitários, calcados nos “valores” do grupo étnico alemão e voltados para a produção da diferença entre a sociedade estabelecida e os *outsiders*, redefinindo as fronteiras étnicas.

ABSTRACT

This study has as objective to analyze the relationships between receiver society and migrants, in particular the ones that refer to the incorporation of new inhabitants to the place of destination. Therefore, it was taken empirical objective the relationships established between these two groups in the town called Panambi, located in the northwest region of Rio Grande do Sul, in the decade of 1970. Formed by German and Portuguese-Brazilian (im)migrants/descendents, the above-mentioned place lived a conflicting process of identity construction, which resulted on a supposed economic, cultural and political hegemony of the German ethnic group. However, in the decade of 70, its quick economic development caused the destabilization of this structure, in particular due to the mass migration. Among the consequences of this process was the widening of the ditch between wealthy and poor people, the changes on the physical structure of the town, and the beginning of the old systems of values and customs disintegration, which used to control people's behavior, keeping a certain way of living based on discipline, on dedication to work and on religious devotion. These transformations were reflected on the defensive attitude of the receiver society, that intensified its searching for identity patterns, trampled on the “values” of the German ethnic group and turned to the production of the difference between the established society and the *outsiders*, redefining the ethnic borders.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	13
<i>1. “ESTOPIM ACESO NESTA CIDADE QUE AINDA VIVE O ‘NEU-WÜRTEMBERG’”</i>	26
1.1 “Esta é uma história de uma cidade que se chama Panambi”	27
1.2 “Os sinos significam muito pra quem sempre ouviu...”	45
2. “POIS, PARA ONDE NÓS VAMOS? SEMPRE PARA CASA.”	57
2.1 Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul	58
2.2 Duplo pertencimento. Dupla rejeição... ..	62
2.3 O germanismo	66
2.3.1 Herrmann Meyer: o idealizador de Neu-Württemberg.	70
2.3.2 Neu-Württemberg: uma colônia para receber imigrantes alemães.	74
2.3.3 A propaganda	76
2.3.4 Hermann Faulhaber	87
2.4 Relações entre nacionais, imigrantes e teutos em Neu-Württemberg/Panambi	90
2.4.1 “... por isso que sempre quando dá uma guerra dá com eles!”	95

2.4.2 O lazer	98
2.4.3 A escola	102
2.4.4 A nacionalização	111
2.4.5 “Hitler era um homem grande pra nós”	114
2.4.6 O Integralismo	117
2.4.7 Nacionalidade para o Estado brasileiro	119
2.4.8 A emancipação de Panambi	126
2.4.9 “Agora tu tá no Brasil e tu tem que aprender falar alemão...”	136
3. “OS ALEMÃES ERAM PESSOAS ESTABELECIDAS... ” RELAÇÕES	
ENTRE SOCIEDADE RECEPTORA E MIGRANTES EM PANAMBI	138
3.1 “Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou.”	138
3.1.1 O desenvolvimento econômico do Brasil na década de setenta	142
3.1.2 A atuação das lideranças locais	147
3.1.3 A Cooperativa Triticola Panambi Ltda – COTRIPAL	149
3.1.4 A Kepler Weber S.A	158
3.2 “Paradoxos da migração”	169
3.2.1 A cidade “bela, higiênica e alemã”	188
.....	
3.2.2 O convívio entre estabelecidos e migrantes	213
3.2.3 Vila Esperança: a “cidade do outro”.	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS	237
BIBLIOGRAFIA	245

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Vista de Neu-Württemberg.....	32
Foto 2 - Cortejo levando o Sino	50
Foto 3 - Os três sinos da Igreja Evangélica.....	51
Foto 4 - Meio rural - Roça da família Schäffer	79
Foto 5 - Vista da Stadtplatz Elsenau, colônia de Neu-Württemberg	79
Foto 6 - Vista Stadtplatz, colônia de Neu-Württemberg.....	80
Foto 7 - Vista do açude do arroio do Moinho.....	81
Foto 8 - Vista de Neu-Württemberg, inverno de 1925.	81
Foto 9 - Cartão-postal da Igreja Evangélica Luterana de Neu-Württemberg.....	82
Foto 10 - Cartão-postal da Igreja Evangélica Luterana de Neu-Württemberg.....	83
Foto 11 - Cartão-postal da Cascata do rio Palmeira.....	83
Foto 12 - Capela Batista, Elsenau - Neu-Württemberg.....	84
Foto 13 - Elsenau em Neu-Württemberg/RS.....	85
Foto 14 - Colônia Alemã Elsenau em Neu-Württemberg	85
Foto 15 - Festa do “Unser Tag” em Neu-Württemberg	99
Foto 16 - Encontro de educadores	105
Foto 17 - Desfile Cívico em homenagem à Independência do Brasil.....	112
Foto 18 - Reunião - Campanha de Nacionalização	113
Foto 19 - Desfile de alunos com Bandeiras da Alemanha.....	115
Foto 20 - Alunos posando com a bandeira alemã.....	115

LISTA DE DESENHOS

Charge do promotor e do sino.....	54
Desenho 1 - Herrmann Meyer	128
Desenho 2 - Hermann Faulhaber	128
Desenho 3 - Panambi em 1904	129
Desenho 4 - Panambi em 1949	129
Desenho 5 - Kepler Weber	132

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Neu-Württemberg	77
Mapa 2: Municípios de procedência dos migrantes na década de 1970 mencionados pelos entrevistados	176
Mapa 3 – Área urbana de Panambi – Maio de 1992	188

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução da renda interna setorial em Panambi	140
Gráfico 2: Produção da soja e trigo em toneladas recebidas pela Cotripal 1971- 1979 ...	151
Gráfico 3: Número de sócios da Cotripal 1965-1979	152
Gráfico 4: Investimentos da Cotripal 1966-1971	153
Gráfico 5: Capitalização da Cotripal em valores reais e nominais 1969-1971	154
Gráfico 6: Funcionários da Cotripal 1970-1979	156
Gráfico 7: Evolução no número de funcionários da Empresa Kepler Weber S.A	171

LISTA DE TABELAS

Tabela nº1 - Evolução da estrutura da renda interna municipal e estadual: 1959 a 1980	139
Tabela nº 2 – Subdivisão do setor secundário	141
Tabela nº 3 – Empresas e emprego no setor do comércio	141
Tabela nº 4: Grupos de outras localidades que depositaram soja na Cotripal 1977-1979.	155
<i>Tabela nº 5: Evolução da cultura da soja no Brasil</i>	159
Tabela nº 6 - Evolução dos salários pagos, valor da produção e valor da transformação no setor secundário do município 1970-1980.....	173
Tabela nº 7: Situação do acervo da Biblioteca Municipal 1975-1976	209

LISTA DE PROPAGANDAS

Propaganda 1: Obrigado senhor ministro.	160
Propaganda 2: Agora quem lucra é você	165
Propaganda 3: Panambi ontem hoje.....	191
Propaganda 4: Hotel Elsenau em fase final	210
Propaganda 5: Moradores da Vila Esperança recebendo doações de alimentos	233

LISTA DE ABREVIATURAS

MAPH: Museu e arquivo histórico de Panambi

Pbi- Panambi

PE - Participação da renda gerada em Panambi em relação ao Rio Grande do Sul

ST-Salário total

VP- Valor da produção

VT- Valor da transformação

LISTA DE SIGLAS

ACI: Associação Industrial e Comercial de Panambi

COTRICRUZ - Cooperativa Triticola de Cruz Alta

COTRIJAL - Cooperativa Triticola de Ibirubá

COTRIJUÍ - Cooperativa Triticola de Ijuí

COTRIMAIO - Cooperativa Triticola de Três de Maio

COTRIPAL - Cooperativa Triticola Panambi

COTRIROSA - Cooperativa Triticola de Santa Rosa

EMATER - Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IPD - Instituto de políticas públicas e desenvolvimento regional

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como enfoque central as relações tecidas numa comunidade formada por (i)migrantes/descendentes de alemães e luso-brasileiros, na qual as fronteiras entre estabelecidos e migrantes foram produzidas de forma conflituosa ao longo do século XX. Trata-se do município de Panambi, antiga colônia Neu-Württemberg, localizado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

A colônia Neu-Württemberg foi projetada para ser um reduto de imigrantes alemães luteranos – do mesmo modo que haviam outras para imigrantes católicos – no qual a identidade alemã poderia ser preservada. A formação e afirmação dessa identidade é produto de um processo histórico que abarcou, principalmente, três grandes correntes migratórias: a dos teuto-brasileiros¹ vindos das colônias velhas, que ocorreu em fins de 1890; a dos imigrantes alemães, no início do século XX, e a terceira, de luso-brasileiros,² na década de 70. Ou seja, um processo complexo que envolveu diversos tipos de (i)migrações: imigração de estrangeiros, migrações internas de estrangeiros de primeira e segunda geração e de luso-brasileiros do campo para a cidade e de uma cidade para outra.

De forma geral, os motivos para essas migrações não diferiam muito: busca por trabalho e melhores condições de vida. Outro aspecto comum refere-se ao fato de que, do mesmo modo que a sociedade brasileira demonstrou certa hostilidade em relação aos

¹ Entende-se neste trabalho teuto-brasileiro como descendente de (i)migrantes alemães nascidos no Brasil.

² Não se descarta a hipótese de que dentre estes migrantes alguns poderiam ser de origem européia, mas já aculturados, todavia, os mesmos eram caracterizados pela sociedade receptora como “luso-brasileiros”.

(i)migrantes/descendentes alemães, estes reagiram de forma semelhante em relação aos migrantes luso-brasileiros da década em questão.

O tema de pesquisa surgiu a partir de uma situação local recorrente: os habitantes da Vila Esperança (atual Bairro Esperança) reclamavam que se sentiam discriminados pelos demais moradores de Panambi, pela razão de não serem naturais do local e, especialmente, por não pertencerem ao mesmo grupo étnico dominante na cidade. O interesse pelo tema foi aumentando na medida em que se percebia a complexidade das relações entre os novos moradores e os antigos. Também, na medida em que se verificava que problemas identificados em Panambi eram influenciados de forma direta pelo contexto macro e que podiam ser encontrados em escala muito maior na sociedade como um todo.

Ao aprofundar-se o estudo, verificou-se que o conflito entre (i)migrantes/descendentes alemães e luso-brasileiros era latente no local e estava relacionado com a preocupação do grupo estabelecido em manter determinados “valores”. Essa situação agravou-se na década de 1970, quando a cidade viveu um grande surto de desenvolvimento econômico, o qual desencadeou uma série de modificações, principalmente pelo grande afluxo de migrantes luso-brasileiros atraídos pela possibilidade de emprego. Assim, ao contrário da maior parte das produções sobre o tema, privilegia-se um período posterior às imigrações européias para o Estado, qual seja, a década de 1970.

Dado o fato de que o conflito se processava em torno das relações entre a sociedade receptora e os migrantes, toma-se como referência as discussões levantadas por Norbert Elias e John L. Scotson, na obra “Os Estabelecidos e os *Outsiders*”, na qual os autores analisam as relações entre pessoas estabelecidas em um determinado lugar e os migrantes, aos quais chamavam de “*outsiders*”. Na apresentação à edição brasileira, Federico Neiburg esclarece,

As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Na língua inglesa, o termo que completa a relação é *outsiders*, os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. A identidade social destes últimos é a de um grupo. Eles possuem um substantivo abstrato que os define como um coletivo: são o *establishment*. Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre

no plural, não constituindo propriamente um grupo social. Os ingleses utilizam os termos *establishment* e *established* para designar a ‘minoridade dos melhores’ nos mundos sociais mais diversos: os guardiões do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses, a comunidade de membros de um clube social ou desportivo. (...) As categorias estabelecidos e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-outsideers ilumina exemplarmente: as relações de poder. Junto com o termo ‘establishment’, são palavras rigorosamente intraduzíveis, pois descrevem uma forma “tipicamente inglesa” de conceituar as relações de poder, de um modo abstrato ou puro, independente dos vários contextos concretos nos quais essas relações podem realizar-se.³

O trabalho dos dois autores mostra uma clara divisão entre o grupo estabelecido desde longa data e o outro, que chegara recentemente ao lugar. Ressalta que os primeiros estigmatizavam os segundos por considerarem que a estes faltavam algumas virtudes primordiais e que a assimilação destas “virtudes” seria fundamental para que pudessem conviver. Seguindo esta linha, Elias pondera,

vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como ‘humanamente superiores’. Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os ‘brancos’ em relação aos ‘negros’, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes. (...) Assim, encontrava-se ali, nessa pequena comunidade, como que em miniatura, um tema humano universal.⁴

Quanto ao tipo de relação que se processa entre os dois grupos, Elias esclarece que,

o fato de os membros dos dois grupos diferirem em sua aparência física ou de os membros de um grupo falarem com um sotaque e uma fluência diferentes a língua em que ambos se expressam serve apenas como um sinal de reforço, que torna os membros do grupo estigmatizado mais fáceis de reconhecer em sua condição. Tampouco a denominação ‘preconceito racial’ é particularmente adequada. A aversão, desprezo ou ódio que os membros de um grupo estabelecido sentem pelos de um grupo outsider, assim como o medo de que um contato mais estreito com estes últimos possa contaminá-los, não diferem nos casos em que os dois grupos são claramente distintos em sua aparência física e naqueles em que são fisicamente

³ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000, p. 7-8.

⁴ Ibidem, p.16.

indistinguíveis, a ponto de os párias menos dotados de poder serem obrigados a usar uma insígnia que mostre sua identidade.⁵

Em Panambi, este “medo” de “abrir espaço” pra os migrantes e correr o risco de adquirir suas características ou de que assumissem “postos chaves” na cidade, reacendeu antigas disputas em torno da pertença étnica, reforçando o desejo de evidenciar as fronteiras de distinção entre um grupo e outro. Todavia, o elemento distintivo era ambíguo: ser de “origem imigrante” era um dos elementos exigidos para ser incluído no grupo estabelecido. Pejorativamente, para os panambienses, todos aqueles que não eram de origem alemã eram definidos como brasileiros, não distinguindo entre negros e luso-brasileiros. Para acentuar esta diferença, mesmo que fossem brancos, em alguns momentos eram chamados de “negrada”. Se o indivíduo fosse migrante, de origem alemã e não fosse bem sucedido financeiramente ou não falasse o idioma alemão, poderia não ser aceito no grupo estabelecido.

Parece que adjetivos como ‘racial’ ou ‘étnico’, largamente utilizados nesse contexto, tanto na sociologia quanto na sociedade em geral, são sintomáticos de um ato ideológico de evitação. Ao empregá-los, chama-se a atenção para um aspecto periférico dessas relações (por exemplo, as diferenças na cor da pele), enquanto se desviam os olhos daquilo que é central (por exemplo, os diferenciais de poder e a exclusão do grupo menos poderoso dos cargos com maior potencial de influência). Quer os grupos a que se faz referência ao falar de ‘relações raciais’ ou ‘preconceito racial’ difiram ou não quanto a sua ascendência ‘racial’ e sua aparência, o aspecto saliente de sua relação é eles estarem ligados de um modo que confere a um recurso de poder muito maiores que os do outro e permite que esse grupo barre o acesso dos membros do outro ao centro dos recursos de poder e ao contato mais estreito com seus próprios membros, com isso relegando-os a uma posição de outsiders. Assim, mesmo quando existem nesses casos as diferenças de aparência física e outros aspectos biológicos a que nos referimos como ‘raciais’, a sociodinâmica da relação entre grupos interligados na condição de estabelecidos e outsiders é determinada por sua forma de vinculação e não por qualquer característica que os grupos tenham, independentemente dela.⁶

Na comunidade investigada o conflito não acontecia de forma aberta, configurando-se num estado de tensão constante, na qual disputavam espaços de poder e privilégios, bem como, por parte dos migrantes, a aceitação da comunidade receptora. Essa tensão pairava nas relações cotidianas, emergindo em alguns momentos específicos, tornando-se latente ou não. Segundo Elias, essa relação muitas vezes concentra-se em torno da relação econômica, ou a mesma serve de reforço para acentuar as diferenças: quanto mais pobre o grupo de migrantes,

⁵ Ibidem, p.32-33.

⁶ Ibidem, p.32-33.

maior será a probabilidade do grupo estabelecido dominá-lo, e de impor o seu modo de vida. Contudo, quando o grupo *outsider* já possui certo capital, ou consegue se colocar acima do nível de subsistência no novo espaço, pode tentar resistir à dominação, gerando conflitos.⁷

Neste contexto emerge a questão identitária. Tanto as identidades individuais quanto a étnica são influenciadas pelos processos migratórios, pois se definem em relação ao outro. Assim, de acordo com Silva,

aquilo que são, (...) é, inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. Identidade e diferença são, pois, processos inseparáveis (...) A identidade só faz sentido numa cadeia discursiva de diferenças: aquilo que “é” é inteiramente dependente daquilo que ‘não é’.⁸

O autor acrescenta,

A identidade não existe “naturalmente”: Ela é construída pelo próprio grupo e pelos outros grupos. Não existe nada de “naturalmente” comum ligando indivíduos de um determinado grupo. Certamente existem certas condições “sociais” que fazem com que os grupos se vejam como tendo características em comum: geografia, sexo, “raça”, sexualidade, nação. Mas mesmo essas condições sociais têm de ser “representadas”, têm de ser produzidas por meio de alguma forma de representação. Aquilo que um grupo tem em comum é resultado de um processo de criação de símbolos, de imagens, de memória, de narrativos, de mitos que “cimentam” a unidade de um grupo, que definem sua identidade.⁹

Afirmar a identidade significa demarcar fronteira, significa fazer distinções entre quem está incluído e quem não está incluído no grupo. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”.¹⁰ O estabelecimento de fronteiras como forma de distinção entre os grupos étnicos foi uma inovação apresentada nos estudos de Fredrik Barth,¹¹ o qual observou que os grupos étnicos se definem não pelo que têm em comum, mas pelos elementos que os distinguem dos demais. Logo, um grupo étnico se define através de critérios pelos

⁷ Cf. ELIAS; SCOTSON, op. cit.

⁸ SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 46-47.

⁹ Ibidem, p. 47.

¹⁰ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da Identidade e da Diferença. In: _____. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 82.

¹¹ BARTH, Frederick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

quais ele mesmo estabelece as suas fronteiras (critério de pertencimento e exclusão) e não pelo conteúdo cultural interno como se acreditava até então. Para ele,

A identidade étnica (a crença na vida em comum étnica) constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta idéia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas.¹²

A definição de fronteira étnica elaborada por Barth salienta que,

as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos ‘Nós/Eles’. Ela não pode ser concebida senão na fronteira do ‘Nós’, em contato ou confrontação, ou por contraste com ‘Eles’ (Wallman, 1978).¹³

O que permite a existência dos grupos étnicos e sua persistência no tempo é a existência dessas fronteiras étnicas, as quais são produzidas e reproduzidas pelos atores no decorrer das interações sociais. Ou seja, no decorrer do tempo as fronteiras étnicas podem manter-se, reforçar-se ou apagar-se. De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart:

A permeabilidade das fronteiras étnicas manifesta-se igualmente, como o notam Lyman e Douglass, pelo estatuto de “membro honorário” que algumas vezes podem adquirir aqueles que, mesmo sendo manifestamente *outsiders* em decorrência de sua origem ou de sua herança cultural, são admitidos a compartilhar a experiência do grupo. (...) Por outro lado, é razoável pensar que as fronteiras entre os grupos são tanto menos permeáveis quanto mais a organização das identidades étnicas esteja ligada a divisão diferencial das atividades no setor econômico. Quando as identidades étnicas estão fortemente correlacionadas a um sistema de estratificação socioeconômico (ou seja, quando as características fenotípicas ou culturais são associadas de maneira sistemática a posições de classe), a fronteira étnica propõe-se a fronteira social, uma reforçando a outra. Neste tipo de situação, a transposição da fronteira étnica é tão mais difícil que irá implicar uma dissonância entre categorização social e categorização étnica.¹⁴

Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação, pois é por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido.¹⁵ Conforme Ginzburg,

¹² POUTIGNAT; STREIFF-FENART, op. cit., p.40.

¹³ Ibidem, p.152-153.

¹⁴ Ibidem, p.155-156.

¹⁵ SILVA, op. cit., 2000, p. 82.

Por um lado, a ‘representação’ faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, a realidade ausente que pretende representar.¹⁶

É por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder: “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.¹⁷ “Representar significa, em última análise, definir o que conta como real, o que conta como conhecimento”.¹⁸

É na interação entre representação e identidade que podemos localizar o caráter ativo de ambas. A representação não é um campo passivo de mero registro ou expressão de significados existentes (...) Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Por meio da representação travam-se batalhas decisivas e de imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder. A identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere caráter ativo, produtivo.¹⁹

Na mesma linha, Pesavento afirma

a representação coletiva implica na configuração de idéias-imagens que, constituídas a partir da vivência de cada grupo, atribuem uma identidade ao grupo. Ou seja, ela corresponde a práticas sociais e historicamente diferenciadas que visualizam a realidade de uma determinada forma, estabelecendo uma rede de interligações de imagens, valores, crenças e comportamentos. Enquanto processo de constituição da identidade, a auto-imagem do grupo fortalece a coesão interna, estabelecendo, por um lado, os elementos de regularidade e semelhança e, por outro, marcando as diferenças com os demais. O processo de constituição da identidade/alteridade tem, pois, sua relação com o mundo social, embora diga respeito ao plano do imaginário. A mediação entre concreto real e concreto pensado não é, assim, de oposição, tal como uma clivagem entre verdade e não-verdade, real e não-real. As idéias-imagens de representação coletiva são elas também parte do que se convencionou chamar como real (condições concretas de existência). São produzidas em interação permanente e, por sua vez, atuam sobre este “real”, motivando ações e comportamentos.²⁰

¹⁶ GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.85.

¹⁷ BOUDIEU apud SILVA, op. cit., 2000, p. 91.

¹⁸ SILVA, op. cit., 2001, p. 65.

¹⁹ Ibidem, p.47.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994, p. 65.

Desta forma, o que interessa neste “jogo” é o que se acredita ser “real” e que é reconhecido pela maioria das pessoas como real, algo como um “acordo coletivo”, onde os sujeitos procuram constantemente encontrar seus papéis, o que Backso chamou de imaginário social.

Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc.²¹

Como a preparação de uma grande peça de teatro, onde os atores fazem oficinas, que são na verdade ensaios para encarnarem os personagens, os (i)migrantes aprendem como devem agir ou se ocultar. Em relação aos (i)migrantes alemães, isso se concretiza através dos ensinamentos da igreja e da escola, que lhes ensinam os princípios de sua cultura e os preparam para reelaborarem o grande cenário com objetos que façam lembrar o país de origem, como a arquitetura, a alimentação, as roupas folclóricas. Segundo Goffmann,

o indivíduo foi dividido em dois papéis fundamentais: foi considerado como ator, um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encenar uma representação, e foi considerado como personagem, como figura tipicamente admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar (...) a personalidade encenada foi considerada como uma espécie de imagem, geralmente digna de crédito, que o indivíduo no palco e efetivamente tenta induzir os outros a terem a seu respeito (...) este eu não se origina de seu possuidor mas da cena inteira de sua ação (...) uma cena concretamente representada conduz a platéia a atribuir uma personalidade ao personagem representado, mas esta atribuição - este eu - é um “produto” da cena que se verificou e não a “causa” dela. O “eu”, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado.²²

Assim, a “cidade” é um palco privilegiado da construção das diferenças e os migrantes e os estabelecidos protagonistas desse processo. O tema é abordado por diversos autores, entre

²¹ BACZKO Bronislaw. **Imaginação social**. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1995, v.5, p. 309.

²² GOFFMAN, Erving. A representação do EU na Vida Cotidiana, p. 231. apud CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. **Identidade, indivíduo e grupos sociais**. Curitiba: Juruá, 2002, p. 152-153.

os quais Sandra Pesavento, que investiga a formação dos espaços dos cidadãos ideais e dos “outros” na cidade de Porto Alegre.

As temáticas suscitadas pela pesquisa levaram ao diálogo com os autores da chamada Nova História Cultural, a qual, segundo Peter Burke, preocupa-se especialmente “com o simbólico e suas interpretações”, analisando as “práticas” da sociedade e tendo a idéia de construção como central.²³ Para Chartier:

A história cultural (...) tem por principal objeto o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. (...) As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.²⁴

A percepção de que os acontecimentos micros estavam intimamente ligados aos macros aponta para a micro-história, a qual insere-se na Nova História Cultural. A micro-história foi uma reação à postura que considerava que a cultura estava relacionada à superestrutura e que generalizava os estudos culturais, muitas vezes considerando cultura apenas a cultura erudita.²⁵ A questão da escala é central nesta análise, todavia, de acordo com Levi: “o estudo micro-histórico não perde de vista a conjuntura macro, na qual dá-se a tessitura de suas redes de relações”.²⁶ Segundo Serna: “Son tres, los significados que se le añaden a la tarea microhistórica o microanalítico propuesto por Ginzburg e Grendi. Uno hace referencia a las fuentes, otro a los objetos de investigación, y el último alude al método de conocimiento y a las inferencias a aplicar”.²⁷

Os micro-historiadores, numa tentativa de investigar as práticas sociais, apontaram como um possível caminho a investigação de fatos considerados “anormais”, ou seja, situações conflituosas que fogem à “normalidade” do cotidiano, pois, nesses momentos poder-se-ia encontrar indícios de como os grupos estabelecem suas relações, sobre como realmente

²³ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 7-13.

²⁴ CHARTIER, Roger. apud WEBER, Regina. **Os operários da colméia**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002, p.36.

²⁵ BURKE, op. cit., 2005.

²⁶ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 136 e 139, respectivamente.

²⁷ SERNA, Justo; PONS Analet. El ojo de la aguja. ¿De qué hablamos cuando hablamos de microhistoria?. In. TORRES, Pedro Ruiz (org). **La Historiografía**. Madrid, Marcial Pons, 1993, p.115-116.

pensavam e se relacionavam com o mundo, especialmente no que se refere a temas ausentes da documentação, ou presentes nas entrelinhas, como, por exemplo, as relações entre migrantes e estabelecidos.

En efecto, una cosa es lo excepcional normal en sentido de Grendi, es decir, el documento no seralizable pero significativo por revelador, otra cosa distinta es buscar un objeto de investigación que, por su condición excepcional normal, pueda descubrir hechos o proceso histórico, y otra, finalmente, es el indicio como mecanismo de creación de un paradigma cognoscivo. (...) Reconocer que el conocimiento histórico siempre es abductivo no implica caer en una suerte de relativismo. Significa solamente que el historiador no puede acceder de manera directa a una realidad que, por principio, le es opaca, impenetrable. Pero su intención es restituir un pasado que, aunque se resista, es posible devolver al presente a través de determinadas vías.²⁸

La documentación expresa, diría Ginzburg, las relaciones de fuerza entre las clases de una sociedad determinadas, y esto se verifica silenciando o deformando la cultura de aquéllas. Desde esta perspectiva, la consecuencia es doble: por un lado, cualquier vestigio de esa realidad cultural sometida es excepcional, aunque ese sistemático sometimiento convierte en normal aquele que creíamos excepcional; por otro, se necesita un criterio distinto de verificación que permita evitar que exageremos indebidamente el peso de la cultura dominante.²⁹

Foi o que fez, por exemplo, Ginzburg no clássico, “O Queijo e os Vermes”.³⁰

Em relação às fontes pesquisadas, a documentação primária bem como os testemunhos orais são trabalhados a partir do princípio de que são discursos construídos, marcados por um determinado tempo e espaço, sujeitos a influência de certos grupos e, desta forma, atendendo a um determinado fim. Enfim, expressam as suas interpretações e leituras da realidade, nem sempre em consonância com as leituras dos historiadores, dado que estas se realizam em temporalidades e com intencionalidades diferentes.

As entrevistas foram realizadas com pessoas selecionadas de acordo com a idade, funções que exerciam no município, origem étnica e local de nascimento. Foram pesquisadas também as Atas da Associação Comercial e Industrial de Panambi (ACI) e as Leis que regiam a sociedade na década de 70. Outra fonte foram os artigos de jornais, principalmente do periódico local A Notícia Ilustrada.

²⁸ SERNA; PONS in TORRES, op. cit. p.115-116.

²⁹ Ibidem, p.118.

³⁰ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

O jornal A Notícia Ilustrada pertencia a Miguel Schmitt-Prym. O mesmo iniciou sua carreira aos 14 anos como correspondente do jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre. O proprietário do Jornal esteve intimamente ligado aos movimentos políticos e às manobras em torno de benefícios para Panambi. Foi durante muitos anos presidente da Associação Comercial e Industrial de Panambi. Inicialmente, o jornal “A Notícia Ilustrada” chamava-se “O Panambiense” e era um suplemento do jornal Diário Serrano, de Cruz Alta, com circulação quinzenal. O periódico era editado por um grupo de amadores, que tinha interesse na divulgação dos acontecimentos locais. Em 1959, Schmitt-Prym comprou os direitos do suplemento e criou o jornal O Panambiense. O negócio foi bem sucedido, pois a empresa chegou a ter mais de 100 empregados e uma frota de 13 veículos. Além disso, o Jornal circulava em 19 cidades vizinhas.³¹ Em maio de 1971, devido a grande circulação do periódico, a direção do mesmo decidiu mudar seu nome, a fim de lhe dar um caráter mais regional. Assim, em junho de 1971, ocorreu a primeira edição do A Notícia Ilustrada. Outra medida tomada naquele período foi a compra de máquinas *off-set*, as quais agilizavam a impressão do Jornal. Segundo Schmitt-Prym, “o Panambiense foi o primeiro jornal gaúcho a ser impresso em *off-set*”.³²

De acordo com Schmitt-Prym, o Jornal pretendia ser uma “tribuna livre”. Aceitava publicações de quem quisesse escrever e nunca censurava nenhum texto.³³ Assumia o papel de representante da opinião pública local, retratando seus anseios, problemas e destacando o caráter étnico da cidade, tanto que por muito tempo foi editado um suplemento no idioma alemão. Todavia, não se pode esquecer que o periódico estava comprometido com os interesses de seus anunciantes e a partir destes interesses articulava suas edições. Expressava as aspirações de um determinado grupo social, detentor de um certo poder simbólico, como a equipe do jornal, alguns pastores, o poder público, os proprietários das casas de comércio e das indústrias, os quais encontravam espaço para escrever e tornar públicas suas opiniões. Segundo Henn,

³¹ SIMON, Mary Lea (Org). **Panambi, Ontem –Hoje**. Panambi: Publipan, s/d, p.115.

³² SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann, Panambi, 25, ago. 2005.

³³ Ibidem.

A produção de notícia envolve um processo complexo que se entende, aqui, como semiótica. As notícias formam signos cujos objetos são as ocorrências que pululam no cotidiano. Estão aptas a produzir interpretantes de diferentes matizes, que vão desde a formação de opinião sobre determinados episódios até a geração de ações concretas na sociedade.³⁴

Para Henn, o jornal é um sistema inserido em outro mais amplo: “formado pela própria realidade de que participa”.³⁵

Os jornais fixam-se como centro, em torno do qual o meio social orbita. E como centro detêm aparato ideológico que procura dar sentido aos fatos no impulso de formar opinião. Absorvem o pânico para depois arrefecê-lo em um fluxo que vai da total expectativa ao desinteresse absoluto.³⁶

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro aborda dois casos entendidos como “excepcional normal”, conforme a definição de Serna, ocorridos na década de 70 em Panambi. Os episódios demonstram a existência de disputas entre os estabelecidos, principalmente do grupo étnico alemão, e os migrantes. Os dois eventos mobilizaram a comunidade investigada e demonstram a preocupação do grupo estabelecido em manter suas tradições, as quais estavam estritamente relacionadas à constituição da identidade étnica alemã. Nos mesmos transparece, de forma implícita, a distribuição de poder na cidade que, a saber, pertencia ao grupo étnico alemão.

O segundo capítulo procura historicizar as práticas sociais e os conflitos que possibilitaram a construção da suposta hegemonia do grupo étnico alemão naquela comunidade, bem como a flexibilização das fronteiras até início da década de 60.

O terceiro capítulo analisa as relações entre a sociedade receptora e os migrantes vindos na década de 1970 para Panambi, haja vista que o período foi permeado por mudanças no cenário econômico, as quais favoreceram as migrações, os problemas urbanos decorrentes, bem como a definição dos espaços sociais na cidade.

Cabe esclarecer que alguns documentos citados no decorrer do trabalho não possuem referência completa, por falta de dados. Por exemplo, algumas edições dos artigos do Jornal A Notícia Ilustrada não apresentam número, nem ano, principalmente a partir de 1978.

³⁴ HENN, Ronaldo. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002, p. 50.

³⁵ Ibidem, p.10.

³⁶ Ibidem, p. 91.

1. “ESTOPIM ACESO NESTA CIDADE QUE AINDA VIVE O ‘NEU-WÜRTEMBERG’ ”³⁷

“Foi ontem, e é o mesmo que dizermos foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”
José Saramago. *Viagem a Portugal*, p. 49.

Este capítulo dedica-se a analisar dois episódios ocorridos no município de Panambi, região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O primeiro em 1975 e o segundo, como que fechando a década de 1970, em janeiro de 1980. Tais acontecimentos hoje podem soar como histórias, no mínimo inusitadas, e já na época foram consideradas, por muitos, como “pitorescas” ou “arcaicas”. Os dois eventos mobilizaram a comunidade investigada e dão algumas pistas a respeito dos valores que lhes eram caros, da forma como aquele grupo se organizava e compreendia o mundo, bem como da relação entre acontecimentos micro e macro. Apontam, ainda, para algumas mudanças, ocasionadas principalmente pelo processo migratório e pelo desenvolvimento econômico, que começava a influenciar a vida daqueles indivíduos, ocasionando situações conflituosas e episódios que poderiam ter passado despercebidos ao historiador, não fossem as discussões historiográficas levantadas pela Nova História Cultural.

³⁷ Estopim aceso nesta comunidade que ainda vive a Neu-Württemberg. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12, out.1975, p.30.

1.1 “ESTA É UMA HISTÓRIA DE UMA CIDADE QUE SE CHAMA PANAMBI”³⁸

Walter Furtado, 25 anos, curitibano, chegou a Panambi no início da década de 1970. Possivelmente, a euforia desenvolvimentista “vívuda” pelo Brasil o tenha motivado a migrar. Talvez estivesse em busca de um lugar onde pudesse também contribuir para o “desenvolvimento nacional”, aspiração corrente num período marcado pelo “Pra frente Brasil”, do governo militar. Aparentemente, sua meta era trabalhar para conseguir estabilidade financeira, objetivo que para Sayad é o principal motivador das migrações: “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante”.³⁹

O trabalho ou a sua busca motivara as diversas correntes migratórias de imigrantes alemães e descendentes a, no início do século XX, juntaram-se aos luso-brasileiros que então habitavam aquelas terras para, em suma, buscarem melhores condições de vida. O trabalho, na década de 1970, tornava a atrair migrantes, como num círculo em que alguns fatos parecem se repetir.

Não se sabe porque Furtado escolheu Panambi. Talvez um familiar morando na cidade o tenha convidado, ou tenha lido em algum jornal a respeito do desenvolvimento econômico do local, ou ainda, quem sabe, o tenha escolhido arbitrariamente. O certo é que chegou à cidade e depois de instalado tratou de procurar um negócio com o qual pudesse ser bem sucedido. Sua escolha final foi alugar uma sala de cinema, o Cine Metro, que, aparentemente, não estava sendo explorada pelos proprietários, o que pode ter sido um dos fatores que o motivou a procurar trazer filmes de renome que pudessem atrair o grande público, como

³⁸ Esta é uma história de uma cidade que se chama Panambi. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12, out.1975, p.31.

³⁹ SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, p.55.

indica a escolha de “O Exorcista”,⁴⁰ fita que havia alcançado sucesso mundial e que ainda não tinha sido exibida na cidade. Uma nota de um colunista local reclamava:

O exorcista. O filme mais badalado, mais criticado por todos, circulou por todos os arredores do nosso município, cidades como Cruz Alta e diversas outras. Panambi por que ele ainda não foi trazido aqui? Acho que o público que assiste a espetáculos cinematográficos merece a atenção dos responsáveis pelo cinema local. Então vamos lá, tragam este filme e ele irá bater todos os recordes até agora!⁴¹

O filme tratava da história de uma atriz que ia gradativamente percebendo que a sua filha de doze anos estava tendo um comportamento assustador, o que a fazia pedir ajuda a um padre, que também era psiquiatra. Este chegava à conclusão de que a garota estava possuída pelo demônio e solicitava a ajuda de um segundo sacerdote, especialista em exorcismo, para tentar livrar a menina da terrível possessão.⁴² Esse era um tema que intrigava a muitos.

Após negociar diretamente com o escritório da Warner em Porto Alegre e conseguir a liberação dos órgãos de censura então vigentes, o empresário iniciou as preparações para a exibição da fita, prestigiada não apenas pela aura de mistério que a envolvia, mas também pelos prêmios que havia recebido. “O Exorcista” foi o primeiro e único filme de terror a ser indicado ao Oscar de melhor filme. Foi ainda indicado em outras oito categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Atriz (Ellen Burstyn), Melhor Ator Coadjuvante (Jason Miller), Melhor Atriz Coadjuvante (Linda Blair), Melhor Edição, Melhor Fotografia e Melhor Direção de Arte; ganhou Oscar de Melhor Roteiro Adaptado e Oscar de Melhor Som. Ganhou também quatro Globos de Ouro: Melhor Filme - Drama, Melhor Diretor, Melhor Roteiro e Melhor Atriz Coadjuvante (Linda Blair). Além disso, recebeu outras três indicações: Melhor Atriz - Drama (Ellen Burstyn), Melhor Ator Coadjuvante (Max Von Sydow) e Melhor Revelação Feminina (Linda Blair). Ou seja, em termos de premiação, foi o “Titanic” da década de setenta.⁴³

⁴⁰ *O Exorcista* é o primeiro de uma série de quatro filmes. Os demais foram *O Exorcista II - O Herege* (1977), *O Exorcista III* (1990) e *O Exorcista - O Início* (2004). *Ficha Técnica*: Título Original: *The Exorcist*; Ano de Lançamento (EUA): 1973; Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/exorcista.htm>> Acesso em 12 nov. 2004.

⁴¹ As colunas do Doutor careta. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº595, ano V, 07, jul.1975.

⁴² Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/exorcista.htm>> Acesso em 12 nov. 2004.

⁴³ O filme Titanic foi lançado em 1997 e tornou-se uma das histórias que mais fascinou e atraiu pessoas aos cinemas na década de noventa. Cf. <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/>>.

Outro fato que pode contribuir para se compreender a demanda pelo filme se refere às “histórias de bastidores”. Comentava-se que a atriz Ellen Burstyn aceitou atuar desde que sua personagem não dissesse a frase "I believe in the devil!" ("Eu creio no demônio!"), contida no roteiro original, o que foi acatado pelos produtores. Também comentava-se que o diretor William Friedkin consultara o Reverendo Thomas Birmingham sobre a possibilidade de exorcizar o *set* de filmagens. Este recusara o pedido, justificando que geraria ainda mais ansiedade. No entanto, sabe-se que por diversas vezes visitou os *sets* para benzê-los e tranquilizar o elenco já que durante as filmagens oito pessoas da produção morreram de forma misteriosa.⁴⁴ Em outras palavras, o sobrenatural parecia ser uma marca do filme, tanto na ficção, quanto na realidade, o que era um marketing muito poderoso que, se por um lado despertava a curiosidade de alguns, por outro, levava muitos a se posicionarem contra a sua exibição.⁴⁵ Foi o que aconteceu em Panambi.

Os primeiros a se manifestarem sobre a exibição do filme foram os representantes das Igrejas Batista Emanuel, Batista Brasileira, Metodista, Evangélica Congregacional e Evangélica de Confissão Luterana.⁴⁶ Pretendiam evitar que o filme fosse exibido na cidade, onde exerciam grande influência, tanto é que uma das características destacadas, ao identificar-se Panambi na época, era justamente o fato de ser predominantemente “evangélica”.⁴⁷

A Igreja foi uma das instituições que mais influenciou a vida dos (i) migrantes. Seus ensinamentos motivavam os colonos a enfrentarem os problemas do cotidiano, uma vez que nos cultos, além do conforto espiritual obtido, podiam rever os seus conhecidos, aqueles que

⁴⁴ Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/exorcista.htm>> Acesso em 12 nov. 2004.

⁴⁵ Estúdio: Warner Bros./Hoya Productions; Distribuição: Warner Bros; Direção: William Friedkin; Roteiro: William Peter Blatty, baseado em livro de William Peter Blatty; Produção: William Peter Blatt. Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/exorcista.htm>> Acesso em 12 nov. 2004.

⁴⁶ Em 1909, a Comunidade Evangélica de Neu-Württemberg foi admitida e filiada ao Sínodo Riograndense e em 1915, conseguiu seu registro como Entidade Jurídica. No ano de 1957, realizou-se em Panambi, o 52º Concílio Sinodal, evento que reuniu dezenas de representantes de todas as Comunidades Evangélicas filiadas ao Sínodo Rio-grandense. Segundo Leschewitz: “Com a fusão dos antigos Sínodos em 1968, da qual resultou a IECLB, Panambi firmou ainda mais sua importância, como ‘Pólo Regional Eclesiástico’, pois aqui foi instalada a III Região Eclesiástica, para a qual foi construído um prédio próprio”. LESCHEWITZ, Edgar. **Panambi: Vale das Borboletas Azuis**. Disponível em: <<http://www.ieclb.com.br/historia.htm>> Acesso em 10 jan. 2002.

⁴⁷ Cf. MICHELS, Sérgio Ervino. **A história ensinada na colônia particular de Neu-Württemberg sob a ótica do protestantismo, da germanidade e da educação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências), PPG em Educação nas Ciências, UNIJUÍ, 2001.

compartilhavam de seus valores e aspirações. Era o lugar de encontro. E, nesse sentido, uma das únicas formas de “lazer” a que se permitiam, já que o trabalho tomava quase todo o seu tempo.⁴⁸

Muitos acreditavam que haveria maiores possibilidades de alcançarem o desenvolvimento econômico se formassem colônias mais ou menos homogêneas, em que os colonos fossem do mesmo grupo étnico e da mesma denominação religiosa. A pretensão foi levada a cabo em alguns projetos de colonização, pois também servia como propaganda para atrair colonos, como no caso da Empresa Colonizadora de Herrmann Meyer, que comercializou as terras de Neu-Württemberg, atual Panambi, como se verá no próximo capítulo. Outras colônias, por sua vez, preocuparam-se em atrair católicos, como afirma Roche ao comentar que algumas associações particulares “fundaram colônias homogêneas até na religião, protestantes em Neu-Württemberg, católicos, em Cerro Largo.”⁴⁹

A organização do núcleo luterano de Neu-Württemberg era tão bem vista que seu administrador, Hermann Faulhaber, chegou a participar de reuniões da Sociedade Volksverein:⁵⁰

Ficara a direção do serviço, ora referido, o próprio Dr. Diretor Hermann Faulhaber, homem de larga pratica neste particular e reconhecida e reputada competência no assunto, bem como de grande critério, constituindo uma garantia do que se teve de propósito: criação de uma colônia exclusivamente de elementos catholicos teuto brasileiros e allemaes, (sic) para uniformisações (sic) dos objetivos coletivos: língua, fé e escola.(...) O Sr. Diretor Faulhaber declarou que estaria sempre ao dispor da Sociedade Volksverein, a auxiliaria na consecução de seus elevados fins e que levado por sentimentos saberia manter todas as disposições em garantia do cumprimento estrito do que se tem em meta: a colonização por elementos catholicos

⁴⁸ Referente ao tema, Ramos analisa esta característica tomando como objeto de estudo as migrações para o Canadá. Segundo a autora, os cultos confortam os migrantes, pois são o principal lugar de encontro e também de espiritualidade. Cf. RAMOS, Ana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações internacionais: O bem receber e o ser recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

⁴⁹ ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v., p. 773.

⁵⁰ Nesta ocasião, Faulhaber estava atravessando um momento financeiro delicado, por isso vendeu terras que pertenciam a sua Empresa Chapecó-Pepery para a sociedade Volksvein, talvez por isso estivesse tão envolvido nas discussões a respeito da formação do núcleo católico. No entanto, não resta dúvida que a colônia Neu-Württemberg havia se tornado uma referência para os que viam na suposta homogeneidade religiosa aspectos positivos.

(sic) de origem teuta e alemã (sic)- em núcleo só - para de toda a forma evitar inconvenientes que se tem visto surgir em numerosas tentativas de colonização.⁵¹

O projeto de colonização implantado em Neu-Württemberg era inspirado numa concepção de desenvolvimento que considerava aspectos sociais e culturais, o que é representado na doutrina luterana pelo entendimento de que fé, educação e trabalho deveriam andar juntos.⁵²

Martim Lutero diz: a Bíblia, igreja e escola são a seqüência da vida. (...) a grandeza e a prosperidade de uma nação não dependiam da abundância de suas rendas, nem da resistência das suas fortalezas, nem tampouco, da beleza de seus edifícios, mas residia no número de cidadãos que dominam o conhecimento da tecnologia e de seres humanos de boa reputação, cultos, patriotas e tementes a Deus.⁵³

Defendiam os colonizadores que cada ser humano, no tempo e no espaço que Deus concedeu, recebia um “*Beruf*”, uma vocação, que não aconteceria apenas dentro da Igreja, mas na vida (cidadania), onde quer que o cristão estivesse. O trabalho, por exemplo, era encarado como uma vocação, pelo que o cristão exercia responsabilmente seu sacerdócio. Cada cristão deveria descobrir o seu “*Beruf*” e vivê-lo responsável e comprometidamente. De acordo com Schneider, “essa formação que veio de Lutero influenciou na nossa vida”.⁵⁴ A doutrina pregada na Igreja orientava (e orienta) o cotidiano dos fiéis.⁵⁵ “Ore como se tudo dependesse de Deus e trabalhe como se tudo dependesse de você”.⁵⁶ A preocupação dos colonos com a Igreja, o ritual/tradição que representava, era central, tanto é que na memória

⁵¹ Acta nº1: Acta da sessão da Sociedade Volksverein dos Católicos teuto-brasileiros, realizada a 15 de janeiro de 1926 na cidade de Santa Cruz. Documento cedido pelo professor Arthur Blásio Rambo.

⁵² Em Neu-Württemberg, a contratação do casal Faulhaber para administrar a vila no início do empreendimento, parece ilustrar a tentativa de viabilizar este projeto, pois, ele era pastor e ela, professora.

⁵³ LUTERO apud LESCHEWITZ, op. cit.

⁵⁴ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann.13, fev.2002.

⁵⁵ Além dos cultos onde a família toda se reunia, existiam também reuniões de crianças e jovens. O denominado Culto infantil introduzia as crianças nos ensinamentos evangélicos e servia como um espaço para que algumas jovens colocassem em prática seus conhecimentos tanto os ligados a fé, quanto a língua portuguesa: “eu dei culto infantil em 1937 até 1944, até meu casamento aí deixei lá. Daí eu fiz assim, com o meu português, que eu aprendi lá, sábado de noite eu tava sentado no meu quarto e traduziu o texto da bíblia para o português, foi indo, foi explicando, e as crianças, uns já aprenderam um pouco. (Nilsa). A “Juventude Evangélica” também exerceu um papel fundamental na formação dos jovens, nos encontros “recebiam ensinamentos de fé e práticos que nortearam e moldaram sua vida futura”. LESCHEWITZ, op. cit.

⁵⁶ LUTERO apud MICHELS, op. cit., p.145.

dos entrevistados, além dos valores relacionados à religião, a história da estruturação da comunidade religiosa é algo presente, as dificuldades enfrentadas parecem fortalecer os laços comunitários. A religião funciona como um centro agregador, mesmo sem o apoio oficial das congregações.

eles tinham um senhor que era um pastor leigo, que fazia cultos aqui, e ele era batista, e os luteranos, deixaram esse povo aqui ao abandono total. Nunca veio alguém pra olhar, gente, o que vocês fazem, como fazem, vocês tem algum, uma casa onde se reúnem. O pastor leigo juntava o pessoal nos domingos, ou nos dias especiais, em dias de luto, em dias de festa, de casamento. Ele fazia todo esse trabalho de pastor. E, vamos dizer assim, a Igreja Luterana dormiu. E a Igreja Batista também dormiu...⁵⁷

Fugindo ao projeto de colonização, a formação religiosa de Neu-Württemberg se baseou nos princípios de três correntes do cristianismo: Batista, Católica e Luterana.

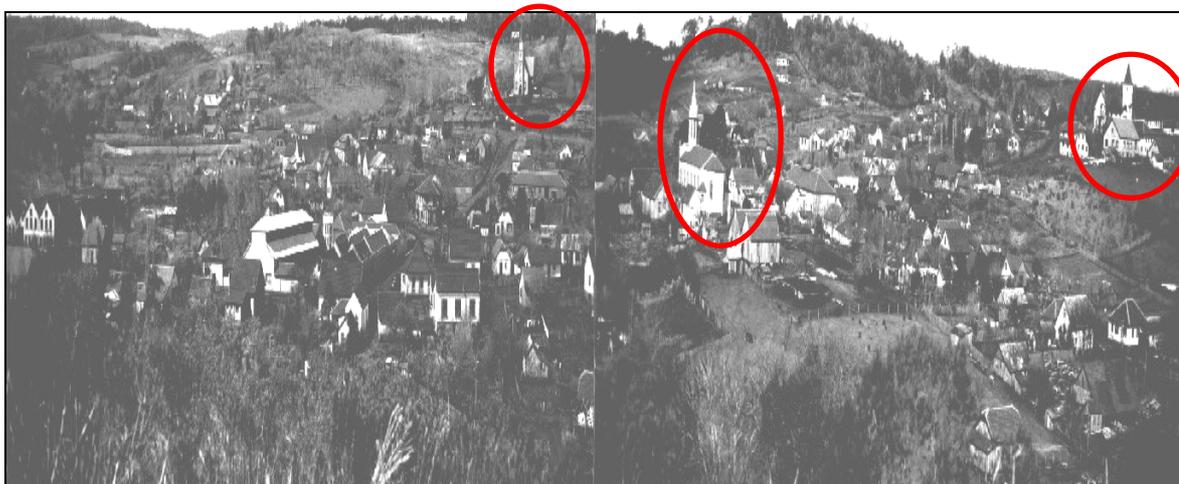


Foto 1 – Vista de Neu-Württemberg, 1953. Fotógrafo: Adam Klos - Acervo Museu e Arquivo Histórico de Panambi -MAHP.

A foto destaca as três torres das igrejas, reforçando o poder simbólico que a religião desempenhava no povoado. À esquerda, bem no alto, a Igreja Batista Emanuel, ao centro, a

⁵⁷ KEPLER, Walter Roberto. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 18, fev.2002.

Igreja Católica e, à direita, a Igreja Evangélica Luterana. Note-se que as duas igrejas caracteristicamente alemãs estão nos pontos mais elevados, o que parece querer dar a impressão de que sua área de influência na cidade era maior que a católica, que se localiza em frente à praça, na parte mais baixa. Havia uma rígida separação entre essas denominações. Esse traço não era único no Brasil, pois na Europa a separação religiosa era bem nítida, desde a Reforma Protestante. Em Panambi, essas diferentes congregações religiosas formavam grupos fechados.

A Igreja Católica era formada, principalmente, por fiéis lusos, a Luterana e a Batista por (i)migrantes alemães. Conforme Wahlbrink,

a Católica era uma Igreja nato da região, porque era oriunda de Cruz Alta, e Cruz Alta era, é uma cidade camponesa, e, quase que totalmente da religião católica. Então eles eram uma seção Panambi onde normalmente era católico. E a Luterana veio com a imigração, aí veio a Batista, quando mais tarde, veio a família Kepler que então implantaram aqui o sistema da Igreja Batista.⁵⁸

Recorda o entrevistado que algumas Igrejas não aceitavam que pessoas de outras religiões batizassem as crianças. “Não podiam se batizar. Mas eu acho, acho, que foi mais, assim, com restrição foi a Católica! Então depois na nossa Igreja [Luterana], volta e meia se comentava, como é que vai convidar esse aí que não é da nossa Igreja”.⁵⁹ Schüler, por sua vez, destaca que os “Luteranos e Católicos engrenavam”, mas “os Batistas queriam ser um pouco mais”, eram “imigrantes”.⁶⁰ Entre aqueles e estes, “existia um pouco de separação, assim, eles não se misturavam muito! E principalmente, os Batistas. Os Batistas eram meio, mais radicais! Naquele tempo Batista era só alemão”.⁶¹ Outro entrevistado avalia,

eram as mesmas famílias. A diferença é que a Igreja Batista é uma igreja de crentes, e a Igreja Evangélica é uma Igreja popular, princípios populares. Podiam ir em baile, podiam tomar, podiam fazer tudo isto, isso tudo era normal. Na Batista tudo era proibido, é uma Igreja mais conservadora.⁶²

⁵⁸ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev.2002.

⁵⁹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev.2002.

⁶⁰ SCHÜLER, Hélio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev.2002. Esse aspecto será aprofundado no segundo capítulo.

⁶¹ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev.2002.

⁶² SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev.2002.

O entrevistado apresenta aqui uma diferenciação entre as Igrejas, baseada em princípios comportamentais, sendo que uma permite e a outra proíbe certas práticas. Neste contexto, o que está em discussão não são os princípios e ensinamentos doutrinários, mas a forma como esta religiosidade é vivida e o que ela representa. Esta tendência de diferenciação é um reflexo da questão étnica e é referido pelos entrevistados quando falam a respeito da existência de “Igreja de alemão e Igreja de brasileiro”. Nesse sentido, Weber avalia que a língua e a religião possuem um papel fundamental na formação das comunidades étnicas, porque “elas autorizam a comunidade de compreensão entre aqueles que compartilham um código lingüístico comum ou mesmo sistema de regulamentação ritual da vida”.⁶³

Para Meyer, as Igrejas estiveram intimamente envolvidas com a produção/reprodução da cultura germânica e de seu sujeito cultural, de forma geral. A doutrina religiosa foi conformando e determinando uma interpenetração singular dos marcadores de raça, nacionalidade, gênero e classe social que viriam a constituir um dos elementos diferenciadores e, portanto, também identificadores nesse grupo cultural.⁶⁴ Em outras palavras, sua ação esteve ligada à construção de diferenças étnicas e sociais, para a afirmação do trabalho como forma de louvar a Deus e para o entendimento de que a disciplina e a obediência aos preceitos religiosos deveriam ser concretizados no dia-a-dia, “a necessidade da obediência é tão fundamental ao comportamento cristão, que deve mesmo ignorar as formas autoritárias de sua prática”.⁶⁵

A partir desse quadro, evidenciam-se algumas das razões que tornaram polêmica a exibição do filme “o Exorcista”. O pastor Braun, da Igreja Luterana, líder do movimento, declarava que não havia assistido à fita, mas estava se dedicando à leitura do livro de William

⁶³ WEBER apud POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998, p.38.

⁶⁴ MEYER, Dagmar E. Estermann (UFRGS). **"Alemão", "estrangeiro" ou "teuto-brasileiro"? Representações de docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> Acesso em: 28 dez. de 2002.

⁶⁵ MICHELS, op. cit., p.159.

Blatty e se mostrava admirado do fato dos católicos não terem se posicionado contra a exibição, já que envolvia, principalmente, a figura de um religioso católico.⁶⁶

Inicialmente, para impedir a exibição da fita realizaram-se alguns contatos com Walter Furtado. Todos em vão. Sucederam-se, então, propostas em dinheiro. Os religiosos se dispunham a pagar até Cr\$ 20 mil para evitar a exibição: “uma firma da cidade, a Kepler Weber, fez contatos com o proprietário do Cine Metro, não chegando a nenhum acordo. Segundo os líderes do movimento, só haveria um acerto se eles dispusessem de Cr\$100 mil”.⁶⁷ A proposta não foi aceita. Diante da recusa do proprietário do cinema, os religiosos decidiram iniciar campanhas de “esclarecimento” através de panfletos, programas de rádio, e, claro, durante os cultos religiosos, o que logo chamou a atenção da mídia gaúcha. “A imprensa local, a rádio Sul Brasileira, divulgou a revolta dos religiosos, foi só sair a notícia, que a imprensa regional e do estado passou a cobrir o episódio”.⁶⁸

No entanto, enquanto a emissora de rádio local, Sul Brasileira⁶⁹ ouvia as diversas opiniões sobre o assunto, demonstrando certo respeito, como evidenciam os seguintes depoimentos: “O Frei Lotário Neumann, da igreja Católica, disse que já havia assistido o filme e que não recomendava a pessoas que não estivessem preparadas. O prefeito disse que o filme é um exagero cinematográfico para a exploração de um tema”.⁷⁰ A mídia do restante do Estado passou a especular a respeito das causas do episódio e a explorá-lo como uma “história pitoresca”, deixando transparecer que alguns valores, que eram significativos para os estabelecidos naquele lugar, não faziam “muito sentido” para os demais, como parece evidente nas manchetes do jornal Zero Hora: “Esta é uma história de uma cidade que se

⁶⁶ Panfletos, ameaças e cantos religiosos contra o filme “O Exorcista”: Uma revolução em Panambi. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10, out. 1975, p.6.

⁶⁷ Estopim aceso nesta comunidade que ainda vive a Neu-Württemberg. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12,out.1975, p.30.

⁶⁸ BECK, René. O exorcista. In: ASSOCIAÇÃO dos escritores de Panambi. **Porções de Bem Querer**. Ijuí: SEDIGRAF, 1997, p.102.

⁶⁹ Na década de 70 a Emissora Sul Brasileira era o veículo de comunicação com maior alcance na cidade, assim exercia grande influência na formação de opinião da população. Segundo Beck, como Panambi era uma “cidade muito calma”, era preciso “produzir as notícias”, neste sentido, pequenos fatos ganhavam uma dimensão enorme: “se havia uma batida de automóvel, ficam semanas comentando”. BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago.2005.

⁷⁰ O filme é um sucesso. A evangelização também. **Zero Hora**, Porto Alegre, S.d. Disponível no MAHP.

chama Panambi”.⁷¹ Ou ainda: “Uma revolução em Panambi: Estopim aceso nesta comunidade que *ainda vive a Neu-Württemberg*”. (Grifo nosso).⁷² Esses textos fornecem indícios de como a cidade era vista pelos jornalistas. Destacam-se aqui dois aspectos, sendo que o primeiro se refere ao fato de que o poder no local pertencia aos integrantes do grupo étnico alemão e, o segundo, refere-se a uma disputa que parecia se configurar entre estes e os demais grupos da comunidade.

Em um dos artigos, há a transcrição de um panfleto da Campanha Moralizadora, na qual o autor descreveu detalhadamente os argumentos dos pastores com a finalidade de demonstrar o “excesso” de religiosidade verificado na cidade. A técnica foi usada, provavelmente, para impressionar os seus leitores,

Trazia como título o dito popular, “Quem avisa amigo é...” e alertava para os problemas que poderiam advir aos que fossem assistir “O exorcista”, segundo o texto, “O próprio título é uma farsa... Os motivos do filme são alheios a Bíblia, logo, contrários à vontade de Deus, portanto, Blasfêmia”. Ainda alertava para o fato de que em toda a parte havia “causado danos morais, mentais e espirituais: desmaios, acesso de loucura, ataques cardíacos... durante e após a apresentação”. Dizia que a história era “um escarnêo e distorção de uma realidade espiritual cristã desde a vinda de Cristo até hoje, uma cilada diabólica”.⁷³

Outro fato constantemente destacado, talvez com o mesmo propósito, é o de que a cultura alemã ainda era preservada naquele lugar,

abaixo dos ‘conselhos’, seguia uma programação paralela, de evangelização, promovida em conjunto, por todas as comunidades, versando sobre temas ligados ‘a verdadeira liberdade através de mensagens bíblicas em português e alemão’ (...) o idioma germânico aparece com frequência, até nas conversas de esquina, deixando o visitante, muitas vezes, em situação embaraçosa, sem saber que assuntos estão sendo tratados.⁷⁴

A “estranheza” diante dos costumes daquela comunidade fica explícita no decorrer do artigo que reproduz uma entrevista com o pastor Braun.⁷⁵ O jornalista pondera que o entrevistado não havia sido “nada amistoso”, pois parecia irritado com as especulações em

⁷¹ Esta é uma história de uma cidade que se chama Panambi. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12, out.1975, p.31.

⁷² Estopim aceso nesta comunidade que ainda vive a Neu-Württemberg. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 out.1975, p.30.

⁷³ *Ibidem*, p.30.

⁷⁴ *Ibidem*, p.30.

⁷⁵ *Ibidem*, p.30.

torno da Campanha Moralizadora, tanto que tentou impor algumas exigências para conceder a entrevista: “o repórter deveria redigir todo o material, para passar por sua censura”, o que foi negociado, ficando acertado que “aquilo que os religiosos pretendiam ver publicado de forma integral faria parte de um manifesto assinado”. Ressalta que “o encontro realizou-se na casa do pastor, numa sala repleta de livros, a maioria escrita em alemão”. O ambiente foi percebido como “o mais formal possível: uma mesa redonda, com várias cadeiras em volta; no canto de lá, um advogado, pronto para redigir o manifesto que se fizesse necessário; dois gravadores e um exemplar do livro que deu origem ao filme”. Em seguida, o artigo passa a relatar a entrevista, enfatizando a religiosidade e as intransigências do entrevistado: “Feitas as apresentações formais, veio a primeira imposição: ‘Só responderemos as perguntas se forem feitos esclarecimentos’.” O que foi prontamente acatado pelo profissional. “Mesmo assim”, reclama, a entrevista só foi iniciada após a “leitura de um trecho Bíblico e uma oração, onde foi pedida compaixão pelos repórteres”.⁷⁶ Em seguida, relata o jornalista que o Pastor passou a fazer os solicitados esclarecimentos, iniciando por assegurar que havia algumas distorções nas versões publicadas: “não foram distribuídos cinquenta mil folhetos e sim, impressos cinco mil e entregues a população, pouco mais de três mil”. Referiu-se, também, a uma suposta ameaça de corte de luz da qual havia sido acusado. Explicou que o comentário era infundado. “Se cortássemos a energia da cidade, como teríamos condições de projetar os nossos filmes?” Afirmou ainda que se sentiam ofendidos pelos comentários da imprensa que distorcia e ridicularizava os fatos. Destacou que não tinham a intenção de gerar “polêmica, nem prejudicar a quem quer que seja; apenas, de orientar o povo”, pois acreditava que este era o papel da Igreja. Continua,

Vendo a distorção do filme e do livro, que não apresenta libertação, mas apenas uma realidade demoníaca, sentimos o dever, aqui em Panambi, de proclamar publicamente, que o único que pode salvar e libertar é Cristo. E se calarmos, como igreja, quem vai apresentar essa mensagem de salvação e de redenção? Por isso, as comunidades uniram-se para uma semana de evangelização, sob temas ligados as forças do mal.⁷⁷

Ao finalizar o artigo, o repórter deixa transparecer um misto de espanto e decepção: “Era só o que os pastores tinham a declarar. A reunião estava terminada. Depois de tantos

⁷⁶ Ibidem, p.30.

⁷⁷ Ibidem, p.30.

formalismos. Mais duas orações e os repórteres de Zero Hora receberam, como presente, uma Bíblia cada um”.⁷⁸ A leitura da reportagem nos remete a dois questionamentos: ou os jornalistas não tiveram oportunidade de apresentar suas questões ou, simplesmente, optaram por registrar apenas o comportamento do Pastor, um cidadão inserido numa comunidade, com uma determinada formação cultural, mobilizada contra algo que julgava atentado contra seus valores. Posicionar-se contra a exibição do filme, para a comunidade, consistia em algo vital, enquanto que para os de fora a atitude podia ser considerada inusitada, tanto pela radicalização religiosa em si, quanto pelo fato de demonstrar que ainda existiam algumas cidades onde a cultura alemã era predominante, como fica explícito neste artigo:

A campanha iniciada contra a exibição do filme O exorcista no município de Panambi, serviu para demonstrar e avaliar certos preconceitos de raça e religião que ainda existem em nosso país. Uma cidade de colonização alemã, com hábitos alemães, tendo na língua germânica o idioma ainda hoje oficioso e com a religião predominantemente alemã. Panambi, de repente, viu-se as voltas com um problema que ganhou, rapidamente projeção estadual. As comunidades Batista, Congregacional, Evangélica, Metodista e a União Cristã, uniram-se para, pela segunda vez ainda este ano iniciar uma campanha de evangelização. Paralelamente a programação do único cinema da cidade, o Cine Metro, estas comunidades religiosas fizeram um programa de textos, filmes e slides com temas como o Exorcista Malgrado, A cura de um jovem possesso, entre outros. Não fosse a radicalização de posições através da distribuição de panfletos e de programas radiofônicos. Um folheto promocional, distribuído pela prefeitura de Panambi, conta um pouco da história daquela cidade, onde tudo lembra a colonização alemã: a arquitetura, a língua, a religião, os hábitos e o tipo físico de seus habitantes. Diz a publicação que, em julho de 1899, foi fundado o núcleo colonial de Neu-Würtemberg, pelo alemão Herrmann Meyer, co-proprietário do Instituto Bibliográfico de Leipzig, Alemanha. Um ano depois, em 1900, a sede da colônia foi denominada Elsenau em homenagem a esposa do fundador, Else. Esta denominação ficou por 13 anos. Em 1913, foi instalada a agência postal, voltando o nome de Neu-Würtemberg, que já havia sido escolhido na Alemanha, por Meyer, antes mesmo que tivesse visto a região. Esta foi a denominação oficial, por muitos anos, até a época da nacionalização, quando as colônias passaram a adotar nomes nacionais e, de preferência, nativos. Assim, a importante Neu-Würtemberg passou a se chamar Pindorama (Terra das Palmeiras, e em seguida, recebeu o nome de Pindorama do Sul, sucedido por Tabapirã (aldeia dos telhados vermelhos) e finalmente Panambi (borboleta azul).⁷⁹

Beck, possivelmente na tentativa de negar a existência de qualquer tipo de preconceito na cidade, destaca que a televisão, a RBS TV, “veio à cidade, colocando ‘lenha na fogueira’ escolhendo sempre as pessoas mais simples e menos esclarecidas, que nem sabiam opinar

⁷⁸ Ibidem, p.30.

⁷⁹ Esta é uma história de uma cidade que se Panambi. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 out.1975, p.31.

sobre o assunto.”⁸⁰ Quem eram aqueles a quem o autor julgou não saberem opinar sobre o assunto? Seriam migrantes? Seriam visitantes desinformados? Ou simplesmente aqueles que queriam assistir o filme? Numa das reportagens editadas, encontra-se o depoimento de uma pessoa, provavelmente escolhida de forma aleatória, que pareceu extremamente revelador por demonstrar que o contexto percebido pelos repórteres também o era por aqueles que viviam na cidade:

Em todas as grandes empresas, o nome dos proprietários lembra a colonização alemã, o que significa dizer que os descendentes dos primeiros colonizadores detêm a maior parte da economia local. Como tais, tem o domínio dos demais setores, situação que começa a não ser aceita por aqueles cujos antepassados não atravessaram o oceano em busca de novas terras. Ao surgir a polêmica sobre “O Exorcista”, a situação foi sintetizada por uma frase genuinamente brasileira, dita as pressas, com sabor de subversão, na porta de um bar: “*Esses alemão têm que se convencer que não mandam mais na cidade*”.⁸¹(Grifo nosso).

A afirmação de que “alguém” precisa entender que não manda mais pressupõe, provavelmente, que ele já mandou e que pretendia continuar mandando. No presente, contudo, havia outro “alguém” discordando da situação. Tem-se aqui luta por legitimação, para manter uma determinada situação. O fato é extremamente relevante, pois como explica Chartier: “nos mecanismos pelos quais um grupo impõe o seu domínio, ‘as lutas de representações’ têm tanta importância quanto as lutas econômicas”.⁸² Trata-se de disputa por poder, que aponta para conflitos em torno da identidade, que, segundo Silva, “só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.⁸³

No caso em questão, o embate transcorre entre “alemães” e “brasileiros” ou, poder-se-ia dizer, entre os “estabelecidos e os de fora”. Os migrantes chegados na década de 1970 pareciam compreender que o progresso daquela cidade era resultado do “trabalho alemão” e que, por isso, estes se consideravam os “donos” da cidade, detentores do poder. No entanto, os migrantes davam a entender que os “verdadeiros brasileiros eram eles” e não os “alemães”

⁸⁰ BECK, op. cit. , p.102.

⁸¹ Esta é uma história de uma cidade que se Panambi. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12,out.1975, p.31.

⁸² CHARTIER apud WEBER, Regina. **Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. (Coleção Ciências Sociais), p.36.

⁸³ MERCER apud SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**.Vozes, 2000, p.19.

da cidade, o que lhes dava o direito de estarem ali e usufruírem benefícios econômicos assim como contestar o poder estabelecido. Algumas questões pareciam latentes entre os dois grupos: O que entendiam por ser brasileiro? Quem de fato era o “dono” do lugar? Os (i) imigrantes alemães/descendentes que colonizaram Panambi e desenvolveram a economia ou os luso-brasileiros cujos antepassados não tiveram acesso àquela terra devido a uma série de causas, entre elas as políticas de imigração, e que naquele momento reivindicavam um lugar na sociedade? A análise da documentação indica que os conflitos observados não se deviam apenas à diversidade étnica em si, mas ao fato de um dos grupos ser estabelecido e dotado de recursos superiores de poder. Para Norbert Elias, as chamadas relações étnicas simplesmente constituem um tipo particular de relações entre “estabelecidos e *outsiders*”:

O fato de os membros dos dois grupos diferirem em sua aparência física ou de os membros de um grupo falarem com um sotaque e uma fluência diferentes a língua em que ambos se expressam serve apenas como um sinal de reforço, que torna os membros do grupo *estigmatizado* mais fáceis de reconhecer em sua condição. Tampouco a denominação ‘preconceito racial’ é particularmente adequada. A aversão, desprezo ou ódio que os membros de um grupo estabelecido sentem pelos de um grupo outsider, assim como o medo de que um contato mais estreito com estes últimos possa contaminá-los, não diferem nos casos em que os dois grupos são claramente distintos em sua aparência física e naqueles em que são fisicamente indistinguíveis, a ponto de os párias menos dotados de poder serem obrigados a usar uma insígnia que mostre sua identidade.⁸⁴

Essa situação muitas vezes leva os grupos a exaltarem o que julgam diferenciá-los uns dos outros, destacando “características que nada têm de natural, que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima”.⁸⁵ É o que ocorreu quando, em meio ao conflito gerado pelo filme, emergiu o fato de que existia na cidade um imaginário em torno de uma identidade étnica alemã, considerada, por muitos, como única. Para Silva,

Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger, arbitrariamente, uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação as quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma

⁸⁴ NORBERT, Elias; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. RJ: Jorge Zahar Ed, 2000, p.32.

⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 115.

negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade.⁸⁶

Para Bourdieu,

as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas a origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, (...) são um caso particular das lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.⁸⁷

Voltando ao episódio do filme, as Igrejas, detentoras do poder religioso, os representantes do poder político, como o prefeito, e do poder econômico, caso da empresa Kepler Weber, cujos proprietários, descendentes da primeira geração de imigrantes alemães, pertenciam à Igreja Batista Emanuel e exerciam forte influência na cidade, como será visto no terceiro capítulo, todos esses e outros grupos locais estavam interligados. Seus mentores ocupavam os principais cargos na economia e na política da cidade e procuravam manter esta “identidade única”, o que se tornava cada vez mais difícil, tendo em vista que o novo contexto criado pelo desenvolvimento econômico, com a afluência de migrantes em busca de trabalho, estava afetando também aquela comunidade em sua essência, conduzindo-a a rever os seus valores. Naquele momento, a identidade única não dava mais conta da realidade local. Aliás, teria ela alguma vez executado tal proeza? As pessoas percebiam a existência da identidade local porque essa era legitimada por uma determinada tradição. Não era uma identidade única, mas havia um discurso que procurava produzir esta idéia. O que poderia não corresponder à realidade, mas ser simplesmente o discurso de um grupo. Na história da comunidade, como será visto no segundo capítulo, os homens e mulheres que ali viviam tentavam compreender como agir no local, negociando com os conhecimentos que traziam e com os que apreendiam, reinventando o modo de viver e de ser. Trata-se de fenômeno que Robins denominou de tradução e que descreve aquelas identidades formadas por indivíduos que foram dispersos de sua terra.

⁸⁶ SILVA, 2000, op. cit., p. 83.

⁸⁷ BOURDIEU, op. cit., p. 113.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem serem simplesmente assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços da cultura, das tradições, das línguas e das histórias pelas quais são marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencentes a uma e, ao mesmo tempo a várias “casas” e não uma “casa” em particular. (...) Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas.⁸⁸

Para os que não queriam que o filme fosse rodado e insistiam em manter a tradição ligada ao grupo étnico alemão, assisti-lo soava como um desafio à autoridade. Para os demais, podia ser uma forma de resistir, de mostrar que os alemães não podiam controlar tudo e, principalmente, que não existia uma unidade na forma de pensar. O contato com o outro parecia apontar para um ponto presente nas atuais discussões a respeito de identidade:

a identidade é algo mais parecido com a identificação; não é um estado, é um processo. Acreditamos, durante muito tempo, que a construção do eu individual e do nós comum dependia, em grande parte, em toda medida, da duração, da persistência no mesmo, da insistência num estoque restrito de valores, tempos e locais. Estamos descobrindo hoje, graças inclusive à globalização, que essa construção não está assim engessada, que posso construir meu eu individual mesmo sobre uma flutuação relativa, que é possível definir o nós comum mesmo em situações flexíveis.⁸⁹

Seguindo essa linha, Stuart Hall pondera que

em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de *nosso exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.⁹⁰

E Furtado? Pretendia contestar os valores da cidade? Havia percebido que a cidade se identificava com a cultura alemã? Havia percebido quais eram os símbolos desta identificação? É desconhecido o que sabia a respeito da comunidade local e o que havia percebido a respeito de sua cultura. No entanto, fez algumas investigações a respeito da realidade, pelo menos para descobrir um nicho de mercado, onde pudesse ser bem sucedido. A escolha do cinema revela certo conhecimento, já que uma das carências da cidade era

⁸⁸ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 88 e 89.

⁸⁹ COELHO, apud RAMOS, op. cit., p. 161.

⁹⁰ HALL, 2002, op. cit., p. 39.

justamente o setor de lazer. Por outro lado, quando elege o filme “O Exorcista” como atração, ou não fazia a menor idéia do quão religiosa a cidade era, ou estava mesmo disposto a causar polêmica para lotar o cinema ou para desafiar os valores locais, como sugeria um artigo do *Jornal Zero Hora*, quando afirmava que Furtado havia “resolvido desafiar as tradições religiosas dos descendentes de alemães”.⁹¹ Talvez fosse isso mesmo, afinal era jovem e muitos jovens tendem a ser rebeldes, a desafiar as tradições, ou, quem sabe, só quisesse trazer uma boa atração para seu cinema. Pode não ter aceito o dinheiro da Kepler Weber por uma questão de princípios, se o caso era o de desafiar as normas, ou, como acusaram os pastores, talvez tenha realmente considerado pequena a quantia oferecida. Fato é que a repercussão foi grande e “dividiu” a cidade.

Um grupo que pareceu favorável à exibição do filme era constituído, em sua maioria, por sujeitos que haviam migrado para Panambi, mas que não compartilhavam dos valores relacionados à cultura local. Essas pessoas não conseguiam ver no filme o mesmo “perigo” apregoados pelos demais. Viam na tentativa de se proibir a exibição do filme mais um motivo para assisti-lo. Para muitos desses, assistir ao filme era uma forma de protesto, de afirmar para aqueles que estavam querendo proibi-lo que os mesmos não mandavam mais, que não podiam controlar seus hábitos ou obrigá-los a acreditar em costumes de que não compartilhavam, em outras palavras, que não podiam obrigá-los a ser como eles. Todavia, não se encontrou nem uma manifestação favorável à exibição do filme, nem mesmo Furtado o defendeu perante a imprensa. O padre recomendou-o com ressalvas, o que leva a pensar que muitos nem ficaram sabendo a respeito da polêmica ou não quiseram se manifestar contra a opinião dos religiosos, ligados aos grupos mais poderosos da cidade. É o que parece ter acontecido com o dono do jornal local, que simplesmente se calou diante da polêmica. Ao nos conceder entrevista declarou que era a favor da exibição, mas que a Igreja Batista era muito poderosa e ligada à Kepler:

eu achei que devia exibir o filme o Exorcista sim. E exibiria se não tivesse uma campanha muito forte, a Igreja Batista, ela era muito poderosa aqui porque tinha o apoio da Kepler Weber. A Igreja Batista tinha papel muito importante na Kepler

⁹¹ Panfletos, ameaças e cantos religiosos contra o filme “O Exorcista”: Uma Revolução em Panambi. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10, out. 1975, p.6.

Weber, que era a maior empresa empregadora e tinha uma influência muito forte na igreja Batista. Ela existia em função da Kepler Weber.⁹²

Ainda segundo ele,

Naquele tempo era assim, pra você ter uma idéia da influência da Igreja Batista, a Kepler Weber empregava preferencialmente pessoal que era da Igreja Batista, naquele tempo tinha gente que se filiava na Igreja Batista, se batizava pra conseguir emprego na Kepler Weber. É irmão da Igreja então... É assim, as coisas eram assim...⁹³

A empresa Kepler Weber era uma das principais clientes do jornal e naquele ano, 1975, estava ampliando sua fábrica, o que a tornava ainda mais poderosa. Era a firma com maior número de empregados e vinha de uma tradição religiosa muito forte. Tanto que muitos passavam a freqüentar a Igreja Batista com a intenção de agradar aos donos da empresa e conseguir emprego, ou se já fossem contratados, para solicitar um aumento de salário. Em outras palavras, o dono do jornal foi prudente. Desafiar a empresa Kepler Weber, definitivamente, não seria um bom negócio. E, se não o era para o dono do jornal, cidadão influente naquela cidade, muito menos seria para aqueles migrantes de baixa renda que procuravam as empresas em busca de emprego. Talvez nem ficaram sabendo da polêmica ou não se importaram. No entanto, os que não gostaram das colocações dos pastores parecem ter usado a mesma estratégia do dono do jornal, o silêncio, ou manifestaram sua insatisfação no anonimato, como na declaração de que *“Esses alemão têm que se convencer que não mandam mais na cidade”*. Contudo, se não mandavam, por que não chegamos a conhecer o autor de tão reveladora queixa?

Outro grupo que parecia favorável à exibição do filme era formado pelos jornalistas que vieram noticiar a “exótica polêmica”. Exótica porque se depararam com uma comunidade que consideraram “parada no tempo”, uma cidade que ainda vivia a “Neu-Württemberg”, voltada para uma cultura intimamente relacionada ao grupo étnico alemão, o que perceberam não apenas nos valores culturais, mas também na economia. Beck sintetiza o desfecho do episódio: “Os pastores debateram o assunto, mas não adiantou nada, o operador da velha máquina adquirida no Cine Serrano de Ijuí, rodou a fita, e o Cine Metro lotou a casa”.⁹⁴

⁹² SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago.2005.

⁹³ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago.2005.

⁹⁴ BECK, op. cit., p.102.

Nesse cenário, fica evidente que os estabelecidos tendem a se unir quando percebem sua cultura ameaçada, o que fazem em parte porque os valores que defendem estão ligados a seu amor-próprio, às crenças carismáticas de seu grupo, enfim, ao que os identifica. E, em parte, porque têm a consciência de que o fato de terceiros não aceitarem suas normas pode levar ao enfraquecimento de sua capacidade de mantê-las. Partindo dessa constatação, expõe-se, a seguir o “Caso do Sino”, que parece exemplificar a forma como a comunidade articulava sua capacidade de se unir para manter uma tradição que estava ligada a sua identidade e conseqüentemente aos valores que a compunham.

1.2 “OS SINOS SIGNIFICAM MUITO PRA QUEM SEMPRE OUVIU...”

Em janeiro de 1980, Odoné Sanguiné, que na época era o promotor de justiça da cidade, solicitou a abertura de um processo contra o pastor Emilio Schefer e a Comunidade Evangélica Congregacional, alegando “perturbação do sossego público”. O promotor era vizinho do templo e alegava que “estava tendo o sono prejudicado” pelo sino que badalava às seis horas da manhã. Além disso, ficava profundamente irritado com as badaladas que anunciavam a morte dos membros da comunidade, pois quando falecia um cidadão ligado à congregação, o “sino retinia compassadamente, quantas vezes fosse preciso, até completar a idade do morto” e, comenta Beck, “como por essas bandas, as pessoas vivem muito, oitenta anos ainda é muito jovem... Imaginem aquela autoridade, ouvir noventa badaladas vagarosamente entrando em sua cabeça...”⁹⁵

De acordo com um artigo de “A Notícia Ilustrada”, para o Dr. Odoné Sanguiné, que viera há pouco tempo de outra comunidade, com outra mentalidade, o sino era um incômodo e o mesmo não se conformara apenas em manifestar sua opinião, comparecendo a uma reunião da diretoria da Igreja, quando solicitou, sem sucesso, a mudança de horário do repicar dos

⁹⁵ Ibidem, p.95.

sinos. O pedido, certamente, deixou abismados os presentes na reunião, motivando-os, possivelmente a manifestar sua indignação, o que contribuiu para a ação posterior do promotor. Talvez tenha pensado que no campo jurídico, que era o seu “território”, pudesse resolver aquela situação. O artigo segue, “foi mais longe, e determinou ao delegado de polícia a abertura de um inquérito com vistas a processar o pastor Emilio Schefer e a comunidade por perturbação do sossego público”. Também comunicou sua intenção através de uma entrevista concedida à Emissora Sul Brasileira,

depois dizem que pequena emissora não tem importância. Foi largar a entrevista no noticiário do meio dia, e logo á tarde uma emissora da região telefonava. Falei pela manhã do dia seguinte com a Rádio Gaúcha, Guaíba e Jornal Zero Hora. No terceiro dia, eu falava direto de Panambi para a rádio Bandeirantes de São Paulo. Dizem que o fato repercutiu até na Europa.⁹⁶

De acordo com outro artigo, “houve movimentação de todos jornais da região e da capital, e mais o jornal do Brasil que solicitou informações e publicou matéria a respeito, que adquiriu importância maior devido a peculiaridade do fato e seu ineditismo”.⁹⁷

Explica o autor,

Não se tem conhecimento, e o próprio promotor admitiu isso, de fato semelhante ocorrido no país ou em qualquer nação do mundo, em que uma tradição formada pelos costumes por muitos séculos tenha sua validade colocada em xeque, provocando um processo judicial a partir de uma reclamação que partiu exatamente de quem tem a missão de preservar o interesse público, no caso indiscutível à luz da aceitação e da reação, exatamente do povo do qual o Promotor Público é o advogado.⁹⁸

Sanguiné possivelmente não havia considerado que seu adversário pudesse articular o apoio da comunidade inteira, que sua insatisfação com o barulho que o acordava pudesse produzir um barulho ainda maior no momento em que tentava calá-lo.

ontem havia a expectativa em torno do bater ou não dos sinos. Hoje pela manhã os sinais bateram. É que ontem, ainda a noite o advogado Enio Stahlhoeffler ingressou com um pedido de Hábeas Corpus Preventivo em favor do pastor Emilio Schefer, cuja liminar espera-se seja concedida a qualquer momento pelo Dr. Juiz de direito, para que o zeloso cura de almas possa continuar badalando, junto com os sineiros das demais igrejas, o alegre despertar da comunidade para que se mantenham as

⁹⁶ Ibidem, p.96.

⁹⁷ Caso dos sinos tem repercussão Nacional: nada de novo na abertura do inquérito. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 25, jan.1980.

⁹⁸ Ibidem.

tradições e os costumes, entre os quais o salutar habito de trabalhar de dia e repousar a noite, até que uma nova jornada inicie.⁹⁹

Diante da atitude do promotor, o delegado local Edmor Cancian, demonstrando sua solidariedade à “defesa do Sino” comentava,

a atitude do promotor “é esquisita e, no mínimo, contraditória”. E ele afirma ter essa opinião também na condição de cidadão panambiense, pois já está na cidade a dois anos. (...) o badalar dos sinos não é contravenção penal, até porque esta tradição das igrejas de todo mundo é mais antiga do que o próprio código penal. O delegado afirma que só aceitou abrir o inquérito na condição de profissional e por determinação superior, exclusivamente, tanto que ‘se o pedido partisse de outra pessoa, não aceitaria a missão’.¹⁰⁰

Um dos principais aliados do pastor foi o jornalista Miguel Schmitt-Prym, proprietário do jornal,

eu participei diretamente desse episódio porque eu cobri ele como jornalista. Eu assumi a defesa do pastor. Por que de alguma forma eu ajudei e transferir ele daqui, porque eu fiz uma matéria meio pesada sobre os sinos. (...) mas foi um episódio que mexeu, como o caso do Exorcista. A história do sino mexeu muito. O Sino é uma tradição. Ele aqui também, até hoje. Naquele tempo batia até aqui, na congregacional e na católica. Três sinos que batia na igreja, na cidade, no mesmo horário. Era quase que uma coisa bem sintonizada também. Começava a bater aqui na igreja, que era um sino maior, e começava a bater nas outras também. E o cara lá só se insurgiu contra o da Congregacional porque morava na frente.

Essa posição foi logo percebida por Sanguiné, que se recusou a conceder entrevistas ao jornalista, o que serviu como mais um argumento para atacá-lo. Segundo o repórter, “falou o prefeito, falou o pastor, falou o povo e claro, deve falar o seu órgão de comunicação social escrita, este jornal, embora negada lhe fosse a palavra de seu representante publico”.¹⁰¹ Nos artigos produzidos pelo jornalista de “A Notícia Ilustrada” com o fim de “defender o Sino”, o mesmo recorre a argumentos que fornecem indícios a respeito das atitudes que a comunidade esperava dos que migravam, do significado da tradição para aquele grupo e de sua capacidade de reagir diante de algo que esta considerava uma ameaça a sua cultura, o que faz ao destacar

⁹⁹ Há 54 anos a comunidade acorda com o replicar dos sinos. Poderá ser diferente daqui para diante se prevalecer a determinação do promotor público: a ele, os sinos incomodam... **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 09, jan. 1980.

¹⁰⁰ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25 jan.1980.

¹⁰¹ Há 54 anos a comunidade acorda com o replicar dos sinos. Poderá ser diferente daqui para diante se prevalecer a determinação do promotor público: a ele, os sinos incomodam... **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 09, jan. 1980, capa.

que o promotor não havia se inserido na comunidade e ao rememorar o fato de que o sino era uma tradição.

Quanto à adaptação ou não à comunidade temos duas posições contrastantes: de um lado, o promotor que “não teria” se adaptado e, de outro, o pastor também imigrante, provindo da Argentina, mas perfeitamente inserido naquele meio, segundo seu próprio relato no jornal *A Notícia Ilustrada*.

Como Pastor da Igreja Evangélica Congregacional, trabalho aqui no Brasil desde Janeiro de 1961. Nunca pensei chegar a ser alvo na justiça e estar envolvido em um processo judicial como este que está publicado em muitos jornais, rádios e T.V. Assumi a Paróquia de Panambi no dia 29 de Julho de 1973. Trabalhei com alegria e entusiasmo para o progresso espiritual dos fiéis e para o desenvolvimento material da Paróquia, a qual também os sinos pertencem. Compramos os três sinos da Igreja em 1975, na qual toda a comunidade de Panambi tomou parte. Em Março de 1976 os mesmos foram festivamente inaugurados na presença maciça de toda a população de Panambi. Desde então os Sinos sempre são tocados e todos os fiéis como também os amigos compartilham a alegria de tal evento. Na noite do dia 02 de Janeiro após as 22: 15 hs, recebi a visita do ilustre Dr. Promotor público, com ameaça, que se os sinos continuassem a tocar às 6:00 hs, seria levado para justiça e prisão. Daquele momento, até ontem (30 de janeiro) me sentia perturbado no serviço Pastoral. Não conseguia ter um sono tranquilo, e muitas horas da noite passei pensando em todo este assunto no qual me tornei vítima. Em meus estudos preparatórios para os cultos achei muita dificuldade de concentrar-me. Lamento muito o tempo desperdiçado que tinha em todo esse processo. Do outro lado aprendi muito, principalmente o apoio de todo o povo de Panambi, as palavras de Solidariedade das Comunidades de Panambi, em especial da Evangélica; da Igreja Católica e seu dinâmico vigário; Do Sr. Bispo Dom Jacó Hilgert de Cruz Alta; Da Câmara de vereadores; do Sr. Prefeito, de muitas cartas da região e de Porto Alegre. Em tudo isso reconheço como Pastor, que ainda há pessoas com um coração vivo para a coletividade para a união e fraternidade que em muitos lugares se tornou precária. Quero agradecer publicamente a todas as pessoas, a cada um particularmente por Vossa Solidariedade. Que o nosso bondoso Deus, nos ilumine para estar sempre unidos contra o mal, e trabalhar juntos para a fraternidade e o bem de todos. Quero fazer minhas, as palavras do Apóstolo Paulo: “Que diremos pois a visto destas cousas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?...Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso senhor. Romanos 8:31 e 38 a 39.”¹⁰²

Assim, enquanto o pastor demonstrava sua inserção na comunidade, correspondendo ao que se esperava de um imigrante, ou seja, inserindo-se de maneira afetuosa e produtiva na comunidade e preocupando-se com seus problemas, o promotor “seguia o caminho inverso”, pois parece que já havia entrado em atrito com moradores e não tinha nenhuma participação ativa nos eventos sociais.

¹⁰² O assunto dos sinos. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, 02, fev. 1980.

Em outras palavras, não correspondia ao que se esperava de alguém vindo de fora, posição essa resumida pelo então vereador Eugenio Gressler,

esta medida não surpreende, porque o promotor nunca foi um cidadão participante dos eventos da comunidade e não tem entrosamento com os moradores, a atitude do promotor é estritamente pessoal, *mas a minoria deve se adaptar aos costumes da maioria*. A solução para o impasse é o promotor transferir sua residência para um local distante e deixar de usar o cargo para defender seus próprios interesses. (grifo nosso).¹⁰³

A respeito dessa temática, Norbert Elias salienta que, “em regra, tais comunidades esperam que os novatos se adaptem a suas normas e crenças; esperam que eles se submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de ‘se enquadrar’”.¹⁰⁴ A reação da população diante do fato aparece nas entrelinhas, principalmente nos relatos do pastor e do jornalista, e é usada como um dos maiores trunfos na defesa do sino.

O pastor conta que tem desaconselhado violência entre os membros de sua igreja, procurando acalmá-los, mas afirma que se consumada a ameaça, o fato ‘será desastroso’. Isso porque a importância dos sinos é indefinível, servindo como um eficiente meio de comunicação entre igreja e sua comunidade. Pelo badalar dos sinos, todos sabem de uma morte, da realização de um culto, enfim *os sinos significam muito para quem sempre ouviu*.¹⁰⁵ (Grifo nosso).

Complementa o pastor que os fiéis, “não esperavam que existisse alguém contra a Igreja”.¹⁰⁶ Nesse contexto, o fato do sino ser uma tradição ligada a valores como o amor ao trabalho e ao grupo étnico alemão é enfatizado pelo jornal:

Neu-Württemberg era ainda uma comunidade menina quando aconteceu a festa de inauguração dos seus primeiros sinos. A vila trabalhou durante semanas, todos uniram seus esforços para que a festa tivesse aquela participação que a grande importância do acontecimento requeria. Para os nossos pioneiros uma comunidade sem sinos não era uma comunidade desperta, ativa e progressista. E a última coisa que eles queriam era perder o raiar do dia, hora mais importante para labuta a que se propunha este pequeno grupo de homens, mulheres e crianças, que sonhavam ver sua cidade próspera mercê de seu trabalho inóspito em civilização. Contam os documentos dos arquivos do historiador e pesquisador Eugen Leitzke, que os sinos chegaram por trem até Belizário. Daí o Sr. Rudolf Heinrich, foi de caminhão buscar os pesados bronzes, e enquanto o campanário da nossa Igreja Evangélica não ficasse

¹⁰³ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25, jan. 1980.

¹⁰⁴ ELIAS, op. cit., p. 65.

¹⁰⁵ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 25, jan. 1980.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

pronto, eram guardados no armazém de João Adão Dleinrich (?), no mesmo prédio do anexo do Hotel Oásis de hoje. E a comunidade aguardou com expectativa a grande festa, que afinal aconteceu, num domingo de sol com um cortejo do qual participou toda a população. Carroções puxados por seis imponentes cavalos transportavam as vedetes do dia: os três sinos da Igreja Evangélica para alegria das crianças que abriam o desfile, naturalmente seguindo a banda de música. E desde então, todas as manhãs, as seis horas no verão e a seis e meia no inverno, os sinos avisam aos panambienses que é hora de iniciar uma nova jornada de trabalho, na luta pela sobrevivência, e na ênfase do empenho, pela construção de uma comunidade economicamente bem situada e de uma Pátria que dê tranquilidade social aos descendentes daqueles que um dia, provindos do além mar, por ela optaram. E criou-se na nossa gente um enraizado amor ao trabalho, que até com orgulho costumamos cantar em verso e prosa. Não que só aqui se trabalhe e nem que só aqui tenha sinos batendo as seis horas da manhã. A importância dos sinos esta na proporção direta da magnitude do acontecimento que representa a sua inauguração. Foi em 1926 que se implantou uma tradição que dura 54 anos. A história dos sinos das nossas Igrejas são páginas da própria existência da comunidade. Os mais velhos se lembram da grande festa de inauguração dos sinos da Igreja Evangélica. Símbolos do despertar de um novo dia, os sinos se tornaram o primeiro sinal para o início de uma nova jornada de trabalho. Mas não podemos ignorar que a maneira precária como nossa gente começou, a margem de assistência oficiais, somente muito labor nos poderia colocar nessa posição de destaque entre as comunidades, com uma das mais altas rendas per capita do estado e uma economia familiar das mais sólidas.¹⁰⁷

O que também foi registrado em imagens, congelando aquele instante que seria rememorado posteriormente, demonstrando a importância do evento já que na época o uso da fotografia era restrito às ocasiões especiais.

¹⁰⁷ Há 54 anos a comunidade acorda com o repicar dos sinos. Poderá ser diferente daqui para diante se prevalecer a determinação do promotor publico: a ele, os sinos incomodam... **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 09, jan.1980, capa.



Foto 2 - Cortejo levando o Sino- 1922. Acervo MAHP



Foto 3 - Os três sinos da Igreja Evangélica. Acervo MAHP

Quanto à dimensão da simbologia representada pelo badalar dos Sinos destaca o autor,

os sinos se tornaram um símbolo de certa forma integrada nesta batalha que costuma ser motivada pelo ditado de que “Deus ajuda a quem cedo madruga”. O que os sinos significam? Trabalho, Alemanha, história, tradição... une as pessoas... quando morre alguém as pessoas sabem pelo badalar do sino, como se fossem de uma mesma

família...Esse grupo, essa família esperava que quem chegasse na cidade se dispusesse a fazer parte. 15/12/78. Sobre a conquista da emancipação... sino é para comemorar No momento em que a notícia chegou a Panambi e condor, a Indústria, o Comércio, o povo parou para comemorar aquele importante acontecimento. O povo foi para as ruas festejar, sob o badalar dos sinos, o apito das fábricas, abraços e risos.¹⁰⁸

Em outro artigo, destaca que “modificar o horário do sino, implicaria numa mudança dos horários de abertura das fábricas, já que a massa operária costumava levantar com os sinos, hábito criado através dos tempos”.¹⁰⁹ Por sua vez, o prefeito afirma que “não se pode aceitar o fim deste costume somente para satisfazer a vontade de quem está *transitoriamente* em Panambi”.¹¹⁰ (Grifo nosso). Conforme o jornal *Correio do Povo*,

o promotor, recentemente transferido para aquela comarca, desconhecia o fato de que os sinos eram uma tradição de mais de meio século da cidade, pois foram inaugurados festivamente em 1925. (...) sendo considerados como um sinal da hora de despertar de todos os moradores da cidade, que são na sua maioria operários, pois apesar de ser uma pequena cidade, Panambi possui 90 fábricas, entre as quais uma das principais indústrias de maquinaria do estado, com mais de 2000 trabalhadores.¹¹¹

O conflito levou a comunidade a defender a permanência do sino e a saída do promotor. Percebe-se essa intenção nos artigos de *A Notícia Ilustrada* que festejava a vitória judicial, destacando a competência daquele promotor que havia dado o veredicto relativo à permanência do badalar do sino e que ao destacar seu “brilhantismo” parece insinuar que Sanguiné não possuía a mesma característica.

Para alegria, tranquilidade e ate alivio da população panambiense, e principalmente do pastor Emilio Schefer, numa sentença de 38 laudos, o Dr. Carlos Roberto Nunes Lengler, Juiz de direito substituto da comarca de Panambi, determinou o trancamento da ação penal movida contra o pastor, por inexistência de justa causa para o processo. Atendendo a uma brilhante promoção do *Promotor Publico de Santa Bárbara do Sul*, Dr. Octavio Augusto de Souza, que responde transitoriamente pela promotoria de Panambi, finalmente, como disse o advogado, Dr. Enio

¹⁰⁸ Há 54 anos a comunidade acorda com o replicar dos sinos. Poderá ser diferente daqui para diante se prevalecer a determinação do promotor publico: a ele, os sinos incomodam... **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 09, jan. 1980, capa.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ Sinos de Panambi enquadrados como perturbadores do sossego. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 22, jan. 1980.

Stalhoefer terminou este rumoroso, estranho e inédito processo, com a absolvição de Emilio Schefer.¹¹²

Outro artigo complementa:

É de suma importância ressaltar, que esta promoção, é de um promotor publico, colega do Dr. Odoné Sanguiné, e, frontalmente contraria aos interesses do Dr. Odoné, que pretendia a paralisação de todos os sinos em Panambi. Inquirido a respeito da promoção do Dr. Octavio Augusto de Souza, o Dr. Stalhoefer disse ser muito feliz e oportuna a intervenção de um outro promotor, e, que o Dr. Octavio Augusto, demonstrou toda sua inteligência e conhecimento jurídico, e principalmente do seu preparo para exercer o alto cargo de promotor de justiça.¹¹³

Acrescenta ainda, “comenta-se que seus colegas da região já iniciaram um movimento, visando a sua remoção para outra cidade, porque seu envolvimento no caso dos Sinos, já é de repercussão nacional”.¹¹⁴ Dada a sentença final, o jornal destacava que o prefeito Hermann Dietrich havia sido um aliado na “defesa do sino”. Suas colocações traduzem o significado da permanência da tradição para a comunidade.

em nome da Prefeitura Municipal de Panambi, manifesto a minha absoluta e irrestrita solidariedade com o repicar dos sinos em nossa Igreja diariamente as 6:00-12:00 e 19:00 horas, por tratar-se de uma tradição de 54 anos em nosso município, e, por ser motivo de alegria e orgulho para todos os panambienses, acordarem, iniciarem a sua jornada de trabalho e oração sempre sob a orientação dos sinos. Levo igualmente ao conhecimento de V. Sas. Que é opinião generalizada entre a população que, a tradição deve perdurar para sempre.¹¹⁵

O mesmo jornal publicava ainda parte da sentença que absolveu o pastor Schefer, documento redigido pelo Juiz de Direito que nos fornece um quadro extremamente significativo a respeito do “mundo” em que viviam aqueles homens e mulheres:

O sino é instrumento para variados fins, não só de conclamação dos crentes ao culto, não só serve nas pequenas cidades e médios cidades de relógio, como também serve para comunicar, para avisar aos membros da comuna, a ocorrência de fatos dolorosos como a morte. Nas pequenas comunidades como Panambi as pessoas se conhecem, são mais unidas. Um conhece o outro. A sorte de um toca o outro. Não sendo grande o número de famílias, é intenso o entrelaçamento destas através de casamentos e parentescos plurilaterais. Naturalmente que a morte de alguém, normalmente um membro mais velho da comunidade, um inaugurador de diversos ramos familiares, interesse ser sabido por boa parcela da população. E o sino

¹¹² Promotor não consegue seu objetivo, os sinos continuaram badalando em Panambi. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 02, fev. 1980.

¹¹³ Ibidem.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Ibidem.

também serve para isso. Em vez de os parentes mais próximos percorrerem dezenas de casas para avisar o passamento, vão ao ministro de sua confissão pedindo-lhe que ele dê o aviso, de forma geral, batendo o sino. Trata-se de uma prática que nasce com as pequenas comunidades, geralmente fundadas por emigrantes europeus, e que, à medida que a cidade cresce, e as relações sociais se complexificam, que os laços familiares e o sentido comunitário vão enfraquecendo, tende a cair em desuso. (...) tal prática mostra-se, no estágio da comunidade, um instrumento de adaptação, útil a sociedade, porque goza da aceitação da quase generalidade do corpo social.¹¹⁶

Ao ser entrevistado pela reportagem de A Notícia Ilustrada sobre a repercussão do caso dos sinos, o advogado do pastor Emílio Schefer, Dr. Enio Armindo Stalhoefer, parecia confirmar as observações do Juiz de Direito:

Sinto-me tranqüilo e com certeza do dever cumprido. O pastor Emilio Schefer poderá, tranqüilamente como antes, badalar os sinos da Igreja Evangélica Congregacional de Panambi e, a tradição de 54 anos em nosso município, de forma alguma será alterada. No Vale das Borboletas, os sinos continuam badalando.¹¹⁷

Segundo Urbim, ainda no mês de janeiro, o problema foi definitivamente resolvido através da ação do procurador de Justiça Altair Venzon, que pediu a remoção do promotor público. Para Venzon, Odone Sanguiné não tinha mais condições de permanecer no cargo, pois “teve uma atitude incompatível com a conduta funcional e com o conceito que deve desfrutar em Panambi”.¹¹⁸

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ URBIM, Carlos; PORTO, Lucia; ACHUTTI, Magda. **Rio Grande do Sul: Um Século de História**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p.639-640. O caso dos sinos foi a história escolhida para representar Panambi no referido livro.



Charge - Prisão do Sino em Panambi¹¹⁹

Na mesma linha, o Jornal A Notícia Ilustrada publicava uma charge a respeito do caso, que parece bastante significativa. Percebemos ao fundo a Igreja, como um ser vivo, espantada com a atitude de um promotor de cabelos escuros e com cara de malvado que tem o auxílio de um policial carrancudo para prender um “doce e inofensivo” sino. A caracterização de Odoné Sanguiné nesta gravura, além de revelar como a cidade o via e demonstrava sua reprovação à atitude do mesmo, a partir da sátira, também aponta para a existência de um estereótipo referente aos que são contra a tradição, ou seja, um moreno, lábios carnudos, figura bem distante do perfil físico dos (i) migrantes alemães/descendentes, o que fica mais evidente ao analisarmos uma foto de Sanguiné que é um sujeito claro, lábios finos, não lembrando em nada a caricatura que lhe foi atribuída.

O “caso do Sino” é simbólico porque demonstra a união da sociedade em torno da defesa de sua cultura, de sua tradição. O esforço parece alertar para o fato de que esperam que os migrantes se adaptem aos costumes locais. Relação sintetizada por Urbim: “O promotor que ousou silenciar os sinos perdeu a causa e foi embora”.¹²⁰ Assim, um aspecto parece

¹¹⁹ A Notícia Ilustrada, Panambi, 22. jan. 1980.

¹²⁰ URBIM, op. cit., p.639- 640.

inegável: processos econômicos e sociais como (i) migrações, êxodo rural, desenvolvimento econômico acelerado ou crises econômicas transformam as condições da existência dos grupos estabelecidos, resultando em conflitos entre eles, como os centrados em torno da identidade. Para Stuart Hall,

*as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.*¹²¹

A crise identitária dessa sociedade receptora explode sob diferentes roupagens, como na disputa pela manutenção de tradições, valores morais, formas de comportamento, e assim por diante, como expressa Veeck, em entrevista ao Pastor Müller:

Veeck: Eu ainda disse outro dia para a minha sobrinha: Panambi, quem fez Panambi aqui a cidade? Quem fez? Quem fez a cidade de Panambi aqui, ou o município?

Pr. Müller: Foram os alemães.

Veeck: O Meyer comprou, já era um alemão. O Faulhaber vendeu, era um alemão. E tudo o que foi depois, construído aqui, foi os alemães... o hospital e tudo essas coisa. E tem um monumento na praça. Quem é aquele?

Pr. Müller: É o primeiro prefeito, Walter Faulhaber.

Veeck: Walter Faulhaber. Tem um ali na igreja, na entrada da igreja. Quem é aquele?

Pr. Müller: É o Herrmann Meyer e o Hermann Faulhaber.

Veeck: Pois é, e agora o René [René Beck, radialista da Rádio Sul Brasileira] dá na rádio que Panambi é uma cidade brasileira...¹²²

Os migrantes assumem diferentes posturas no novo meio. Alguns preferem continuar da mesma maneira como viviam em seu lugar de origem, reproduzindo os mesmos traços culturais sem, no entanto, interferir na cultura da sociedade receptora, o que nos parece quase impossível; outros optam pela aculturação, adquirindo hábitos, costumes e tradições do local onde se encontram. Há os que se colocam na posição de contestadores dos valores destes “outros”, o que pode ocorrer por diversos motivos. Existem também grupos que procuram negociar com a sociedade receptora, não deixando de lado nem o que sabiam, nem o que aprenderam de novo, mas, traduzindo estes conhecimentos. É evidente que não se trata apenas

¹²¹ HALL, 2002, op. cit., p. 7.

¹²²VEECK, Levino. Entrevista concedida a André Muller. Documento cedido pela secretaria da Paróquia Evangélica Panambi Centro (IECLB).

de uma escolha, nem do indivíduo nem do grupo e não ocorre de forma homogênea. Tem-se, pois, ação/reação motivada por uma multiplicidade de fatores.

Esse processo traz implicações bem visíveis, como pôr em dúvida as velhas certezas, ou provocar uma forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. O processo tem o efeito, como explica Hall, de “deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’”, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, que muitas vezes, segundo o mesmo, oscilam entre Tradição e Tradução.¹²³

¹²³ Segundo Hall: “a ‘globalização’ tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornado as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas (...). Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘Tradição’, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou ‘puras’; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de ‘Tradução’.(...) Naquilo que diz respeito as identidades, essa oscilação entre Tradição e Tradução (...) está se tornando mais evidente num quadro global. Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais (...). Pode ser tentador pensar na identidade, (...) como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas ‘raízes’ ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema. Pois há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal”. HALL, 2002, op. cit., p. 87- 88.

2. “POIS, PARA ONDE NÓS VAMOS? SEMPRE PARA CASA.”¹²⁴

De estrangeiro a estabelecido...

Retrocedemos no regaço dos tempos: os imigrantes alemães
desembarcaram nas margens ensolaradas do Rio dos Sinos.
Irmãos patrícios de muitas etnias, sentes o quanto nossos corações
palpitaram em sincera benevolência pela Nova Pátria, pelo novo lar?
Nosso lar, ao vosso lado, apenas almeja engrandecer,
(sem pedir por honras ou por prêmios,) novo País que nos acolheu.
Não hóspedes desta terra, filhos e irmãos queremos ser.
Alimentar com amor a mesma chama que faz os corações arder !
Sorveu a mesma Terra Mãe do gaúcho, do imigrante o suor,
formaram toda esta grandeza vossas façanhas, nosso labor.
Diferentes somos, inferiores não! Quem poderá nos julgar?
Expressando nosso entusiasmo exaltamos nosso Brasil.
Entusiasmo este que irá durar mais que rocha e metal.
Unindo lealdade e amor edificaremos um mundo melhor.
Arno Phillip
(Arquivo particular de Armin Phillip)

As relações que envolvem (i)migrantes e sociedades receptoras são extremamente complexas e marcam de forma significativa a vida de ambos os grupos. No caso analisado, a sociedade receptora era formada por (i)migrantes/descendentes de origem alemã e migrantes advindos posteriormente, cunhados pela identidade nacional. Nesse contexto, destaca-se o

¹²⁴ NOVALIS. Heinrich von Offerdingen. München: Dtv, 1997. p.198. Wo gehen Wir denn hin?(Immer nach Hause) apud GRÜTZMANN, Imgart. **A mágica flor azul: A canção alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado.PUC-Faculdade de Letras.Curso de Pós Graduação em Letras.Julho de 1999, p. 404.

fato de que aqueles que muitas vezes haviam sido estigmatizados de estrangeiros, ao adquirirem poder econômico, político e cultural tornaram-se os “donos do lugar”, os estabelecidos, o que lhes deu lastro para manterem aspectos relacionados à sua identidade étnica a tal ponto que, para muitos, Panambi podia ser considerada uma “segunda Alemanha” ou a “Alemanha brasileira”. Discorrer a respeito do processo que os levou a manterem certos laços com a terra de origem, os quais nortearam as suas relações, são os objetivos deste capítulo.

2.1 OS IMIGRANTES ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL

Ao longo do século XIX e de parte do século XX, os governos das nações americanas se concentraram em promover a ocupação do seu território, pois pretendiam garantir a soberania nacional e a valorização econômica das terras. Nesse contexto, a imigração passou a ser vista como política estratégica e estava presente no programa da maioria dos governantes. No Brasil, o projeto imigratório começou a ser desenvolvido durante o período imperial. Todavia, suas diretrizes ainda não estavam bem definidas, como atesta o fato de o Império ora se colocar como responsável pela imigração, ora responsabilizar as províncias.

Durante o Império e no início da República, o projeto de imigração visava atender aos interesses de setores específicos da população. No Sudeste, havia a preocupação dos fazendeiros com a escassez de mão-de-obra para as fazendas de café. No Sul, a necessidade da ocupação das terras a fim de proteger a fronteira e produzir produtos agrícolas. Outro interesse, nem sempre citado, foi o branqueamento da população,¹²⁵ que de acordo com

¹²⁵ No Século XIX, Gobineu (1816-82), divulgou, através de “Ensaio sobre as desigualdades das raças”, a hipótese de que as raças seriam desiguais. Nesta obra, procurava argumentar “cientificamente” que haveria raças superiores e inferiores: “as raças são desiguais, e a raça branca é inequivocamente superior as demais raças”. Essa teoria, adaptada ao contexto nacional brasileiro, produziu o ideal da miscigenação, com vias ao branqueamento. A difusão da concepção de que os brancos eram superiores aos negros e índios contemplava os interesses da classe dominante já que estes eram brancos e precisavam “qualificar” sua mão-de-obra. É neste sentido também que se explicava a defesa da eugenia. (compreendiam a Eugenia como melhoramento da raça através da miscigenação entre “os brasileiros” e os imigrantes europeus. O termo "eugenia" - *eu: boa; genus: geração* - foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton.). O branqueamento, que seria resultado da eugenia, surgia como uma espécie de solução mágica para as contradições de “uma sociedade multirracial, heterogênea e atravessada por uma rígida hierarquia”. E mais, oferecia argumentos para os que defendiam que a vinda de imigrantes europeus era uma política estratégica, não só do ponto de vista econômico, mas também do cultural, para o progresso da nação. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas,**

alguns teóricos da época, era imprescindível para o desenvolvimento da “futura nação brasileira” e só poderia ser viabilizado a partir da presença de europeus, os quais, segundo acreditavam, seriam naturalmente assimilados pela cultura nacional.

Em São Paulo, os imigrantes eram destinados à grande propriedade cafeeicultora, onde os fazendeiros valiam-se de uma série de manobras para mantê-los sob seu poder.¹²⁶ Outra estratégia era incentivar a vinda de imigrantes, pois,

a abundância de mão de obra mantinha os salários e o fato do cafezal ser um investimento mais duradouro que as culturas anuais ou bianuais e que seria perdida, caso ocorresse a falta de braços para cuidá-lo. Parece, entretanto, que a primeira razão era mais importante, já que os fazendeiros constantemente estavam preocupados com o aumento dos salários, o que, segundo eles, só uma mão de obra abundante podia evitar.¹²⁷

Diferente dos estados do Sul, no Sudeste a pequena propriedade “surgiu devido à pressão do imigrante e apesar da vontade do fazendeiro de café”.¹²⁸

Com a Proclamação da República, em 1889, implantou-se a descentralização administrativa dos estados da federação brasileira e os governos estaduais assumiram, definitivamente, a responsabilidade pela implementação dos projetos de imigração. No Rio Grande do Sul, optou-se pela formação de colônias mistas, onde se concentravam imigrantes das mais diferentes origens, tentando com isso impedir a formação de colônias etnicamente homogêneas, que mais tarde seriam vistas como suspeitas pelos brasileiros. O Estado recebeu uma parcela considerável de imigrantes. Pretendia-se povoar as terras de fronteira a fim de protegê-las contra possíveis invasões. Ainda no Período Republicano, os governantes viam nos estrangeiros uma possibilidade de oposição ao poder e à hegemonia dos pecuaristas latifundiários, com a formação de uma classe de pequenos proprietários, dedicados à

instituições e questão racial. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação.** São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

¹²⁶ Uma das estratégias mais comuns era fazer com que o colono se endividasse na venda da fazenda e trabalhasse “apenas” para saldar sua dívida, o que fazia também com que permanecesse na fazenda servindo de mão-de-obra para o fazendeiro.

¹²⁷ PETRONE, Maria Theresa Schorer. Imigração. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1977. Tomo III. v. 2, p. 109.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 117.

produção agrícola diversificada e familiar, barrando a expansão da campanha e neutralizando seu poder de decisão.¹²⁹

Os imigrantes foram instalados em colônias oficiais, recebendo um pequeno lote de terras, cuja área variou ao longo do período. Após a Lei de Terras de 1850, a qual facultava o acesso à terra através da compra, o imigrante passou a pagar pelo seu lote.¹³⁰ Além das colônias oficiais, subsidiadas pelo império, havia as estaduais, municipais e particulares, cada qual com as suas especificidades. A formação da pequena propriedade e a introdução do trabalhador livre atendia a uma série de objetivos: “demográficos (povoamento), morais (dignificação do trabalho manual), sociais (formação de uma camada média), militares (defesa das fronteiras) e, naturalmente, econômicos (abastecimento das cidades e do exército)”.¹³¹ Havia ainda outra finalidade: as colônias deveriam “servir de exemplo”, no sentido de organização e trabalho, para a população nativa do país. Nesse contexto, a figura do imigrante aparecia como a personificação das “virtudes do trabalho”, como no caso dos imigrantes alemães. O colono¹³² seria o “agente modernizador e transformador da sociedade e da economia brasileira”. Dele se esperava a valorização fundiária pela ocupação dos espaços vazios, o surgimento de uma camada intermediária entre os latifundiários e os escravos, produção de gêneros para o mercado interno, novas técnicas agrícolas e artesanais e novos hábitos de vida, entre eles, o da valorização do trabalho manual.

¹²⁹ Cf. BALHANA, Altiva Pilatti. Política Imigratória no Brasil, antes e após a proclamação da República. In: WESTPHALEN, Cecília; BALHANA, Altiva Pilatti. **Revoluções e Conferências**. Curitiba: SBPH-PR, 1989.

¹³⁰ A lei 601, embora editada em 1850, apenas foi regulamentada em 1854. Pela mesma, o controle das terras devolutas passou para as províncias, bem como definiu a concessão de terras devolutas exclusivamente por compra – o que permitiu a sua apropriação por empresas colonizadoras particulares.

¹³¹ OBERACKER, Carlos Henrique. A colonização baseada na pequena propriedade agrícola. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1967. Tomo II, v. 3, p. 223.

¹³² Desde o Império Romano, “colonos” são indivíduos instalados por governantes em determinadas áreas, que merecem ser cultivadas, submetidas à cultura. No Brasil, não raro, o conceito é utilizado como sinônimo para agricultor, concentrando-se contudo, naquele descendente de imigrantes. Regina Weber define o colono, em seu contexto de estudo, como o descendente do imigrante alemão, que, por sua vez, é alvo do germanismo, que busca integrá-lo na cidadania brasileira sem perder as características da cultura alemã. Cf. WEBER, 2002, op. cit., p. 19.

Os primeiros imigrantes de origem germânica¹³³ foram introduzidos no Rio Grande do Sul pelo governo imperial em 1824, estabelecendo-se na Real Fitoria do Linho-Cânhamo, originando a Colônia Alemã de São Leopoldo, às margens do rio dos Sinos. Muitos eram camponeses e membros das classes trabalhadoras em geral, cuja motivação para emigrar fora a pobreza. Havia ainda artífices especializados, refugiados políticos (não muito bem aceitos pelas autoridades brasileiras), ex-militares, pequenos empresários e intelectuais.

Recebiam um lote colonial, inicialmente de 77 hectares, decrescendo posteriormente para 25 hectares, além de sementes, instrumentos de trabalho e auxílio financeiro, com facilidades de pagamento. O cotidiano destes (i)migrantes girava em torno da construção de uma estrutura básica que pudesse assegurar a sua sobrevivência: derrubar a mata, construir a casa, fazer a roça. Tais tarefas exigiam a dedicação de toda família e não deixavam muito tempo para se preocuparem com aspectos relacionados com a cultura; além disso, não havia escolas e, em muitos lugares, não contavam com assistência religiosa.

Uma das principais dificuldades referia-se ao crescimento da família, pois como a área de terras que adquiriam era insuficiente, já a partir da segunda geração muitos imigrantes tendiam a buscar novas terras. Roche aponta que, excluindo os que permaneciam no lote paterno, os descendentes de colonos migravam em média uma vez durante sua vida, o que ele chama de “enxamagem”, alimentando as migrações internas e dando prosseguimento à busca por condições de sobrevivência, o que podia ter vários sentidos.¹³⁴ Afinal, manter-se vivo não significa apenas saúde física, relaciona-se também ao espírito, à alma ou ao que se pode chamar de cultura.

2.2 DUPLO PERTENCIMENTO. DUPLA REJEIÇÃO...

Deixar o lugar de origem e partir para outro é uma decisão que, de acordo com Sayad, “não começa até que as pessoas descubram que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem”,¹³⁵ já que os (i)migrantes, geralmente, “não desejam abandonar suas casas nem sua comunidade”.¹³⁶ A migração é motivada por sonhos, como a pretensão de enriquecer e retornar à terra natal. É um fenômeno complexo que pode

¹³³ Após os alemães, seguiram-se outros grupos de imigrantes, como os italianos, a partir da década de 1870, em grande número, além de outros grupos étnicos, como poloneses, austríacos, árabes, japoneses, chineses, etc. Ao longo de todo período, a entrada de espanhóis e portugueses foi constante e elevadíssima.

¹³⁴ Cf. ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

¹³⁵ SAYAD, op. cit., p.55.

¹³⁶ KLEIN, H. S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 13.

incluir tanto um movimento de população dentro de uma comunidade e uma curta distância, quanto um movimento transoceânico, durando desde poucos dias até pelo restante da vida.

Nas sociedades receptoras, os (i)migrantes recebem e conferem-se o status de “provisórios”, ou seja, indivíduos que a qualquer momento podem voltar para o lugar de onde vieram. São situados na “fronteira entre o ser e o não ser social”.¹³⁷ Sayad os define:

Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são neste caso, quase um pleonismo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento.¹³⁸

No entanto, a presença “provisória” pode se tornar permanente. O que não significa que os (i)migrantes percam o “status de provisórios” na sociedade receptora, nem que renunciem totalmente ao desejo de retornar ao lugar de origem. Este retorno, mesmo não se concretizando fisicamente, pode transcorrer de forma simbólica através da constante busca da preservação da cultura e da tentativa de manter laços com a “antiga Pátria”, o que caracteriza, de forma geral, a reconstrução das identidades destes grupos em terra estrangeira. Segundo Grützmann, o lugar de origem pode ser compreendido como

a matriz de identificação do indivíduo porque nela encontra-se a mãe, e, por extensão, os valores familiares, a tradição e as origens étnicas. A rememoração da história familiar e cultural ocorre pela própria ação de peregrinar, na medida em que esse movimento representa para o sujeito um retorno às origens e proporciona um rejuvenescimento de todo o seu ser.¹³⁹

Esse processo está intimamente ligado às relações que os (i)migrantes estabelecem com a nova sociedade. Por exemplo, em alguns casos, o fato de não serem bem vindos intensifica as ações dos grupos em prol da reconstrução desta “ligação” com a pátria de origem. O aspecto pode ser paradoxal, como para os imigrantes alemães, que mesmo validados por uma política de imigração favorável e por um discurso oficial, o qual destacava as suas qualidades e os colocava como mais capacitados para produzir o desenvolvimento do

¹³⁷ SAYAD, op. cit., p. 11.

¹³⁸ Ibidem, p. 54.

¹³⁹ GRÜTZMANN, op. cit., p. 260.

Brasil do que os nacionais,¹⁴⁰ ainda assim, muitas vezes, não se sentiam bem vindos entre a população luso-brasileira ou, em vários casos, não aceitavam suas condutas, o que se tornava um problema na medida em que percebiam que não poderiam retornar à Alemanha. E mais, se no Brasil não eram considerados cidadãos, o mesmo acontecia em relação à Alemanha. O drama da diáspora: duas pátrias e nenhuma ao mesmo tempo.¹⁴¹

Os primeiros imigrantes alemães vieram ao Brasil com o intuito de construir uma nova pátria, sem perspectivas de retorno. Conforme Woortmann, eles deixavam as lembranças da velha pátria no outro lado do oceano, dando início à construção de uma nova identidade no navio que os trouxera. Já os imigrantes do século XX encontravam-se muito mais próximos da pátria de origem, de sua cultura e dos problemas políticos. Muitos alimentavam o sonho do retorno.¹⁴²

Os imigrantes alemães provinham de diferentes locais, regiões e épocas. No Rio Grande do Sul se observava, então, “uma espécie de colcha de retalhos em que uma diversidade enorme de trajetórias se entrecruzavam, movidas pelo estímulo da emigração, da busca de terra própria ou de liberdade em face dos constrangimentos políticos, sociais ou religiosos do ‘velho mundo’”.¹⁴³ Essa heterogeneidade provocava conflitos e destacava um distanciamento cultural. Os que residiam no país há várias gerações, eram vistos como culturalmente “inferiores” pelos que recém haviam chegado da Alemanha; estes, por sua vez, procuravam diferenciar-se a partir do pressuposto de que seriam alemães “legítimos”, enquanto os primeiros não o seriam.

¹⁴⁰ Neste sentido, mencionamos o pensamento de alguns autores da **Revista do Brasil**, o mais importante fórum de debates das primeiras décadas do Século XX: “A presença de correntes européias redentoras do sangue corrompido, segundo as palavras de Carlos Lemos, era saudada como poderoso fator de progresso. Acreditava-se que deveríamos abraçar francamente o programa de Alberdi, programa transfigurador que em breve espaço de tempo levou a Argentina da barbárie ao imperialismo: ‘governar é povoar’. Nessas palavras está sem dúvida alguma a redenção econômica e mesmo étnica do nosso país. ‘Porque... só teríamos a ganhar com uma larga transfusão de sangue rico e puro’. A raça, mais do que pano de fundo era parte integrante do imaginário”. DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: UNESP, 1999. Como se percebe, a construção da diferença entre os grupos baseava-se na desqualificação dos “brasileiros” e na exaltação as “qualidades dos europeus”. Para muitos dos intelectuais do período “era necessário mudar a composição étnica da nação, ensinar noções de trabalho para este povo, Era preciso branquear o país”.

¹⁴¹ Cf. SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo do imigrante. **Revista Travessia**, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano XIII, nº especial, jan. 2000; SAYAD, 1998; RAMOS, 2003; SAN’TANA, Sérgio Bairon Blanco. **História Palinódica: significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira**. São Paulo: USP, 1991. Tese de doutorado.

¹⁴² WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: UFRGS. IFCH, n. 14, p. 177-204, nov. 2000.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 177-204.

Em meio a esta pluralidade,¹⁴⁴ construiu-se como identidade comum, o “ser alemão”, o que se configurava diante da percepção do outro, ou seja, do luso-brasileiro. Em outras palavras, frente ao “estranho”, os grupos germânicos, mesmo sendo “diferentes”, uniam-se em prol da construção de uma identidade pessoal, um elo, que também pudesse diferenciá-los dos nacionais. Logo, a Alemanha figurava como “local ideal”: o “paraíso”. As lembranças, próprias ou transmitidas através das gerações, faziam parte do cotidiano destas populações marcadas pela saudade¹⁴⁵ e pelo desejo do retorno, como aponta o depoimento de Walter Wahlbrink,¹⁴⁶ descendente de (i)migrantes:

eles se reuniam no tal de Natal, eles todos vinham lá, todos aqueles que vieram da Alemanha! E eles diziam assim, que eles não conseguiam entender, que eles não podiam mais voltar, saudade... Isso é triste... (Voz trêmula. Um silêncio. Seus olhos se enchem de lágrimas).¹⁴⁷

Wahlbrink lamenta não apenas pelos conhecidos que não poderiam retornar, mas por ele mesmo, que não conheceu a Alemanha. Esse sentimento é referido por Ramos: “sente-se saudade de uma imagem construída”.¹⁴⁸ Bairon Santana¹⁴⁹ afirma que a sustentação desse imaginário estava na “presença de uma ausência”, ou seja, “a presença da pátria-mãe no imaginário teuto-brasileiro”, já que na forma física ela estava ausente, distante. No Brasil, a rememoração tornar-se-ia o sustentáculo da memória coletiva, cuja referência a qualquer objeto alemão remetia à pátria de origem. Em outras palavras, nunca se fora tão apegado às tradições culturais do que na diáspora – nunca se havia sido tão alemão quanto no Brasil.

¹⁴⁴ Uma sociedade plural seria aquela sociedade “poliétnica integrada no espaço mercantil, sob o controle de um sistema estatal dominado por um dos grupos, mas deixando amplos espaços de diversidade cultural nos setores de atividade religiosa e doméstica”. BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998, p. 197.

¹⁴⁵ Segundo Ramos, “Saudade é um sentimento muito presente no cotidiano das migrações. O imigrante modifica suas relações com o grupo de origem em função das distâncias, e a nova sociedade com a qual passa a conviver estabelece conflitos entre suas representações sociais. Muitas imagens se constroem, outras se desfazem ou são reconstruídas em função de novos grupos que se formam. Até as próprias lembranças se transformam, ou seja, o imigrante inicia um processo de mudança do próprio passado em função das vivências presentes.” RAMOS, op. cit., p. 135.

¹⁴⁶ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev.2002.

¹⁴⁷ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev.2002.

¹⁴⁸ RAMOS, op. cit., p. 137.

¹⁴⁹ BAIRON [SANTANA], Sergio. **O Fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão**. Revista História, São Paulo, n. 129-131, p. 19-30, .ago-dez/1993 a ago-dez/94, p. 21-22.

Contudo, nesse ponto, sobressai uma outra questão, qual seja, o duplo pertencimento e rejeição. No Brasil, viam-se e eram vistos como filhos adotivos. Já a Alemanha, uma vez que abandonaram a pátria, também os considerava da mesma forma. Assim, ao mesmo tempo, pertenciam a ambos, eram rejeitados por ambos, contradição essa que vinha à tona em momentos de (re)negociação da identidade e de disputas por prestígio local, impulsionando então um agrupamento em torno de sua etnia. Para Barth, a pertença étnica seria, ao mesmo tempo, uma questão de origem bem como de identidade corrente. Acresce que o grupo étnico seleciona, dentro das suas características, as que são relevantes para a sua identificação e diferenciação em relação ao outro.

a pertença étnica não pode ser determinada senão em relação a uma linha de demarcação entre os membros e os não membros. Para que a noção de grupo étnico tenha um sentido, é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores em outro sistema social. (...) as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles. Ela não pode ser concebida senão na fronteira do nós, em contato, confrontação, ou por contraste com eles.¹⁵⁰

Acrescenta ainda que, “se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”.¹⁵¹ Quanto aos (i)migrantes alemães no Rio Grande do Sul, este processo esteve intimamente ligado ao ideário que ficou conhecido como “germanismo”.

2.3 O GERMANISMO

O “ser alemão” no estrangeiro está estritamente relacionado com a preservação de sua identidade cultural, como expressa o termo *Deutschtum*, palavra traduzida como germanismo

¹⁵⁰ BARTH in POUTIGNAT, STREIFF-FENART, op. cit., p. 153.

¹⁵¹ BARTH in POUTIGNAT, STREIFF-FENART, op. cit., p.195.

ou *Dwetschtumspflege*, que resumidamente significa: “empenho pela conservação da pureza étnica, da língua, dos costumes e das tradições alemãs”.¹⁵² Essas características compunham os elementos constitutivos da fronteira que os diferenciava dos demais, processo no qual a língua e a *Heimat*,¹⁵³ adquirem papel fundamental. Conforme Grützmann,

a língua materna assemelha-se à alma do indivíduo, uma parte constitutiva de seu ser, que o acompanha fielmente a qualquer lugar. A ligação íntima entre essência e idioma permite ao imigrante *reconstruir no estrangeiro uma nova Alemanha e, assim, dar continuidade aos valores oriundos do espaço original* (grifo nosso)¹⁵⁴

Desse modo, a *Heimat* de origem é concebida como fonte dos valores culturais capazes de sustentar a índole germânica na diáspora, daí a necessidade de mantê-la viva na memória, de ser fiel à mesma. Segundo Grützmann,

A *Heimat* forma, também, a base na qual o povo alemão, sujeito coletivo, unido por uma cultura e um destino comuns, encontra-se enraizado. Esse povo assim constituído possui uma individualidade e uma personalidade, denominada de espírito popular ou alma do povo.¹⁵⁵

Entre as motivações que explicam essa relação, a autora menciona alguns sentimentos característicos do “mundo dos (i) migrantes”, como a saudade que se exacerbava no cotidiano, tornando-se constante na medida em que muitos (i)migrantes/descendentes eram tomados pela nostalgia. Nesse sentido pondera que,

A lembrança da antiga *Heimat* torna-se condição da existência social e cultural porque desenvolve o sentimento de continuidade, oferecendo um futuro ao legado dos antepassados, ainda que o território primordial seja de segunda mão e o movimento esteja circunscrito as pegadas dos pais.¹⁵⁶

Acrescenta ainda que,

O germanismo constrói o seu ideário a partir de um componente central e norteador de sua reflexão teórica - o povo, concebido como uma grande família, uma comunidade baseada na descendência e ligada essencialmente por laços culturais e

¹⁵² GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 93.

¹⁵³ Segundo Grützmann, a palavra alemã *Heimat* é de difícil tradução para outros idiomas. Na língua portuguesa, o termo equivaleria a pago, lar. Muitas vezes, a palavra também pode ser sinônimo de *Vaterland*, mas os termos não se igualam. A palavra *Vaterland* corresponde à pátria em língua portuguesa. Em virtude dessa dificuldade, opta-se por utilizar a expressão em alemão. GRÜTZMANN, op. cit., p.40.

¹⁵⁴ GRÜTZMANN, op. cit., p.318.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 78.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 339.

raciais, cuja existência independe da vinculação a um território político determinado.¹⁵⁷

Grützmann resume os objetivos do germanismo, elegendo três elementos principais: “a identidade, a continuidade e a comunidade”,¹⁵⁸ os quais encontram-se interligados. Relaciona ainda como objetivo central a intenção de “forjar e moldar, através da instituição de normas de comportamento, um sujeito de essência alemã, consciente de sua origem e possuidor de um sentimento nacional”. Essas características se tornavam fundamentais na medida em que intensificavam o contato com a sociedade receptora, nas palavras de um germanista: “torna-se imprescindível que flua no corpo e no sangue de velhos e jovens: eu não sou um luso e nem um romano, eu sou um alemão”.¹⁵⁹

Segundo René Gertz, a noção de que os imigrantes e seus descendentes deviam “permanecer alemães” foi produto de um projeto da elite intelectual e cultural, formada principalmente por profissionais liberais, pastores, jornalistas e escritores, bem como, grandes comerciantes e industriais de origem alemã. Para os últimos, o germanismo tinha sua função “voltada especialmente para as relações de dominação entre os próprios teutos”.¹⁶⁰ A difusão consciente dessa posição iniciou em fins do século XIX e no século XX ela aparece em diferentes graus em quase todas as instituições existentes nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil: os jornais, as escolas, as associações culturais, esportivas e as igrejas. No que se refere à divulgação do germanismo através de periódicos, Grützmann afirma que,

Mediante a divulgação de notícias e de artigos específicos, os periódicos informam (informavam) e aproximam (aproximavam) os acontecimentos e as mudanças em curso na Alemanha, pretendendo, desse modo, estreitar o laço cultural entre os emigrados e a terra de origem.¹⁶¹

Entre os grupos que se preocupavam com a divulgação e com as discussões em torno do germanismo destacavam-se alguns nomes, dentre eles, o pastor Hermann Dohms,¹⁶² líder

¹⁵⁷ Ibidem, p. 384.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 92.

¹⁵⁹ BECKER apud. GRÜTZMANN, op. cit., p.92.

¹⁶⁰ GERTZ, 1987, op. cit., 109.

¹⁶¹ GRÜTZMANN, op. cit., p. 65.

¹⁶² Maiores informações sobre a biografia, atuação profissional e intelectual de Dohms podem ser encontradas em DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de**

do Sínodo Rio-Grandense, sediado em São Leopoldo, e o jornalista Franz Metzler, do grupo católico. Ambos orientaram seus leitores nas décadas de 20-40 sobre a conduta que deveriam adotar.¹⁶³

Dohms, como líder do Sínodo Rio-Grandense, conseguia atingir um grande número de alemães em todo o estado. Seu discurso, ainda que germanista, não era nacional-socialista, tendência da qual procurava distanciar-se após 1934. Defendia a integração dos imigrantes alemães e seus descendentes ao meio nacional brasileiro, inclusive utilizando a língua nacional, desde que isso não implicasse na renúncia à cultura de origem. Em outras palavras, propunha a negociação entre as culturas. Segundo Martin Dreher,

Dohms não nega a possibilidade de uma assimilação. No entanto, como homem preocupado com sua Igreja, se pergunta: o que perderia o Sínodo Riograndense, como Igreja, caso viessem a se dissolver as bases étnicas? ‘Perderíamos, por um tempo indeterminado, a possibilidade de uma compreensão total e pura do Evangelho, pois o pleno desdobramento do poder e da compreensão do Evangelho é impossível para o indivíduo e só se torna possível na família e em seu povo. Essa possibilidade de dissolução das bases étnicas parece-lhe ser insuportável por dois motivos: 1º porque o grupo étnico teuto no Brasil pertence a um povo “no qual o Evangelho penetrou de forma inigualável” e ao qual foi aberta ‘a compreensão pura do Evangelho’; 2º porque, caso vier a ocorrer a fusão do grupo étnico teuto com outros grupos étnicos no Brasil, isso significaria a inclusão num povo que ainda esta em formação e que, além disso, é católico-romano. Para Dohms: “Quanto mais decididamente, como alemães, formos cristãos - e isso significa: formos seres humanos que reconhecem a ordenação povo como uma ordenação de Deus, relativa ao mundo, para a nossa salvação -, quanto maior for a pureza com que compreendermos o Evangelho de pecado e graça, tanto mais profundamente fundamentaremos também as bases étnicas de nossa Igreja, que (...) tão-somente a partir do Evangelho podem ser compreendidas e apreendidas corretamente como ordenação divina”.¹⁶⁴

Dreher ressalta que o conceito de “ordenação divina”, traz a reflexão sobre a finitude, pois é dentro do grupo étnico, com seu povo, que o ser humano toma consciência desse sentimento, pelo que lhe restam duas opções: pode aceitá-lo ou rebelar-se contra ele, negando sua finitude imposta por Deus. A aceitação da limitação étnica determinada por Deus, ao

Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2003; DREHER, Martin N. (org.). **Hermann Gottlieb Dohms: textos escolhidos.** Porto Alegre: Ed.: PUCRS, 2001..

¹⁶³ O pensamento dos alemães e seus descendentes residentes no Brasil pode ser dividido em quatro correntes: a católica, através do jornal *Deutsches Volksblatt*, o almanaque *Familienfreund Kalender*, a revista mensal *St. Paulusblatt*, e a publicação também mensal *Lehrerzeitung*; a liberal, difundida através dos jornais *Deutsche Zeitung* e *Neue Deutsche Zeitung*; a luterana, expressa no jornal *Deutsche Post*, o almanaque *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*, escritos de Wilhem Rotermond, Hermann Dohms, etc. e a de autores luso-brasileiros, que discutem as questões referentes aos imigrantes alemães, como Aurélio Porto, Ernesto Pellanda e Leonardo Truda. Cf. RAMBO, Arthur B. A identidade teuto-brasileira em debate. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, v. XXV, n. 2, dez. 1999.

¹⁶⁴ DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.** São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 107.

contrário da rebelião contra essa lei, traz como consequência que a vida do homem aí adquire uma verdadeira existência.¹⁶⁵

Já o jornalista Franz Metzler, preocupava-se mais com a questão do teuto-brasileiro. Ao defender a hifenização, propunha um equilíbrio entre a fidelidade ao Brasil e a fidelidade à Alemanha. Apontava duas possibilidades para os indivíduos de fala alemã que emigravam da Europa para o estrangeiro:

Ou permanecem até o fim alemães ou de pertencer a qualquer outra identidade que possuam por ocasião da viagem, o que, aliás, seria o normal, ou adotam a cidadania da nova terra, renunciando à cidadania do país de origem quando encontram no país de destino uma segunda pátria definitiva e que um dia abrigará a sua sepultura.¹⁶⁶

Concomitante à atuação destes grupos, Paiva¹⁶⁷ menciona a participação de cidadãos alemães (*reichsdeutsche*), no surgimento e veiculação do germanismo no Rio Grande do Sul, entre os quais destacamos o idealizador de Neu-Württemberg, o cidadão alemão Herrmann Meyer.

2.3.1 Herrmann Meyer: o idealizador de Neu-Württemberg.

Herrmann Meyer nasceu em 11 de janeiro de 1871, em Hilsburghausen, Alemanha. Sua família era proprietária do Instituto Bibliográfico de Leipzig, do qual posteriormente tornou-se diretor. O Instituto publicou, em diversas edições, a importante enciclopédia *Meyer's Konversationslexion*. Meyer realizou estudos de antropologia nas universidades de Leipzig, Berlim e Estrasburgo. Em princípios de 1896, motivado pelo êxito das expedições de Karl von den Steinen ao Brasil Central, visitou o Xingu mato-grossense. Foi aí que surgiu a idéia de adquirir uma gleba de terras no Brasil destinada à colonização, deixando isso a cargo de Carlos Dhein, que o acompanhara na expedição e conhecia as terras do Alto Uruguai. O mesmo efetuou várias aquisições desde 1896.

Meyer visitou pela primeira vez essas possessões em novembro de 1898, seguindo para a região do Xingu em 1899. Em setembro de 1900 veio a última vez ao Brasil, demorando-se em Porto Alegre até dezembro, quando se dirigiu para a colônia Neu-

¹⁶⁵ Ibidem, p. 105-107.

¹⁶⁶ RAMBO, Arthur B. **Nacionalização e ação policial no Estado Novo**. Estudos Leopoldenses. Série História, São Leopoldo, v. 1. n.1, p. 149-182, 1997, p. 190.

¹⁶⁷ PAIVA apud GRÜTZMANN, op. cit. , p.107.

Württemberg. Faleceu em Leipzig em 17 de março de 1932. A empresa encerrou suas atividades, declarando sua falência no início dos anos 1950, após um longo processo, contando com vários problemas e dívidas.¹⁶⁸

O contexto em que Meyer estava inserido e as motivações que o levaram a elaborar um projeto de colonização, o qual originou Neu-Württemberg, foi estudado por Jorge da Cunha e Angelika Gärtner, em “As culturas alemã e brasileira no relato da viagem de Herrmann Meyer, pelas colônias alemãs do Rio Grande do Sul”. Os autores utilizam como fonte os próprios escritos de Meyer, particularmente o livro “*Meine Reise nach den deutschen Kolonien in Rio Grande do Sul, 1898-1899*”, publicado em Leipzig em 1899, no qual registrou as suas impressões sobre o Brasil, os brasileiros e a imigração alemã.

A viagem de Meyer pela zona de colonização do Rio Grande do Sul fora motivada pelo seu interesse em estudar o desenvolvimento do germanismo, a fim de “conhecer o contexto da vida nas regiões de colonização; coletar informações com autoridades, elencos e colonos e levantar dados estatísticos e imagens através de questionários e aparelho fotográfico”.¹⁶⁹ Em seu relato, informava que

é necessário mostrar um quadro preciso e positivo da vida dos alemães emigrados no Rio Grande do Sul, o que é de se atribuir as virtudes alemãs como a diligência (“Fleiss”), a paciência (“Geduld”), a eficiência (Tüchtigkeit), eficiência nos negócios (“Geschäftstüchtigkeit”) e a capacidade de organização (Organisationsfähigkeit). Além disso, é importante demonstrar que, ao lado de artesãos e camponeses, há a necessidade, para as colônias alemãs do Rio Grande do Sul, de acadêmicos formados como médicos, professores, teólogos e juristas. Uma carência que se explica, de um lado, pelas próprias virtudes dos alemães, e, por outro lado, pelo déficit dos brasileiros nestas áreas.¹⁷⁰

Como “características alemãs”, destaca a diligência, a paciência e a eficiência em vários sentidos. Salienta que o Rio Grande do Sul seria o “Brasil alemão” (“*das deutsche Brasilien*”) e conclui que o desenvolvimento do estado é produto destas virtudes alemãs.¹⁷¹ Quanto a impressões a respeito da cultura brasileira e dos “não alemães”, Cunha e Gärtner ressaltam seu caráter preconceituoso e racista. Já na sua chegada, Meyer demonstra sua opinião a respeito dos brasileiros, comentando ironicamente a pretensão dos mesmos em

¹⁶⁸ Cf. LEITZKE, Eugen. Biografia Dr. Herrmann Meyer. **A Notícia Ilustrada**. Panambi, 19, mar. 1980, p. 7.

¹⁶⁹ CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika. As culturas alemã e brasileira no relato da viagem de Herrmann Meyer, pelas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n.3, p. 55-71, set./dez. 2001, p.56.

¹⁷⁰ Ibidem, p.56.

¹⁷¹ Ibidem, p. 60.

colocar a expressão "Ordem e Progresso" em uma bandeira.¹⁷² Mais adiante, traça uma distinção entre os brasileiros descendentes de índios, *imigrantes europeus e os descendentes de índios, portugueses e negros*, com explícito racismo, deixando claro seu desconforto ao se encontrar com estas pessoas nas ruas.¹⁷³

Critica o fato de que os bares e restaurantes não utilizam toalhas de mesa e nem guardanapos; “há barulho o tempo todo e os pratos estão sujos”, o que considera um atentado contra qualquer princípio de higiene e limpeza. Ainda, vê como negativa a relação que os brasileiros têm com aspectos como o tempo (horários), turnos de trabalho e o cuidado com o uso de pesos e medidas. Como contraponto a esta descrição negativa, ele destaca a educação, disposição em ajudar, gentileza e cordialidade dos brasileiros, mas, sobretudo, a hospitalidade.¹⁷⁴

Em relação ao desenvolvimento de relações comerciais, os autores destacam que

Meyer conclui que as tábuas cortadas à mão e vendidas nas colônias são mais baratas do que as produzidas pelas serrarias. Reclama que os brasileiros são incapazes de calcular os custos do emprego de tempo e trabalho na fixação dos preços das mercadorias e serviços.¹⁷⁵

Quanto aos índios, Meyer avalia que adotaram as virtudes e os vícios dos demais brasileiros. Todavia, ressalta que pelo menos a língua estes souberam preservar, “conservando-a ao lado de um bom domínio da língua portuguesa”.¹⁷⁶ Em alguns trechos do relato, faz comparações explícitas entre as culturas alemã e brasileira, como, por exemplo, quando descreve os cemitérios e os aspectos a eles relacionados e indica os alemães como mestres e modelos.¹⁷⁷ Ou de forma implícita, como quando a Alemanha é destacada como modelo.¹⁷⁸

¹⁷² Ibidem, p. 61.

¹⁷³ Ibidem, p. 61.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 62.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 62.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 63.

¹⁷⁷ Ibidem, p.64.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 65.

Em outro trecho, menciona certas recomendações para os alemães e para a Alemanha. Considerava positivo exportar para a Alemanha algumas plantas para decorar os jardins no verão europeu, cujas sementes mandou coletar. Os alemães também deveriam se inspirar na modéstia e desprendimento observados entre os colonos, fundamentadas em razões religiosas.¹⁷⁹

Segue o relato, descrevendo outros grupos nacionais ou étnicos, como os italianos, os poloneses e os espanhóis. Por exemplo, os italianos são citados freqüentemente em comparação com a população descendente ou imigrante alemã. De um modo geral, Meyer aponta-os como “pouco exigentes e, apesar de todos os seus esforços, infelizmente incapazes”.¹⁸⁰

Ao finalizar seu relato de viagem pelo Rio Grande do Sul, Meyer manifesta-se satisfeito com os resultados obtidos, no entanto, “sobre o futuro da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, não ousa manifestar-se. Considera, contudo, que as bases para o desenvolvimento de um processo colonizatório promissor com imigrantes alemães estão lançadas.”¹⁸¹

Cunha e Gärtner destacam que “Meyer manifesta-se com muitas esperanças e expectativas”¹⁸² em relação à colonização. Definem-no como um personagem de seu tempo, ao mesmo tempo produto e produtor de sua época.¹⁸³ Sublinham ainda que seu livro, “induz à reflexão sobre a relação que estabelecemos com outros sujeitos, que marcamos pela diferença e sobre os quais construímos idéias que compõem em seu conjunto arquétipos e estereótipos sobre grupos, categorias e sociedades”.¹⁸⁴

Assim, mesmo constatando que Meyer apresenta uma versão pessoal do que vê, que interpreta os fatos e que esses interferem em sua vida, na sua formação, nos parece compreensível que propusesse um projeto de colonização com um caráter cultural tão

¹⁷⁹ Ibidem, p. 67.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 67.

¹⁸¹ Ibidem, p. 70.

¹⁸² Ibidem, p. 70.

¹⁸³ Ibidem, p. 71.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 71.

marcante como foi Neu-Württemberg. Nesse contexto, “oferecer” aos conterrâneos a possibilidade do “retorno” simbólico à *Heimat*, ou seja, a construção de uma “Alemanha no Brasil”, se configurava como uma alternativa tanto para o “idealista”,¹⁸⁵ quanto para os (i)migrantes, interessados em manter um vínculo com a pátria de origem.

2.3.2 Neu-Württemberg: uma colônia para receber imigrantes alemães.

O projeto de colonização de Herrmann Meyer pode ser definido como econômico e cultural, envolvendo interesses múltiplos, tanto do governo estadual e dos luso-brasileiros, proprietários das terras, quanto do próprio Meyer. A Constituição Republicana de 1891 não mexeu significativamente na política imigratória e de colonização. No entanto, o novo governo de feições positivistas adotou o sistema de colônias mistas, fixando em um mesmo núcleo imigrantes de diferentes grupos étnicos. O primeiro empreendimento obedecendo a esse novo padrão foi a colônia de Ijuí, na região Noroeste do estado, fundada em 1890. Para a mesma, também afluíram inúmeros colonos da antiga região colonial.¹⁸⁶

No entanto, essa política deixou margem para a ação de empreendedores particulares, pois o governo via nestes a possibilidade de levar ao interior do estado o desenvolvimento econômico sem maiores custos para os cofres públicos, o que parece explicar a formação de uma colônia que se pretendia “homogênea”.

Meyer era um cidadão alemão respeitado, com capital e, pelo visto, com boas relações no Rio Grande do Sul. Um artigo de jornal, publicado em 1948, revela: “Dizem as crônicas, que voltando animado e feliz de sua última e proveitosa expedição, foi o Dr. Meyer ao Palácio

¹⁸⁵ Mesmo sendo a empresa colonizadora um projeto comercial, o empenho de Meyer em preservar o germanismo é algo que se destaca; pode-se pensar que ele realmente se preocupava com a questão, desejando cultivar o germanismo por questões ideológicas, ou que tenha usado deste artifício como uma estratégia de propaganda, ou ainda que as duas possibilidades tenham se entrecruzado ao longo do tempo.

¹⁸⁶ Cf. NEUMANN, Rosane Márcia. **“Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor”**. **A Campanha de Nacionalização nas Colônias Alemãs**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UNISINOS, 2003; SILVA, Edmilson Nunes da & TARGA, Luiz Roberto Pecoits. **A exclusão política da oligarquia tradicional gaúcha**. Primeiras Jornadas de Historia Regional Comparada, suporte CD-ROM.

do governo em Porto Alegre agradecer as facilidades que o então Presidente do Estado, Dr. Julio de Castilhos, lhe havia proporcionado...”.¹⁸⁷

Em 1898 adquiriu uma fração de terras, de quase dois mil hectares no interior de Cruz Alta, que serviria como base para a colonização.¹⁸⁸ Meyer a denominara Neu-Württemberg, seguindo uma tendência já adotada na América do Norte e Rússia – Nova York, Nova Inglaterra –, com o intuito de atrair imigrantes suevos.

A aceitação de seu investimento na região pode ser percebida através da análise de seu próprio relato:

Quando o trem entrou na estação de Cruz Alta, começou a pipoquear em todos os cantos. Foguetes estouraram e uma banda zambumbou um dobrado alegre. A plataforma estava literalmente tomada por uma enorme multidão.(...)Em poucos segundos conhecia as mais altas autoridades da cidade. A música silenciou, todos descobriram as cabeças, embora chovesse torrencialmente, eu fui saudado com solene discurso; no qual me chamaram de distintíssimo explorador, colonizador e amigo da terra do Rio Grande do Sul, atribuindo-se-me, ainda, qualidades e virtudes das quais nem sonhara...¹⁸⁹

Com Neu-Württemberg, Meyer pretendia formar um núcleo étnico e confessional/protestante, basicamente formado por imigrantes alemães, especialmente os oriundos de Württemberg. É bom lembrar que, nesse período, sob a inspiração de jesuítas, estão surgindo núcleos étnicos teuto-católicos.

O projeto, em vários momentos, apresentou-se vulnerável, por várias razões. No princípio, os investimentos suplantavam os rendimentos. Entre 1897 e 1900, o déficit da Colonizadora fora maior do que o esperado, além do desvio de dinheiro efetuado por Carlos Dhein, o que resultara no rompimento da sociedade e na sua quase falência. A partir de então, Meyer passou a ser o único titular da Empresa de Colonização. Envolta em uma aura de descrédito, a Colonizadora via-se enredada em uma crise financeira. Em 1905, em cartas ao administrador local, Meyer reclamava:

Empatei, até agora, mais de meio milhão nesta obra, gastando não somente toda a minha fortuna não investida no Instituto Bibliográfico, mas contraindo, ainda, muitas

¹⁸⁷ MEDEIROS, Jaury P. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, avulsos, 24, jul. 1948. Documento disponível no MAPH..

¹⁸⁸ Seu “modelo de colônia” particular também foi implementado no Alto Uruguai, com a compra das terras de Xingu e Boi Preto.

¹⁸⁹ ZARTH, Paulo A. **História agrária do Planalto Gaúcho**. 1850-1920. Ijuí: UNIJUÍ, 1997, p. 79.

dívidas nos bancos. (...) Estava errada a minha opinião que as instituições beneficentes induziram os imigrantes a pagar preço mais elevado que em outras regiões, onde nada se lhes oferece. Aceitam-nas como complemento agradável, um ou outro tem palavra de gratidão, mas não gastam um centil por elas e, muito menos estão dispostos a pagar preço mais elevado, para fazer parte de tal colônia modelo. (...) Estou enterrando uma idéia que julgara ser minha tarefa vitalícia. Isto é pelo menos tão grave como o grande prejuízo financeiro...Dediquei à minha criação o meu coração e todo o meu carinho. Entretanto ninguém pode acima de suas forças. Também aqui as circunstâncias foram mais poderosas que a vontade humana e, por isso, é necessário passar um traço sob minha obra fracassada, antes que seja tarde.¹⁹⁰

Talvez esse tenha sido o momento mais crítico da Empresa de Colonização, quando Meyer não vislumbrava apenas um malogro financeiro, mas via submergir o ideal no qual acreditava. Amenizadas as dificuldades, a colônia permaneceu num relativo marasmo até 1908. Meyer decidiu então liquidar definitivamente seus negócios no Rio Grande do Sul, legando toda a colônia ao Sínodo Rio-Grandense. “Para mim, a realização da tarefa constituiria um sucesso feliz no terreno moral, embora fosse um fracasso financeiro de minhas atividades colonizadoras que tantos incômodos, tantas despesas e, somente ingratidão me trouxeram.”¹⁹¹ Entretanto, esse arranjo não foi concretizado. O cargo de administrador da Colonizadora fora assumido pelo pastor Hermann Faulhaber, como veremos adiante.

Em 1910, Meyer estava mais preocupado com o desenvolvimento interno da colônia: “Se, daqui há alguns anos, pudermos abandonar Neu-Württemberg à sua própria sorte, sentiremos a imensa satisfação de termos realizado, lá, um bom trabalho cultural e de haveremos criado uma colônia modelar no país. E, por ser colônia pequena, maior será seu valor intrínseco.”¹⁹²

Para viabilizar seu projeto de colonização Hermann Meyer valeu-se de intensiva propaganda e investiu na organização de uma sólida base educacional e religiosa, com a contratação do pastor Herman Faulhaber.

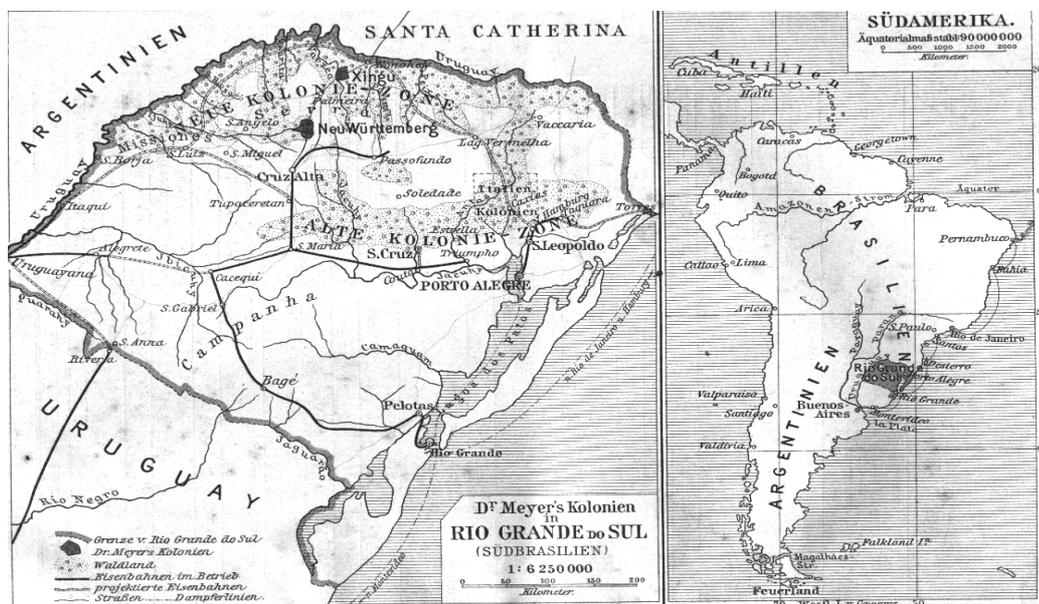
¹⁹⁰ FAUSEL, Erich. Cinquentenário de Panambi 1899-1949. s.l.: s.ed., 1949, p. 27-28.

¹⁹¹ Ibidem, p. 28.

¹⁹² Ibidem, p. 30.

2.3.3 A propaganda

Na divulgação de seu protótipo de colônia, Neu-Württemberg, Meyer utilizara-se da imprensa em língua alemã, especialmente dos almanaques. Inicialmente, como seu projeto voltava-se para possíveis imigrantes no exterior, sua propaganda era direcionada para a Alemanha, posteriormente, às “colônias velhas” e ao Brasil como um todo, tanto que se produziu um mapa, localizando sua colônia.



Mapa 1 - Localização de Neu-Württemberg¹⁹³

Em 1904, Meyer editou o “livreto” *Ackerbaukolonien. Neu-Wuerttemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)*, publicado em Leipzig, pela *Bibliographisches Institut in Leipzig*. Nele, afirmava que a via férrea passava próxima à colônia de Neu-Württemberg, o

¹⁹³ Mapa produzido pela Empresa Colonizadora Meyer. *Ackerbaukolonien. Neu-Wuerttemberg und Xingu in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)*, publicado em Leipzig, pela *Bibliographisches Institut in Leipzig*. Disponível no MAHP (Museu e Arquivo Histórico Panambi).

que facilitava o deslocamento dos imigrantes. Destacava como um ponto favorável para quem quisesse migrar para a mesma, que a venda das terras e a maior parte dos lotes estava “em mãos de alemães” como também seriam atendidos por alemães. Um dos desígnios da Colonizadora consistia em só aceitar colonos alemães; conseqüentemente, seria possível preservar a cultura de origem. Garantia que tinha autorização do “presidente” do Estado para a comercialização das terras e que cada colono com certeza receberia o seu lote legalizado. Afirmava, ainda, que os possíveis “intrusos” já estariam se retirando da área e que haveria poucos índios na região, mas não na sua colônia.

Outro meio utilizado para divulgar a colônia foram as imagens fotográficas, sendo algumas transformadas em cartões postais.¹⁹⁴ Nestas, percebe-se o destaque ao progresso, à infra-estrutura, à localização privilegiada e suas semelhanças com a Alemanha. Sendo este o principal trunfo do referido lugar: Neu-Württemberg seria uma “Alemanha no Brasil”, pelo menos era esta a representação veiculada pela colonizadora.

O fotógrafo oficial da Colonizadora Meyer foi Adam Klos. De acordo com seu filho Otmar,

o que ajudou muito meu pai no início foram as viagens que ele fazia com o velho Hermann Faulhaber, que era o diretor da Companhia de Colonização. Esse era o seu freguês número um. Com esse ele viajava a carroça e a cavalo. Iam pelo interior tirando fotos das colônias que estavam se formando, do trabalho dos colonos derrubando árvores, fazendo roças. (...) Essas fotos eram compradas pela Companhia e enviados à Alemanha com o objetivo de atrair mais gente para cá. Esse foi o trabalho que meu pai mais fez. Assim, ele conseguiu se manter. As fotos eram uma espécie de propaganda para incentivar a vinda dos alemães, compradores de lotes.¹⁹⁵

Essas imagens mostravam as paisagens mais representativas da colônia, ou aquelas que o fotógrafo e seu cliente selecionavam para representá-la. A primeira fotografia analisada, ao mesmo tempo em que atesta a precariedade dos colonos nas áreas pioneiras, por outro, demonstra seu progresso, pois traz a imagem de uma família em fase de instalação, que possui

¹⁹⁴ A análise das fotografias apresentada a seguir foi baseada no trabalho de Rosane Marcia Neumann. Cf. NEUMANN, Rosane Márcia. **Neu-Württemberg: o cartão-postal da Empresa de Colonização Herrmann Meyer**. Trabalho apresentado no Seminário: História e Fotografia: imagens das cidades brasileiras, junto ao PPG em História PUCRS/Doutorado. Primeiro Semestre de 2005.

¹⁹⁵ KLOS apud HINNAH, Denise. **Ser retratista em Panambi. História oral de vida**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. Monografia (Graduação em História Licenciatura Plena), Departamento de Ciências Sociais, UNIJUÍ, 1999, p. 25.

dois cavalos e duas mulas. O que era sinal de riqueza, principalmente o cavalo, que na Europa era de posse restrita da alta elite.

Acervo MAHP



Foto 4 - Meio rural - Roça da família Schäffer, início século XX. (8x15 – altura x largura) Fotógrafo: Albin Schmitt (?). (Doação de Cecília Faulhaber Grams) – Acervo MAHP.

Na fotografia a seguir, nota-se que parte da mata já havia sido derrubada, o que facilitava a plantação, e que algumas casas haviam sido construídas, ou seja, que havia um perfil de vila.

Acervo MAHP



Foto 5 - Vista da Stadtplatz Elsenau, colônia de Neu-Württemberg, entre 1904 e 1907.
Fotógrafo: Albin Schmitt . Cópia. Acervo MAHP.

Outro aspecto destacado na propaganda era a exuberância da vegetação do local e a grande quantidade de terras disponíveis.

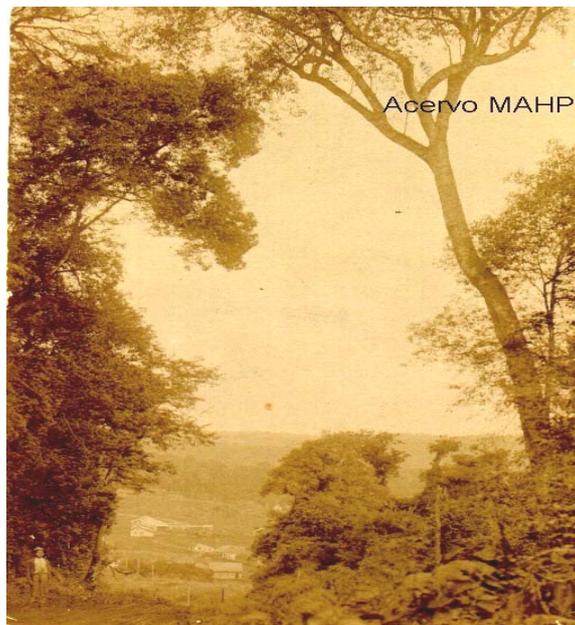


Foto 6 - Vista Stadtplatz, colônia de Neu-Württemberg, 1914.
Fotógrafo: Adam Klos. Acervo MAHP.

As próximas duas imagens lembram vilarejos europeus. A primeira mostra, na extrema esquerda, parte da fábrica de colchões Cezar Drasche. No alto, o primeiro templo da Igreja Batista (*Baptisten Gemeinde "Emanuel"* de Neu-Württemberg), ao centro, parte do prédio da Cooperativa Agrícola e, na margem do açude, a residência de Leopoldo Hepp.

Acervo MAHP



Foto 7 - Vista do açude do arroio do Moinho, 1924 (9x14, altura x largura).
Fotógrafo: Adam Klos. Acervo MAHP.

A segunda consiste numa paisagem branca pela geada, que lembra a neve européia.

Acervo MAHP



Foto 8 - Vista de Neu-Württemberg, inverno de 1925.
Fotógrafo: Adam Klos (?). Acervo MAHP.

Não foram encontrados dados a respeito da circulação das imagens fotográficas produzidas sobre Neu-Württemberg. No entanto, sabe-se que alguns pontos que remetiam à imagem que a colônia pretendia divulgar, como a Igreja Evangélica Luterana, ou economicamente exploráveis, como a cascata do rio Palmeira, foram transformados em cartões-postais coloridos, editados na Alemanha, o que indica que as imagens circulavam entre os estabelecidos na colônia e seus familiares.

Os postais retratando a Igreja Evangélica Luterana assemelham-se a algumas paisagens européias.



Foto 9 - Cartão-postal da Igreja Evangélica Luterana de Neu-Württemberg. Produzido pela Graser & Schneider, Leipzig C1. 1930. (14x9, altura x largura). Acervo MAHP.

Sua arquitetura, semelhante a igrejas da Alemanha era realçada no postal.

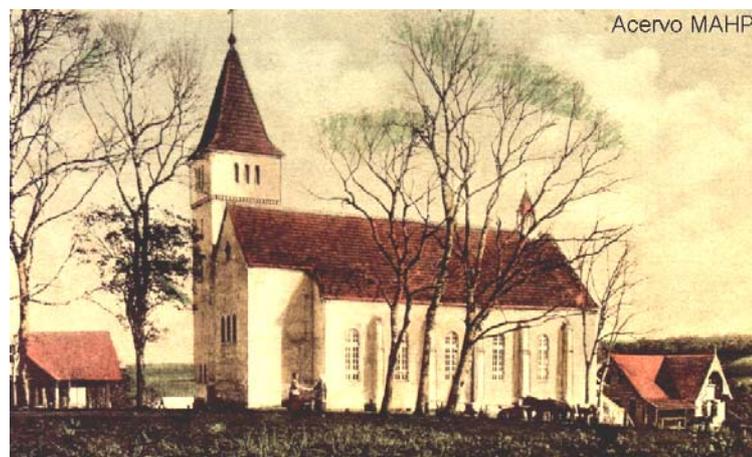


Foto 10 - Cartão-postal da Igreja Evangélica Luterana de Neu-Württemberg. Produzido pela Graser & Schneider, Leipzig C1. 1930. (9x14, altura x largura). Acervo MAHP.

O potencial hídrico da colônia também servia como atrativo (agregando valor aos lotes), pois a energia hidráulica possibilitava a instalação de moinhos e serrarias, acenando ainda para outras possibilidades, como a produção de energia elétrica.



Foto 11 - Cartão-postal da Cascata do rio Palmeira. Produzido pela Graser & Schneider, Leipzig C1, 1930. (9x14, altura x largura). Acervo MAHP.

Identificamos ainda três fotografias que participaram de uma exposição, promovida pelo Instituto de Stuttgart, intitulada “Aus der Auswanderungs – Ausstellung des Deutschen Ausland”, que pretendia mostrar os emigrantes alemães no estrangeiro, o que se constituía em excelente oportunidade para Herrmann Meyer expor o seu empreendimento e conseqüentemente atrair pessoas interessadas em emigrar. As fotos são do formato cartão postal e representam Neu-Württemberg do final da década de 1910. Nelas, transparece a imagem de um “próspero” povoado em formação, relativamente organizado, com casas construídas e contando com préstimos religiosos, além de recursos naturais estratégicos como água, terra e madeira.

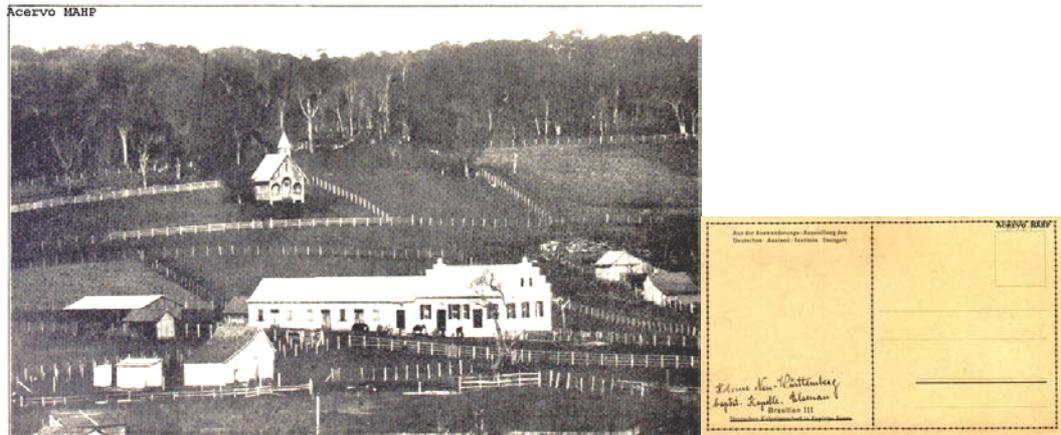


Foto 12 – Capela Batista, Elsenau - Neu-Württemberg. Cartão-postal. (9x14, altura x largura). Acervo MAHP.



Foto 13 – Elsenau em Neu-Württemberg/RS. Cartão-postal. (9x14, altura x largura). Acervo MAHP.



Foto 14 – Colônia Alemã Elsenau em Neu-Württemberg/RS. Cartão-postal. (9x14, altura x largura). Acervo MAHP.

Além dos meios de divulgação já citados, Grützmann menciona que em 1925 foi publicado o anuário “*Neu-Württemberger Illustrierter Familien Kalender Siedlungshort*” (Anuário da Família Ilustrado Refúgio da Colônia de Neu-Württemberg), que circulou apenas nos anos de 1925 a 1927 e foi editado por Fr. W. Bruggemann, proprietário da Tipografia e Livraria Fr. W. Bruggemann, estabelecidas na mesma localidade.¹⁹⁶ O caráter de propaganda ficava evidente nos objetivos da edição:

informar os novos imigrantes sobre as peculiaridades e sobre as condições de colonização dessa área do Rio Grande do Sul, estendendo-se, essa meta, tanto aos oriundos da Alemanha quanto aos provenientes das antigas colônias do Estado que se dirigiram para Neu-Württemberg em busca de novas terras para o cultivo. (...) almeja, em última análise, fomentar a imigração alemã para Neu-Württemberg e arredores.¹⁹⁷

Também o fato de incentivarem explicitamente seus leitores a enviarem a publicação para a Alemanha, principalmente para aqueles parentes desejosos de emigrar, evidencia o caráter de propaganda. O próprio título do anuário remete a uma das representações produzidas no período a respeito de Neu-Württemberg, que visava atrair compradores para os

¹⁹⁶ GRÜTZMANN, op. cit., p. 161.

¹⁹⁷ CHANCELER MARX, apud GRÜTZMANN, op. cit., p.161.

lotes: a idéia de que seria um “refúgio” para os (i) migrantes/descendentes alemães, um lugar onde haveria, realmente, a possibilidade da manutenção de suas características étnicas.

Ao analisar o periódico, Grützmann destaca que seus editores pretendiam torná-lo um elo de ligação com a sua terra de origem, ou seja, “*estabelecer uma ponte até a Heimat*”.¹⁹⁸ Esse propósito visava conservar a ligação com a terra de origem pela germanidade, como atestava o lema adotado pela publicação, “*do que tu herdaste dos teus antepassados, debes apropriar-te, a fim de possuí-lo*”.¹⁹⁹ Nesse sentido, segundo Grützmann, o anuário voltava-se para a defesa da germanidade, contribuindo tanto para a união dos “falantes de alemão”, quanto para sua ligação com a *Heimat*, aspectos que ficam evidentes no texto do chanceler alemão Marx, publicado em Neu-Württemberg. De acordo com a mesma autora,

O autor parte do pressuposto de que a germanidade estende-se para além das fronteiras políticas da Alemanha, pois há séculos os imigrantes alemães, ao se estabelecerem em novas terras, fertilizaram esse espaço e contribuíram para o elevado apreço que o trabalho alemão e a diligência germânica granjearam ao longo do tempo.²⁰⁰

Nas palavras do chanceler,

nós não esperamos dos alemães no exterior nenhum apoio de ordem político que pudesse gerar conflitos com a sua nova *Heimat*. Nós esperamos, contudo, auxílio e apoio em todas os nossos empreendimentos, no sentido de estreitar os laços culturais que nos unem. Com essa atitude os alemães no exterior servem tanto a sua nova *Heimat* quanta a humanidade.²⁰¹

Percebe-se que o periódico ressaltava a preocupação de alguns grupos estabelecidos em Neu-Württemberg com a preservação da germanidade e com a manutenção dos laços com a Alemanha: “Lembra-te de que tu és um alemão”,²⁰² incitava a publicação.

Assim, percebe-se que a propaganda pretendia destacar as possibilidades de desenvolvimento econômico que a colônia oferecia, bem como a preocupação em manter a cultura alemã e a ligação com a *Heimat*, tanto que os textos produzidos por Meyer afirmavam que o lugar seria povoado apenas por indivíduos deste grupo étnico e as imagens fotográficas

¹⁹⁸ GRÜTZMANN, op. cit., p. 91.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 93.

²⁰⁰ Ibidem, p. 163.

²⁰¹ CHANCELER MARX apud GRÜTZMANN, op. cit., p. 163.

²⁰² Ibidem, p. 161.

apresentavam além de uma paisagem natural, uma arquitetura semelhante à pátria de origem. Desta forma, para os (i)migrantes/descendentes, Neu-Württemberg configurava-se como uma “Alemanha no Brasil”, representação também amparada na saudade, fator mencionado por Rubem Alves: “os olhos normais vêem as ruas, os muros, os jardins do jeito mesmo como eles são, (...) já os olhos que a saudade encantou ficam dotados de estranhos poderes mágicos: eles vêem as ausências, o que não está lá, mas o que o coração deseja”.²⁰³

2.3.4 Hermann Faulhaber

Para reforçar ainda mais o caráter germânico e protestante de Neu-Württemberg, Meyer contratou em 1902 o pastor Hermann Faulhaber e sua esposa, Marie, professora, ambos naturais de Württemberg. Uma vez instalados, assumiram, além da Igreja Luterana, a escola e a administração da colônia, até 1926. Esse período foi marcado por grandes obras de melhorias das condições de trabalho, comunicação e habitação, com um constante aumento populacional, “quase todas as semanas chegam aqui verdadeiras caravanas de colonos procedentes da zona das colônias velhas, como seja de S. Cruz, Estrela, Lajeado, S. Lourenço, etc.”²⁰⁴

Faulhaber compartilhava os mesmos ideais de Meyer,

quanto mais penso em poder contribuir com o meu modesto quinhão para desenvolver a grande obra de colonização e cultura, tanto maior, mais linda e mais atraente ela se me afigura. Sinto-me feliz em poder colaborar em tão nobre tarefa que me é apontada por minha inclinação e por meu estudo.²⁰⁵

No Natal de 1903, após um ano no Brasil, informava a Meyer,

Preciso dizer-lhe que minha esposa e eu ainda nos sentimos muito bem aqui, que estamos entusiasmados com o nosso trabalho e que, apesar das muitas dificuldades, olhamos confiantes para o futuro. Queira a nossa querida Neu-Württemberg prosseguir em sua ascensão vigorosa também no ano novo.²⁰⁶

²⁰³ ALVES *apud* RAMOS, *op. cit.*, p. 127.

²⁰⁴ ÁLBUM de recortes de jornal de Minoly Gomes de Amorim, 31, ago. 1911.

²⁰⁵ FAUSEL, *op. cit.*, p. 15.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 15.

Ambos idealizam um projeto de colônia germânica; a diferença consistia apenas no fato de que Faulhaber estava diretamente envolvido em sua implementação.²⁰⁷ De acordo com Grützmann, o sucesso da parceria entre Meyer e Faulhaber fez com que a “fama de Neu-Württemberg como colônia para alemães penetrasse não apenas nas antigas colônias, mas também na velha pátria”.²⁰⁸ Nas palavras de Roche, “um exemplo notável de homogeneidade no povoamento, que foi essencialmente germânico e, em grande maioria, protestante”.²⁰⁹

Conforme Malheiros,²¹⁰ a vinda de Hermann Faulhaber inaugurou uma era de progresso. O mesmo fundou a sociedade de cantores, de atiradores, iniciou e organizou a biblioteca da comunidade, elaborou os estatutos da Primeira Cooperativa Agrícola, providenciou sementes e deu assistência aos agricultores. Em 1910 pleiteava, junto à Viação Férrea de Santa Maria, uma estação ferroviária para o povoado, argumentando que o “constante aumento do volume de exportação e importação da colônia fazia com que se tornasse cada vez mais premente a reivindicação de ser situada uma parada...”²¹¹ A “Estação Belizário” seria inaugurada em 1911. No mesmo ano, o administrador negociou com uma empresa telefônica o uso desta tecnologia, contando com 14 aparelhos, ligados nos idos de 1914.

Ainda em 1911, Johann Friedrich Brendle idealizava o uso de Bondes Elétricos para ligar Neu-Württemberg a Cruz Alta. A idéia não sairia do papel, mas apontava para uma significativa visão de desenvolvimento e urbanização.²¹²

Em 1913, construiu-se uma ponte sobre o rio Caxambú, ligando Panambi, Belizário e Cruz Alta. A agência dos Correios fora inaugurada e, mais tarde, Eduardo Hempe tornar-se-ia representante do Banco Transatlântico em Neu-Württemberg.

No ano de 1914, já havia diversas oficinas e prestação de serviços na vila: carpinteiros, Uhr e Knorr; marcenaria, Knorr e Goecks; carpintaria, Soerensen; tornearia, Schumann; funilaria Eilert; ferraria, Kepler e Beckert; pedreiro, Restel; pintor, Zügel; sapateiro, Rogge; cervejaria, Nickhorn e oficina de máquinas agrícolas, Uhr.²¹³

²⁰⁷ A partir de então, a empresa teve outros administradores, dentre eles Paul Pflugel, até a sua falência na década de 1950. Cf. MICHELS, 2001; FAUSEL, 1949.

²⁰⁸ GRÜTZMANN, op. cit., p.387.

²⁰⁹ ROCHE, op. cit., p. 348.

²¹⁰ MALHEIROS, Adil Alves. **O vale das borboletas azuis**. Panambi: Publipan, 1979.

²¹¹ ASSOCIAÇÃO DOS ESCRITORES DE PANAMBI, op. cit., p. 48.

²¹² Ibidem, p.51.

²¹³ MALHEIROS, op. cit., p. 42.

Já em 1915, Faulhaber conseguiu um auxílio de 1.000\$000 para a construção e reforma de estradas.²¹⁴ Em 1916, Panambi ganharia um cartório civil, energia elétrica e seria elevada a sede do 8º distrito de Cruz Alta. A partir de 1917, várias pontes foram construídas, algumas por iniciativa particular, outras sob responsabilidade do poder público.

No entanto, o “desenvolvimento” de Neu-Württemberg não havia se revertido em lucros para a empresa colonizadora e em fins da década de 20 a mesma se encontrava envolta em dívidas. Diante da crise, que parecia irreversível, Faulhaber sucumbe e em 1926 comete suicídio.

2.4 RELAÇÕES ENTRE NACIONAIS, IMIGRANTES E TEUTOS EM NEU-WÜRTEMBERG/PANAMBI

No século XVIII, a região de Cruz Alta pertencia aos povos da redução missioneira de São João Batista, integrante dos Sete Povos das Missões. Além disso, era um dos caminhos dos tropeiros que viajavam rumo a Sorocaba (São Paulo), o que possibilitou a formação do povoado, fundado em 18 de agosto de 1821. Elevada a vila, Cruz Alta transformou-se em centro político e econômico, posição que manteve por todo século XIX e início do XX. Em 1889, com a mudança do regime, converteu-se num reduto republicano (Partido Republicano Rio-Grandense), chefiado pelo coronel Firmino de Paula.²¹⁵

Ao mesmo tempo, as terras mais afastadas da sede cruzaltense também foram sendo povoadas, como a área da futura colônia Neu-Württemberg. Entre seus povoadores, estavam os estancieiros e posseiros luso-brasileiros, os quais, mesmo estabelecidos de forma isolada, mantinham relações comerciais entre si e com cidades da região. João Luiz Malheiros, por exemplo, explorava uma cascata no arroio Farinheiro, onde montou uma atafona para a

²¹⁴ Ibidem, p.53.

²¹⁵ Cf. FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

fabricação de farinha de mandioca. Em 1880, juntamente com seus filhos, inaugurou uma loja de secos, molhados e ferragens, além desta, instalou uma olaria para fabricar telhas e tijolos. Entre seus clientes, havia negociantes de Santa Maria, Porto Alegre e locais da campanha gaúcha.²¹⁶

Já outro morador, Francisco Manoel de Barros, possuía uma serraria e um engenho de farinha, além de trabalhar no comércio de sal, daí o apelido Chico Saleiro. Era tão conhecido na época que a atual Panambi chegou a ser conhecida como Salina em referência ao comerciante. Dentre suas posses estava o terreno que hoje compõe o Centro de Panambi e que foi vendido, mais tarde, para a empresa colonizadora.²¹⁷

O povoamento da área de Neu-Württemberg por (i)migrantes de origem alemã iniciou-se em julho de 1899, com a vinda dos primeiros colonos, oriundos das colônias velhas,²¹⁸ ou seja, dos vales dos rios Pardo e Taquari e do Sul do Estado. Tratavam-se de descendentes de alemães já nascidos no Brasil, chamados de teuto-brasileiros. Isso demonstrava uma primeira concessão ao projeto original de colonização, já que esse pretendia formar uma colônia apenas para imigrantes alemães vindos de Württemberg. Conforme Roche,

Durante uns trinta anos, as antigas colônias forneceram da metade aos dois terços dos novos habitantes da colônia; Neu-Württemberg poderia também ter-se chamado “Nova Teutônia”, pois a antiga colônia deste nome deu, sozinha, quase o terço do contingente deles, de 1905 a 1935. Não só Neu-Württemberg serviu de exutório às antigas colônias, mas seu desenvolvimento foi facilitado pela homogeneidade e pela experiência pioneira da maior parte de seus fundadores.²¹⁹

O preço do lote de 25 hectares era de oitocentos mil réis no ano de 1900 e um conto de réis em 1901. Em 1912, uma colônia já valia entre 2 e 3,5 contos de réis. A fase de implantação se consolidara até fins de 1902, quando 90 famílias já haviam se fixado nas diversas linhas coloniais. A partir de 1906 já se delineava uma área com características de vila, com a multiplicação do número de casas, principalmente em torno da praça e das quadras centrais.²²⁰

²¹⁶ MALHEIROS apud NEUMANN, 2003, op. cit., p.97.

²¹⁷ Cf. MALHEIROS, 1979.

²¹⁸ Ou seja, cidades como Santa Cruz, Estrela, Lajeado, São Lourenço, etc.

²¹⁹ ROCHE, op. cit., p. 349.

²²⁰ Cf. ZARTH, 1997; LEITZKE; NEUMANN, 2005.

Os imigrantes viriam somente anos depois, e em maior escala nas décadas de 20 e 30.²²¹ A base econômica da “futura” cidade seria estruturada, principalmente, a partir das potencialidades destes dois grupos:

essa gente toda que veio da Alemanha veio com o conhecimento até mais de um ofício. Vieram para a agricultura, mas vieram com ofício, por isso que os primeiros que aqui se radicaram fizeram uma ferraria, uma elétrica, moinho, a família Knnor fez uma usina elétrica, a família Kepler fez a ferraria, e o moinho não sei quem fez. Mas é interessante esta composição das origens. E os daqui que vieram da imigração interna eram apenas agricultores, que só conheciam o trabalho na terra. Essas indústrias que estão aí elas são resultante da imigração externa. Os que vieram da imigração interna foram trabalhar no comércio, foram trabalhar na agricultura principalmente.²²²

Combinação que de acordo com Petrone era

duplamente vantajosa, uma vez que os primeiros trazem um equipamento técnico e cultural mais moderno e os segundos já contam com uma experiência em atividades agrícolas mais condizentes com a realidade do país. Esse fato talvez tenha tornado menos dramáticos os primeiros momentos em áreas novas de colonização.²²³

No entanto, em Neu-Württemberg, as posições estratégicas como administração, ensino, atendimento religioso e organização de atividades culturais, eram reservadas aos imigrantes, o que gerava certo desconforto entre alguns teutos. Percebe-se, então, a existência de conflitos gerados por disputas de poder e por diferenças culturais, não apenas entre germânicos e nacionais, mas também dentro do próprio grupo étnico/alemão.

Ao chegarem em Neu-Württemberg, os (i)migrantes/descendentes constatavam que a área era povoada por alguns luso-brasileiros, o que lhes causava duplo espanto: primeiro, porque conforme a propaganda da empresa colonizadora o lugar era “desabitado” e, segundo, porque as diferenças culturais entre ambos eram latentes, como se percebe nas palavras de Wahlbrink: “A gleba comprada pela Colonização Herrmann Meyer, era fechada. Foi comprada e paga. E o contrato dizia desabitado. E esses ‘caboclinhos’ tavam morando ali. Bicho do mato a gente chamava eles”.²²⁴

O negócio realizado entre a colonizadora e os fazendeiros certamente não beneficiou aos posseiros e “agregados” que já viviam naquela área.

²²¹ Existe no Museu e Arquivo Histórico de Panambi uma listagem de imigrantes alemães que ingressaram no povoado nas décadas de 20 e 30, perfazendo um total de 176 famílias, discriminando o número de membros de cada família, resultando em mais de 600 pessoas, bem como o local de estabelecimento.

²²² SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²²³ PETRONE, op. cit., p. 122.

²²⁴ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Então chegava um caboclinho àqueles que a família não levou junto, a família dos donos daquelas glebas enormes de terras. Eles diziam, mostravam enxada (o imigrante entendia que queriam trabalhar). Daí ganhava uns níqueis, além da comida, vinha pra vila se embriagar com cachaça. Digo, não cuidava de guardar esse dinheiro pra comprar uma roupa melhor, pra ir ao barbeiro, até se degenerava, a cachaça fazia o resto...²²⁵

A má impressão não se restringia apenas ao grupo formado pelos “caboclos”, mas também aos fazendeiros: “Eles tinham tudo, eles eram os donos de tudo! Nos primeiros anos de 1910, 1912, 1914, 1915...começaram a vender...Quando não tinham mais dinheiro vendiam um pedaço de terra e era festa o resto do ano, até que não tinha mais nada...”²²⁶

De acordo com Prass,

já havia na área aqui, mais ou menos umas 500 pessoas quando vieram os primeiros alemães. Sim, porque eles vieram lá por mil oitocentos e pouco. Tinha os Malheiros, os Moura, o Encarnação, os Bairros, vieram de São Paulo principalmente. E eles se fixaram por aí, mas não... Como é que eu vou dizer... Eles não criaram, eles ficaram vegetando, vivendo assim... Não criaram nada de progressista... E os alemães eram interessados em crescer.²²⁷

Nesse contexto, as atitudes dos nacionais serviam para sustentar o imaginário germânico. Isto é, as atitudes extremas calcavam esta representação que era contrastada com seu grupo étnico. Segundo Seyferth,

Os grupos imigrados construíram suas identidades étnicas (...) baseados na percepção das diferenças em relação a sociedade brasileira. (...) A retórica etnocêntrica que acompanhou a elaboração das identidades estabeleceu o caboclo como o outro, o oposto ao imigrante europeu. Categoria usada como sinônimo de brasileiro. Esse sistema categórico construído por oposição envolve, principalmente, critérios raciais e formulações subjetivas acerca do caráter e da mentalidade- em que o caboclo aparece como indivíduo racialmente inferior, e o epíteto de “preguiçoso” é o menos carregado de intenções pejorativas(...) na representação do pioneiro, a categoria colono (trazida do jargão oficial) identifica os imigrantes europeus e seus descendentes e a colonização é definida como um processo civilizatório instaurado

²²⁵ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²²⁶ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²²⁷ PRASS, Bruno. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

na selva brasileira. Nela certamente o caboclo brasileiro ocupa a oposição de bárbaro diante de civilizados!²²⁸

Por exemplo, a afirmação de que enquanto os luso-brasileiros pobres muitas vezes gastavam seu dinheiro na compra de cachaça ou, no caso dos mais abastados, vendiam suas terras para financiarem festas, os alemães se dedicavam integralmente ao trabalho, tido como uma de suas principais características étnicas:

Até os 17 anos, eu não admitia se alguém me chamasse de brasileiro. Brasileiro pra mim era sinônimo de vergonha, sujeira, mal cheiro, cabeludo, barbudo, bêbado e esfarrapado e sujo. É a imagem que, a gente não tinha outra imagem. Depois, mais tarde, com os que Cruz Alta mandavam pra cá, sub-prefeito, sub-delegado, também não eram lá sempre uns, umas pessoas que a gente pudesse respeita, orgulho, foi uma transição terrível. Pra mim foi horrível. E depois eu casei com uma alemoazinha. E quando os alemães conversam sobre ‘os brasileiro’, é pra ver que imagem que eles carregam do peãozinho que foi esquecido por aí...²²⁹

Desta forma, “quando vinha um, cabeludo, barbudo, esfarrapado, sujo e bêbado, nós, os brasileiros sem saber que somos brasileiros, ‘olha um brasileiro, olha um brasileiro’. Ele vinha da campanha, bêbado e nós vinha atrás gritando, ‘olha um brasileiro, olha um brasileiro’”.²³⁰ O próprio termo “brasileiro” era usado de forma pejorativa, para identificar o que se considerava como o “outro”. Kepler destaca, “a gente não tinha outra imagem.” Logo, quando esses alemães e descendentes, no período do Estado Novo (1937-45), foram compelidos a assumirem uma identidade brasileira, houve uma forte resistência, como ressalta Kepler: “Agora, muda essa imagem. Crie o orgulho de ser brasileiro dentro de você, como era o meu caso. É uma trabalhadeira tremenda, viu”. Acresce ainda:

quem foi que transformou a mente da gente pra dizer eu sou brasileiro com orgulho? Não, a Companhia Herrmann Meyer de colonização comprou as terras. Os fazendeiros se foram, mudaram lá pra Palmeira, Santa Bárbara do Sul, Cruz Alta, e deixaram alguns caboclinhos meio perdidos por aí. Quando vieram os imigrantes tomar conta, vamos agora usar essa expressão, eu sou brasileiro, mas os brasileiros contra os alemães não se comunicavam a não ser por sinais.²³¹

Os alemães/descendentes não conseguiam associar a imagem dos “nacionais” com algo positivo. Assim, procuravam marcar a fronteira que os separava dos primeiros, na qual

²²⁸ SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: **Região e nação na América Latina**. Org. ZARUR, George Cerqueira Leite. Brasília: UnB, s.d. p. 97-98.

²²⁹ KEPLER, Walter Roberto. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 18, fev. 2002.

²³⁰ KEPLER, Walter Roberto. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 18, fev. 2002.

²³¹ KEPLER, Walter Roberto. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 18, fev. 2002.

elegiam como características diferenciadoras seu apreço pelo trabalho e a preocupação em manter aspectos de sua cultura, principalmente a língua. Segundo Seyferth: “uma imagem construída por oposição a brasileiros estereotipados, num contexto de identidades contrastivas”.²³²

2.4.1 “... por isso que sempre quando dá uma guerra dá com eles!”

Os europeus imigrados no século XX procuravam manter, de forma mais intensa que os teutos, os laços que os ligavam à terra natal.²³³ “Eles vieram pra sobreviver. Trazendo de lá a cultura social tudo isso trouxeram de lá. Fundaram escolas, as igrejas, fundaram tudo isso. Mas eles não deixaram de ter uma profunda ligação com a Alemanha...”²³⁴ Característica que incomodava tanto alguns (i)migrantes e descendentes alemães quanto muitos nacionais: “Tinha também uns alemães que eram, que gostavam de dizer que a Alemanha era muito melhor, que não sei o que... aí eu mesmo, pessoalmente, cansei de dizer, mas então vão pra Alemanha, vão pra lá!”²³⁵

Os imigrantes trouxeram conhecimentos sobre si e o mundo que eram ignorados pela comunidade local: “As fábricas das quais o Sr. Faulhaber nos tinha falado com muito

²³² SEYFERTH, Giralda. A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica, p.23. In: MAUCH, Claudia. VASCONCELOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

²³³ Os imigrantes que afluíram para o Brasil em 1824 provinham de uma Alemanha não unificada, que estava iniciando sua fase de industrialização e destinavam-se prioritariamente à agricultura, muitos procuravam esquecer seu passado pobre na terra natal e reiniciar sua história a partir da chegada ao Brasil. Já os que emigraram no século posterior, deixavam uma Alemanha unificada (1871), industrializada, em ampla expansão, que embora não desse conta de atender às necessidades econômicas de toda sua população, era vista como referência, tanto que muitos alimentavam o sonho do retorno.

²³⁴ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²³⁵ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

entusiasmo, eram para nós que vínhamos da Europa, pequenas oficinas instaladas em prédios de madeira já bastante velhas...”²³⁶

Essas diferenças são ressaltadas, em momentos específicos, como no seguinte relato:

Comparado ao alemão, o teuto-brasileiro é um trabalhador capaz e cioso de seu valor, com um intelecto pouco ágil e com visão limitada, dotado de pouco altruísmo, "cabeça-dura" e muito conservador, a quem freqüentemente a forma interessa mais que o conteúdo, de maneira que quase se poderia dizer que ele cuida da escola mais por um instinto atávico do que movido por uma necessidade interna. Uma grande qualidade é a sua forte inclinação familiar associada com uma bem desenvolvida consciência racial. [O alemão imigrante] é intelectualmente mais vivaz e polivalente e mais aberto a novas idéias.²³⁷

Nem teutos nem brasileiros possuíam as mesmas “qualidades”. A cultura européia trazida por esses imigrantes, bem como a própria Europa eram apresentados como melhores: “... eles tinham uma arrogância maior, não podemos esquecer, esse pessoal, eles eram arrogantes. Eles vinham numa terrinha pequena, com uma tecnologia avançada contra a nossa! Eles queriam que eles fossem os que davam, assim, as tintas...”²³⁸ Ou seja, queriam mandar.

Eles eram arrogantes assim pela situação... Eles sempre achavam que só eles tinham razão! E o resto, pode ser até alemão que veio de lá, ou já brasileiro nascido no Brasil, eles sempre achavam que eles eram mais inteligentes! Nunca, eles são é arrogante por natureza! Não existe! O alemão é arrogante por natureza! Isso não adianta! Por isso que sempre quando dá uma guerra dá com eles!²³⁹

Segundo Wahlbrink, os imigrantes apresentavam “sempre aquela expressão de superioridade, de raça superior”.²⁴⁰ Nelci Santos sintetiza suas impressões a respeito desse fato:

²³⁶ Carta escrita por Gertrud Schmitt-Prym, após o final da II Guerra Mundial. Trad. e datil., Museu e Arquivo Histórico de Panambi (MAHP).

²³⁷ BESTAND, apud MEYER, Dagmar E. Estermann. “Alemão”, “estrangeiro” ou “teuto-brasileiro”? Representações de docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Disponível em: < <http://www.anped.org.br> > Acesso em: 28 de dez. 2002.

²³⁸ WAHLBRINK. Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²³⁹ WAHLBRINK. Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁴⁰ WAHLBRINK. Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Era porque eles tinham mais... e um pouco de racismo, eles tinham, assim, não eram todos, tinha gente.... que era bem social assim, que a gente já via que aquilo, eu acho que é uma coisa que já traz de casa! Que tem uns que são bem radicais e não querem saber e chamavam a gente de schwartznegger [negro preto] e era! Então, aí a gente vê que aquilo já vem de casa. E tinha outros que eram bem equilibrados!²⁴¹

Enfim, percebe-se que essa relação triangular entre nacionais, teutos e imigrantes era mais complexa do que geralmente é apresentada. No cotidiano das regiões coloniais, os conflitos étnicos nem sempre eram visíveis, como atesta o discurso de um representante luso-brasileiro em saudação ao cônsul alemão em Neu-Württemberg: “os brasileiros e alemães aqui estão de tal modo confraternizados que jamais se preocupam com estéreis questões de raças, religião ou mal entendido patriotismo; que a luta que a todos preocupa e que de dia a dia mais se impõe é a luta do trabalho, mas essa é a grande luta que dignifica o homem, a pátria e a família.”²⁴²

Esta “harmonia” é confirmada por Schneider, o qual destaca o fato de que, se por um lado, havia a tentativa de manter a cultura germânica, por outro, a negociação estava presente no dia-a-dia dos colonos que viviam o que Stuart Hall chamou de “tradução”.²⁴³ Para essas pessoas, um estava aprendendo com o outro, a fim de viverem no mesmo universo, sem abandonarem suas singularidades.

Nós nos relacionávamos muito bem. Os alemães, os brasileiros daqui começaram a aprender a falar em alemão e os alemães aprenderam a falar o português. Aí um e outro se entendiam, não havia, não havia uma forte ojeriza entre as raças, entre as raças que aqui existiam e os que vieram de fora.²⁴⁴

No entanto, este convívio era circunscrito pela distância geográfica:

Panambi tinha assim a beira do campo era dominada pelos chamados caboclos, e a cidade tinha só um nucleozinho que era que era a Vila Nova ali que era, que era oprimida da vinda lá do pessoal do campo, eles moravam na cidade e o resto era, essa região aqui assim era quase que puro de origem alemã. E a Iriapira, e o Rincão ali era difícil achar um que era de outra etnia, era tudo, isso era tudo alemão.²⁴⁵

²⁴¹ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

²⁴² ÁLBUM de Recortes de Minoly Gomes de Amorim, (1913). Museu e Arquivo Histórico de Panambi (MAHP).

²⁴³ Cf. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002; HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

²⁴⁴ SCHNEIDER. Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²⁴⁵ WAHLBRINK. Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Também por fatores políticos e econômicos:

ocês veja só, os brasileiros estavam radicados no campo, quase não participavam das coisas. Eles eram, tinham no máximo um cavalo e uma carroça, o campo era campo, campanha. Os alemães que estavam mais na parte colonial, na área de mato, onde era mato, esses mais vinham para a cidade... Os brasileiros não, eles ficavam mais fora da cidade. Por isso que não houve nunca um grande choque assim, de idéias políticas.²⁴⁶

Por sua vez, os luso-brasileiros afirmavam que “acostumaram” com os alemães, ou com o fato destes deterem o poder econômico, político e cultural na localidade: “Não, mas eu não sei, a gente, até não, a gente não se implicava muito... eu acho que a gente era... eu tava tão acostumada a conviver só quase com os alemães aí, que eu achava tudo natural...”²⁴⁷ Existia um distanciamento entre nacionais, imigrantes e teutos, havendo divergências dentro do próprio grupo étnico alemão. Todavia, essas discrepâncias eram consideradas “naturais” nas relações cotidianas, sendo que, quando a negociação não era possível, emergia então a diferença: “Todos os de origem alemão que vieram para o município de Panambi, era bem separado, isso era bem separado!”²⁴⁸

2.4.2 O lazer

As instituições de lazer e as festas daí advindas desempenhavam um papel importante no estabelecimento da fronteira étnica, pois possibilitavam a continuidade da cultura através do uso da língua alemã, da constante lembrança da pátria mãe e da minimização da presença dos nacionais. Nas palavras de Klos, “olha, poucos (brasileiros) participavam.”²⁴⁹

Em Neu-Württemberg havia diversas entidades destinadas às práticas de lazer como sociedade de atiradores, sociedade de lanceiros – um esporte que envolvia cavalos, nos quais

²⁴⁶ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²⁴⁷ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

²⁴⁸ CAVALHEIRO, José dos Santos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 23, fev. 2002.

²⁴⁹ KLOS, Otmar Sigismundo. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 21, fev. 2002.

os luso-brasileiros apresentavam maior destreza, o que lhes facultava acesso a estas entidades –, sociedade de ginástica e sociedade de cantores/corais. Wahlbrink refere:

eles então, anualmente, se reuniam para um encontro de corais! Então era, naturalmente, canções específicas, em alemão, eles cantavam, pra abertura, cantavam o hino nacional, mas também, todos cantavam o hino alemão, eu aprendi a cantar o hino nacional na aula, hoje não sei mais ele de cor, mas a melodia eu sei, mas o hino alemão também nós cantava, da Alemanha.²⁵⁰

A música tocava a “alma” dos (i)migrantes/descendentes, constituindo-se um dos mais significativos instrumentos para preservar a cultura, já que remetia às lembranças da Alemanha e à exaltação de seus valores, conforme Grützmann, “o germanismo escolhe a canção em língua alemã como sua principal aliada na luta em prol da manutenção da germanidade”.²⁵¹

Entre as principais comemorações da localidade, estava o “*Unser Tag*” (nosso dia), relativo ao 25 de julho, como registrado na foto, que procurava manter a memória da imigração.²⁵² Essas festividades eram marcadas por um momento cultural, quando ocorria a apresentação de peças de teatro, declamação de poesias, cantos. Encerrava-se geralmente com um baile.



Foto 15 - Festa do “Unser Tag” em Neu-Württemberg, 1924. Disponível no MAPH

²⁵⁰ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁵¹ GRÜTZMANN, op. cit., p. 208.

²⁵² Cf. WEBER, Roswithia. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: O “25 de julho” em São Leopoldo, 1924-1949**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

Outro aspecto relacionado aos locais de lazer consistia na retomada de uma cultura de se reunir em “bares”, onde se difundiam e reatualizavam alguns hábitos alimentares, trazidos da Alemanha e adotados como típicos do grupo étnico como um todo.

Os que vieram de fora, da Alemanha, eram muito, é outra coisa que propicia, os invernos, os frios intensivos, a vivência em família, a vivência em bares, a vivência em restaurantes. Eles gostavam de, dali surgiu o chopp, a rosca de sal, ali surgiu a mortadela, que na época já fazia, e o que mais gostava era ir num bar assim de alemães, tinha uma meia dúzia de bares assim em Panambi, eles gostavam de trabalhar, mas não deixavam de festejar, eles cantavam, faziam aula de canto, tudo isso trazido de lá (da Alemanha). Eles trouxeram uma cultura de boa vida. De boa vivência social, cultural, social. Depois disso, eles trouxeram uma comida, eu me lembro disso, que tinha um bar Otto Raiche. Era uma meia dúzia de bar que tinha aqui em Panambi, não eram bares como se tem hoje, onde os cara bebem cachaça. Não pensem isso. Eram mesmo, *eram gente de família que iam lá.*²⁵³ (*grifo nosso*).

Por sua vez, o cuidado com a família também se destacava durante os encontros de lazer. Quando se reuniam para dançar, a etnia definia o par, muitas vezes, a contragosto dos mais jovens:

Naquele tempo, a gente ia nos bailes, era baile de salão, todo mundo ia! Então, se gostava, dançava e tudo assim! Mas o alemão é muito mais racista! O alemão assim é, se os alemãozinho dançavam com uma brasileira já recebiam advertência depois em casa! Eles não queriam muito! Aí, às vezes, a gente encontrava! Que nem na praça, não tinha, a gente se encontrava, na matiné, nos domingos... e aí diz, a minha mãe quer que eu dance só com fulana, que é alemoa, mas eu não vou dançar porque eu gosto mais de dançar com vocês! Eu digo, a tu dança com quem tu quer! Quem sabe tu dança um pouco com as tuas alemoas! (risos).²⁵⁴

Desse modo, o casamento endogâmico, que pretendia assegurar a continuidade da cultura, era considerado fundamental, quase uma obrigação moral e quando não ocorria podia gerar grandes desavenças. Nesse sentido, Roche afirma que enquanto na maioria dos municípios que haviam sido colonizados por (i)migrantes/descendentes alemães a endogamia diminuía na década de 1960, em Panambi e Santa Rosa continuava a elevar-se.²⁵⁵

Os mais jovens costumavam participar de grupos de juventude, ligados à igreja, realizar excursões, piqueniques, acampamentos, passeios a cavalo, natação, ginástica, futebol,

²⁵³ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²⁵⁴ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

²⁵⁵ ROCHE, op. cit., p. 611.

etc. Na segunda metade da década de 30 também se formou em Panambi um grupo de escoteiros, nos moldes da Juventude Teuto Brasileira, cuja duração foi breve.²⁵⁶

Com a declaração de Guerra à Alemanha, em 1942, o governo brasileiro acirrou a vigilância sobre os alemães. Muitas entidades alemãs foram fechadas, mais tarde, quando reabertas, os germânicos procuravam demonstrar sua integração à nação brasileira, por exemplo, a partir da introdução de músicas em língua portuguesa no repertório dos corais,

as festas terminavam, as sociedades terminavam, eram proibidas, o *Schützenverein* (Sociedade de Tiro), o *Gesangverein* (Sociedade de Canto), tudo termina. Terminou com a guerra (preocupa-se com o gravador). Isso parou por um tempo, eles começaram depois da guerra, e aí foi cantado em brasileiro e em alemão. Isso era tão fácil, mas isso já podia ter acontecido antes, e por causa da nacionalização que veio tão ligeiro, todo mundo ficou assustado.²⁵⁷

Na conjuntura da Campanha de Nacionalização, Wahlbrink sinaliza para o fato de que muitos “brasileiros” passaram a contestar abertamente a segregação étnica que existia nas entidades associativas e nas festas:

Em festividades, quase não saía festas nesse interior, porque se vinha um (brasileiro), os de origem alemã achavam que eles não deviam participar. *E eles, como se diziam donos desta terra, não poder participar...* Então era sempre um perigo de saltar alguma encrenca maior! E sempre tinha um ou outro que, e isso ainda tem, alguém que se vem um, chama isso, um preto, já fica arrepiado, acha que isso não faz parte do negócio... Eu acho que isso, racismo é uma das coisas muito ruim, que não vão conseguir apagar tão fácil!²⁵⁸ (grifo nosso)

A Campanha de Nacionalização forçou modificações nas relações entre (i)migrantes/descendentes e nacionais, Veeck recorda: “porque daí eles (lusos brasileiros) tinham a força e os alemão ficavam quieto, não podiam fazê nada.”²⁵⁹ Desse modo, também reestruturou a fronteira étnica, pois se neste momento histórico a língua alemã começava a dar lugar à vernácula, outro aspecto “teria” que ser destacado para manter a diferença. Nesse

²⁵⁶ Em 1935, formou-se em Panambi um núcleo da Juventude Teuto Brasileira, a “Deutsch-Brasilianische Jugend”, a qual teve suas atividades encerradas em decorrência da Campanha de Nacionalização. A maior parte dos jovens locais, tanto rapazes como moças faziam parte. A coordenação ficara a cargo de Gustav Kuhlmann e Charlotte Wolgien.

²⁵⁷ RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Márcia Neumann. 23, fev. 2002.

²⁵⁸ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁵⁹ VEECK, Levino. Entrevista concedida a André Müller. Documento cedido pela secretaria da Paróquia Evangélica Panambi Centro (IECLB).

sentido, parece que o elemento diferenciador sublinhado foi a capacidade de trabalho, tida como grande característica do grupo étnico alemão.²⁶⁰

Segundo o relato de um jornalista que visitou Panambi, após o término da Campanha de Nacionalização:

Panambi, a primeira vista, causa uma boa impressão. Efetivamente, o progresso anda por ali com botas de sete léguas. As suas fábricas, os seus prédios modernos, uma agitação intensa da sua gente, tudo esta a atestar de que ali se trabalha de fato, pouco tempo existindo para divertimentos comuns a qualquer coletividade. Aliás, já no ônibus o chofer me advertia: o sr. não encontrará nenhum clube em Panambi, por que aquela gente lá não tem tempo para se divertir...²⁶¹

Em outras palavras, “aquela gente” só se preocupava em trabalhar, tanto é que chegava a abdicar do lazer, opção que naquele cenário também se configurava como uma qualidade que a caracterizava.

2.4.3 A Escola

Outro espaço utilizado para manter a cultura germânica e a conseqüente diferenciação dos nacionais foi a escola “privada teuto-brasileira”. Ela se caracterizava como uma instituição a serviço do *deutschum*. Nas primeiras décadas do século XX, o acesso à educação era restrito, pois nem todos os colonos dispunham de condições financeiras para manter os filhos em uma escola particular, o que se agravava quando as famílias eram mais numerosas. Atendendo a essas necessidades, em fevereiro de 1906, a municipalidade de Cruz Alta instalaria uma escola pública na área central da colônia, nomeando como professor o capitão republicano Minoly Gomes de Amorim.²⁶²

²⁶⁰O trabalho eficiente foi, desde o início, da colonização um dos traços eleitos para caracterizar o grupo étnico alemão, Aurélio Porto argumentava que os alemães “vieram inaugurar, no Rio Grande, o trabalho livre e eficiente, que seria, pelos tempos adiante, um dos passos iniciais da prosperidade do torrão gaúcho...” PORTO, Aurélio. **O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Est. Graf. S. Terezinha, 1934, p. 43. Cf. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: FCC, 1982; GRÜTZMANN, 1999.

²⁶¹ **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 23 jul.1948.

²⁶² Nos momentos em que se afastava do magistério para assumir outros cargos públicos, nomeavam-se outros professores. Uma notícia de jornal, em 1913, dava conta da nomeação do republicano Randolar Germany, em substituição a Minoly. O mesmo faleceria pouco tempo depois, em maio de 1915. (Jornal Cruz Alta – 1913, Álbum de recortes. Museu e Arquivo Histórico de Panambi).

No entanto, a escola pública nacional, funcionando em condições precárias, motivou certo descontentamento e apreensão entre a ala germanista da colônia, pois representava uma ameaça concreta à manutenção da língua alemã. Em maio de 1906, Alfred Bornmüller, em carta dirigida a Herrmann Meyer, chamava atenção ao fato de que o professor público dominava precariamente a língua alemã e alertava para a possibilidade das “crianças se perderem no português”, ou seja, não aprenderem o idioma alemão.²⁶³ Posteriormente, outro (i)migrante/descendente manifestava sua preocupação diante da constatação de que se por um lado a escola pública não oferecia ônus aos seus alunos, por outro, “tinha por objetivo a assimilação dos colonos através do desconhecimento do *deuschtum*, oferecendo-lhes em troca o conhecimento do português”.²⁶⁴ Situação incômoda para Hermann Faulhaber, que se preocupava ainda com a baixa assistência aos cultos. Fatores que segundo o mesmo poderiam levar ao temido “abrasileiramento”. Assim, a fim de contornar esta situação, optou-se por um discurso germanista mais incisivo, no sentido de recuperar a “cultura alemã”, principalmente Faulhaber, que se valia de instituições como a Igreja e a escola.

Para os germânicos, a educação assumiu papel central desde a Reforma Protestante. Lutero defendia que a população devia dominar a escrita e a leitura, pois só assim poderia interpretar a Bíblia. Conforme Prass,

Quando Lutero fez a Reforma, então ele disse, a pessoa tem livre arbítrio, tem que ler a bíblia, tem que ler, mas não depender do que os outros... Tem que mesmo, ele mesmo ler, interpretar... Por isso tem que ter escola tem que ser escolarizado, tem que ser educado, tem que ser instruído!²⁶⁵

De acordo com Müller, essa preocupação foi trazida ao Rio Grande do Sul, onde a escassez de escolas públicas fez com que se estruturassem as escolas particulares, que passavam à categoria de perpetuadoras da língua e dos costumes alemães. O ensino do português foi admitido porque se tratava da língua oficial do país e aprendê-la, ao mesmo tempo em que representava uma ameaça à preservação da cultura, era considerado um dever do cidadão, além disso, era de utilidade prática nas relações econômicas e políticas.²⁶⁶

²⁶³ Ensino público em Neu-Württemberg. Livro copiativo 04/41 (traduzido, avulso). Alfred Bornmüller a Herrmann Meyer, 17, mai. 1906. Pasta 4, Caixa 56, MAHP.

²⁶⁴ Ensino público em Neu-Württemberg . Livro copiativo 17/149 (traduzido, avulso). Johann Heinrich a Allgemeiner Deutscher Schulverein, 28/05/1906. Pasta 4, Caixa 56, MAHP.

²⁶⁵ PRASS, Bruno. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁶⁶ MÜLLER, Telmo Lauro (org). A Nacionalização e a Escola Teuto-Brasileira Evangélica. In: **Nacionalização e imigração alemã. São Leopoldo: UNISINOS, 1994. p.67.**

Em Neu Württemberg, somente os que realmente não tinham condições financeiras estudavam nas escolas públicas, “então isso era que nem hoje, os que podem pagar vão no Evangélico, e os que não podem no Pindorama.”²⁶⁷

Nas escolas particulares seguia-se o calendário europeu.²⁶⁸ Nessas instituições os professores,

eram todos vindos da Alemanha. Todos eles eram pessoas altamente estudadas em cursos superiores da Europa. Nós tínhamos só professores de categoria. Todos os alemães eram, então se nós considerarmos essa escada de influências, esses professores foram decisivos na formação tecnológica e cultural do nosso aluno, que se tornou depois o empresário das indústrias.²⁶⁹

Os alemães compreendiam que

aqueles que lêem, sabem melhor, e os outros que acham que sabem melhor, eles perdem quando vão pra discussão. Então é ali que sempre dá o choque. Não são, só é melhor quem sabe. Mas os alemães que vieram aqueles tudo só não sabiam ler em português, mas liam em alemão, o que vinha escrito em alemão, eles entendiam o que eles liam.²⁷⁰

Na Vila, a preocupação com a leitura pode ser percebida pelo fato de se criar uma biblioteca, que atendia à comunidade em geral, mas especialmente aos germânicos, pois a maioria dos livros era escrita na língua alemã. “Nós tínhamos uma sociedade de leitura Faulhaber, em alemão era Faulhaberstiftung. Era uma fundação alemã Faulhaber, da família Faulhaber. E esta família, esta biblioteca fornecia semanalmente livros aos alemães para leitura. Então todos liam os livros da sociedade de leitura Faulhaber”.²⁷¹

Uma entrevistada recorda que freqüentou “muito a casa do Faulhaber, do diretor, porque existia, na sexta-feira, na sétima série, de noite, o *Lesenabend*, isso queria dizer a noite de leitura, aí nós aprendemos os clássicos, os poetas Schiller, Goethe, Casimiro de Abreu”.²⁷²

²⁶⁷ O Colégio Evangélico Panambi pertence à rede particular do município, enquanto a Escola de Estadual de Ensino Fundamental Pindorama, à rede pública. KLOS, Otmar Sigismundo. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 21, fev. 2002.

²⁶⁸ O ano letivo iniciava em outubro e findava em setembro do ano seguinte.

²⁶⁹ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²⁷⁰ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁷¹ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²⁷² RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 23, fev. 2002.

Acrescenta que “o círculo não era muito grande porque tinha os pais que não deixaram, os da colônia já não vieram nada”.²⁷³ Michels comenta: “Assim, as crianças aprendem dentro e fora da escola (...) mantém contato com os conceitos de cultura (erudita), de ordem, de pontualidade, da disciplina e da economia”.²⁷⁴

A preocupação com a formação não se restringia somente aos alunos. Havia um consenso a respeito da necessidade de qualificar permanentemente os professores. Documentos analisados apontam freqüentemente para esta preocupação. “Desde o início tendia a sediar encontros, de educadores, como o regional de 1925, reunindo 34 docentes”.²⁷⁵



Foto 16 – Encontro de educadores (Ao centro Maria Faulhaber).²⁷⁶

Enquanto a maioria dos (i)migrantes/descendentes se preocupava em garantir o acesso à educação, os brasileiros, por razões culturais e econômicas, muitas vezes acabavam tirando seus filhos da escola. Para muitos, a educação não era prioridade, já que precisavam de braços

²⁷³ RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 23, fev. 2002.

²⁷⁴ MICHELS, op. cit., p.166.

²⁷⁵ Dados sobre a formação de Panambi. (mimeo.). Disponíveis no MAPH.

²⁷⁶ Dados sobre a formação de Panambi. (mimeo.). Disponíveis no MAPH.

para ajudar na lavoura, além disso, acreditavam que seus descendentes continuariam trabalhando na agricultura. Conforme Wahlbrink, “nós (alemães) tava brabo que tinha que ir na escola, e os outros (brasileiros) que iam na escola municipal ali, sempre ficavam fazendo, eles iam na roça, não tinha esse negócio, eles tinham que trabalhar”.²⁷⁷

O Estado brasileiro não possuía uma estrutura capaz de atender, de maneira satisfatória, a população: “não construíram aulas (prédios). As aulas das colônias, isso os pobres colonos tiveram que fazer. É. Isso não era assim, o nosso Brasil não era muito adiantado ainda em educação”.²⁷⁸ O quadro docente do Setor Público era carente de formação:

Porque não existia professor formado. No interior, por exemplo, aqui em Panambi mesmo, que era sede do município, era com dificuldade para conseguir uma professora, então os prefeitos nomeavam a pessoa que eles sabiam que ele era inteligente! Sabia escrever, sabia dá bons conselhos, boa professora, lecionava muito bem, então era nomeada pelo prefeito! Iam orientando a piaçada, gurizada até que eles chegavam num ponto, depois, que vinham pra frente! Mas assim se fez a vida!²⁷⁹

O desleixe no cotidiano das escolas públicas é freqüentemente criticado nas falas dos entrevistados:

aquela aula lá, que era numa escola municipal, que era sob a jurisprudência de Cruz Alta, a professora não vinha segunda feira porque era dia santo disso, então ela não venho terça feira por que o ônibus não vinha, não venho quarta feira porque o aniversário de fulano, ela não podia perder, então uma semana não vinha, sempre tinha razão pra não vir.²⁸⁰

Para Wahlbrink, o descaso com a escola pública fez com que “aquela criançada lá (da escola pública) fosse uma desgraça, não se criaram, alguns até ficaram mais agressivos”.²⁸¹

Quanto às relações entre luso-brasileiros e (i)migrantes/descendentes no cotidiano das escolas públicas, Malheiros analisa

²⁷⁷ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁷⁸ RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 23, fev. 2002.

²⁷⁹ CAVALHEIRO, José dos Santos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 23, fev. 2002.

²⁸⁰ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁸¹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Como uma força irresistível, muitos desses imigrantes conseguiram mudar a maioria dos sistemas locais. Queriam eles manter as suas tradições e em muito conseguiram. Como é de se notar houve um certo choque racial com os antigos moradores. Começou na escola a desconfiança. Daí, dessas desconfianças surgiram encrencas que em muito atingiram o povo adulto. Os alunos das escolas públicas e particulares, escolas brasileiras e escolas particulares alemãs. Havia correrias da gurizada, até briga com nomes não só depreciativos, como agressivos. Os professores, brasileiros junto ao insigne Diretor Faulhaber e junto aos professores alemães, procuravam amenizar a situação em que, como dissemos, grandes responsáveis tomavam partidos. Não vamos pormenorizar fatos e ocorrências neste sentido. Porém o fato se tornou público e notório.²⁸² (grifo nosso)

Santos recorda:

Que aqui eu cansei de ser chamada de Schawznegger, que é negra preta... Então, um dia, eu me avancei numa. Ela tinha um cabelo, assim, cumprido e eu marquei bem... Então eles vinham vindo e eu vi quando ela vinha vindo, e ela já tinha assim, já foi se afastando, e aí eu fui indo pro lado dela e pequei nos cabelo dela! Peguei nos cabelo dela e digo: Agora diz quem é que é Schawznegger! E ela diz, não, eu não digo mais.²⁸³

Ambos apontam para o fato de que a escola refletia questões latentes na sociedade, como as disputas entre a população que já estava estabelecida na localidade e os que chegaram posteriormente, destacando que os últimos procuravam “manter e impor” sua cultura, o que causava conflitos.

Nesse sentido, Michels enfatiza que são os imigrantes/descendentes que registram a memória oficial da localidade, colocando o grupo étnico alemão como responsável por seu progresso e utilizando a escola como instrumento de reprodução dessa memória. O que contribui de forma significativa para a manutenção dessa cultura, bem como da propagação de seus valores, diante dos integrantes dos (i)migrantes/descendentes e dos nacionais.²⁸⁴

Por outro lado, em alguns momentos, percebe-se as tentativas de negociação entre a cultura alemã e a nacional, como na década de 20, quando Hermann Faulhaber organizou um Manual de História, onde expôs, através de perguntas e respostas, os principais eventos

²⁸² MALHEIROS, op. cit., p.58.

²⁸³ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

²⁸⁴ Cf. MICHELS, 2001.

relacionados ao Brasil,²⁸⁵ ou no fato de que, segundo alguns entrevistados, o estudo da língua portuguesa já constava no currículo das escolas alemãs.²⁸⁶

Já na década de 30, o discurso nazista, trazido por alguns docentes alemães, é divulgado entre os alunos da vila através de um filme, Walbrink recorda: “eu sei que nós saímos ali da Maranei com um caminhãozinho, e ali onde apareceu muitos de daqui, isso eu me lembro”.²⁸⁷

No entanto, as relações com a Alemanha e o uso da língua alemã passaram serem vista com desconfiança a partir da instalação da Campanha de Nacionalização, que iniciou via educação. Neste sentido

interessam, principalmente, os ensinamentos pré-primário, primário e normal rural, porque, nos dois primeiros, existe a possibilidade de ser facilitada a ação psicológica da nacionalização pela idade dos educandos, que os torna incapazes de resistirem às sugestões do mestre.²⁸⁸

Entre as conseqüências desta política estava o fato de vários professores retornaram para a Alemanha. Segundo Röhle: “os bons professores saíram, tinham que sair”.²⁸⁹ Conforme um dos entrevistados:

Não tinha professores aqui, muito menos no interior. Então todos os professores, dentro das áreas de colonização, vieram da Alemanha. E era tudo gente com formação superior. Todos eles eram de fato preparados para o ensino. *E isso era a grande inveja do pessoal, que o nível do Colégio aqui era tão alto em relação aos outros, que eles não podiam admitir mais isso. Então havia, houve o fechamento, proibição de falar alemão, se bem que a proibição houve por causa da guerra. Mas, esta história é um pouco anterior a guerra.* (grifo nosso)²⁹⁰

²⁸⁵ Arquivo Regional. PANAMBI AR 147. *Pasta 2*. Livro: Hermann Faulhaber, **Pequeno Tratado de História do Brasil por perguntas e respostas para uso das escolas primárias**. 5ª. Edição. Empresa Editora dos jornais “Die Serra-Post e “Correio Serrano”. Ulrich Löw –Ijuí, RS, 1937. A primeira edição do referido livro foi esgotada em menos de um ano.

²⁸⁶ Todavia, segundo os entrevistados as aulas eram esporádicas e os professores não dominavam o idioma.

²⁸⁷ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁸⁸ CAMARA, Aristides de Lima. NEIVA, Arthur Hehl. **Colonizações nipônica e germânica no sul do Brasil**. In.: Revista de Imigração e Colonização. Rio de Janeiro : [s.e.] Ano II, n. 1, jan. 1941. p. 102, apud NEUMANN, mimeo.

²⁸⁹ RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 23, fev. 2002.

²⁹⁰ PRASS, Bruno. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Uma das medidas do governo consistiu no fechamento de escolas particulares alemãs, como o Colégio Elsenau (*Stadplatzschule Elsenau*), hoje denominado Colégio Evangélico Panambi:

Eu acho que os professores eram alemães todos, eu acho que era a maior escola, em política, a notícia é mais importante que o fato. A notícia é mais importante que o fato. Eles, noticiar o fechamento da escola, é uma vitória política na comunidade. Não precisava fazer mais nada. Só fazer isso.²⁹¹

Com o fechamento dessa Escola, a maior parte dos alunos foi estudar no Grupo Escolar Pindorama, uma instituição pública. Alguns, entretanto, preocupados em não se misturarem aos brasileiros, conseguiram matricular seus filhos em uma pequena escola particular dirigida por alemães, que continuava funcionando, a *Weissbrodtschule*.²⁹²

As dificuldades para aprender o idioma nacional são destacadas por Wahlbrink, “eu sei que nós tinha dificuldade da pronúncia e da expressão, do acento e da vírgula, isso era complicado”.²⁹³

Outra estratégia usada pelo governo para tentar nacionalizar aqueles considerados “estrangeiros” foi o “projeto coloninhos”:

escolhiam alunos que foram a Porto Alegre, pra assistir as festividades de sete de setembro. Nós éramos parece que cinco, daqui de Panambi, dessa nossa região. Aquela época o governador era o Dornelles, Interventor. Era na época do Estado Novo, então, nós fomos pra Porto Alegre, os coloninhos, e nessa vez que eu fui junto, éramos daqui de Panambi, Cruz Alta, Ibirubá, Quinze de Novembro, acho, e nós fomos alojados no quartel. Quartel Independente de guardas. Toda aquela gurizada. Então num dia, o governador interventor foi lá neste quartel, e nós fizemos uma apresentação de guerra. Metralhadora, tinha que carregar as metralhadoras, montar, atirar. Na época, foi a grande festa, era um gurizada de 13, 14 anos. Festa pra gurizada. Em Porto Alegre assistimos as viaturas do exército, lá no centro onde era o desfile, o desfile da cavalaria, dos carros blindados, grupo da infantaria, e tudo isso. Então nós achava uma beleza aquilo. Tinha discurso pra nós. Nós ganhávamos depois todos os folhetos do governo. O governo fez uma propaganda para mostrar para os filhos de estrangeiros o que é o Brasil, porque eles não viam. Nós aqui era uma colônia alemã, praticamente cem por cento alemão.²⁹⁴

²⁹¹ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

²⁹² SCHWARZ, Hertha. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Neumann. Fev. 2002.

²⁹³ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁹⁴ SCHÜLER, Hélio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

Para o Estado, interessado na fidelidade dos colonos, era fundamental a criação de um “sentimento de pertencimento” à Nação brasileira, por isso, a estratégia voltada para o campo cultural. Todavia, essa intenção gerava diversos conflitos no cotidiano dos colonos e não conduzia necessariamente à integração, gerava sim um processo de diferenciação que, como explica Woodward, podia “ser construído negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas (...) definidas como as outras.”²⁹⁵

Nas escolas, segundo Santos, os alemães “faziam tudo separado! Os recreios era o bolinho deles! Tinha uns que até os pais não falavam nada em brasileiro, aí os filhos já falavam e eles eram bem racistas!” Por outro lado, os brasileiros evitavam o contato com os germânicos e censuraram os que não agiam da mesma forma, “às vezes diziam: Ah! Agora só tá dando conversa pras alemoada”.²⁹⁶ Esse contexto complexo, simultaneamente, permitia a negociação entre as culturas:

Nós não se falava em português, assim, eles (alemães e brasileiros) até falavam misturados! Muitos se criaram no meio dos alemão, e falavam um pouco, tudo misturado (idioma português e alemão)! Mas eles liam, até liam, algumas palavras, mas o professor também nos judiava deles! Eles sempre, deixava um versinho bem pequeno pra eles ler assim, eles liam! Escrever também, nós escrevia em português.²⁹⁷

Dado o fim da Campanha de Nacionalização, a cultura germânica retoma seu papel de destaque na localidade,

e aí, depois aqui quem não sabia falar em alemão, não arrumava emprego, então quando eu tive treze anos, que eu fiz treze anos, aí um dia, a minha mãe disse, assim: “Eu acho que tu vai ir na, no colégio Evangélico, pra tu pelo menos entender um pouco em alemão! Pra ti arrumar um emprego!”²⁹⁸

Schneider expressa suas conclusões a respeito da importância da educação para o desenvolvimento da localidade:

Os professores porque eram alemães, eles sabiam dizer pra nós como eles pensavam das coisas dos alemães, e nós assimilávamos isso. O sistema escolar teve muita influência aqui, os professores alemães. A formação das nossas indústrias, creio que

²⁹⁵ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, 2000, op. cit., p. 50.

²⁹⁶ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

²⁹⁷ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

²⁹⁸ SANTOS, Nelci Silva dos. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 15, fev. 2002.

tenha sido fator muito importante a vinda desses professores de lá (Alemanha) e a formação que eles difundiram nos jovens da época. Sem dúvida nenhuma. Isso é muito importante porque o professor tem uma influência extraordinária na formação cultural do agrupamento.²⁹⁹

Dessa forma, as relações cotidianas evidenciam a existência de um processo emaranhado no qual interagem (i)migrantes/descendentes e nacionais. Os primeiros, preocupados em manter a cultura de origem no país receptor; os segundos, incomodados com as dimensões que essa intenção poderia assumir. Essa relação dá margem para a busca de pontos de equilíbrio entre ambos e novas formas de identificação, baseadas na negociação. Paralelamente a essa convivência, no dia-a-dia, verificam-se os casos extremos, em que os conflitos latentes emergem, como durante a Campanha de Nacionalização.

2.4.4 A Nacionalização

Nas relações entre diferentes culturas, um dos pontos que mais causou divergência referia-se à noção de nacionalidade, que para os luso-brasileiros seria determinada pelo lugar de nascimento, ou seja, pelo *jus soli*, enquanto para os alemães o que a determinava era o direito de sangue, o *jus sanguinis*.

Conforme Seyferth,

A palavra *Volk*, na língua alemã, significa tanto povo como nação (...).Assim, pessoas da mesma nacionalidade têm o mesmo sangue (ou vice-versa), são de mesma raça; se o sangue é herdado, a nacionalidade de uma pessoa também é, porque foi determinada pelo sangue. Isto elimina o vínculo com o Estado: um alemão é sempre alemão, não importando o país onde nasceu. Para isto existe uma categoria de identificação étnica – *Auslanddeutschen* (alemães no estrangeiro) – definida pela nacionalidade (*Volkstum*) alemã.³⁰⁰

Assim, os alemães e seus descendentes, em todo o mundo, poderiam formar uma unidade nacional sem se constituírem, necessariamente, em traidores dos Estados nos quais estavam vivendo, permanecendo fiéis “ao espírito, cultura e sangue germânicos”, deveriam empregar seu “talento, seus

²⁹⁹ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

³⁰⁰ SEYFERTH, 1982, op. cit., p.42.

costume, sua lealdade, perseverança e consciência” para o bem da nova pátria.³⁰¹ Consideravam-se, portanto, pertencentes à nação alemã e ao Estado brasileiro. Conforme Seyferth,

podiam ter duas pátrias, mas tem apenas uma nacionalidade e uma etnia: a alemã, e ambas lhe são conferidas pelo direito de sangue. Não existe propriamente uma associação dos componentes brasileiro e alemão da categoria de identificação étnica. Pelo contrário, o primeiro é consequência do segundo: o teuto-brasileiro só é bom cidadão porque manteve suas características alemãs; não mistura os dois princípios.³⁰²

Nessa direção, demonstravam sua fidelidade ao Estado brasileiro de diversas formas, como por exemplo, cumprindo “seu dever” cívico de organizar as festas comemorativas da Independência do Brasil, como atesta a imagem fotográfica abaixo, de 1939. Chama atenção a faixa, ao centro, com os dizeres em letras garrafais “O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER”. Além dos civis, há a presença de um contingente de militares na mesma. Não é possível identificar se são soldados do Tiro de Guerra local ou do quartel de Cruz Alta.



³⁰¹ Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1924, apud SEYFERTH, 1982, op. cit., p. 90.

³⁰² SEYFERTH, 1982, op. cit., p.120.

Foto 17 - Desfile Cívico em homenagem à Independência do Brasil. 7, set. 1939.

Acervo MAHP.

Já ao longo do Estado Novo, eram comuns as reuniões de Nacionalização com ampla participação da comunidade local.



Foto 18 - Reunião - Campanha de Nacionalização (Foto de Getúlio Vargas ao fundo).

Acervo MAHP.

Desta forma, “ser alemão” não significava deixar de valorizar o Brasil, como destaca Prass,

Essa questão de não valorizar o Brasil, isso foi criado por algumas pessoas. Eu posso ser bom brasileiro mesmo praticando o japonês, ou alemão, ou italiano, isso não interessa. Por acaso, os portugueses trouxeram a língua, trouxeram os costumes, eles então, tudo bem. É a

língua oficial. Mas não pode excluir a dos outros... Não pode jogar os seus rastros de cultura fora! E se eles trouxerem enriquece toda a estrutura nacional...³⁰³

De acordo com esse entendimento, ser bom cidadão brasileiro requeria manter os vínculos com a Alemanha ao mesmo tempo em que se demonstrava fidelidade ao Brasil. Ou, dito de outra forma, falar uma língua estrangeira e manter laços culturais com a pátria de origem não impedia o indivíduo de ser um bom cidadão. Em Neu-Württemberg, o primeiro aspecto foi ressaltado, por exemplo, com o entusiasmo gerado pelo desenvolvimento da Alemanha durante o governo de Hitler, e o segundo, com a filiação de muitos ao partido de Plínio Salgado, considerado extremamente nacionalista.

2.4.5 “Hitler era um homem grande pra nós”

O desenvolvimento econômico da Alemanha, efetuado durante o governo de Adolf Hitler, entusiasmou algumas lideranças de Neu-Württemberg. Um exemplo foi Walter Faulhaber: “nós teuto-brasileiros volvemos nossos olhos como antes em direção à velha pátria e ao *Führer* Adolf Hitler, na certeza de que nos ajudará a eliminar erros que dividem e enfraquecem o *Deustschum* no sul do Brasil”.³⁰⁴ Outro exemplo foi o professor responsável pela escola de Linha Assis Brasil, que preparou material e organizou um desfile com seus alunos em homenagem ao Brasil e à Alemanha.

Segundo Ilse Herta Kuff, o desfile ocorreu em 7 de setembro de 1939, o que torna o evento ainda mais significativo, visto que a Alemanha foi destacada em um desfile de comemoração à Independência do Brasil.³⁰⁵ Chama atenção também o fato de que, como demonstram as fotos a seguir, os educandos trazem diversas bandeiras da Alemanha, em contrapartida fica difícil de localizar a bandeira do Brasil. Observe-se que se usou a expressão “da Alemanha”, pois no ano em questão a bandeira com a cruz suástica já era, oficialmente, bandeira alemã, tendo substituído a bandeira da República de Weimar.

³⁰³ PRASS, Bruno. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³⁰⁴ FAULHABER apud GERTZ, 1987, op. cit., p. 96. Walter Faulhaber, filho de Hermann Faulhaber.

³⁰⁵ KUFF, Ilse Herta. Entrevista realizada por Eliane de Mello. 15, set. 2005.



Foto 19- Desfile de alunos com Bandeiras da Alemanha. Linha Brasil. 7, set. 1939. Acervo particular de Ilse Herta Kuff.



Foto 20- Alunos posando com a bandeira alemã. Linha Brasil. 7, set. 1939. Acervo particular de Ilse Herta Kuff.

As fotografias indicam que o professor procurava manter alguns laços com a Alemanha e que recebia informações atuais de seu país de origem, visto que utilizava a bandeira da Alemanha proposta pelo partido nazista. Sabe-se que circulavam notícias a respeito da Alemanha na colônia, especialmente as que descreviam o “renascimento” proporcionado pela ascensão de Hitler. Schneider recorda:

se seguiu depois de 1930 com Adolfo Hitler, que foi um homem que teve no início como político, grandes condições e recuperou a Alemanha do desastre da I Guerra. Recuperou e começou a invadir outros países da Europa. Essa gente toda que esteve aqui eram hitleristas, muitos eram pessoas que tinham na pessoa do Hitler a maior confiança... Mas esses alemães aqui eram tudo ferrenhos torcedores, que eles sentiram uma Alemanha derrotada da guerra e observaram pelos rádios e pelo conhecimento a reconstrução da Alemanha com Adolfo Hitler...que era o começo de uma nova cultura, de uma nova, uma nova raça que estava se formando e ia dominar o mundo inteiro ...³⁰⁶

Essa exaltação levou muitos a pensarem que “estava surgindo um novo mundo”,³⁰⁷ no qual haveria possibilidade da Alemanha alcançar o desenvolvimento econômico de tal forma que permitisse a volta dos imigrantes à pátria mãe, o que tornava o líder nazista uma pessoa benquista entre os (i)migrantes/descendentes: “Hitler era um homem grande prá nós”.³⁰⁸

Porque tu vivia no meio dos alemão, então eles diziam, isso lá é bom, assim... E você sempre acha que nos outros lugar as coisas é melhor. Então eu não queria mais nem ir na aula, ‘porque depois da Guerra eu quero ir pra Alemanha!’ E o Hitler dizia isso, depois da Guerra eu vou reunir a raça humana alemã, fazer uma raça Ariana. Uma raça pura. A gente achava que a gente fazia parte disso.³⁰⁹

Esse imaginário era reforçado junto aos alemães no exterior e seus descendentes de diferentes formas. Um dos entrevistados recorda: “em 1936 pra 37, nós fomos chamados e fomos num cinema, cinema mudo, aonde então as tropas nazistas faziam uma marcha espetacular! E tu, com o teu fanatismo doente, olhava aquilo, isso era, o céu era na terra! Isso era o fim, era o infinito...!”³¹⁰ O entusiasmo parece ter sido tanto, que ao narrar a decepção de Hans Hennig Von Cossel, chefe do partido nazista, que visitou algumas colônias do sul em 1935 e verificou que poucos grupos preservavam o ideário germanista e as idéias nazistas,

³⁰⁶ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

³⁰⁷ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

³⁰⁸ SPODE, Lindolfo Adolfo e Irma Borges Spode. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 16, fev. 2002.

³⁰⁹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³¹⁰ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Gertz afirma que “se Cossel não tivesse visitado São Leopoldo, mas *Panambi*, (grifo nosso) sua avaliação não teria sido tão negativa”.³¹¹

Assim, em Neu-Württemberg, uma parcela da população demonstrava entusiasmo com a situação econômica da pátria de origem. Todavia, os entrevistados destacam que não conheciam realmente a fundo as propostas nazistas, nem os conflitos gerados em torno da mesma, “sabe aquele negócio de nazismo, aquele negócio, essa corrente tinha em todo mundo, não só aqui, isso tinha na Argentina, acho até mais que aqui. Mas o povo ele não tem culpa disso, nós não tinha nada”.³¹² Ou seja, aponta para o fato de que a referência ao nazismo nada mais era do que uma forma de manter os laços com a *Heimat*, de “continuar alemão”. Tanto que, de acordo com Wahlbrink, ao serem acusados de “quinta coluna”,³¹³ não compreendiam do que se tratava, “nem sabia o que era isso! Isso nós nem imaginava, nós até falava isso sem saber o que era”.³¹⁴

2.4.6 O Integralismo

Na década de 20, surgiram algumas pequenas organizações de caráter fascista no Brasil. O movimento mais expressivo nasceu nos anos 30, quando em outubro de 1932, Plínio Salgado, juntamente com outros intelectuais, fundou a Ação Integralista Brasileira (AIB). O Integralismo se definiu como uma doutrina nacionalista cujo conteúdo era mais cultural do que econômico, pois dava grande ênfase ao valor espiritual da Nação. Seu lema era “Deus, Pátria e família”.³¹⁵

³¹¹ GERTZ, René E. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991, p. 20-21.

³¹² KLOS, Otmar Sigismundo. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 21, fev. 2002.

³¹³ Naquele contexto, entendia-se por quinta-coluna todo estrangeiro ou elemento nacional que conspirava contra os interesses do Brasil, ou exercia espionagem em favor de países estrangeiros.

³¹⁴ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³¹⁵ Cf. FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6.ed. São Paulo: Edusp, 1999. p. 353. Cf. GERTZ, 1987; TRINDADE, Héliogio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: UFRGS, 1974. (Coleção Corpo e Alma do Brasil, 40); CANABARRO, Ivo dos Santos **Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta : o caso do Integralismo em Ijuí**. UFRGS, 1994. (Dissertação de Mestrado em História); BERTONHA, João Fábio. **Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil**. Revista Brasileira de História. v. 21 n. 40 São Paulo, 2001; SILVA, José Luiz Werneck da.(org.) **O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

A filiação ao partido era compreendida pelos (i)migrantes/descendentes como uma oportunidade de integração política, já que até então estavam excluídos dos quadros locais do poder. Servia também para que demonstrassem sua brasilidade: primeiro, porque se tratava de um partido político nacional e, segundo, porque evidenciava seu afastamento do nazismo. De acordo com Seyferth,

a separação entre nacionalidade e cidadania se tornou muito mais evidente a partir da propaganda nazista: os teuto-brasileiros estão integrados ao Estado brasileiro e à etnia alemã, mas não ao Estado alemão representado pelo nacional-socialismo. Não sendo cidadãos da Alemanha, nada tem em comum com o governo alemão e muito menos com um partido político alemão.³¹⁶

Conforme Grützmann,

O apoio ao integralismo relaciona-se ainda ao seu propósito de combater a influência e o avanço do comunismo no Brasil, valendo, como argumento de persuasão e esclarecimento, as funestas conseqüências sociais e religiosas trazidas pelos comunistas a Espanha. Essa meta representava, para o germanismo, a possibilidade de manter os seus valores mais caros, principalmente a religião, sendo, por isso, necessária a participação e cooperação da população de origem germânica na sua concretização.³¹⁷

Os maiores centros integralistas localizavam-se na região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), mais precisamente nas áreas coloniais. Nessas circunstâncias, Neu-Württemberg abrigava um grande número de integralistas, a maioria, (i)migrantes/descendentes alemães. Wahlbrink explica:

Acontece o seguinte, que o Plínio Salgado, ele era um tipo orador, tipo Hitler, ele era um orador de movimento de massa, ele chegava numa praça e fazia um discurso e abria o discurso na seguinte maneira: 'Um povo só pode ser feliz e forte se acreditar em Deus, Pátria e a Família!' E eu acho que, se ele não tem a família, não adianta querer ter a Deus nem Pátria. O luso, não, ele não era tão chegado a essas novas filosofia! Mas aquele cara que tem sede, pra, principalmente, primeiro ter uma coisa, porque isso é o maior desejo de cada um que tem um bem! E tem que ter um bem! (uma propriedade) E ele se agarra mais em fanatismo !E trabalha e faz! E tanto é verdade, aonde passou essa seita, porque é uma seita, como a seita religiosa, esses é uma filosofia política! Então ela normalmente traz algum desenvolvimento! E ele (Plínio Salgado) soube aproveitar a índole deste povo que veio da Europa para cá e viu que o de origem alemã era mais crente pra essas coisas, ele tinha mais sede pra ter.³¹⁸

³¹⁶ SEYFERTH, 1982, op. cit., p. 99.

³¹⁷ GRÜTZMANN, op. cit., p. 167.

³¹⁸ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Schneider complementa essa idéia, afirmando:

O Integralismo era uma corrente política que pensava no homem de forma integral, o camarada tem que ser inteiro, não pode ser quebrado. E isso tinha muito a ver com o que a gente pensava, por causa da nossa formação germânica, que é de autoridade, que é do todo certo, o integralismo pegou forte. Meu pai era integralista.³¹⁹

Seyferth argumenta:

o integralismo soube aproveitar essa faceta do *Deutschbrasilianertum*, isto é, a ênfase pertinente à cidadania brasileira que, de certa forma, faz parte da identidade social teuto-brasileira. O integralismo, em síntese, se apresentou através de jornais como o *Blumenauer Zeitung* como o partido que iria respeitar a particularidade de cada grupo de imigrantes. E, nesse sentido, para o teuto-brasileiro, ser integralista era mais uma forma de ajudar a preservação da sua identidade alemã.³²⁰

Essa maleabilidade do Integralismo entre os alemães é resumida por Wahlbrink ao dizer que “aqui os nazistas eram adeptos ao Integralismo”,³²¹ idéia essa compartilhada por Prass: “não havia segregação. Eles pregavam o nacional, mas não excluía o estrangeiro”.³²²

2.4.7 Nacionalidade para o Estado brasileiro

Os dirigentes que subiram ao poder durante o Estado Novo, 1937-1945, atribuíram-se a formação da “Nação Brasileira”. O brasileiro ideal seria o resultante da miscigenação entre negros, índios e brancos, visando o branqueamento e a elevação da raça.³²³ Nessa perspectiva, estava em jogo a formação e definição do “ser brasileiro”, não admitindo a pluralidade étnica:

³¹⁹ SCHNEIDER, Orlando Idílio. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

³²⁰ SEYFERTH, 1982, op. cit., p. 105.

³²¹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³²² PRASS, Bruno. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³²³ No final da década de 10 e início da de 20, ganham espaço no Brasil o discurso sanitarista, com a remodelação do Rio de Janeiro e as campanhas de vacinação. Os trabalhos de Paster e Koch levaram a identificação dos agentes de doenças antes consideradas incuráveis. A partir de então, surgiram métodos específicos e, normalmente eficazes, que induziram alguns intelectuais a acalentar o sonho de que todo e qualquer mal poderia ser remediado pelo novo saber. A Higiene, ungida pelo prestígio que somente a ciência poderia conferir foi introduzida no cotidiano dos indivíduos. Viagens de médicos pelo interior passaram a descrever o estado doentio da população. A imigração, antes defendida como solução econômica e eticamente desejável, começava a ser questionada: “O dinheiro gasto nessas liberalidades [importar, hospedar, instalar imigrantes, dar-lhes lotes de terras e casas, instrumentos agrícolas, sementes, assistência médica...] seria, dos

Na vigência do governo provisório a presença do estrangeiro passou a incomodar ainda mais as elites dirigentes que vão procurar uma solução para o problema, através de uma fundamentação racista cujos argumentos estavam respaldados pelas obras de Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Alberto Torres, etc. As posições teóricas e as soluções práticas apresentadas por estes intelectuais e alguns ideólogos da década de 30 passaram a subsidiar muitas das propostas de restrição à imigração, questionando o aspecto negativo da presença do estrangeiro e sua tendência de formar quistos raciais.³²⁴

A formação de núcleos etnicamente homogêneos foi uma política mantida ao longo do Império e amplamente questionada pelo Estado Novo. Esse isolamento social e não propriamente o isolamento geográfico, foi um dos fatores que permitiu a preservação, por longo tempo, das especificidades da etnia alemã, por exemplo.³²⁵

Como a definição do “ser brasileiro” era ampla, abarcava tanto os estrangeiros residentes como os brasileiros naturalizados e de nascimento. Todavia, durante a Campanha de Nacionalização, a construção do “ser brasileiro” ocorreu em oposição ao que se considerava como o “ser estrangeiro”. Schwartzman ressalta que esta construção

passaria necessária e principalmente pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. A uniformização cultural implicava na exclusão dos "estrangeiros", entendidos aqui como grupos estranhos ao projeto de nacionalização. A amplitude do que era considerado "estrangeiro" poderia fugir à simples e direta vinculação à pátria de origem. Sendo uma estigmatização político-ideológica, cidadãos brasileiros poderiam ser considerados como tal se discordassem da doutrina oficial.³²⁶

pontos de vista moral, político e econômico, muito mais bem aplicado em socorrer, curar, reerguer da invalidez e a inutilidade um número muitas vezes maior de brasileiros... Desde que se restaure a saúde do sertanejo, e que se torne cada adulto nacional capaz de produzir a mesma quantidade de trabalho que o imigrante, o problema do braço para a lavoura está resolvido.” De uma interpretação racial dos problemas sociais migrava-se para uma interpretação sanitária. O habitante do sertão, antes considerado espécie inferior e inapto para a civilização, passava agora à condição de vítima, injustamente caluniado e criminosamente abandonado à própria sorte, sem saúde, justiça ou educação. Ou seja, de acordo com Lobato, ‘o Jeca não é assim, mas ficou assim’ (Conforme De Luca, o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, ‘extravasou os limites da ficção para encarnar o anti-herói nacional, que incomodava na medida em que comprometia uma determinada concepção da vida cabocla, rompia com o discurso ufanista a respeito do país e seus habitantes, era um sertanejo degenerado do nordeste’.). Em 1923, Oswald de Andrade referia-se à ‘vingança do Jeca que, se originalmente vinha marcado pela negatividade, acabou revertendo a situação em seu favor’. DE LUCA, op. cit., p. 204-223. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial**. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³²⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988, p.103.

³²⁵ Cf. SEYFERTH, Giralda. A Assimilação dos Imigrantes como Questão Nacional. **Mana: estudos de antropologia social**. Rio de Janeiro: v.3, n.1, abril de 1997 e NEUMANN, op. cit., 2003.

³²⁶ SCHWARTZMANN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos Capanema**. 2. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas/Editora Paz e Terra, 2000, p. 19.

Os nacionalistas luso-brasileiros defendiam que muitos estrangeiros residentes no país, mesmo naturalizados, não possuíam o sentimento de brasilidade. Para Vargas,

ser brasileiro não é, somente, respeitar as leis do Brasil e acatar as suas autoridades. Ser brasileiro é amar o Brasil. É ter o sentimento que lhes permite dizer: ‘o Brasil nos deu o pé, mas nós lhes daremos o sangue’. É ter o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo afeto, pelo desejo de concorrer para a realização dessa grande obra, na qual todos somos chamados a colaborar, porque só assim poderemos contribuir para a marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria.³²⁷

Nesse contexto, a imposição de uma língua oficial era vista como uma forma de integrar a Nação.³²⁸ Junto com o idioma se difundiriam valores, tradições, aspirações e ideais nacionais que deveriam ser compartilhados por todos os habitantes dessa comunidade imaginária.³²⁹ Segundo De Luca, a língua era constantemente apontada como um aspecto que identificaria os cidadãos da Nação:

estrangeiro é aquele que não fala a nossa língua, é aquele que nos procura só para tirar algum partido; é estrangeiro o imigrado ou filho de imigrado enquanto não pensa e não sente um pouco como brasileiro. Cerrar fileiras em torno do português significava combater os efeitos deletérios provocados pela presença, no corpo da nação, de elementos estranhos que perturbavam sua integridade e coesão. A existência de jornais e revistas em língua estrangeira – “lidos por pouquíssimos brasileiros, nem na repartição de polícia são lidos!” Era condenada sob alegação de que num país novo, receptor de estrangeiros, tal presença constituía-se num empecilho à assimilação. Não por acaso, o programa das Ligas Nacionalistas e de Defesa Nacional insistiam na criação de escolas primárias, especialmente nos núcleos coloniais, na obrigatoriedade do ensino do português nos estabelecimentos

³²⁷ **Correio do Povo**, Porto Alegre, nº 60, 13, mar.1940, p. 3.

³²⁸ DE LUCA, op. cit., p. 240.

³²⁹ Segundo Stuart Hall, três conceitos constituem uma cultura nacional como comunidade imaginada: “Memória do passado, desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança cultural”. HALL, 2002, op. cit., p. 58.

educacionais estrangeiros e na atuação decidida do poder público a fim de evitar a formação de quistos étnicos no território nacional.”³³⁰

Por outro lado,

Na visão dos (i) migrantes/descendentes, os luso-brasileiros eram maus cidadãos, pois se preocupam em atacar os imigrantes estrangeiros e seus respectivos países em vez de pensar no progresso econômico do seu próprio país, burlam as leis em vez de cumpri-las e procuram sugar o Estado através da politicagem.³³¹

Enfim, nos propósitos do Estado Novo, os imigrantes e descendentes, além da cidadania brasileira e da vinculação à Pátria através do trabalho e do cumprimento dos seus deveres civis, deveriam possuir um sentimento de brasilidade – e não mais de alemanidade.

Esse processo de nacionalização em Neu-Württemberg, uma colônia que se representava e era representada como alemã, foi encarado pelas autoridades como urgente e necessária, porém, o modo como foi realizado esse “abrasileiramento” provocou uma série de conflitos, por partir do princípio de que a identidade germânica deveria ser substituída imediatamente pela identidade brasileira. Ou seja, um processo de assimilação que leva décadas, deveria se concretizar em um curto período. Na concepção de Aurélio Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul,

Um trabalho cultural de 115 anos foi paralisado em poucos meses; si será ou não completamente destruído, o futuro dirá. Ao mesmo tempo foi lançada contra os alemães uma campanha sistemática por meio da imprensa. Submetidos a medidas de ‘emergência’ os elementos não lusitanos da população ficaram impotentes mas se tem conduzido, em tudo, como cidadãos disciplinados e obedientes à lei, não deixando que provocação alguma os induza à violência. Somente as autoridades locais, sob ameaça de punição, decretaram a remoção de todas as inscrições alemãs em pedras tumulares, a população mostrou a sua amargura por meio de uma simples resistência passiva.³³²

Calcadas nessa política, as manifestações eminentemente germanistas ou de caráter mesmo nazista, toleradas e prestigiadas até então pelas autoridades nacionais, passaram a ser vistas como um crime contra a Nação brasileira e reprimidas.³³³ Por exemplo,

O ato de inauguração do novo prédio escolar da Escola Elsenau foi marcado pela exaltação à Alemanha, em 1935, com a presença do cônsul alemão de Porto Alegre, havendo um único discurso em língua portuguesa, pronunciado pelo representante do prefeito de Cruz Alta. Na mesma ocasião, foram inaugurados na sala principal do novo prédio um retrato de Hildenburg, Hitler e ao centro o de Getúlio Vargas, sem causar maior estranhamento. Com o Estado Novo, esse ato mais outros foram criminalizados pelas autoridades policíacas como manifestações eminentemente

³³⁰ DE LUCA, op. cit., p. 251.

³³¹ SEYFERTH, 1982, op. cit., p. 57-58.

³³² PY, Aurélio da Silva. **O nazismo no Rio Grande do Sul : relatório.** [s.l.] : [s.n.], 1940, p. 21.

³³³ Cf. GERTZ, 1991.

nazistas, que precisavam ser reprimidas. As mesmas autoridades que aplaudiram a inauguração da escola, a fecharam em 1939.³³⁴

Dentre as medidas da Campanha de Nacionalização, cabe destacar a alteração do nome de Neu-Württemberg para Pindorama e posteriormente Panambi.³³⁵ Essa ação parece exemplar para percebermos a impossibilidade dos (i)migrantes/descendentes agirem diante das resoluções políticas, que procuraram “abrasileirá-los”. Para os representantes dos nacionais, a nova denominação poderia desestruturar simbolicamente a hegemonia germânica e produzir a representação de que, em Panambi, o poder pertenceria aos brasileiros. Se essas modificações foram aceitas de modo aparentemente pacífico, pois não fora possível uma reação, essas discussões se reacenderam na década de 50, quando em vários momentos reapareceu a possibilidade da retomada do antigo nome de Neu-Württemberg, como defendia um articulista do jornal Diário Serrano:

Há poucos anos, por motivos que escapam a nossa observação, o Governo (o qual, diga-se de passagem, nunca foi muito amigo de Panambi, senão existiria aqui um Grupo Escolar a altura de tão progressista vila e uma agência de Correios e telégrafos mais digna deste nome) houve por bem mudar o nome de Elsenau para uma série de nomes subseqüentes, serie essa que terminou finalmente com “Panambi”, palavra do idioma guarani, que em língua de gente, significa “borboleta”, e que para um forasteiro daria talvez a entender que a população deste distrito tem gênio de borboleta, isto é, vive no ar, sem sentido prático da vida. Que tal não ocorre, não há necessidade de afirmarmos enfaticamente, pois é do conhecimento de todos que já tiveram a felicidade de conhecer este recanto abençoado, abençoado pelo patriotismo de seus filhos, todos eles, quase sem exceção, cumpridores de seus deveres cívicos e portadores de uma vontade férrea de querer ser útil a pátria. Efetivamente, a população de Panambi, Elsenau, não precisa aceitar lições de patriotismo de quem quer que seja, pois jamais faltou ao cumprimento de suas obrigações com a pátria brasileira. Nesta época, em que em muitas regiões do nosso estado, vilas e cidades, bem como municípios inteiros tornam a seu primitivo e tradicional nome (exemplos: Nova Bassano, Teotônio, Bom Retiro, Santa Clara, Cruzeiro do Sul, etc, etc.). Nada mais justo do que também devolver a Elsenau o nome pelo qual é conhecida no Rio Grande do Sul a fora.³³⁶

Outras vezes se mostravam ferrenhamente contrárias a essa possibilidade:

³³⁴ NEUMANN, 2003, op. cit., p. 150.

³³⁵ De 1898 até 1938, permaneceu a designação Neu-Württemberg para a colônia como um todo. Desde 1901, após a demarcação da área urbana, esta recebeu a designação Elsenau, como uma homenagem à esposa de Meyer, Else. Em 1938, a colônia foi elevada à categoria de Vila, sendo chamada de Nova-Württemberg. No mesmo ano, houve outra alteração feita *pelo decreto Estadual nº 7589/38, que estabeleceu o nome de Pindorama, cujo significado é “Terra das Palmeiras”*. Em 1944, houve mais uma alteração, passando a chamar-se Tabapirã, que significa “aldeia dos telhados vermelhos”; contudo, esse nome não chegou a ser usado oficialmente, tendo em vista que logo foi substituído por Panambi. Cf. RIBEIRO, Carmem Adriane. **A Prática de Educação em Organizações Cooperativas: O caso Cotripal**. Dissertação de Mestrado: Unijuí, junho de 2005. MELLO, Eliane de; NEUMANN, Rosane Marcia. “Panambi, palavra do idioma Guarani que, em lingual de gente, significa borboleta”. As especulações em torno do nome de Panambi, **A Notícia Ilustrada**, Panambi, p.4-4, 2005; MELLO, Eliane de; NEUMANN, Rosane Marcia. Sobre a emancipação de Panambi – I e II. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, p. 8-8, 2005.

³³⁶ Quem assina este artigo é Assino Fiorini, italiano integrante do grupo que preservava a cultura teuta em Neu-Württemberg. FIORINI, Assino. Panambi ou Elsenau? **Correio Serrano**. Ijuí, 07, nov. 1951.

Não se vê nenhuma vantagem com o retorno a nomes primitivos. Por isso somos por Panambi mesmo. O povo panambiense é na sua maioria absoluta, constituído no caldeamento das origens e comungam no mesmo sentimento de brasilidade. Panambi não é uma colônia estritamente alemã como pensam os menos prevenidos. Como já disse, aqui vivem brasileiros das mais variadas origens: desde africana até alemã e portuguesa. Se houve em tempo que já vão bem longe a tropelia do racismo, isso hoje é assunto morto e sepultado.³³⁷

Para um dos entrevistados, “os que eram assim da esfera do governo isso eram, em primeiro lugar contra os alemães, jamais iam admitir um nome alemão...” Só conseguiram mantê-los, os municípios que, “tinham políticos influentes, pessoas que tinham influência no governo” .³³⁸ “Nós não tínhamos políticos influentes, isso aqui, política, isso não era o forte. Nós trabalhava e fazia as coisa, política não era o nosso forte.”³³⁹

O acirramento dos conflitos étnicos, antes não declarados, se processava de diversas formas. Um exemplo parece ser o processo movido por Maria Dias contra Carlos Klem, no qual o advogado da primeira se vale do clima de Nacionalização para articular sua defesa:

Maria Dias, brasileira, operária, maior, solteira, residente nesta cidade, por seu assistente judiciário no fim assinado, vem ate V.S oferecer queixa crime contra Carlos Klem, alemão, domiciliado e residente em Pindorama - onde exerce as funções de “caixa” da firma comercial Faulhaber & Cia, - pelo fato delituoso que passa a expor: A querelante empregava a sua atividade como operária da referida firma, na seção de rolhas, e foi escalada no dia 5 de outubro, do ano findo, para determinada limpeza do escritório da fábrica, onde Carlos Klem se encontrava organizando as folhas de pagamento. Às onze horas do dia referido a queixosa foi surpreendida no seu trabalho ao receber ordem de prisão, sendo conduzida por um policial ate a Sub-Delegacia de Polícia do distrito, em virtude de Carlos Klem haver se queixado ali de que a querelante furtara a quantia de 100 \$000 depositada no envelope nº 1. A querelante, moça honesta, vivendo do seu trabalho honrada, foi severamente caluniada por *Carlos Klem, -estrangeiro arrogante que mais de uma vez tem assim procedido com as empregadas nacionais, quando estas não são do seu agrado* (grifo nosso); passou ela pelos mais dolorosos vexames tocada por diante da polícia nas vias públicas de Pindorama. Carlos Klem, mal e perverso, ao denunciar a queixosa o fez com intenção maldosa, com o desejo de ofender, de ferir.

³⁴⁰

³³⁷ MALHEIROS, Adil Alves. Salina- Neu-Württemberg. **Diário Serrano**. Cruz Alta, 28, fev. 1952.

³³⁸ KLOS, Otmar Sigismundo. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 21, fev. 2002.

³³⁹ KLOS, Otmar Sigismundo. Entrevista cedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 21, fev. 2002.

³⁴⁰ Arquivo Público Rio Grande do Sul. Município Cruz Alta. Cartório Civil e Crime N.4497 Maço 164. Autuação-Iniciada em 6 de março de 1941.

Phillip descreve outro exemplo de conflito entre lusos e (i)migrantes alemães ocorrido nesse contexto:

As redomas se formaram na Vila Nova, a partir da criação do último endereço do grupo escolar Pindorama onde geralmente eram filhos de pessoas da colônia Portuguesa que estudavam e essa colônia Portuguesa era ligada à Vila Nova, era ligada onde hoje é o bairro Esperança. Há 40 anos tinha poucas casas e a colônia alemã chegava a não se atrever a entrar no território da Vila Nova dependendo das pessoas, um fato grotesco na década de 50, ainda no fim dos anos 40 era comum ao meio-dia alunos da escola sinodal serem atacados por alunos da escola Pindorama, e os do Pindorama atacando os da escola sinodal que eram quase todos da corrente alemã.³⁴¹

De forma geral, percebe-se que em Neu-Württemberg a Campanha de Nacionalização, por um momento, inverteu as relações entre (i) migrantes/descendentes e nacionais, pois se anteriormente o grupo formado pelos (i)migrantes/descendentes alemães detinha o poder na vila, servindo de exemplo para os demais e sobressaindo-se aos nacionais; dada a conjuntura de nacionalização, os luso-brasileiros assumiam essa posição. Dessa forma, a Campanha de Nacionalização acentuou as diferenças e gerou um clima de desconfiança, até mesmo dentro do grupo étnico alemão, além disso, revelou raivas, mágoas e preconceitos.

Acrescente-se ainda, que esse contexto contribuiu para que representantes do grupo étnico alemão se articulassem a fim de obter poder político, pois haviam compreendido que do contrário não conseguiriam garantir o progresso do Distrito e, muito menos, preservar sua cultura. Foi a partir da compreensão, por parte de alguns grupos, de que as perseguições do período anterior haviam sido uma medida essencialmente política, que se desenvolve a proposta de emancipar a localidade.

2.4.8 A emancipação de Panambi

A Constituição Federal de 1946 deu abertura para a criação de novos municípios, no entanto, a efetivação do processo exigia, inicialmente, que comprovassem um acentuado desenvolvimento econômico e que possuíssem um determinado número de habitantes. Em seguida, deveriam realizar um plebiscito, no qual a população decidiria pela emancipação ou

³⁴¹ PHILIPP, Armin. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 17, ago. 2005.

não da localidade. Dessa forma, quando, em 1949, uma comissão organizou-se para articular a emancipação de Panambi, sua meta imediata era comprovar que a localidade se enquadrava nas exigências da Lei.

A Comissão Emancipacionista era formada por membros da Associação Comercial e Industrial de Panambi, exceção feita ao presidente e aos luso-brasileiros: Presidente: Siegfried Dietschi; Vice-presidente: Walter Faulhaber; Secretário: Conrado Doeth; Tesoureiro: Oscar Schneider; Conselho: Cap. Minoly Gomes de Amorim, Josino Leal Malheiros, Rudi Franke e Adolfo Kepler Junior.

A ACI (Associação Comercial e Industrial de Panambi) fora fundada na década de 30 pelos maiores empresários locais e objetivava favorecer o desenvolvimento da indústria e do comércio.³⁴² Já em 1936, a mesma constitui um grupo com a função de reivindicar junto à prefeitura de Cruz Alta as melhorias que julgava necessárias para o Distrito. Era a “Comissão pró-progresso”, que desta forma funcionava como uma representação dos interesses da comunidade.³⁴³

A leitura das atas da entidade dá a dimensão de seu poder tanto na localidade, quanto junto às autoridades de Cruz Alta. Tanto que uma de suas medidas foi emprestar dinheiro para que a Campanha de Emancipação fosse viabilizada.³⁴⁴ A atuação de seus dirigentes se dava não apenas no setor econômico, mas também no cultural, já que demonstravam preocupação com a manutenção de traços da cultura germânica, o que fica evidente, por exemplo, ao se preocuparem em redigir suas atas no idioma germânico e no vernáculo.³⁴⁵ Nas entrelinhas, um aspecto que chama atenção é o fato de que para estes estava claro que as perseguições do período anterior haviam sido essencialmente políticas e que precisavam urgentemente conquistar autonomia para decidirem os rumos da localidade.

Nesse contexto, percebem-se algumas estratégias com fins específicos, articuladas pela Comissão, a começar pela relação de seus componentes, que reunia representantes dos alemães/descendentes e dos luso-brasileiros. Essa medida parecia querer demonstrar que na localidade os grupos estavam integrados e unidos em prol dos mesmos interesses. Wahlbrink menciona, “venho um novo ciclo, aonde houve mais uma integração, o pessoal começou a entender que aquele sistema

³⁴² A entidade local foi criada concomitantemente a Associação Industrial de Cruz Alta, o que não era comum.

³⁴³ Livro de Atas da ACI. Panambi, 08 fev.1936. Disponíveis na Sede da Entidade, Rua Konrad Adenauer.

³⁴⁴ Livro de Atas da Associação comercial e Industrial de Panambi. Ata nº3. Panambi 03, abr. 1950.

³⁴⁵ Cf. Livro de Atas da Associação comercial e Industrial de Panambi.

prussiano, arrogante, não tinha mais lugar no mundo, ao menos, entre aqui...”³⁴⁶ De acordo com Schneider, “este movimento emancipacionista uniu as raças, tanto que a comissão de emancipação era formada por *alemães e não alemães*, porque a emancipação era de interesse de todos. (...) foi o maior movimento social e comunitário da época, o mais importante.”³⁴⁷ (grifo nosso).

Outra estratégia foi a publicação de um livro patrocinado pelos sócios da ACI. Lançado em 1949, “Cinquentenário de Panambi 1899-1949”, de Erich Fausel, apresenta-se como uma obra comemorativa e destaca o progresso econômico da localidade. Fausel atribui o fato de os habitantes terem mantido os ideais de seus fundadores ao seguinte:

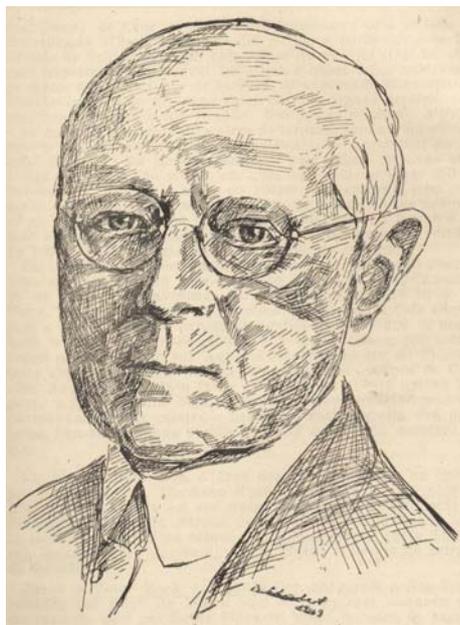
Os jubileus constituem para os homens marcos assinaladores na senda de sua existência. Tais marcos - quando se trata de agrupamentos humanos - servem para aferir a sua maior ou menor contribuição ao progresso da pátria comum. Vendo por este prisma o jubileu de ouro de Panambi, antigo Neu-Württemberg, florescente e progressista centro agrícola e industrial (...), podemos assegurar que sua população cumpriu com galhardia sua missão, constituindo-se em célula viva de labor fecundo e de civismo construtor. Sem quereremos personalizar, manda a justiça que citemos dois nomes que, por si só, sintetizam toda a grandeza desta colônia em véspera de ser constituída município. Dr. Herrmann Meyer, esse espírito de pioneiro, que fundou e organizou a futura colônia a expensas próprias, graças ao seu idealismo fecundo e sadio, cuja chama é o apanágio das almas grandes; Hermann Faulhaber, por mais de vinte anos seu diretor, o qual, pelo exemplo e pela ação soube conduzir a população na vereda do trabalho, da ordem e da prosperidade, imprimindo a colônia o marco indelével de sua vigorosa personalidade. O legado desses pró-homens de Panambi há de constituir para as novas gerações uma fonte perene de inspirações, um exemplo vivo a iluminar o caminho seguro do porvir.³⁴⁸

O livro destaca os retratos de Herrmann Meyer e Herman Faulhaber, pintados a pena, por B. Schubert.

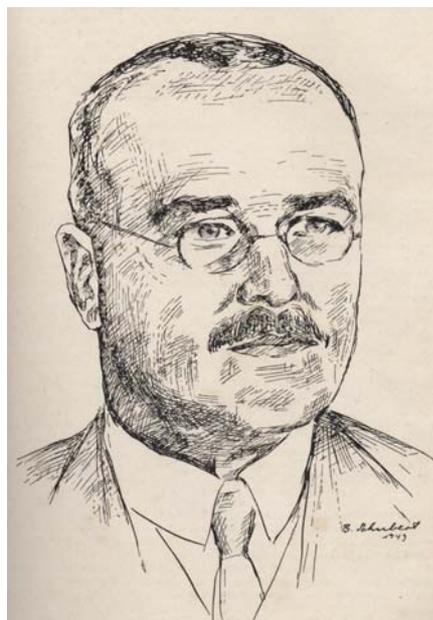
³⁴⁶ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³⁴⁷ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

³⁴⁸ FAUSEL, op. cit., p.1.

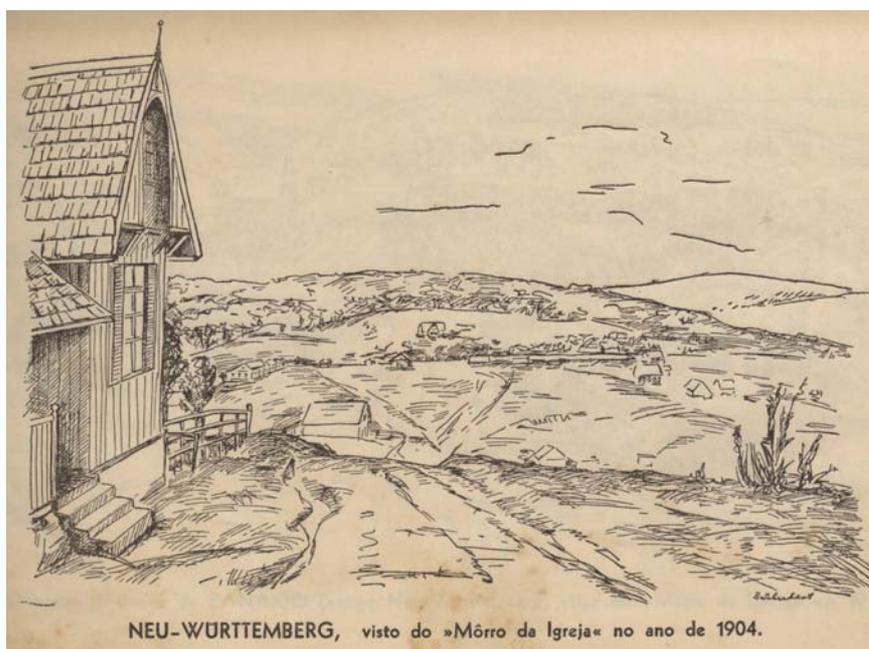


Desenho 1 - Herrmann Meyer



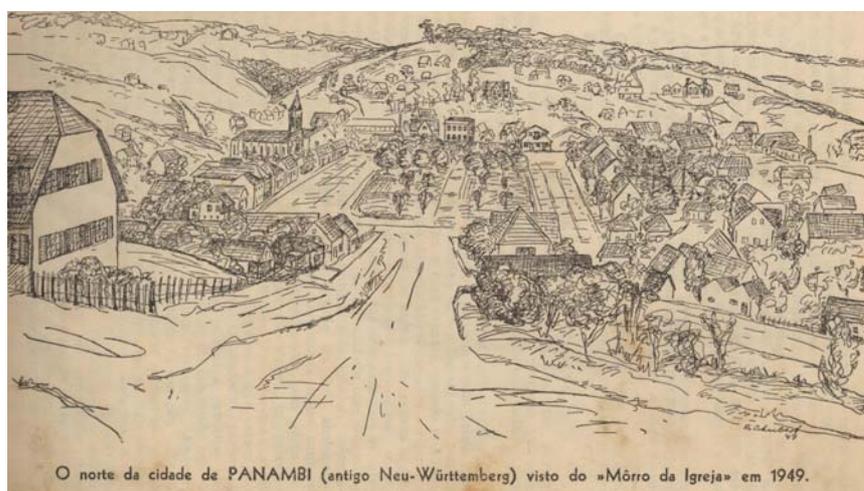
Desenho 2 - Hermann Faulhaber.

Ainda com a finalidade de demonstrar o desenvolvimento econômico de Panambi, estabelece um quadro comparativo ao apresentar duas gravuras, as quais são desenhadas a partir do mesmo ponto de observação, porém, representando períodos de tempo diferentes. Na imagem que pretende representar a comunidade em 1904, o artista enfatiza a imensidão, a falta de recursos, o muito que se tinha a fazer.



Desenho 3 - Panambi em 1904

Já na segunda imagem, que representa a comunidade em 1949, enfatiza o trabalho dos (i)migrantes/descendentes ao ilustrar o grande número de casas, ruas e estabelecimentos comerciais e industriais, bem como a igreja. Ou, em outras palavras, a capacidade que os mesmos tinham de comandar o “futuro município”.



Desenho 4 - Panambi em 1949

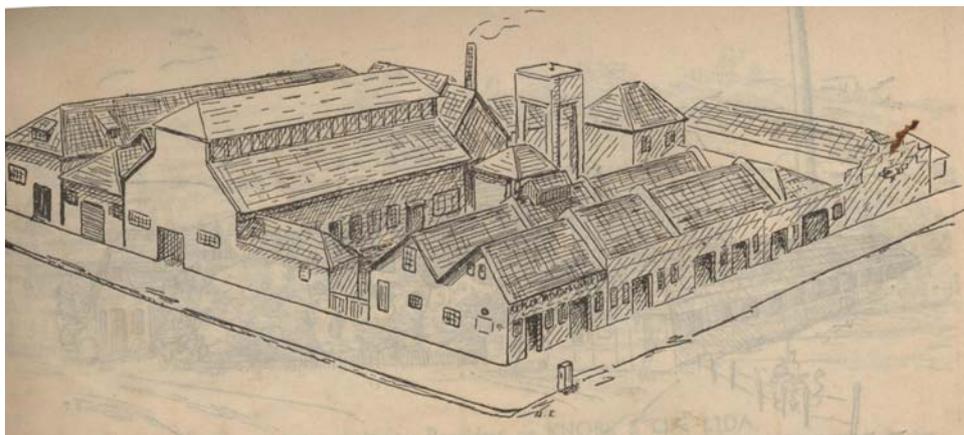
Nessa linha, o livro traz também uma extensa relação das firmas comerciais e industriais³⁴⁹ estabelecidas no distrito, bem como de seus produtos e serviços.

³⁴⁹ Almeida, Alexandre de (casa comercial); Almeida, Valeriano de (casa comercial); Arais, Gustavo (moinho e descascador de Arroz); Baal, Edvino (olaria); Bacher, Eurico Gustavo (auto de Praça e alfaiataria); Bacher, Helena (parteira); Bamesberger, Otto (construções de madeira); Banco Agrícola Mercantil S/A (Banco Industrial e Comercial do Sul S.A.); Baumgarten, Miguel (pensão familiar); Becker, O. (linha de ônibus: Irai-Panambi-Cruz Alta); Beckert, Edvino (ferraria); Behm, Emilio (barbearia); Berndorfer, Otto (ourives, relojoaria, jóias, representações); Blauth, Plínio (Casa comercial); Blum, Germano (tambo de leite); Bonn, Arthur Jacob (fábrica de balas e caramelos); Borchardt, Affonso (oficina de vulcanização e agente de seguros); Bornholdt, Antonio (salão de baile); Bühring, Albino (serraria); Burkhardt, Valdemar (dentista); Bradacz, Antonio (afinador de pianos/concerto de instrumentos e Caixa Rural); Campos, Doralino F. (pensão familiar, barbearia e cancha de bolão); Castro, Delibio (engarrafamento de vinho, vinagre e cachaça); Costa, Gaspar Bueno da (barbearia); Dessbesell, Alfredo (fábrica de lenha); Dessbesell, Jacob (açougue); Dettmer, Alvino (serraria); Dhein, Alberto Affonso (carpintaria); Dick, Theobaldo (moinho de trigo/milho e descascador de arroz); Dietrich, Bruno (auto de praça); Dietrich, Willy (casa comercial, compra e venda de produtos coloniais); Dietz, Ernesto (tambo de leite); Dill, Eugenio Guercess ((açougue); Drasche, César (fábrica de acolchoados, colchões e Tecidos); Dupont, Albano (fábrica de aguardente); Ebinger, Hans (alfaiate); Elsenbach, Germano (moinho de trigo e milho); Faulhaber & Cia. Ltda.(fábrica metalúrgica); Feldmann, Raymundo (ferraria); Feldmann, Waldemar (sapataria); Fensterseifer, Lindolfo (agente de seguros); Fensterseifer, Willy (casa comercial); Fetter, Oscar (cartório civil e escritura distrital); Fetter, Otto (alfaiate); Fischer & Franke Ltda.(casa comercial, agentes de seguros e bomba de gasolina); Focking, Frederico (linha de ônibus: Panambi • Cruz Alta - Santa Maria); Focking, Alfredo (oficina eletro-mecânica); Focking, Ivonne (enfermeira e parteira); Franke, Carlos (hotel Franke); Franke, Rudi A. (tipografia, papelaria, agente de seguros, agente da loteria do Estado e escritório de representações); Fries, Roberto (fábrica de Queijo); Furian & Cia. Ltda.(linha de ônibus: Panambi • Pejuçara); Gärtner, Willibaldo (casa comercial); Geckeler, Jorge (fábrica de móveis e lastros para Camas); Goecks, Reinoldo (padaria); Goldhardt, Walter (cinema »Ideal«, bar, restaurante, chopp e sorveteria); Graser, Roberto (construtor, pedreiro, fábrica de tubos de cimento e britados); Gressler, Etmar R. (fábrica de cepos para tamancos e casa Funerária); Gruehn, Julio (moinho); Hack, Luiz Martin (agente de seguros e representações); Hack & Cia. Ltda.(agência »Ford«;oficina de automóveis; bomba de gasolina e ferraria); Hack & Dietrich (representações; livraria, rádios e oficina técnica); Handel, Fritiz (oficina eletro-mecânica); Handte & Weyrich (casa comercial); Happke, Alfredo(cantaria em geral; fábrica de túmulos); Hartemink, Elimar (representações); Harfemink Irmãos (fábrica de laticínios); Hartmann, Gehard (casa comercial); Hartmann Irmãos (casa comercial); Hatje, Henrique (casa comercial); Heinrich, Bruno (auto de praça); Heinrich, Helmuth (auto de praça); Helfenstein, Alfredo (linha de ônibus: Panambi-Ijuí); Helfenstein, Marculino W. (casa comercial); Hemesath & Cia. Ltda. (fábrica de produtos suínos; estabelecimento agrícola); Hentges, J. O.(fábrica de malas); Hisserich, Carlos (farmácia nova); Jacobs, Carlos (construtor/pedreiro); Kallweit, Frederico (casa comercial, açougue); Kepler, Weber & Cia. Ltda.(fábrica de máquinas agrícolas e industriais); Keppeler, Frilz (alfaiataria); Kettermann, Artur (moinho e serraria); Kettermann, Balduino (Serraria); Klein, Guilherme (fábrica de tintas e graxas); KIos, Kunibert (oficina de concertos de rádios); KIos, Otmar (fotografia); Knorr & Cia. Ltda (carpintaria, fábrica de móveis, parquet e compensados; força e Luz); Koch, Henrique (transporte de cargas); Korndoerfer, Erich (fábrica de Esquadrias); Krambeck, Arlindo (auto de praça); Krambeck, Fritz (hotel do comercio); Krambeck, Walter (sapataria); Kreiser & Cia, Lizelott V. (farmácia »Becker«); Kuhn, Eugen (pintor); Lasch, Waldemar (seguros e representações); Lasch Irmãos & Cia (fábrica de calçados e curtume); Lengler, Otto (casa comercial, caminhão de Carga); Lieb, Reinoldo (encadernador); Lieberkncht, Dr. Augusto (médico); Lieberknecht, Dr. Enrique (médico); Linn, Fredolino (picador e açougue); Loose, Raymundo (pensão familiar); Luedecke, Olivia (casa comercial); Lutz, Albino (bar, bilhar e cancha de bolão); Lutz, Nildo (alfaiataria); Malheiros, Josino L. (casa comercial); Markus, Carlos (fábrica de aguardente, moinho de trigo e serraria); Markus, Edmundo (casa comercial e açougue); Mews, Antonio (linha de ônibus: Panambi • Mambuca – Ijuí); Missbach, Lydia (parteira e enfermeira); Moeller, Carlos(alfaiataria); Muckenfuss, Christiano (barbearia); Mühlen, Gustavo Von (tambo de Leite); Müller, Paulo (oficina de automóveis, bomba de gasolina e fábrica de carrocerias); Neitzke, Walter (tornearia e oficina mecânica); Nilson, Arthur (alfaiataria); Oliveira, Donato Dias De (casa comercial); Paula, Dolcina Severo De (casa comercial); Phillip & Ahlert Ltda (casa comercial); Pohl, Alfredo (salão de baile); Pott, Arnaldo Germano

Por fim, destaca ilustrações de algumas empresas, deixando a impressão de que essas haviam contribuído de forma mais expressiva para a publicação da obra. A seguir, um exemplo³⁵⁰:

(ferraria); Pott & Fetter Ltda (casa comercial); Rahmeier, Edmundo (funilaria/ fábrica de latas); Rehn, Adolfo (carpintaria); Rehn, Ernesto (tornearia mecânica e fábrica de Trilhadeiras); Rehn, Rodolfo (construtor); Rehn & Cia. Ltda. (fábrica de parquet, esquadrias e carrocerias); Reich, Otto (bar e restaurante); Reinke, Roberto (serraria e carpintaria); Reusch, Gottfried (construção e olaria); Rheinheimer, Armindo (bar, restaurante, chopp, bilhar e cancha de bolão); Roehle, Kurt (sapataria e comércio de couros); Ruff, Edith (instituto de beleza); Ruff, Roberto (café, bar e restaurante); Ruff & Fensterseiler (malharia); Sander, Armando (representações); Santos, Ignácio Vitor Dos (sapataria); Sauer, Rudolfo (barbearia); Saur, Ricardo (serralheria e oficina mecânica); Schaal, Hermann (pintor); Schäfer, Jacob (casa comercial e caminhão de carga); Schaffazick, Leopoldo (sub-agente da loteria federal); Scheer, Balduino Frederico (casa comercial); Schemmer, Lindolfo (moinho e serraria); Schmitt, Heinrich (tambo de leite); Schmitt, Lourenço G. (cervejaria); Schmidt, Luiz (salão de baile); Schmidt, Willy Germano (casa comercial e açougue); Schnee & Cia. (linhas de ônibus; transporte de cargas); Schneider, Levino (transporte de cargas); Schneider, Oscar (torrefação de café e fábrica de óleo vegetal); Schneider, Ricardo (casa comercial); Schneider & Wolf (olaria); Schütz, Antonio A. (casa comercial Belizário); Schütz & Cia., A. (casa comercial); Schulien & Cia., J. (casa comercial); Schwingel, Balduino (linha de ônibus: Panambi • Estrela); Schwingel i & Bossler (salão de baile); Silva, Graciliano Da (tinturaria); Sociedade Prante Ltda (casas comerciais, fábrica de laticínios, suinocultura e açougue); Strothmann, Hermann (caminhão de carga); Strücker & Cia, Oscar (sapataria, curtume, selaria e estofamentos); Sulzbach, Jacob A. (fábrica de Balas); Sukamp, Bruno (casa comercial); Transportadora Ijuí (transporte de cargas); Trautmann, Adão Nascimento (barbearia); Trennepohl, Guilherme (dentista); Trentine, Alberlo Henrique (açougue); Trentini, Albino João (casa comercial); Veeck, Reinoldo (transportes de cargas); Venturini, João (casa comercial, cervejaria e engarrafamento); Volkman, Henrique (dentista); Wahlbrink, Edmundo (salão de baile); Wahlbrink, Emilio (moinho); Wegermann, Anni (instituto de beleza); Wegermann, Emilio (pintor); Weidle, Erwin Oscar (padaria Weidle); Weidle, Paulo Eugênio (carpintaria); Welzel Guilherme (funilaria); Wendland, Adolfo (transporte de cargas); Wentz, Waldemar (fábrica de esquadrias); Werkhäuser & Bacher (confeções e modas exclusivistas »Renner«); Weyrich, Theobaldo (carpintaria); Windmüller, Edvino (olaria); Windmölle, Reinoldo (moinho); Wink, Evaldo (serraria); Winkelmann, Francisco (olaria); Winkler, Herbert (carpintaria e tambo de leite); Winter, Carlos Alberto (casa comercial); Wolgien, Hermann (olaria); Wottirich, Reinoldo (funilaria); Zeidler, Bruno (artefatos de madeira); Zell, Gerd G. (pensão familiar); Zibell, Helmut (salão de baile); Zimmermann, Helmut (casa comercial e salão de baile); Zimmermann, João J. (casa comercial e caminhão de carga); Zimmermann, Irmão (açougue); Zobel, Alberto (cantaria). FAUSEL, op. cit., p. 37.

³⁵⁰ Além da Kepler Weber, o livro traz ilustrações dos seguintes estabelecimentos: Hemesath & Cia Ltda; Industrias Knorr & Cia. LTDA.; Fábrica Metalúrgica Faulhaber & CIA LTDA.; Hartemink Irmãos; Cinema Ideal; Ourivesaria de Otto Berndorfer, César Drasche LTDA, Oscar Schneider LTDA, Ricardo Saur LTDA, Hartmann Irmãos, Roberto Buff, Lasch Irmãos e CIA, Caixa Rural, Casa Hartmann, Edmindo Bahmeier, Rudi A Franke LTDA, Rehn & CIA LTDA, Erich Korndorfer LTDA, Oscar Strücker & CIA, Hack & CIA LTDA, Adolfo Rehn LTDA, Hospital Pindorama (pertencente ao Dr. Enrique Lieberknecht) e João Jorge Geckeler LTDA. Apresenta também fotos das seguintes empresas: Padaria Weidle, Otto Beich – Bar e restaurante-, Werkhaeuser e Bacher, Ernesto Rehn – tornearia mecânica- Alfredo Happke, Affonso Borchardt e farmácia de Carlos Hisserich. FAUSEL, op. cit.



Desenho 5 - Empresa Kepler Weber

No aspecto desenvolvimento econômico, então, Panambi parecia apta a solicitar o processo plebiscitário. Wahlbrink destaca:

A única coisa, os de origem alemã, em Panambi tinha domínio, era no comércio e indústria. Bom! Isso, sem falsa demagogia, era noventa e cinco por cento, era ou alemães, ou de dependentes, ou descendentes de alemães. Então eu não lembro, eu não lembro, se alguém me diz assim, a não ser um alambique, uma coisa assim, uma olaria, que pudesse ser de um luso brasileiro, não lembro... Não tinha assim, nenhuma indústria, quem dominava o negócio, era de fato, de origem germânica ³⁵¹

No entanto, a localidade não possuía o número de habitantes exigidos para efetuar o processo de emancipação, o que levou a Comissão Emancipacionista a propor a incorporação da vizinha localidade de Condor, distrito que pertencia ao município de Palmeira das Missões. Todavia, este não aceitou o desmembramento, visto que perderia território e contribuição fiscal, e iniciou propaganda contrária ao “movimento”.

Nessa conjuntura, destaca-se o fato de que tanto as rivalidades originadas pelas disputas políticas entre os coronéis de Palmeira das Missões e Cruz Alta, quanto o contexto da Campanha de Nacionalização, ainda se mostravam latentes na memória e nas relações locais.

Segundo Prass,

³⁵¹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev.2002.

quando Panambi pleiteou a emancipação, faltou população e eles achavam que Condor devia ser parte de Panambi, porque foi colonizado daqui. Aqui começou em 1899 e em Condor já foi em 1912. Então lá em Condor, claro que a população queria, porque até Palmeira dava 50 quilômetros, Panambi dava oito, pela estrada antiga. E eles tinham mais afinidade com o pessoal daqui. Mas, lá de Palmeira venho uma pressão tão grande sob o pessoal... Fizeram um trabalho de repressão, de assustar as pessoas ! Mas, essa pressão, principalmente, era contra germânicos, contra o alemão.³⁵²

Malheiros complementa,

Em 23 de julho de 1949, foi autorizada pela Assembléia Legislativa do Estado a realização do Plebiscito marcado para o dia sete (7) de setembro desse ano. Como não deixaria de ser, a notícia foi recebida em Panambi com grande Júbilo. Foi realizada passeata, e o foguetório pipocava nos ares do já futuro município. As sirenes das fábricas e buzinas dos carros com o repicar dos sinos das Igrejas ressoavam nos céus de Panambi, dado o júbilo e entusiasmo da população. Enquanto isso, aumentava a resistência anti-emancipação promovida pela Prefeitura Palmeirense, no território de Condor. (As famílias eram pressionadas de uma ou de outra forma a votar contra a emancipação). Até cartas anônimas eram enviadas aos líderes da Campanha. Certa vez, Josino Leal Malheiros, um dos líderes da emancipação, junto com outros companheiros que visitavam Condor, foi naquele município atacado quando chefiava uma caravana da Campanha de Emancipação, por um grupo de homens armados de porrete e facão. Nessa ocasião foram feridos dois companheiros da caravana. Nessa ocasião sr. Delegado Regional de Polícia, Dr. Brasil Milano compareceu ao local e abriu rigoroso inquérito sobre o fato, muito lamentado. Ao mesmo tempo deu ampla liberdade e garantias para a realização do plebiscito. Entretanto o povo e seus líderes não esmoreceram diante de fatos como esse. Até pelo contrário, intensificaram os trabalhos da campanha, no sentido de ver realizado o grande sonho de um ideal justo. Em dois de setembro do mesmo ano, o carro em que viajava Walter Faulhaber, agora Presidente da Comissão Emancipacionista, foi atacado. Faulhaber se fazia acompanhar do Sr. Rudolfo Wentz, quando ocorreu o atentado de agressão. Esses fatos tiveram grande repercussão tanto no interior do Estado, como em Porto Alegre, sendo destacados pelos principais jornais. Conseqüentemente o plebiscito foi adiado para o dia 25 de setembro. Realizado o Plebiscito acusou o seguinte resultado: Em Panambi, 1.722 votos a favor, contra só 5 votos. Em Condor: 1.324 votos contra e a favor, só 863. Ainda nesse dia da consulta plebiscitária foram colocadas tábuas com pregos enterrados nas estradas. Alguns deputados que acompanhavam o desenrolar dos fatos acompanhando de perto o Plebiscito, pegaram essas tábuas crivadas de pregos, levaram para a Assembléia e apelidaram de “minas anti-pneus”. Com tais minas muitos carros ficaram parados com os quatro pneus furados em muitas estradas do distrito.³⁵³

De acordo com um dos panfletos da campanha anti-emancipação,

os intrusos de Panambi vendo que estão com a causa perdida pedem socorro para alguns moradores do distrito de Condor que se acham alojados em tão ingrata cruzada. Alegam ingenuamente seus subscritores que a criação do município será a grandeza da pátria. Si fosse assim estaria facilmente resolvida a sorte de todas as

³⁵² PRASS, Bruno. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

³⁵³ MALHEIROS, op. cit., p. 61.

Nações do mundo. (...) É voz pública que Panambi é um Distrito tão “abacaxi” para Cruz Alta, que esta resolveu deixar que aquele filho incontentável saísse de casa para conhecer o mundo. Porém, Cruz Alta vai ter que suportar O DISTRITO DE PANAMBI porque o povo de CONDOR que sempre pertenceu ao município de Palmeira vai dar uma lição em muita gente.³⁵⁴

Os dirigentes de Palmeira das Missões acusavam os emancipacionistas de não serem autênticos brasileiros e de explorarem seus concidadãos, o que indica que tinham consciência de que a Comissão era formada por membros da ACI.

É mentira que os intrusos de Panambi são todos brasileiros natos!

Os emancipacionistas são os “exploradores dos colonos”.

Contestando Ofensas: Acompanhamos com vivo interesse, a luta que esta se iniciando entre a Gloriosa Palmeira e os intrusos de Panambi.

Verificamos que todo esse barulho, no nosso distrito de Condor, é feito, por meia dúzia de ambiciosos que querem fazer município, sacrificando o povo, com pesados impostos, visando somente os seus interesses pessoais.

Temos em mãos as fichas dos improvisados líderes. Ei-las:

Frederico Lesten: Ou Fidirico Besten, faz parte de uma firma de suínos. Será que paga com pontualidade os colonos?

Walter Faulhaber: Embora sendo engenheiro, esta com os cálculos errados.

Ernesto Kepler: Ernesto Kepler, possui rendosa fundição e tanto como os outros, tornam-se facilmente argentários, ou como diria o dr. Alberto Pasqualini, são empresários que enriquecem comprando e vendendo o trabalho de seus semelhantes. Ainda como Rudy Frank, Conrado Deite, etc, etc...³⁵⁵

A disputa escancara conflitos étnicos e sociais, como na ocasião em que “Walter Faulhaber, na presença de inúmeras pessoas, quando o Meritíssimo Sr. Juiz de Carazinho

³⁵⁴ Panfleto, “Ao Povo de Condor”, PEM 11, Caixa 48, MAHP.

³⁵⁵ Panfleto, “Ao Povo de Condor”, PEM 11, Caixa 48, MAHP.

respondia pela comarca de Palmeira, disse: quero ver como que a negrada analfabeta de Palmeira vai chegar na frente do juiz, em Carazinho...”³⁵⁶ Ao que os palmeirenses revidaram:

Esses que chamaram os Palmeirenses de negrada vadia e que gostam de debochar dos moradores de Condor, quando passam abusando e buzinando berrantemente as businas de seus automóveis, enquanto seus operários lá ficam forcejando para eles, fiquem sabendo que a negrada continuara mandando em Condor, embora eles não queiram.³⁵⁷

Para muitos (i)migrantes/descendentes alemães, havia “uma certa inveja, porque a nossa cidade, o nosso distrito, a nossa colônia, isso é, isso era muito adiantado, olha as fábricas, as ferrarias, umas quantas que se existiam assim. Aqui se tinha tudo”. A perseguição “era inveja, não era nada com alemão e brasileiro (...) era inveja”.³⁵⁸ Röhle acrescenta:

Palmeira não era nada, só sempre tinham revolução, casas quebradas. Quando nós fomos de passeio, tempo de criança, pra Palmeira, os meus pais tinham conhecidos lá, isso agora também não é nada racial, que eu falo aqui. Então nós já nos levantamos de madrugada, a minha mãe tinha preparado uma galinha com farofa pra levar junto, que a gente nunca sabia quando que hora chega lá. Que as estradas eram ruim, então a gente se levantou de madrugada e o pai encheu o bolso de níquel, porque a gente tinha que passar nos portões dos poteiros, lá tinha os negrinhos que a gente jogou os níquel fora pra eles abrir os portões...³⁵⁹

A Campanha de Emancipação indica, dessa forma, a permanência de muitos dos conflitos acirrados durante a Campanha de Nacionalização.

a Campanha emancipacionista, Panambi- Condor, não é em absoluto o “barulho de meia dúzia de ambiciosos” e sim uma iniciativa simultânea e patriótica de figuras que representam o cerne da população de ambos os distritos, que tomaram a sua deliberação unicamente em reunião pública. É uma campanha que hoje se tornou um verdadeiro movimento popular e em todos os sentidos, bem brasileiro, pois visa, única e exclusivamente, a grandeza da amada Pátria brasileira e Riograndense, com a criação de mais um município, de cuja pujança dá testemunho o inegável índice de Progresso de Panambi e Condor. A comissão de trabalhadores é composta exclusivamente de brasileiros natos.³⁶⁰

Essa situação parece ter sido amenizada após a efetivação da emancipação que ocorreu em 1953. Kepler menciona:

³⁵⁶ Panfleto assinado por David Martins, Arthur Amaro e Alarico Morais. “Contestando Ofensas”. PEM 11, Caixa 48, MAHP.

³⁵⁷ Panfleto assinado por David Martins, Arthur Amaro e Alarico Morais. “Contestando Ofensas”. PEM 11, Caixa 48, MAHP.

³⁵⁸ RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 22, fev. 2002.

³⁵⁹ RÖHLE, Nilsa Hack. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 22, fev. 2002.

³⁶⁰ Panfleto, “A verdade rebatendo a mentira”. Caixa 48. Disponível no MAHP.

Arno Goldhardt, duas vezes, o pai dele dormiu no cimento. Esse eu sei, porque eu assisti, eu acompanhei isso tudo. *E o que mudou muito foi o fim da guerra e o Walter Faulhaber se tornar prefeito de Panambi*, aí, aí acabou de vez, porque o Walter Faulhaber ele, afinal, o nome dele já diz tudo, era filho de imigrantes. Mas foi uma época muito negra, eu vi muita gente bonita pedindo colchão pra pelo menos não dormir no cimento. O pessoal lá de Cruz Alta tinha ódio do pessoal daqui. Quando o Walter Faulhaber começou a Campanha de Emancipação, e conseguiu a emancipação, gente, isso foi um presente pra Panambi, melhor não podia ser!³⁶¹(Grifo nosso)

A posse do primeiro prefeito, Walter Faulhaber, acontece em 1954. O evento parece simbólico por duas razões: primeiro porque marca o início da autonomia política da localidade e segundo, porque rememoram-se os feitos de Herrmann Meyer e Hermann Faulhaber, assinalando o caráter cultural do novo município.

Após ter sido cumprido um bem elaborado programa festivo, foi dada posse ao prefeito e a primeira Câmara de vereadores. Nesse programa, em destaque foi feita uma homenagem póstuma aos ilustres homens: Dr. Herrmann Meyer, fundador da empresa de colonização e ao pastor Herman Faulhaber, diretor da mesma.³⁶²

Assim, a conquista da independência política foi um poderoso instrumento para pleitearem benefícios e investir em infra-estrutura de forma independente. Garantiu, também, a possibilidade de “preservarem a cultura germânica”, o que lhes fora negado durante a Campanha de Nacionalização. Desse modo, continuariam a prestar contas ao estado brasileiro, mas dentro de seu espaço geográfico o poder lhes pertenceria: em Panambi, os imigrantes/descendentes alemães seriam os “estabelecidos”, tendo poder econômico, político e a hegemonia cultural.

2.4.9 “Agora tu tá no Brasil e tu tem que aprender falar alemão...”

A construção da representação de Panambi como “cidade alemã” vincula-se aos interesses de grupos (i)migrantes/descendentes alemães e de cidadãos da Alemanha que desejavam reconstruir no Brasil o cenário da *Heimat*. Miguel Schmitt- Prym recorda: “Naquela época, inclusive o comércio selecionava recursos humanos exigindo que o candidato, principalmente no comércio, falasse alemão. Era exigência. Naquele tempo ainda havia muita gente aqui que não falava português, só falava alemão”. E complementa:

quando os meus pais vieram da Alemanha, em 1939, o povo aqui da vila estranhou muito a primeira providencia do meu pai e minha mãe foi contratar professores para

³⁶¹ KEPLER, Walter Roberto. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 18, fev. 2002.

³⁶² MALHEIROS, op. cit., p.62.

aprender português. E o pessoal dizia, mas pra que fala português? Que não precisa falar em português. Aliás tinha uma velha senhora que é a mãe da dona Brunhilde Goldhardt. A mãe dela um dia me chamou, eu era criança e cantava música italiana na praça, que meu pai e minha mãe tinham que trabalhar, eles vieram muito pobres de lá. Então eu sentava na praça e cantava música italiana, cantava muita musica italiana com 3, 4 anos de idade. E os colonos iam lá me levavam bolacha, refrigerante, bala, chocolate prá mim cantar prá eles e eu cantava. Eu só falava italiano, não falava nenhuma palavra em alemão, nem português... E a senhora Bendorfer, um dia atravessou a rua, sentou na praça, e começou a falar comigo, e eu dizia “capitche niente”, e ela só falava em alemã. E aí, ela me disse: *“olha menino, vou te dizer uma coisa, agora tu tá no Brasil e tu tem que aprender falar alemão”*. Era assim aqui em Panambi. (Grifo nosso).³⁶³

Portanto, nesse contexto, o desejo de se tornar “estabelecido” fundia-se com anseio de retornar à pátria mãe e, para alguns grupos, à tentativa de reconstruir uma nova “Alemanha no Brasil”. O desejo foi sintetizado na direção indicada em Heinrich von Offerdingen, citado por Grützmann: “Pois, para onde nós vamos? Sempre para casa.”³⁶⁴ Pois, mesmo que a “casa” não esteja mais na Europa, as lembranças e os laços que ficaram levam muitos a buscar a reconstrução do “cenário” conforme suas recordações os orientam, ou como ouviram de seus pais, parentes, etc. Esse mecanismo parece dar segurança aos (i)migrantes/descendentes e serve como referência para que reconstruam sua identidade, o que, evidentemente, fazem em relação ao “outro”, no caso, “os brasileiros”. O processo complexo nos parece resumido nas palavras de Werner: “Você sabe como é que chamavam Panambi naquele tempo? Segunda Alemanha viva, porque aqui tinha gente que só falava alemão (...) Segunda Alemanha viva!”³⁶⁵

³⁶³ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Márcia Neumann. 15, fev. 2005.

³⁶⁴ NOVALIS apud. GRÜTZMANN, op. cit., p. 404.

³⁶⁵ WERNER apud ALMEIDA, Elmar Soero de. **Aprendizagens para o mundo do trabalho: histórias de metalúrgicos em Panambi – RS**. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências)-Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), 2000, p. 52.

3. “OS ALEMÃES ERAM PESSOAS ESTABELECIDAS...”

RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE RECEPTORA E MIGRANTES EM PANAMBI

Éramos um bando de imigrantes em desordem
em uma paisagem branca como lírio.
Um dia aprendi uma arte secreta,
Invisibilidade, era seu nome.
Acho que funcionou
pois ainda agora vocês olham
mas nunca me vêem,
Só meus olhos ficarão para vigiar e assombrar
e transformar seus sonhos em caos...
M. Strangre Jin. O local da cultura, p. 78.

3.1 “PANAMBI: DESENVOLVIMENTO, UM DESAFIO QUE ESTE MUNICÍPIO ACEITOU”.

Neste capítulo, procura-se analisar o cenário econômico que favoreceu as migrações para Panambi na década de 70, os problemas urbanos subsequentes e as relações engendradas entre a sociedade receptora e os migrantes. Ao contrário da maioria dos municípios da região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, como referido no segundo capítulo, este município dedicou-se desde o início de sua formação a atividades econômicas variadas, embora até o

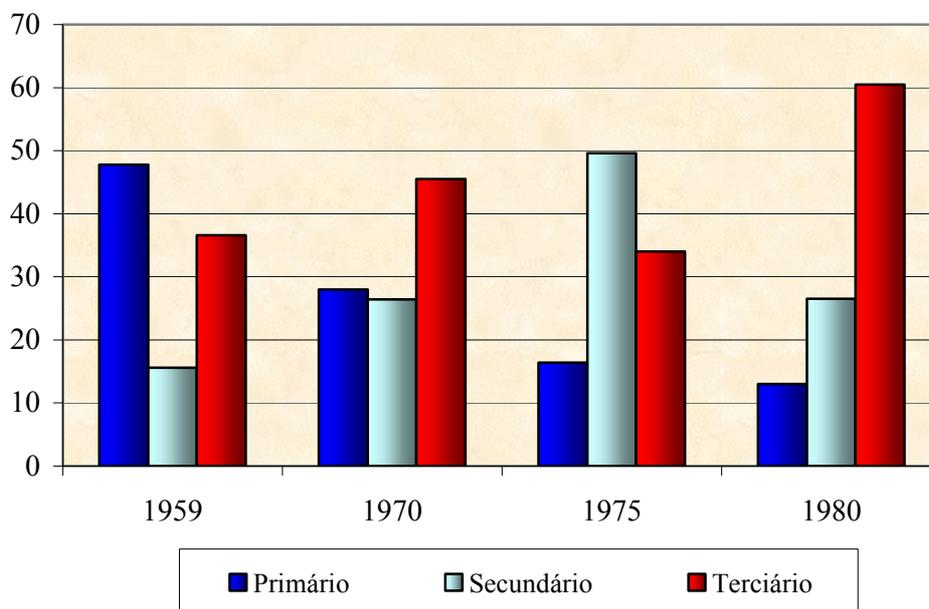
começo da década de 60 a agropecuária fosse a atividade preponderante, decaindo posteriormente. Já a renda gerada pelo setor secundário (indústria) foi crescente até 1975, auge da expansão agrícola. A tabela nº 1 destaca essa mudança na estrutura de renda interna. Relativamente à população, na década de 60, quase $\frac{3}{4}$ do total habitava o meio rural, 12.934 pessoas, enquanto 4.940 habitavam a zona urbana. Essa situação se inverteu posteriormente, sendo que, no começo da década de 80, a população urbana era de 17.972 pessoas enquanto a rural era de 5.899 habitantes.³⁶⁶

Tabela nº1: Evolução da estrutura da renda interna municipal e estadual: 1959-1980 (em %)

SETOR	PRIMÁRIO			SECUNDÁRIO			TERCEÁRIO			TOTAL
	PBI	RS	PE	PBI	RS	PE	PBI	RS	PE	PE
1959	47,8	27,9	0,57	15,6	19,5	0,26	36,6	52,4	0,23	0,33
1970	28,0	20,9	0,38	26,4	20,9	0,35	45,5	58,7	0,22	0,28
1975	16,4	18,5	0,43	49,6	25,5	0,95	34,0	55,9	0,30	0,49
1980	13,0	16,3	0,26	26,5	26,6	0,32	60,5	57,0	0,34	0,32

Fonte: FEE *apud* Plano Diretor Municipal de Panambi. p. 22.

³⁶⁶IPDU, Unijuí. Disponível em : <www.unijui.tche.br>. Acesso em : 10 de set de 2004.

Gráfico 1: Evolução da renda interna setorial em Panambi

Fonte: Dados da tabela nº 1. Gráfico elaborado por MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de.

A tabela nº 2 indica os gêneros em que se subdividiu o setor secundário de Panambi, bem como o número de pessoas empregadas. Analisando a tabela, percebe-se que além dos ramos da metalurgia e da mecânica, outros setores se desenvolveram no período, como as indústrias do ramo madeira-mobiliário e do vestuário, cuja contratação de pessoal foi crescente.

Tabela nº 2 – Subdivisão do setor secundário

ANOS	1960		1970		1975		1980	
	Nº	PO	Nº	PO	Nº	PO	Nº	PO
GÊNERO								
Minerais não Metálicos	11	-	8	40	7	61	4	26

Metalurgia	2	-	4	112	3	142	7	218
Mecânica	4	-	5	410	11	1301	7	1508
Material de transporte	2	-	2	0	3	23	1	0
Madeira	21	-	11	85	10	90	8	135
Mobiliária	6	-	5	36	5	26	4	25
Couros, peles, similares	1	-	2	0	1	0	1	0
Química	2	-	2	0	2	0	1	0
Têxtil	2	-	2	0	1	0	-	-
Vestuário, calçados	1	-	3	43	4	120	5	39
Produtos alimentares	30	-	11	64	15	44	9	56
Bebidas	-	-	2	0	1	0	-	-
Editorial e gráfica	1	-	2	0	3	49	3	20
Extração de minérios	-	-	-	-	1	0	-	-
Diversas	1	-	1	0	2	0	1	
Total do município	84	-	60	899	70	1991	52	2175

Fonte: IBGE *apud* Plano Diretor do município de Panambi, p. 32

Em relação ao setor do comércio, a tabela nº 3 indica a evolução do número de empresas e do emprego no segmento, em Panambi, de 1960-1980.

Tabela nº 3 – Empresas e emprego no setor do comércio

Ano	ATACADO			VAREJO			TOTAL	
	Empresas	PO	PO/E	Empresas	PO	PO/E	Empresas	PO
1970	3	8	2,6	145	439	2,9	148	447
1975	10	59	5,9	139	543	3,9	149	602
1980	8	192	2,4	145	933	6,4	153	1125

Fonte: IBGE *apud* Plano Diretor de Panambi p.22

Legenda: PO: Pessoal ocupado; PO/E: Média de funcionários por empresa.

Este cenário de desenvolvimento econômico está intimamente relacionado a alguns fatores específicos, tais como o contexto macro, a atuação dos grupos dirigentes do local e o

“rápido” desenvolvimento econômico da Cooperativa Triticola Panambi e da empresa Kepler Weber S.A.³⁶⁷

3.1.1 O desenvolvimento econômico do Brasil na década de setenta

No início dos anos setenta, a economia brasileira beneficiou-se do grande crescimento do comércio mundial e dos fluxos financeiros internacionais que desencadearam um ciclo expansivo de resultados positivos em quase todos os setores. Um texto publicado pelo jornal *A Notícia Ilustrada* apresenta alguns indicativos desse crescimento:

foram atingidas todas as principais metas econômicas-financeiras estabelecidas, ressaltando-se o seguinte: 1º Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), entre as mais altas dos anos 60, na mesma ordem do elevado nível alcançado em 1969, ou seja, de 9,5%; 2º Mais baixa taxa de inflação da década, aquém da barreira dos 20%: aumento do índice geral de preços, o indicador mais geral da inflação (como média ponderada dos índices de custo de construção na Guanabara e dos preços por atacado), foi de 19,3%, 3º Mais alto nível absoluto da receita de exportações totais de mercadorias (cerca de US\$ 2.700 milhões); recorde absoluto, igualmente, de exportação de manufaturados, com US\$ 450 milhões; 4º Mais alto nível de reservas cambiais já registrado, na ordem de US\$ de 1.200 milhões; 5º Mais baixo nível de déficit nesta década, na ordem de Cr\$ 738 milhões, em termos reais (preços constantes) e como porcentagem do PIB (cerca de 0,4%).³⁶⁸

Conforme Brum, esse quadro foi favorecido por uma grande oferta de capital, da qual o Brasil, como outros países em desenvolvimento, fez uso através da captação de crédito externo em escala crescente – como, por exemplo, os Petrodólares. Internamente, destaca-se o forte controle exercido pelo setor público nas ações de arrecadação de tributos que permitiu a recuperação da capacidade do Estado de investir em grandes projetos.³⁶⁹ Outro aspecto relevante foi a “produção de um clima de otimismo” que divulgava a possibilidade do país se tornar uma “potência mundial”. Essa premissa foi amplamente destacada pelo jornal *A Notícia*

³⁶⁷ Neste período outras empresas locais também iniciaram um ciclo de desenvolvimento considerável: Metalúrgica Faulhaber S/A; Ernesto Rehn & Cia Ltda; Panificadora Weidle; Oscar Strücker & Cia Ltda; Metalúrgica Saur Ltda; Ramayer; Knorr; Reinke; Móveis Barta; Construtora Rehn e Fockink.

³⁶⁸ O movimento brasileiro. **O Panambiense**, Panambi, nº1371, ano XII, 19, abr.1971, p.5.

³⁶⁹ Cf. BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura – trigo e soja**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988; BRUM, Argemiro Jacob. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997; BRUM, Argemiro Luis. **O Brasil na história da economia mundial da soja**. Ijuí: UNIJUÍ. Departamento de Economia e Contabilidade, 1993.

Ilustrada, onde se encontra uma série de artigos, provavelmente publicados originalmente na capital, a respeito do tema. Nesse sentido, uma nota de 1971 registrava:

O que está acontecendo, atualmente, no Brasil está deixando todo mundo atônito. Ninguém consegue entender como, em tão pouco tempo, conseguimos mudar de maneira tão acentuada a nossa situação perante as outras nações. Há menos de uma década nosso conceito era o menor possível. Ninguém acreditava em nossa capacidade; talvez nem nós próprios. (...) O Brasil, parece, acordou de um longo sono. Tornou-se adulto, senhor de si. Deixou de ser uma esperança: é uma realidade. Já não nos curvamos perante a vontade e pressão de outras nações. Tomamos nossas próprias decisões, voltadas sempre ao encontro de nossos interesses, de nossas necessidades e de nossa soberania. Somos sim, uma verdadeira potência que caminha a passos largos e firmes e que, bem cedo, inexoravelmente, alcançará sua verdadeira posição no mundo civilizado.³⁷⁰

Naquele período, é possível ressaltar duas fases que tiveram influência decisiva na condução dos rumos do país e repercussão no âmbito da ação política e econômica nacional: o “milagre” econômico brasileiro (1968-1973) e o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND – 1974-1979).³⁷¹ A primeira fase caracteriza-se por um crescimento acelerado, decorrente, em grande parte, das reformas ocorridas em anos anteriores, as quais possibilitaram conter a inflação e criaram as condições favoráveis para o crescimento econômico, associado ainda às excelentes condições internacionais. Já na segunda fase, a manutenção do crescimento se deu em função da vontade política do governo militar de transformar o Brasil em potência mundial emergente, na intenção de retirá-lo da condição terceiro-mundista e inseri-lo no chamado Primeiro Mundo. A década foi marcada também pela grande expansão do ciclo da soja, que liderou o processo de modernização da agricultura, superando o trigo que até 1972 ocupava lugar de destaque.³⁷²

Em outras palavras, o “milagre econômico” foi uma articulação estatal do processo de crescimento econômico baseado no financiamento de recursos externos para o Estado, que investiu em um plano ousado de obras públicas, como por exemplo, a Ponte Rio-Niterói, a Transamazônica, etc. Na região Noroeste do Rio Grande do Sul, destaca-se a construção da

³⁷⁰ Milagre brasileiro. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº16, ano I, 12, jul.1971, p. 5.

³⁷¹ Cf. SAUSEN, Jorge Oneide. **Adaptação estratégica organizacional: O caso da Kepler Weber S/A**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação. Florianópolis, 2002; BRUM, 1988, op. cit.; BRUM, 1997, op.cit.; BRUM, 1993, op. cit.

³⁷² SAUSEN, op. cit., p. 83.

BR 285 e da BR 158 (hoje RS).³⁷³ Outro setor de articulação foi o do desenvolvimento das indústrias nacionais, que também acessaram os recursos externos, com o Estado como garantidor. O objetivo central era desenvolver o parque industrial nacional, para o que outro fator preponderante era fornecer mão-de-obra à indústria, uma vez que a população brasileira ainda era fortemente concentrada no meio rural.

Desse modo, o Estado, além de investir diretamente em infra-estrutura e nos setores estratégicos de base, também beneficiou o setor privado através da concessão de subsídios e créditos facilitados,³⁷⁴ incentivos fiscais e outros recursos, transferindo o capital público para a iniciativa privada.³⁷⁵ O Estado articulou ainda outra linha de ação, que foi a modernização agrícola ancorada no acesso ao crédito aos produtores rurais, os quais deveriam investir na compra de insumos, maquinários e no desenvolvimento do sistema de estoques agrícolas. Uma nota do jornal *A Notícia Ilustrada* registrava:

Crédito agrícola aumenta em mais de dois milhões. Conselho Monetário Nacional fixou preços mínimos para produtos agrícolas. Para ampliação do crédito, o conselho nacional alterou sua antiga resolução nº 69 aumentando de 10% para 15% dos saldos dos depósitos as aplicações dos bancos privados em financiamento agrícola.³⁷⁶

³⁷³ Quanto à infra-estrutura local, as obras federais também foram fundamentais, por exemplo, em 10, mar.1976 o jornal *A Notícia Ilustrada* noticiava a continuação da BR- 158, que ligava Panambi, Palmeira das Missões e Cruz Alta, conectando-as a Santa Catarina e ao porto de Rio Grande, o que evidentemente, favorecia o escoamento da produção.

³⁷⁴ De forma geral, o crédito facilitado foi uma das marcas do período como parece sublinhar a seguinte piada publicada no periódico local: “O filho pergunta ao pai: ‘Pai porque existem mais pedestres do que automóveis?’ Ao que o pai responde: ‘Porque a gente tem que pagar os sapatos a vista filho’”... *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº409, ano IV, 14, mar.1974, p.3.

³⁷⁵ “Esse favorecimento – chamado acumulação primitiva – representa um adicional de lucro para as empresas, que se acrescenta à taxa de mais valia ou parcela do trabalho apropriada pelos capitalistas e ao progresso tecnológico incorporado, aumentando a capacidade da empresa privada para autofinanciar seus investimentos.” BRUM, 1993, op. cit., p. 83.

³⁷⁶ *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº313, ano III, 20, jul./ 1973. O artigo segue: “Como esclareceu o ministro Delfim Neto ao propor a alteração, esse aumento porcentual significa um aporte, adicional de mais de dois bilhões de cruzeiros a disposição dos produtores para custear a próxima safra. Ainda ontem o Banco Central expediu a resolução nº 260 tornado público o CMN, resolveu: 1. Elevar de 10 para 15% o porcentual a que se refere o item 1 da resolução nº 69 de 22 de setembro de 1967; 2. A partir do mês de julho corrente, o calculo das aplicações a que se refere a presente resolução será baseadas na média- móvel trimestral dos saldos de depósitos apurados mensalmente; 3. Determinar que a partir do mês de julho corrente seja aplicada em operação típicas de crédito rural, importância equivalente a 30% do acréscimo de depósitos, verificado em relação ao mês anterior, ao que os novos níveis mínimos obrigatórios, pela presente resolução serão atingidos; 4. As instituições que

Por outro lado, o parque industrial privado nacional, que teve seu principal impulso após a Revolução de 1930, cumpriu o papel de complementar a produção de bens de consumo duráveis, visando abastecer o mercado interno, dentro de uma estratégia de substituição das importações, de acordo com a proposta Cepalina.³⁷⁷ Nessa visão, uma de suas tarefas era integrar os grandes complexos internacionais instalados no país, fornecendo peças e acessórios, e responder pela necessidade do Estado junto às obras públicas e a modernização agrícola. As empresas estatais criadas no período e o Estado, de maneira geral, assumiram a responsabilidade de fornecer infra-estrutura necessária, bem como os insumos básicos: estradas, energia elétrica, petróleo, aço, etc. Dessa forma as empresas privadas nacionais e internacionais formavam um tripé de sustentação à indústria brasileira. Este processo de modernização redefiniria as relações entre a agricultura e a indústria, a partir do desenvolvimento dos complexos agroindustriais. A agricultura passaria a se estruturar a partir da sua inclusão imediata no circuito de produção industrial, seja como consumidora de insumos, maquinários e equipamentos, seja como produtora de matéria-prima para a sua transformação industrial.³⁷⁸

Todavia, a modernização agrícola não dependia apenas do interesse do Estado, fornecedor de linhas de crédito variadas aos agricultores, mas, antes de tudo, dependia da construção de uma nova mentalidade agrícola, do desenvolvimento de produtos com maior demanda no mercado interno e externo e, principalmente, da elevação da capacidade de estocagem e das vias de escoamento. O Estado, ciente de que não havia condições da iniciativa privada atender essa demanda, buscou a resolução destes problemas, em dois sentidos: ofertando um conjunto de serviços públicos voltados à modernização agrícola; e organizando os agricultores, principalmente em Cooperativas, para que estes incorporassem e

não desejarem ou não puderem cumprir a obrigação expressa nos itens 1 e 3 recolherão as importâncias correspondentes ao Banco Central do Brasil na forma prevista no item 2 da resolução nº 69; 5. O Banco Central do Brasil baixará as normas complementares à implementação das disposições contidas na presente resolução. O Conselho Monetário Nacional (CMN) também tabelou onze produtos agrícolas. Eis os preços mínimos para os principais produtos: milho 60 kg safra 1972/1973 CR\$ 18,00; Sorgo 60 Kg safra 1972/1973 CR\$ 15,00, proposta para safra 1973/1974 CR\$ 24,00; Feijão preto comum 60 kg CR\$ 49,2 proposta para safra 1973/1974 CR\$ 75,00; Soja 60 kg safra 1972/1973 CR\$ 30,00 proposta para safra 1973/1974 CR\$ 36,00”.

³⁷⁷ CEPAL – Comissão Especial para América Latina e Caribe, órgão ligado a ONU para pensar o desenvolvimento desta região, dentre seus quadros destacaram-se Raul Prebisch, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Maria da Conceição Tavares, entre outros.

³⁷⁸ SAUSEN, op. cit., p. 105.

disseminassem a modernização e conseguissem amortizar os investimentos necessários. Os serviços públicos foram basicamente financiados pelo Banco do Brasil.³⁷⁹ Formou-se uma rede de pesquisa e extensão rural disseminada em todo o país, com a criação da EMBRAPA e da EMATER, bem como de convênios com órgãos internacionais como a Fundação Rockefeller.³⁸⁰

O estímulo a formação e desenvolvimento das Cooperativas permitiu aos agricultores assumirem grandes empréstimos para construir as instalações de estoque necessárias ao aumento da produtividade, bem como facilitava a atuação dos órgãos públicos na disseminação das tecnologias e também para o financiamento dos insumos e equipamentos agrícolas. Essas cooperativas cumpriam um papel do Estado, uma vez que materializavam junto ao agricultor as informações e os recursos necessários para que estes “se modernizassem” e também recebiam a sua produção, comercializando-a em larga escala, assim obtendo melhores preços, inclusive via exportação.

À medida que os complexos cooperativos foram se desenvolvendo, aumentou a necessidade de silos, armazéns, maquinários, estimulando as empresas do setor a investir mais na sua produção, uma vez que o Estado e as cooperativas garantiam o financiamento aos produtores rurais.

Esse processo foi mais intenso no Sul do país (RS, SC e PR), onde se desenvolveram as principais cooperativas, bem como as principais indústrias do setor metal-mecânico, voltadas à produção de equipamentos agrícolas. Entre as cooperativas, podemos citar COTRIJUÍ, COTRIMAIO, COTRIJAL, COTRIROSA, COTRICRUZ e COTRIPAL; e entre as indústrias, SLC, Imasa, Kepler Weber S.A, etc.

Desse modo, a modernização elevou a produtividade, beneficiando a balança comercial brasileira e diminuindo a necessidade de mão-de-obra no campo. O resultado foi o êxodo rural e a migração para as cidades onde as atividades industriais e de construção civil

³⁷⁹ Em 1976 O jornal **A Notícia Ilustrada** registrava: “A Agência do Banco do Brasil, desde a última sexta-feira, dia 03, iniciou o recebimento de propostas para financiamento de lavouras de soja. (...) O adiantamento que o Banco fornece, para o financiamento está na ordem de 60% sobre o valor da produção (...).BANCO DO BRASIL financia lavouras de soja”. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, n. 698, ano VI, 10 set. 1976, Capa.

³⁸⁰ A Fundação Rockefeller foi uma das mentoras da conhecida “Revolução Verde”, que implantou a modernização no campo através do consumo de insumos e de máquinas agrícolas. Sobre o tema cf. BRUM, 1988, op.cit. p.44 –50.

se desenvolviam, o que, em muitos casos, deu origem aos grandes bolsões de pobreza assistidos pelos serviços públicos.

3.1.2 A atuação das lideranças locais

Em Panambi, o poder público e os membros da ACI³⁸¹ pleiteavam constantemente benefícios que pudessem maximizar o desenvolvimento econômico local. Entre suas principais preocupações estava a falta de telefones, rodovias e mão-de-obra.³⁸² Concomitantemente, procuravam formas de conciliar o rápido desenvolvimento econômico com a migração em massa para a cidade, a qual causava uma série de problemas.

³⁸¹ Segundo os Livros de Atas, nº1 e nº2 da Associação Comercial e Industrial de Panambi, as diretorias no período de 1969-1978 eram constituídas pelos seguintes empresários: Diretoria/ACI de 1969: Presidente: Erico Werner Kepler; Vice-presidente: Orlando Idílio Schneider; 1º Secretário: Arlindo Strücker; 2º Secretário: Hermann Dietrich; 1º Tesoureiro: Siegfried E. Hentges; 2º Tesoureiro: Hugo Bruno Knorr; Conselho Fiscal : Arnaldo Schaffazich, Miguel Schmitt-Prym , Werner Happke. Diretoria/ACI de 1970: Presidente: Erico Werner Kepler; Vice- presidente: Orlando Idílio Schneider; 1º Secretário: Arlindo Strücker; 2º Secretário: Hermann Dietrich; 1º Tesoureiro: Siegfried E. Hentges; 2º Tesoureiro: Hugo Bruno Knorr; Conselho Fiscal: Arnaldo Schaffazich, Miguel Schmitt-Prym, Werner Happke. Diretoria/ACI de Julho de 1971 a Junho de 1972 : Presidente: Erico Werner Kepler; Vice-presidente: Orlando Idílio Schneider; 1º Secretário: Arlindo Strücker; 2º Secretário: Hermann Dietrich; 1º Tesoureiro: Siegfried E. Hentges; 2º Tesoureiro: Hugo Bruno Knorr; Conselho Fiscal : Miguel Schmitt-Prym, Werner Happke, Armino João Stahlhofer. Diretoria/ACI de julho de 1972 a junho de 1973 : Presidente: Miguel Schmitt-Prym; Vice- presidente: Erico Werner Kepler; 1º Secretário: Ronaldo Grams; 2º Secretário: Orlando Schneider; 1º Tesoureiro: Elimar Osório Hartemink; 2º Tesoureiro Oscar Schnvarz; Conselho Fiscal :Gustavo Seib, Hugo Bruno Knorr, Siegfried E. Hentges. Diretoria/ACI de julho de 1973 a junho de 1974 : Presidente: Miguel Schmitt-Prym; Vice-presidente: Erico Werner Kepler; 1º Secretário: Ronaldo Grams; 2º Secretário: Orlando Schneider; 1º Tesoureiro: Elimar Osório Hartemink; 2º Tesoureiro: Oscar Schwarz; Conselho Fiscal : Gustavo Seib, Hugo Bruno Knorr, Siegfried E. Hentges. Diretoria/ACI de 1975/1976 : Presidente: Miguel Schmitt-Prym; Vice-presidente: Orlando Schneider; 1º Secretário: Arlindo Felipe Stahlhofer; 2º Secretário: Danilo Basso Backer; 1º Tesoureiro: Elimar Osório Hartemink; 2º Tesoureiro: Nelson Dreher; Conselho Fiscal: Rudolfo Arno Goldhard, Alvar Alberto Quim, Delmar Hinnah. Diretoria/ACI de 1978 : Presidente: Miguel Schmitt-Prym; Vice-presidente: Orlando Schneider; 1º Secretário: Henrique Hartmann; 2º Secretário: Álvaro Quim; 1º Tesoureiro Elimar Osório Hartemink; 2º Tesoureiro: Hugo Knorr; Conselho Fiscal: Rudolfo Arno Goldhard, Arlindo A. Moura, Helmuth Kepler.

³⁸² Outra forma encontrada para incentivar o desenvolvimento econômico local foi a criação de uma Lei que garantia a isenção de todos os impostos municipais aos estabelecimentos bancários que aplicassem o dobro dos depósitos de seus clientes no financiamento à indústria, comércio, lavoura e pecuária do município. Lei 264/69-07 ago.1969: Artig. 1º.

A ACI, que representava os interesses dos empresários da cidade, influenciava de forma direta as decisões do poder público, assim como trabalhava em parceria quando se tratava de assuntos de seu interesse.³⁸³ Segundo Schmitt-Prym, “a Associação Comercial tinha mais poderes que o próprio prefeito”, explicando que:

A central telefônica foi articulada pela ACI, o corpo de bombeiros também. A sede da Brigada Militar, o telex, o Banco do Estado, Banco do Brasil, tudo foi articulado pela ACI. Liderado pela ACI. Transporte para Porto Alegre, tudo! Ouro e Prata [empresa de transporte coletivo]. Se trabalhou muito em cima do transporte ferroviário, Belizário, o ramal que a cooperativa tem na estação Belizário foi a ACI que conseguiu.³⁸⁴

Outra preocupação da entidade era a formação de mão-de-obra especializada. Tanto que em 1969, representantes do poder público e da ACI articularam a vinda de uma extensão do SENAI (Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial) para Panambi. Uma notícia de 1974 destacava:

SENAI, uma entidade industrial do Governo Brasileiro, com recursos financeiros da Alemanha já funciona em Panambi há seis anos. O SENAI, tem como objetivo aprimorar a tecnologia industrial através do curso de Ajustador Mecânico, formando elementos profissionais no serviço de torno (...) Este curso é muito positivo para Panambi. Ele é necessário, pois a indústria local está em desenvolvimento e sempre emprega mais mão-de-obra especializada, sendo esse fator deficiente da nossa indústria.³⁸⁵

Essa preocupação também motivou, em 1970, a solicitação de uma extensão da Universidade de Santa Maria:

Uma comissão integrada pelo Prefeito Rodolfo Arno Goldhardt, vice-prefeito Orlando Schneider, Dr. Eugen Leitzke, Diretor do Colégio Evangélico Panambi, sr. Erico Kepler, presidente da Associação Comercial e Industrial e sr. Ernesto Saur, Membro do conselho Diretor do Colégio Evangélico Panambi. A comissão foi recebida em audiência pelo Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, Dr. José Mariano da Rocha, ao qual foram levadas as reivindicações de Panambi, da instalação de uma universidade de Engenharia de Processo de Produção, para a formação de engenheiros para as indústrias.³⁸⁶

³⁸³ Percebe-se que os membros da ACI procuravam atuar no setor político. Entre seus membros encontramos diversas lideranças políticas da localidade, entre os quais destacamos: Orlando Idílio Schneider, Hermann Dietrich, Rudolfo Arno Goldhard, Delmar Hinnah e Miguel Schmitt-Prym.

³⁸⁴ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

³⁸⁵ SENAI. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 21, mar. 1974, p.3.

³⁸⁶ Panambi foi pleitear faculdade. **O Panambiense**, Panambi, nº1230, ano XI,30, abr. 1970.

Schmitt-Prym, presente também na ocasião, destaca: “o reitor olhou pra nós e perguntou: o que é isso? Nós não temos isso nem em Santa Maria, o que vocês querem em Panambi? O que vocês entendem por isso”³⁸⁷

Assim, percebe-se que as empresas locais, além de terem sido beneficiadas pelas políticas federais, ainda tinham o apoio do poder público e de uma Associação Comercial e Industrial atuante.

3.1.3 A Cooperativa Triticola Panambi Ltda – COTRIPAL

A Cooperativa Triticola Panambi Ltda - Cotripal foi fundada em 1957,³⁸⁸ por um grupo de agricultores preocupados em beneficiar a comercialização do trigo.³⁸⁹ A iniciativa deu-se num contexto macro no qual o governo apoiava o surgimento de novas cooperativas e a transformação das cooperativas mistas em cooperativas empresariais, as quais se encarregariam de tarefas como armazenar, organizar e controlar a produção.³⁹⁰ Esse processo

³⁸⁷ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

³⁸⁸ Segundo Ribeiro, o modelo associativo implantado na colônia de Neu-Württemberg, foi implementado a partir da chegada do Pastor Hermann Faulhaber. Em 1903, foi fundada a *Bauernverein* (Associação de Agricultores de Neu-Württemberg). Concomitantemente, outros grupos se organizaram, como criadores de suínos e fumicultores. A *Bauernverein* deu origem à primeira cooperativa, fundada em 11 de setembro de 1904, com a denominação de “Produktions und Bezugsgenossenschaft,” que significa Cooperativa de Produção e Compras, que encerrou suas atividades no ano de 1925. Em seguida, houve a formação de uma nova cooperativa, cujo registro dos estatutos data do mês de janeiro de 1926, sob a denominação de Cooperativa Agrícola da União Colonial de Neu-Württemberg. Já em 25 de abril de 1931, foi fundada a Caixa Rural – Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ilimitada de Neu-Württemberg. Mais tarde esta viria a receber a denominação de Coopercrédito. Cf. RIBEIRO, Carmem A. **A prática de educação em organizações cooperativas: O caso Cotripal**. UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul Departamento de Pedagogia. Mestrado em Educação nas Ciências, 2005.

³⁸⁹ Além da Cotripal, outras Cooperativas também foram fundadas em Panambi, entre estas destacamos: Cooperativa de Consumo Progresso Ltda (Funcionários da Kepler Weber S. A.); Cooperativa Mista Mambuca Ltda – Linha Mambuca; Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola; Caixa Rural Panambi (Cooperativa de Crédito). **65 ANOS de progresso – Panambi – Município de um decênio**. História, Estatística, indústria, comércio. Panambi: Publipan, 1964.

³⁹⁰ Sobre Cooperativismo cf.: ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Trabalho coletivo e educação. Um estudo das práticas cooperativas do Programa Cooperativismo nas Escolas na Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências). Universidade Regional do

se intensificou na década de setenta, devido às políticas específicas para o setor agrícola. O jornal A Notícia Ilustrada de 1975 registrava:

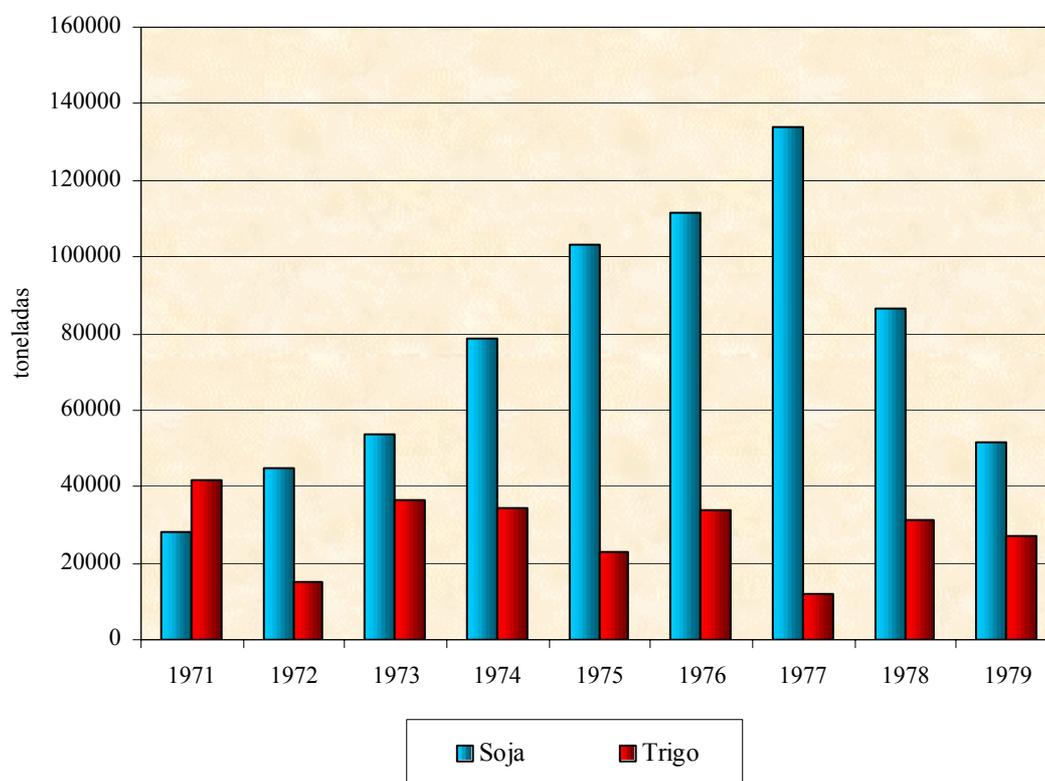
O Sr. Hermann Strobel, presidente da Cooperativa Triticola Panambi Ltda, participou do 1º Simpósio da Soja recentemente realizado na capital do estado. Segundo falou o Sr. Strobel, o ministro da agricultura afirmou que o governo garantirá a comercialização e preços mínimos, de qualquer quantidade de soja que venha a ser produzida no país.³⁹¹

Os incentivos possibilitaram o crescimento da produção de grãos, principalmente da soja em detrimento ao trigo. O Gráfico nº2 demonstra essa mudança.

Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Rio Grande do Sul; NASCIMENTO, Fernando Rios do. **Cooperativismo como alternativa de mudança. Uma abordagem normativa.** Rio de Janeiro: Forense, 2000; SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa.** 2 ed. São Leopoldo: Unisinos, 1999; MARQUES, Mario Osório. **Comunicação e educação cooperativistas no Brasil.** Separata de Perspectiva Econômica. Série Cooperativismo 6. São Leopoldo: Unisinos, ano XV, v. 10, n. 27, 1980; VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. **Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação.** Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2001. (Coleção: Economia Solidária); FRANTZ, Walter. **Cooperativismo: perspectivas.** Um lugar de reencontro com a vida social. Ijuí: Unijuí, 2003. (Série Cooperativismo, 03). RIBEIRO, op. cit..

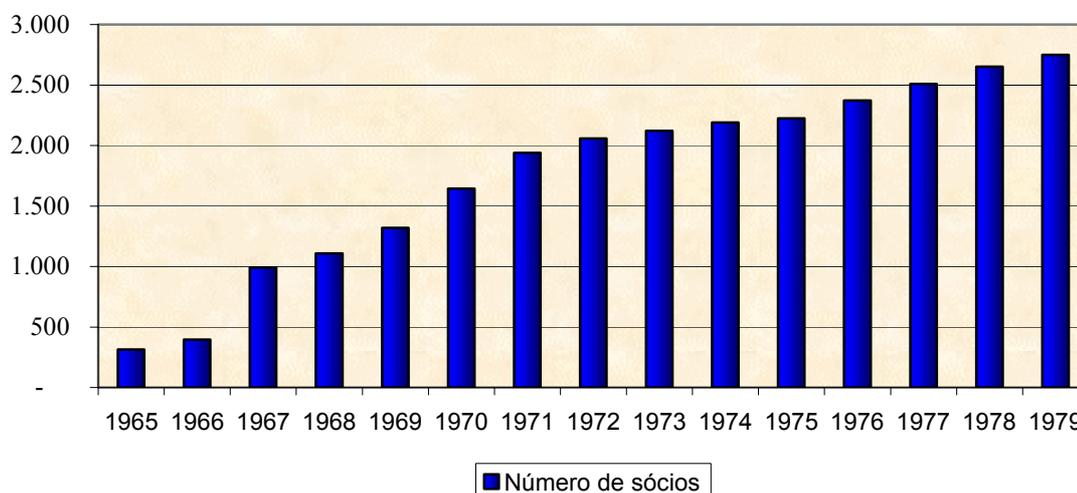
³⁹¹ A Notícia Ilustrada, Panambi, nº610, ano V, 15, ago. 1975, Capa.

Gráfico 2 - Produção da soja e trigo em toneladas recebidos pela Cotripal - 1971 a 1979



Fonte: Informações cedidas pelo responsável do setor da Cotripal/Arquivos. 23, dez. 2005. Gráfico elaborado por: MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de.

Na medida em que os agricultores “se convenciam” de que plantar soja era sua melhor alternativa econômica, o número de associados da Cotripal aumentava consideravelmente:

Gráfico 3 - Número de sócios da Cotripal 1965-1979

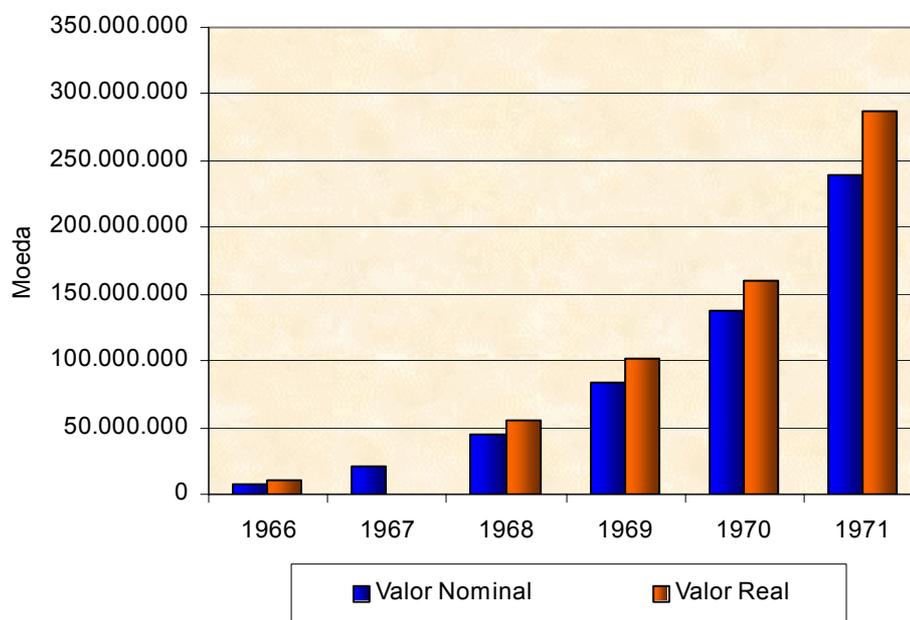
Fonte: Jornal *A Notícia Ilustrada* 27/02/78 e informações cedidas pelo responsável do setor da Cotripal/Arquivos. 23 dez. 2005. Gráfico elaborado por: MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de.

A Cooperativa, então, investiu na construção de uma infra-estrutura capaz de armazenar a produção de seus associados. Os silos e secadores foram adquiridos na empresa Kepler Weber, a partir de 1969. Entre 1972-1973, construiu o complexo dos armazéns sementeiros em Panambi e uma unidade para armazenagem de grãos em Condor com capacidade para receber 31.800 toneladas, posteriormente construiu na mesma localidade outro graneleiro, este com capacidade para 31.000 toneladas.³⁹²

Quanto à origem do capital para realizar tais investimentos, um dos diretores da Cotripal explicava em 1970: “O capital integralizado tem crescido ultimamente devido ao constante aumento das safras, possibilitando à administração obter financiamentos de vulto, destinados a obras e modernização das instalações”.³⁹³ Este aspecto é evidenciado pelos dados registrados no gráfico nº 4.

³⁹² A Cotripal. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, ano III, nº298, 17, jun. 1973.

³⁹³ Edição Especial Cotripal. *O Panambiense*, Panambi, nº 1263, ano XI, 24, jul.1970.

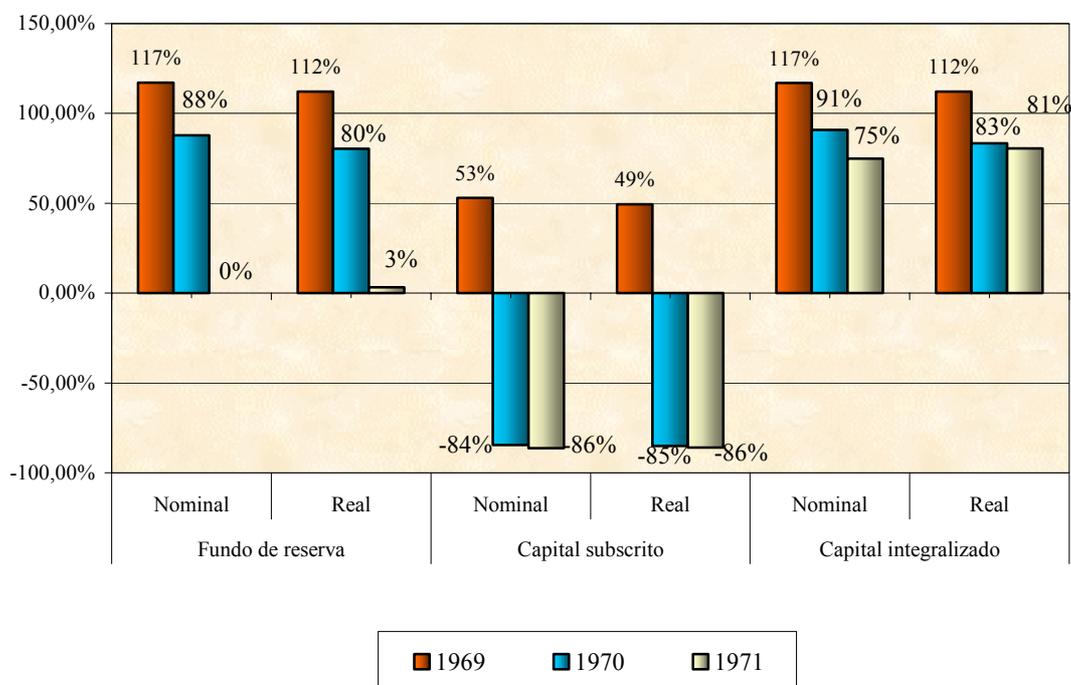
Gráfico 4 - Investimentos da Cotripal 1966-1971

Fonte: A Notícia Ilustrada, 22 jul. 1978. Gráfico elaborado por: MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de; LEMES, Fábio.; VITCEL, Marlise.³⁹⁴

O gráfico a seguir fornece maiores informações a respeito da capitalização da Cooperativa no período de 1969 a 1971:

³⁹⁴ O cálculo da inflação foi realizado com base no índice inflacionário da FIPE (IPD-FIPE). Dados disponíveis em: <<http://www.savoy.net.com.br/easycalc/correcao.asp>> Acesso em 17 de dez. 2005.

Gráfico 5 - Capitalização da Cotripal em valores reais e nominais - 1969 a 1971



Fonte: A **Notícia Ilustrada** 24 jul. 1970. Gráfico elaborado por: MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de; LEMES, Fábio.; VITCEL, Marlise.³⁹⁵

Analisando a capitalização da Cotripal no período de 1969 a 1971, observa-se que em 1969 houve um crescimento real do capital subscrito de 49%, e no capital integralizado houve um crescimento real de 112%. Em 1970 há uma diminuição do capital subscrito³⁹⁶ da ordem de 85% e um crescimento do capital integralizado de 83%. Em 1971 o capital subscrito reduziu em 86% ao passo que o capital integralizado cresceu 81%. O fundo de reserva da Cooperativa no primeiro ano teve um crescimento de 112%, no segundo ano de 80% e no

³⁹⁵ O cálculo da inflação foi realizado com base no índice inflacionário da FIPE (IPD-FIPE). Dados disponíveis em: <<http://www.savoy.net.com.br/easycalc/correcao.asp>> Acesso em 17 de dez. 2005.

³⁹⁶ O capital subscrito consiste no dinheiro que o agricultor deve pagar a Cooperativa para tornar-se sócio, muitas vezes por não ter o dinheiro o agricultor subscreve o valor, na medida em que vai pagando, o capital vai ficando negativo nos balanços da Cooperativa.

terceiro ano de 3%. Assim, esta elevação na capitalização da Cooperativa parece vinculada ao crescimento do número de sócios em condições de efetivamente integralizar seus capitais.

O crescimento do capital demonstra a confiabilidade, a solidez e a importância da Cotripal no mercado agrícola local e nacional. Cabe destacar que desde o princípio caracterizou-se como uma cooperativa sólida e confiável. Muitos produtores, pequenas empresas públicas, privadas e cooperativas da região depositavam suas safras na Cotripal para a sua posterior comercialização. A tabela a seguir traz uma lista destes grupos, bem como indica o ano em que realizaram negócios com a Cooperativa.

Tabela nº 4: Grupos de outras localidades que depositaram soja na Cotripal 1977-1979

Origem da Soja	1977	1978	1979
Taquarusseu - Frederico Wesphalen	X		
Anderson Clayton - Cruz Alta		X	
CESA - Cruz Alta		X	
CESA - Palmeira das Missões		X	
Copalma - Palmeira das Missões		X	
Samrig - Cruz Alta		X	
Cotricruz - Cruz Alta			X
Cotrijuc - Julio de Castilhos			X
Cotrijui- Ijuí			X
CESA – Cachoeira do Sul			X
Ceval - São Miguel do Oeste/ SC			X

Fonte: Informações cedidas pelo responsável do setor da Cotripal/Arquivos. 23 dez. 2005.

Em decorrência do crescimento econômico acelerado, a Cooperativa pode ampliar seus investimentos e ao longo da década de setenta passou a oferecer uma vasta gama de produtos aos seus associados e à comunidade em geral. Um artigo do jornal *A Notícia Ilustrada* de 1971 anunciava: “O novo prédio que hoje se inaugura, recebe a administração da Cooperativa Triticola Panambi Ltda, um moderno varejo no qual o associado se servirá pelo auto-serviço além de uma seção de ferragem e peças. No terceiro piso funcionará o setor de repasse de crédito além da agronomia regional.”³⁹⁷

Um texto comemorativo do jornal *A Notícia Ilustrada* de 1978 narrava alguns eventos da trajetória da Cotripal. Citava, por exemplo, a inauguração de um supermercado em Condor, ocorrida em 1972.³⁹⁸ O entrevistado, provavelmente um dos diretores da Cotripal, destacava:

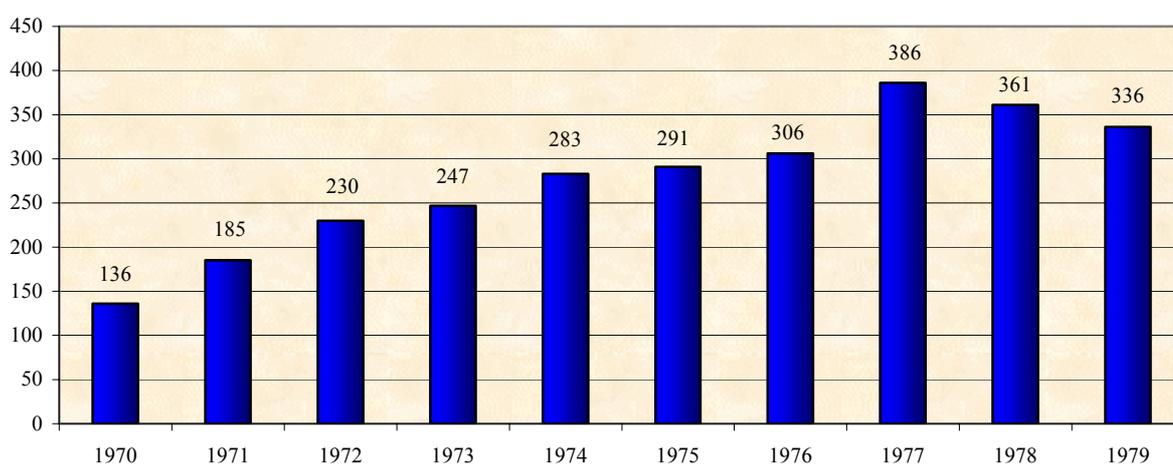
³⁹⁷ *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº13, ano I, 03, jul.1971.

³⁹⁸ *A Notícia Ilustrada*, Panambi, 29, mar.1978.

Mas, não bastava somente aumentar a capacidade de atendimento aos associados. Era necessário também que aumentasse o número de funcionários que de apenas três, conta hoje com 388. Também, em vista do rápido aumento do número de funcionários, foi necessária a criação de um Departamento especializado, que se encarrega de toda a política pessoal, assim como os respectivos encargos sociais e trabalhistas.³⁹⁹

O gráfico nº 5 demonstra a oscilação do número de funcionários da Cotripal ao longo da década de setenta:

Gráfico 6 - Funcionários da Cotripal 1970-1979



Fonte: Informações cedidas pelo responsável do setor da Cotripal/Arquivos. 23 dez. 2005. Gráfico elaborado por: MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de.

Para Almeida,⁴⁰⁰ o desenvolvimento econômico da Cooperativa ocorreu concomitantemente a um processo que produziu certa fidelidade à Cotripal. Nesse sentido, percebe-se que no decorrer da década de setenta os agricultores foram alvo de campanhas que visavam construir esta fidelidade e confiabilidade para com a Cooperativa. Encontra-se diversos artigos no jornal *A Notícia Ilustrada*, nos quais a Cotripal argumentava que merecia a confiança do agricultor. Da mesma forma, a Cooperativa concentrou esforços para envolver o público infantil nos “ideais do cooperativismo”. Esta estratégia, além de demonstrar que a Cotripal se preocupava com a educação dos filhos de seus associados, o que era positivo já que queria adquirir confiabilidade, ainda divulgava informações de seu interesse entre as

³⁹⁹ *A Notícia Ilustrada*, Panambi, 29, mar. 1978.

⁴⁰⁰ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

famílias e “seduzia” os futuros sócios da cooperativa.⁴⁰¹ Nessa linha, uma reportagem de 1976 relata o lançamento, pela Cotripal, de um concurso de redação sobre o tema “*O que significa uma cooperativa para o agricultor.*” Segundo o informe, os alunos classificados receberiam como prêmio uma viagem grátis “ao Jardim Zoológico de Sapucaia do Sul e a Porto Alegre.”⁴⁰²

O resultado deste processo foi a conquista da confiabilidade dos agricultores e da população em geral, aspecto que em termos mercadológicas se tornou extremamente positivo, pois as pessoas optavam por comprar os produtos de que necessitavam na Cotripal. Almeida recorda:

O comum [alimentos em geral e produtos de limpeza] ficou na mão deles [Cotripal] porque não tinha o pegar do comum em outra loja pra comprar, porque ‘nós temos pra revender’, eu só não sei como não entrou no ramo de máquinas agrícolas, mas eles tinham peças para depois que comprava a máquina agrícola peças de reposição. Era só comprar a máquina que eles tinham a peça pela metade do preço!⁴⁰³

Outro fator salientado por Almeida refere-se ao aniquilamento da concorrência:

a Graziotim tentou entrar [estabelecer uma filial] uma época, enquanto não viram a Graziotim quebrar eles [direção da Cotripal] não pararam de baixar o preço. Aí venho para cá o Zaffari tentou competir, o mercado baixou o preço que pra nós foi uma maravilha! Então a cooperativa não deixa ninguém crescer, é ela que manda e pronto.⁴⁰⁴

Portanto, além da fidelidade dos clientes, a Cotripal pôde competir com as empresas que se instalavam em Panambi pelo fato de ter capital e conseqüentemente conseguir diminuir os preços de seus produtos para torná-los mais atraentes. Consolidou-se, dessa forma, como uma das maiores cooperativas do Brasil atuando em diversos setores e empregando um grande número de funcionários. De uma cooperativa de agricultores, transformou-se numa grande empresa com fins capitalistas.

⁴⁰¹ No início da década de oitenta a Cotripal elaborou e colocou em pratica um projeto que pretendia ensinar as crianças o sentido do cooperativismo e que também divulgava informações a respeito de defensivos agrícolas. Sobre o tema cf. RIBEIRO, op. cit., 2005.

⁴⁰² DEPARTAMENTO de Comunicação e Educação Cooperativas. Viagem a Porto Alegre foi prêmio da Cotripal no Dia da Criança. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, n. 714, ano VI, 22 out.1976, p. 2. apud RIBEIRO, op. cit., 2005.

⁴⁰³ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁴⁰⁴ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

3.1.4 A Kepler Weber S.A

A Kepler Weber S.A Indústria, Comércio, Importação e Exportação, organização do ramo de fabricação de maquinários para beneficiamento de cereais, foi fundada no ano de 1925, pelos irmãos Otto Kepler e Adolfo Kepler Jr., filhos dos “pioneiros” Adolfo e Olga Kepler, imigrantes alemães que chegaram a Neu-Württemberg em 1901. Inicialmente, fabricava carroças, enxadas, foices e outros instrumentos agrícolas.⁴⁰⁵ Na década de 70, a empresa foi beneficiada duplamente pelos incentivos fiscais do Governo Federal, primeiro pelo fato de ter acesso aos empréstimos, os quais permitiram que aumentasse sua infraestrutura e investisse em tecnologia. Um dirigente recorda,

o ambiente externo não atrapalhava, pelo contrário, era bastante generoso conosco. As facilidades de oferta de recursos junto às instituições financeiras permitiam que realizássemos grandes investimentos sem ter recursos para tal. Nesta época era fácil contrair empréstimos e financiamentos de longo prazo.⁴⁰⁶

Segundo, porque a política que incentivou o setor agrícola permitiu que os produtores rurais aumentassem a produção, principalmente da soja, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela nº 5 - Evolução da cultura da soja no Brasil

ANOS	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
1965	431.834	523.180	1.212
1966	490.687	594.990	1.213
1967	612.115	715.610	1.169
1968	721.913	654.480	907
1969	906.073	1.056.600	1.166
1970	1.316.809	1.508.550	1.144
1971	1.716.420	2.077.300	1.210
1972	2.191.455	3.703.620	1.690
1973	3.615.058	5.011.620	1.386
1974	5.143.116	7.876.210	1.531
1975	5.824.492	9.893.010	1.698
1976	6.417.000	11.227.120	1.750
1977	7.070.263	12.513.410	1.770
1978	7.778.511	9.534.720	1.226
1979	8.339.370	10.236.000	1.227

⁴⁰⁵ Cf. KEPLER, Olga. **Origem e descendência da família Kepler**. Porto Alegre: Gráfica Editora Estrela LTDA 1987.

⁴⁰⁶ FINK apud SAUSEN, op. cit., p. 130 a 133.

Fonte: IBGE, CACEX, ABIOVE, CFP, Safras e mercados, ETAC MERCADO, CRIAEC. Apud BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura – trigo e soja**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p. 185.

Esse aumento na produção da soja gerou a necessidade dos agricultores organizarem-se de forma a permitir a aquisição de uma infra-estrutura capaz de proporcionar a armazenagem dos grãos, como silos e secadores,⁴⁰⁷ ambos produzidos pela Kepler Weber. Nesse sentido, já em 1967, a empresa negociava com a Cotripal:

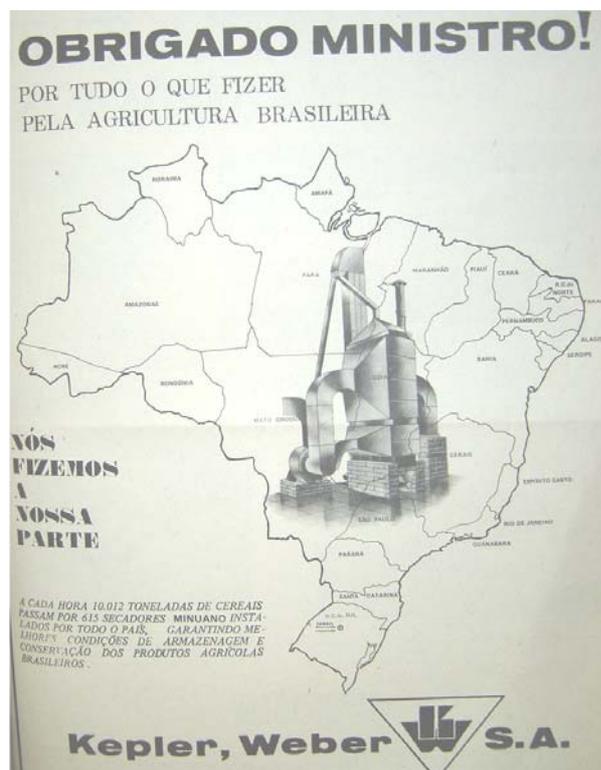
O famoso SECADOR MINUANO teve o início de sua produção no ano de 1967 sendo instalado o primeiro em Panambi, para a Cooperativa Tritícola Panambi Ltda. Seu uso efetivo na safra de 1968 e 1969, demonstraram a qualidade comprovada e capacidade efetiva superior à especificada pelos fabricantes.⁴⁰⁸

O crescimento da indústria, ocorrido concomitante ao da agricultura, aparece indicado claramente na propaganda que saudava o Ministro da Agricultura, publicada em 1973 na imprensa local.⁴⁰⁹ A mesma traz um mapa do Brasil, o qual pretende demonstrar a abrangência dos produtos da empresa, sendo que ao fundo lê-se: “Obrigado ministro! Por tudo o que fizer pela agricultura brasileira. Nós fizemos a nossa parte: a cada hora 10012 toneladas de cereais passam por 615 Secadores Minuano, instalados por todo o país, garantindo melhores condições de armazenagem e conservação dos produtos agrícolas brasileiros”.

⁴⁰⁷ A empresa fabricava ainda máquinas de pré-limpeza, selecionadores de sementes, engenhos de provas, correias transportadoras, elevadores de caçambas (metálicos).

⁴⁰⁸ Por que nos orgulhamos de Panambi? 3º caderno. **O Panambiense**, Panambi, ano XI, nº1193, 16, jan. 1970.

⁴⁰⁹ Obrigado senhor ministro. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº298, ano III, 17, jun.1973, p. 7.



Propaganda 1 – Obrigado Ministro. Fonte: **A Notícia Ilustrada**, Panambi., 17, jun. 1973.

Nos mesmos parâmetros, um artigo de 1975 destacava,

Mais máquinas da Kepler Weber para o Paraná: Saíram de nossa cidade máquinas de pré-limpeza de cereais, com capacidade de oito toneladas por hora, cada uma, para oito cidades do Paraná e Goiás: Anápolis, Bandeirantes, Londrina, Bela Vista do Paraíso, Maringá, Nova Esperança, Eng. Beltrão e Cianorte. (...) Nada melhor do que os números para traduzirem, com seu testemunho imparcial e objetivo, a capacidade produtiva que Kepler Weber S/A desenvolve hoje. Os dados que qualificam a empresa são reveladores. Em expediente normal de trabalho, parte da indústria um caminhão carregado cada hora, transportando produtos KW para seu destino. Isto significa a expedição de 8 caminhões carregados por dia, ou ainda, 48 por semana. Da mesma forma, no último exercício (1974), Kepler Weber S/A produziu e instalou, no Brasil e exterior: 264 secadores para cereais, com capacidades de beneficiamento e transporte de 8 até 80 t/h; 600 elevadores de caçamba para cereais, aos quais ainda se deve acrescentar os elevadores correspondentes aos 264 secadores já relacionados no parágrafo anterior (com uma média de 21 m de comprimento por unidade, os 600 elevadores produzidos equivalem a uma extensão linear de 12.600 m!); 400 fitas transportadoras para cereais, correspondendo a um total de 20.000 m lineares; 435 instalações de pré-limpeza, limpeza simples e dupla de cereais; 70 selecionadores de sementes; 100 engenhos de prova para arroz. Para atender aos setores de administração, vendas e instalação de equipamentos, Kepler Weber S/A dispõe de uma frota própria de 75 veículos, de diferentes tipos e capacidades. Dinamizando ainda mais essas atividades todas, a empresa mantém uma rede própria de comunicação por rádio comercial tipo

SSB, com sintonia na faixa de 9000 khz, entre Panambi e os escritórios de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo.⁴¹⁰

Em 1976, um dirigente da Kepler Weber declarava que em torno de noventa por cento das cooperativas agrícolas do país possuíam os equipamentos produzidos pela empresa. Segundo ele:

A nossa marca Kepler Weber já é um verdadeiro símbolo de qualidade aliada à boa assistência técnica dispensada para todos os nossos clientes, onde quer que estejam sediados. A este programa, deve-se acrescentar o interesse do governo Federal de incentivar a agricultura nacional também a nível de fazenda.⁴¹¹

Outro tema recorrente na imprensa são as viagens ao exterior dos dirigentes da Kepler Weber, que se iniciaram em 1972. Um artigo de 1975 noticiava,

Embarcaram dia 18 do corrente, para os Estados Unidos, quatro diretores da Kepler Weber S/A de Panambi. Os dirigentes da indústria Gaúcha, especializada na fabricação de secadores, máquinas de beneficiamento e transporte de cereais, e que também atua como varejo de eletrodomésticos e como concessionário Chevrolet, seguiram com destino a New York e Detroit. Os objetivos da viagem incluem a finalização de negociações para a transferência ao Brasil de know-how norte-americano na fabricação de silos metálicos para cereais, setor em que a Kepler Weber S/A também passará a operar. Da mesma forma, os empresários panambienses deverão firmar contrato, para a representação em âmbito nacional e posterior fabricação em nosso país, de sofisticada linha de ferramentas para uso na indústria automobilística, por fabricantes, oficinas autorizadas, revendedores e lojistas.⁴¹²

A conquista gradativa de mercados de exportação também é noticiada de forma eloqüente pelo periódico, que em 1972 já divulgava a participação da Kepler Weber em feiras no exterior: “pela primeira vez na história de Panambi uma firma local participou de uma feira internacional. Trata-se da firma Kepler Weber S/A que expôs seus produtos na VII Feira Internacional do Pacífico, realizada em novembro no ano que passou”.⁴¹³

Em 1975 um artigo retrospectivo⁴¹⁴ informava que as primeiras negociações com o mercado externo haviam iniciado em 1973, com o Paraguai como cliente. No entanto, já em

⁴¹⁰ Mais máquinas da Kepler Weber para o Paraná. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, ano V, mai.1975.

⁴¹¹ Kepler Weber exporta tecnologia. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 22, jan.1976.

⁴¹² Diretores de Kepler Weber em viagem de negócios aos EUA. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº571, ano V, 26, mai.1975.

⁴¹³ Kepler Weber S.A na feira internacional do Pacífico. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº114, ano I, 15, mar.1972.

⁴¹⁴ Kepler Weber: a maior indústria da “Cidade das Máquinas” ajudando a alimentar o Brasil. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 12, mai. 1975, p. 2.

1972 uma nota no jornal A Notícia Ilustrada informava que a empresa estava exportando para o Peru.⁴¹⁵ O articulista apontava alguns dados:

Num avanço seguro de conquista de mercados, a marca KW já cobre hoje uma grande extensão territorial do Brasil, além de alcançar também o Paraguai, o Uruguai, a Argentina e o Peru. De Cr\$ 57.430.000,00 em 1973, as vendas da empresa se elevaram em 1974 para Cr\$ 119.700.000,00, num aumento de nada menos que 108,4%. (...) Assim, embora o curto tempo de vigência dessas exportações, já em 1974 a empresa formalizou 12 operações de vendas para o mercado externo. O peso líquido exportado em 1974 foi de 166.411 Kg, gerando uma receita no valor global de Cr\$ 1.720.426,00 (US\$ 275,028,00). É esta a contribuição que Kepler, Weber S.A vem dando ao desenvolvimento do Brasil, através da canalização de preciosas divisas do exterior.⁴¹⁶

A respeito desse desenvolvimento, um dos diretores da empresa ponderava em 1976:

Nossos diretores, em diversas viagens de estudo aos EUA, Canadá e Europa, estiveram à procura de melhores soluções para o beneficiamento de cereais e seu armazenamento, adotados pelos países visitados. Esse programa de assimilação de técnica avançada de beneficiamento de cereais está traduzido em contratos que nossa empresa assinou com firmas norte-americanas e canadenses, para a fabricação e venda de secadores portáteis e silos metálicos. Esses contratos prevêem também a exportação dessa tecnologia para países vizinhos ao Brasil. A nossa previsão para um futuro bem próximo é de um incremento nas nossas exportações, atendendo o chamado do governo federal, reforçados justamente com as vendas de secadores portáteis e de silos metálicos, o que deverá seguramente trazer ainda um maior volume de divisas para nosso país.⁴¹⁷

No ano seguinte, participou da Feira Internacional de Lagos,⁴¹⁸ na Nigéria, e em 1979 iniciou a exportação de silos e secadores para a África:

Indústria de panambiense exporta para África: Perfazendo uma operação de 400 mil dólares – 10 milhões e 400 mil aproximadamente - KW S/A ampliando suas divisas, está exportando para a África, uma série de equipamentos para beneficiamento de cereais, entre os quais: secadores, silos metálicos e máquinas de pré-limpeza. No sábado de manhã, 18 caminhões, num total de 200 mil quilos, após serem carregados na Fábrica 2, fizeram um desfile pelas ruas da cidade, em comemoração pela conquista de mais um mercado internacional, e hoje à tarde estão iniciado viagem com destino ao Porto de Santos em São Paulo, de onde os equipamentos serão transportados para a África, mais precisamente na Costa do Marfim. Essa não foi uma transação direta da Kepler Weber com os africanos, e sim através da Cooperativa Meridional e Agropecuária de Campinas do estado de São Paulo, que

⁴¹⁵ A Notícia Ilustrada, Panambi, nº164, ano I, 19, jul. 1972.

⁴¹⁶ Kepler Weber: a maior indústria da “Cidade das Máquinas” ajudando a alimentar o Brasil. A Notícia Ilustrada, Panambi, 12, mai. 1975, p. 2.

⁴¹⁷ A Notícia Ilustrada, Panambi, 22, jan.1976.

⁴¹⁸ A Notícia Ilustrada, Panambi, mai.1980.

venceu uma concorrência internacional, para a instalação de um projeto agrícola, que será executado pelo governo da Costa do Marfim.⁴¹⁹

No final da década de 70, a Kepler Weber S/A continuava se expandindo e as previsões eram otimistas. Sausen destaca que o fechamento de um excelente contrato para instalação de uma maltaria, firmado em 1978, consolidou a inserção da empresa no mercado de unidades industriais.⁴²⁰ Por fim, em 1980, um dos diretores indicava que nos próximos dois anos a empresa passaria a exportar para o Oriente Médio.⁴²¹

A Kepler Weber preocupava-se em construir uma auto-imagem e dar a conhecer o seu desenvolvimento, divulgando as suas conquistas mais significativas nos órgãos de imprensa. Por outro lado, a imprensa estava provavelmente interessada em noticiar o cotidiano da Empresa, dado que causava repercussão, visto que Panambi era uma cidade ainda relativamente pequena, o que contribuía para tornar os nomes de Panambi e da Empresa conhecidos.

Em julho de 1975, pela passagem do dia do “Colono, Imigrante e Motorista”, o texto publicado pela Kepler Weber para homenagear esses agentes parece sintetizar a abrangência da empresa no período: “O colono produz: nós lhe damos máquinas para secar e selecionar o seu produto - secador miniano - máquinas de pré-limpeza, selecionador de cereais e outros. O motorista transporta: nós lhe damos a ferramenta de seu trabalho através dos caminhões Chevrolet”.⁴²² Ao que se poderia acrescentar ainda: “O colono e o motorista têm uma família: nós vendemos os eletrodomésticos para sua casa”.

Dentre outros investimentos, o grupo Kepler Weber possuía uma revenda de automóveis, cuja inauguração ocorreu em 1936, quando os proprietários negociaram com a General Motors do Brasil a concessão de uma Agência GM. A efetivação do acordo constituiu um fato inédito na época, especialmente porque a localidade não possuía o número mínimo de moradores que geralmente era exigido como pré-requisito nestes casos e porque, em Cruz

⁴¹⁹ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 31, jul.1979.

⁴²⁰ SAUSEN, op. cit., p. 134 a 135.

⁴²¹ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, mai.1980.

⁴²² **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº571, ano V, 12, mai.1975.

Alta, então sede do município, já existia uma revenda GM.⁴²³ Sidnei Almeida recorda algumas facilidades concedidas pela revenda aos funcionários da Kepler Weber na década de 70:

se você era motorista, eles tinham revenda da GM, você comprava um caminhão da GM e pagava com o frete puxando para eles, então você não tinha que procurar outro, [cliente] você pegava e a família ficava com o caminhão. Então a maioria dos caminhoneiros aqui de Panambi, os mais antigos iniciaram por causa da Kepler Weber, então foi a primeira que liberou os caminhos sem o cara ter dinheiro para comprar. Era só o cara querer trabalhar.⁴²⁴

Quanto à linha de produtos oferecidos pela agência, uma nota do jornal *A Notícia Ilustrada* registrava:

A agência GM, conta com moderno salão de exposição de carros novos e pátio externo de venda de veículos usados, completo estoque de peças genuínas e boutique de acessórios, oficina mecânica com retífica, geometria e balanceamento de rodas, chapeação e pintura, serviços de lavagem e lubrificação. Hoje a concessionária GM de Kepler, Weber S.A. abrange os municípios e localidades de Panambi, Condor, Santa Bárbara, Palmeira das Missões, Seberi, Frederico Westphalen, Irai, Rodeio Bonito, Herval Seco, Alpestre, Caiçara, Vicente Dutra e Palmitinho. O total de vendas de veículos alcançou no último ano (1974) montantes expressivos: carros novos – 414 (contra 207 vendidos em 1973), carros usados – 350.⁴²⁵

Outro ramo em que o grupo atuou foi o comércio de eletrodomésticos e móveis em geral. Negócio iniciado em 1975 quando inauguram a Kawecenter em Panambi, concomitantemente a filiais em Santa Bárbara do Sul e Três de Maio. Outra loja da rede seria inaugurada em 1979 no município de Chapada.⁴²⁶ Uma propaganda, divulgada no jornal *A Notícia Ilustrada* em 1976, fornece alguns indicativos a respeito dos serviços e da diversidade de produtos comercializados pela Kawecenter, bem como das facilidades de pagamento.

⁴²³ *A Notícia Ilustrada*, Panambi, mai.1975.

⁴²⁴ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁴²⁵ Kepler Weber S.A em plena expansão. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, 24, set. 1977.

⁴²⁶ *A Notícia Ilustrada*, Panambi, mai.1980.



Propaganda 2 - Agora quem lucra é você.

Fonte: **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº489, ano IV, 16, nov. 1974, p.4-5.

Outros indicativos do crescimento da empresa podem ser percebidos, por exemplo, ao observar-se o crescimento de sua infra-estrutura.⁴²⁷ Em 1970, a Kepler Weber inaugurou um escritório em Porto Alegre e, em 1974, a primeira etapa de sua Central Administrativa, que foi concluída em 1975, quando também inaugurou escritórios em Curitiba e em Campo Grande. No ano seguinte, inaugurou um escritório em Goiânia, bem como, em meio a muitos festejos, a Fábrica II em Panambi. Evidentemente, o jornal *A Notícia Ilustrada* divulgou amplamente a cerimônia que contou com a presença do então Secretário da Indústria e Comércio, Cláudio Strassburger, o qual fez questão de enfatizar em seu discurso que “se todas as empresas

⁴²⁷ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 22, jan. 1976, noticiava: “Após a conclusão, e agora já expansão, da fábrica II da Kepler Weber S.A, esta empresa inicia a sua ampliação em outras regiões do país. Trata-se da instalação da fábrica III no estado do Paraná, mais precisamente em Campo Mourão, centro regional e maior entroncamento rodoviário da região sul. Neste sentido, os primeiros contatos foram mantidos em 1975 entre autoridades e diretores da empresa. Agora, no ultimo dia 22, estiveram na cidade, visitando as instalações da Kepler Weber S.º prefeito Dr. Renato Fernandes Silva, de Campo de Mourão, acompanhado do senhor Augusto Oliveira Carneiro, 1º suplente a deputado estadual, do sr. Getulio Ferrari, diretor vice-presidente da CAOMO - Cooperativa agrícola de Campo Mourão e do vereador Aldo José Kaul. Na ocasião as autoridades campo mourenses ofereceram doação de terreno de 100.000 metros quadrados, além de terraplanagem do mesmo e ainda todas as isenções possíveis e previstas para a instalação de indústrias sem similares em seu município”.

tivessem o índice de crescimento da KW, sua função seria perfeitamente dispensável.”⁴²⁸ A declaração foi validada pelas palavras do sr. Willy Fink, que falou em nome da empresa:

Como os senhores e as senhoras estão testemunhando, a pequena ferraria de 1925, fundada por Otto Kepler e Adolfo Kepler Júnior, está se transformando num parque industrial que honra a indústria brasileira e nos orgulha, em particular. (...) No setor técnico e de produção, nossos objetivos e nossos planos mudaram, diversificaram-se, ampliaram-se muito nos últimos 365 dias. As cooperativas, autarquias, firmas agrícolas e industriais vinham e estão sendo atendidas normalmente e de modo preferencial pela Kepler Weber. O que há de diferente e extraordinário é que agora estamos dedicando nossa atenção também ao pequeno produtor, desenvolvendo uma linha de máquinas para uso a nível de fazenda. Nossa Agência Chevrolet continua em plena atividade honrando a concessão que a General Motors nos concedeu já em 1936. Da mesma forma, prossegue progredindo cada vez mais o Kawecenter, moderno centro de compras com matriz em Panambi e filiais em Santa Bárbara e Três de Maio. Aos 1.130 funcionários da Kepler Weber continua sendo proporcionada ampla assistência social, numa gama de serviços e benefícios que se multiplicam e complementam. Vamos dizer e sublinhar : Nossa Engenharia está se estruturando para fornecer equipamentos KW para os grandes silos terminais (...). Nesta autêntica prestação de contas que aqui estamos efetuando, devemos incluir também a comprovação que pessoalmente fizemos, em sucessivas viagens ao exterior, do conceito internacional que Kepler Weber desfruta atualmente. Não só no Paraguai, no Uruguai, na Venezuela, na Argentina, na Bolívia e no Peru, onde comercializamos nossas máquinas e instalações mas também nos Estados Unidos e na Europa a marca KW está sendo conhecida e respeitada cada vez mais. Isto Senhoras e Senhores, cremos deva ser motivo de satisfação, não apenas para nós, dirigentes e empregados de Kepler Weber, mas também para toda a população de Panambi. Mas crescer, expandir atividades, firmar conceito nacional e internacional exige preparo, exige tecnologia, exige aperfeiçoamento constante de máquinas e de pessoal. É o que estamos compreendendo e para o que nos dispomos agora, como meta a ser cumprida de imediato, através de estruturação de uma escola de aperfeiçoamento de mão de obra, tanto de menores como de adultos, uma escola para montadores e operadores de equipamentos. (...) Acabamos de adquirir cerca de 20.000 hectares de terras no norte do Mato Grosso, para o desenvolvimento de um ativo programa de colonização. (...) Kepler Weber, uma indústria de Panambi, que progride e se expande para maior renome e prestígio da nossa querida “Cidade das Máquinas”.⁴²⁹

Outro investimento realizado neste ano foi a criação da KW Engenharia Ltda, cuja função era tratar das vendas de unidades industriais, segmento no qual os clientes tinham um nível mais avançado de exigência. Segundo Sausen,

Com essa nova empresa o negócio de “armazenagem” é ampliado para “sistemas de engenharia”, ou seja, passa para um nicho de negócios mais complexos, uma vez que o próprio negócio de “armazenagem” também exigia sistemas de engenharia, porém de forma menos complexa e sofisticada. Este fato marca uma nova fase em termos de ampliação dos negócios e da estrutura organizacional da empresa. Além

⁴²⁸ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº689, ano V, 21, mai.1976.

⁴²⁹ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº689, ano V, 21, mai.1976. “Cidade das máquinas” é um cognome usado a partir da década de 70 para enfatizar o fato de Panambi ser um pólo industrial.

de incrementar as vendas, a empresa amplia consideravelmente sua estrutura funcional, de produção e administrativa.⁴³⁰

Nas palavras de um engenheiro que integrou a KW Engenharia Ltda: “com a KW Engenharia Ltda, criou-se uma super estrutura de obras. A Kepler Weber passou a ter um crescimento muito grande em termos de funcionários, equipes de engenheiros, chefias, departamentos, etc...”.⁴³¹ Néri Linn, que foi funcionário da Kepler Weber S.A neste período, recorda:

naqueles anos o presidente da empresa, Willi Finck, falava assim para nós, que a empresa tinha tanto dinheiro guardado que não sabia mais onde colocar no banco daqui. Aí quando começou a crescer, nos anos 70 até 80, aquilo era uma fartura de dinheiro, eles tinham essa fábrica aqui, tinham lá em cima, daí eles tinham uma baita fazenda no Mato Grosso que foi vendida depois daí nos anos 80. Ali eu viajei para eles, aí eles começaram a comprar, tinham duas fábricas em Porto Alegre e três em São Paulo, e eu viajava, mas aí foi indo devagarzinho que se terminou. Naqueles anos eles tinham ali uma média de 3.500 funcionários, e daí começaram a vender os secadores, não tinham mais ninguém que vendia, até hoje ainda é uma das únicas que fabricam. As cooperativas começaram a expandir e a Kepler Weber vendia pra elas.⁴³²

Uma manchete de 1975 ao enfatizar que “o que é bom para a Panambi é bom para a Kepler Weber S.A”, parecia querer indicar justamente o contrário, como atesta o artigo a seguir:

A empresa hoje com 500 funcionários é sem dúvida a maior da “Cidade das máquinas” e mais de 2.000 pessoas têm nela seu pão de cada dia, o que representa 30% da população citadina, além dos dependentes indiretos que buscam em seus ramos de trabalho próprio o vasto mercado que a Kepler Weber S.A lhes oferece.⁴³³

Diante disto, era comum as pessoas saírem em defesa da empresa quando julgavam necessário. Como ocorreu em 1978, quando um grupo de empregados da Kepler Weber S.A, organizou uma comitiva que se encarregou de exigir que o poder público providenciasse uma estrutura capaz de minimizar os prejuízos decorrentes das freqüentes enchentes que abalavam a cidade e que prejudicavam sua empregadora. Segundo o artigo,

Sem dúvida alguma, a Firma Kepler Weber S.A, foi quem sofreu os maiores prejuízos em decorrência das últimas enchentes. (...) Para que fatos como estes não

⁴³⁰ SAUSEN, op.cit., p. 130-131.

⁴³¹ ENGENHEIRO apud SAUSEN, op. cit., 2002, p. 131.

⁴³² LINN, Néri. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 15, set. 2005.

⁴³³ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº243, ano II, 07, fev.1973.

mais ocorram em Panambi e principalmente para a Firma Kepler Weber, é que mais de oitenta funcionários foram protestar junto ao Prefeito Municipal e exigir do Poder Público uma solução urgente para o problema, porque com o acontecimento de fatos dessa ordem, e havendo prejuízos para a empresa eles também serão prejudicados, já que os aumentos e gratificações de fim de ano sofrerão uma redução. Representando os oitenta e oito empregados que foram até a Prefeitura ontem de manhã, falou o Sr. Leônicio Azevedo, oportunidade em que fez a entrega ao chefe do Executivo Municipal de Panambi, Hermann Dietrich, um abaixo assinado com cerca de 700 assinaturas dos funcionários, os quais exigem que algo seja feito o mais rápido possível, visando amenizar o problema das enchentes na firma onde trabalham.⁴³⁴

O artigo é concluído com uma declaração do prefeito que deixa a impressão de que a empresa recebia e “exigia” atenção especial do poder público municipal. Diz a autoridade: “resolver o problema das enchentes é de fundamental importância não só para a firma KW, mas para toda a comunidade”⁴³⁵, observação compreensível dado o desenvolvimento da empresa. Um de seus dirigentes recorda:

o faturamento era extraordinário, a empresa vendia os seus produtos a preços que pagavam todos os seus custos e proporcionavam boas margens de rentabilidade. O mercado era favorável no ramo de atuação da empresa. As negociações com os clientes eram em cima de prazos de pagamento, não de preços. A empresa cresceu em todos os sentidos, tanto nos negócios, em termos de faturamento e resultados, de novas aquisições e lançamento de novos produtos, quanto na sua estrutura operacional e funcional.⁴³⁶

O crescimento era reconhecido não apenas entre os integrantes da comunidade local, mas também em outros lugares do Brasil. Sidnei Chaves de Almeida comenta que

Na década de 70 eu viajava de caminhão. Se você falasse que era de Panambi ninguém sabia onde era Panambi. Mas, se tu dissesse que era da terra da Kepler Weber, lá nos alemão... então Panambi não era pra ser Panambi, tinha que ser Kepler Weber. (...) Então a Kepler Weber foi longe, foi longe mesmo. Então Panambi demorou muito pra ter esse nome, se não era Kepler Weber, isso eu não digo... se em Curitiba tu dizia que era de Panambi eles não sabiam... mas se falava da Kepler Weber, eles sabiam.⁴³⁷

Almeida sintetizava a dimensão do crescimento da empresa: "A Kepler Weber tinha nome mesmo! E todo mundo dizia: *o alemão que venho não é de Panambi, é da Kepler Weber!* Nós tínhamos o nome da cidade de Kepler Weber"! (grifo nosso).⁴³⁸ Essa representação da

⁴³⁴ A *Notícia Ilustrada*, Panambi, 01, dez.1978.

⁴³⁵ A *Notícia Ilustrada*, Panambi, 01, dez.1978.

⁴³⁶ DIRIGENTE apud SAUSEN, op. cit., p. 133.

⁴³⁷ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁴³⁸ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

Kepler Weber como uma empresa promissora foi um dos fatores responsáveis pela atração de um considerável número de migrantes para Panambi, reconfigurando sua imagem e valores.

3.2 “PARADOXOS DA MIGRAÇÃO”⁴³⁹

O rápido desenvolvimento econômico de Panambi gerou um crescimento da demanda por mão-de-obra, não mais suprida pela oferta local. Abria-se assim um mercado de trabalho atraente, resultando num processo migratório interno – meio rural para urbano – e de outras cidades para esta. Todavia, a migração que deveria resolver o problema era uma questão de “mão dupla”, pois, se por um lado as empresas precisavam de trabalhadores para continuar crescendo,⁴⁴⁰ por outro, a cidade não possuía uma infra-estrutura capaz de atender, comportar esse crescimento populacional, ou seja, ao solucionar-se um problema, criavam-se outros.

A Kepler Weber S. A. foi uma das empresas que mais contratou funcionários na década de 70, pois necessitava tanto de mão-de-obra especializada quanto não especializada. Para compor os quadros mais especializados, como os de engenharia, a empresa contratava profissionais vindos dos grandes centros, como Porto Alegre. Chegou inclusive a estabelecer intercâmbio com profissionais de outros países. Em 1972, o jornal A Notícia Ilustrada registrava:

Encontra-se fazendo estágio na firma Kepler Weber S.A, o engenheiro industrial Luiz Montoya Altamirano, de Lima, capital do Peru. O engenheiro é assessor Técnico da Companhia ITASA – Importaciones Técnicos Alimentícias S/A. Nos informa o engenheiro que o governo exige que todos os produtos possuam um engenho de provas, dizendo que os engenhos de provas da Kepler Weber S/A são de ótima qualidade, além de serem de menor custo que o engenho de provas japonês e alemão. Tais engenhos não se fabricam no Peru e por isso pretende-se fabricá-los

⁴³⁹ O título é uma referência a obra de Sayad: Cf. SAYAD, 1998, op. cit.

⁴⁴⁰ Neste período a prefeitura iniciou a recolocação das indústrias localizadas no perímetro urbano, cuja extensão começava a criar vários problemas. Segundo **A Notícia Ilustrada**, nº684, ano V, 25, jul. 1976, quatro indústrias já estavam localizadas na zona suburbana, em locais amplos nos quais não havia restrições para sua expansão. Caderno especial-sobre o desenvolvimento: Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou.

fazendo uso da patente da firma local. Luiz Montoya Altamirano fará um estágio em todos os setores da indústria local.⁴⁴¹

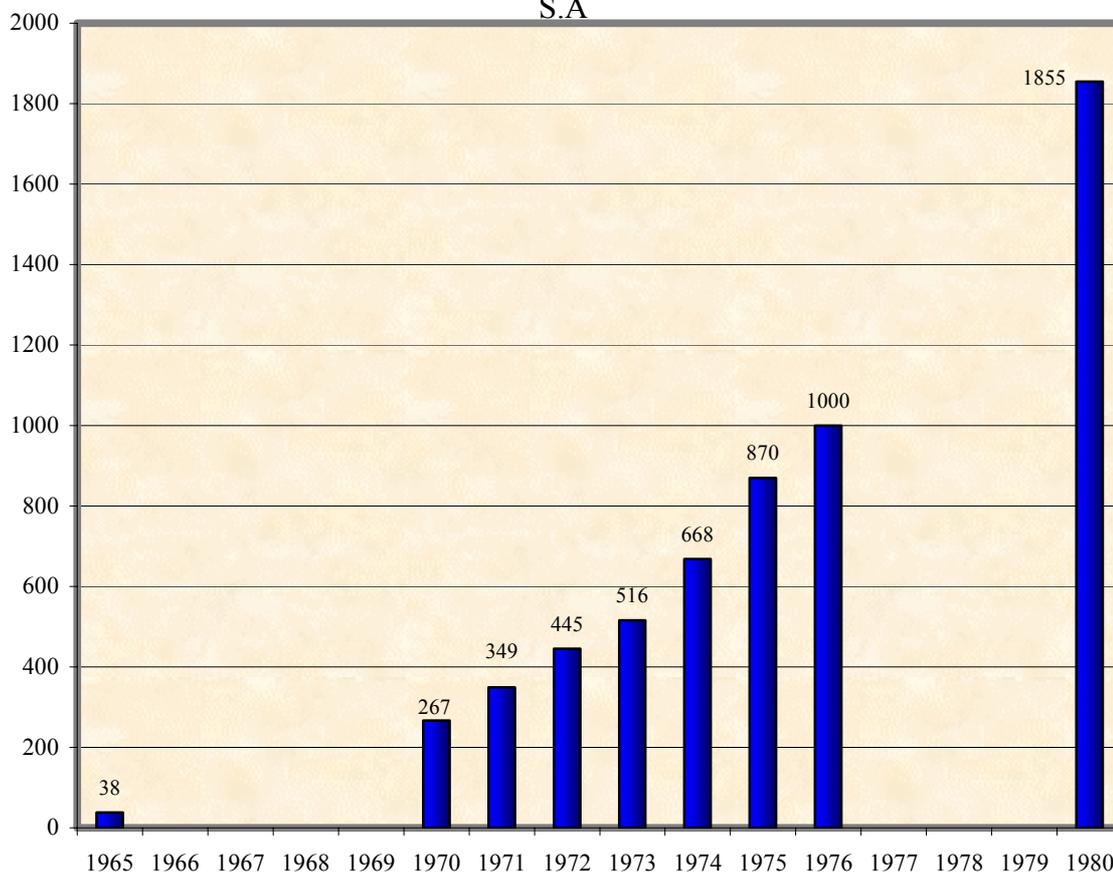
Quanto aos operários menos especializados, a demanda também era grande, levando a Empresa a contratar pessoas vindas de vários municípios da região, como indicava a seguinte nota: “Nelson Kuhne, de Ijuí, é o funcionário nº 800 da Kepler Weber S.A Nelson fará um estágio na fábrica de secadores e passará para o setor de montagens. Kepler Weber S.A, teve nos últimos, anos um aumento vertiginoso no nº de empregados.”⁴⁴²

O gráfico a seguir ilustra o crescimento das contratações de pessoal ao longo da década de 70:

⁴⁴¹ Engenheiro peruano na firma Kepler Weber. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº145, ano I, 02, jun.1972.

⁴⁴² Kepler Weber S.A com 800 funcionários. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº537, ano V , 14, fev.1975.

Gráfico 7 - Evolução no N° de Funcionários da Empresa Kepler Weber S.A



Fonte: **A Notícia Ilustrada**. Gráfico elaborado por: MELLO, Eliane de; MELLO, Marcos André de.⁴⁴³

A partir de 1975, a formação da mão-de-obra não especializada passou a ser feita com o auxílio de uma escola criada pela empresa.

Dentro do terreno da Fábrica 2 acaba de ser montada a Estação Experimental, que funciona como autêntico campo de testes para máquinas e instalações KW, além de servir também ao treinamento de pessoal especializado na montagem de silos, secadores, pré-limpezas, elevadores, tubulações e quadros de comando. Igualmente já está totalmente edificada e pronta para entrar em atividades a Escola para a Formação de Mão-de-Obra, destinada a incrementar o aperfeiçoamento de montadores e técnicos. Para desenvolver a nível ainda mais satisfatório as atividades

⁴⁴³ **A Notícia Ilustrada**: 22, mar. 1976; 07, fev. 1973; 14, fev. 1975 e Maio de 1980. Os dados referentes aos anos de 1966, 1967, 1968, 1969, 1977, 1978 e 1979 não foram localizados.

da Escola para a formação da Mão-de-obra e da Estação Experimental, a Kepler Weber valeu-se dos incentivos fiscais previstos no Programa de Formação Profissional do Conselho Federal de Mão de Obra do Ministério do Trabalho. Para dirigir os cursos teóricos e aulas práticas de Mecânica Geral, Ajustagem, Tornearia, Solda, Funilaria, Eletricidade e Desenho Técnico, a KW contactou o Sr. Rudy Goecks, natural de Panambi e ex-instrutor do SENAI na cidade de Canoas. Além de haver auxiliado no encaminhamento do processo da KW junto ao Ministério do Trabalho, o qual acaba de ser aprovado, o SENAI ainda continua colaborando com a Kepler Weber através do fornecimento de instrução mais material didático.⁴⁴⁴

Paralelamente à modernização da empresa, ocorreu a expansão das suas áreas de atuação bem como do parque fabril, com o fechamento de novos contratos. Logo, a modernização não implicou na redução do número de empregados, mas sim no seu aumento.

Durante 1974 com a implantação da fábrica dois, a Kepler Weber teve aumentada sua área de trabalho 100 por cento, enquanto o número de empregados teve um acréscimo de 33%. Apesar da crescente preocupação dos dirigentes da empresa em automatizar ao máximo, a fim de reduzir o nº de operários, a firma está admitindo todos os elementos que demonstrem capacidade profissional que se apresentem, pois o crescimento da demanda de sua linha de produção está a exigir cada vez mais, maior produção.⁴⁴⁵

Segundo Linn, realmente era muito fácil encontrar emprego: “se entrevistava hoje, amanhã já tava empregado”.⁴⁴⁶ Em muitos casos, as pessoas trabalhavam durante a semana nas empresas e nos finais de semana prestavam serviços diversos. Segundo Silva: “Só não trabalhava quem não queria”!⁴⁴⁷

De acordo com Argeu Nunes da Silva, a Kepler Weber S.A também trabalhava em parceria, num sistema de terceirização com outras empresas, o que, por sua vez, gerava a necessidade de novas contratações.⁴⁴⁸ Um caso exemplar era o da Construtora Rehn,⁴⁴⁹ cuja principal linha de atuação era a construção da base de concreto dos silos produzidos pela Kepler Weber S.A, um negócio bastante rentável. Outro ramo de atuação da firma era a construção civil, que na época estava em franco desenvolvimento, como indicava o seguinte anúncio: “Emprego: temos vagas para: carpinteiros e pedreiros. Admissão imediata.

⁴⁴⁴ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 22, mar. 1976.

⁴⁴⁵ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº537, ano V, 14, fev.1975.

⁴⁴⁶ LINN, Néri. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 15, set. 2005.

⁴⁴⁷ SILVA, Argeu Nunes da. Entrevista realizada por Eliane de Mello. 20, jan. 2006.

⁴⁴⁸ SILVA, Argeu Nunes da. Entrevista realizada por Eliane de Mello. 20, jan. 2006.

⁴⁴⁹ Além do ramo da construção, a Construtora Rehn também atuava no comércio de materiais de construção e possuía uma fábrica de aberturas.

Construtora Rehn Ltda”.⁴⁵⁰ Já a Empresa Fockink passou a fabricar painéis de comando, suprimindo outra necessidade da Kepler Weber S.A. Percebe-se, então, a composição de uma rede de produção local, ou seja, a Kepler Weber S.A abre espaço para o estabelecimento de novas empresas e para o fortalecimento das já existentes.

Além dos empregos nas empresas, Panambi também oferecia um vasto mercado para os profissionais liberais, principalmente no ramo da construção civil. Resumindo, Panambi apresentava-se como um vasto mercado de trabalho, concentrando um considerável fluxo migratório, bem como a vinda de empresários interessados em estabelecer ou expandir seus negócios, como foi o caso de Walter Furtado, já citado anteriormente. Em 1976 A Notícia Ilustrada apresentava alguns fatores que certamente contribuíram para que o município se tornasse atrativo aos migrantes: “os salários médios são os mais altos do estado e cada seis habitantes tem automóvel, média superada apenas por São Paulo”.⁴⁵¹ A evolução dos salários no setor secundário do município no período pode ser acompanhada na tabela abaixo:

Tabela nº 6 - Evolução dos salários pagos, valor da produção e valor da transformação no setor secundário do município 1970-1980 (em %)

	1970			1975			1980		
	ST	VP	VT	ST	VP	VT	ST	VP	VT
Não Metalúrgicas	1,0	1,1	1,8	-	-	-	0,5	0,4	0,6
Metalurgia	11,8	15,3	17,5	8,7	0,4	0,6	9,6	7,8	12,7
Mecânica	69,0	61,4	51,5	78,4	91,3	91,2	82,4	80,7	79,9
Mat. Transporte	-	-	-	1,3	0,3	0,5	-	-	-
Madeira	7,5	5,0	5,5	3,4	2,6	2,8	3,5	2,8	3,5

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PANAMBI. **Plano diretor de desenvolvimento urbano. 2º** Semestre de 1992. Mimeo, p. 34.

⁴⁵⁰ **O Panambiense**, Panambi, nº1254, ano XI, 26, jun.1970.

⁴⁵¹ Caderno especial sobre o desenvolvimento: Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº684, ano V, 25, jul. 1976.

O nível de vida em Panambi era considerado muito bom. Uma reportagem de 1976 informava que em 1955 havia 15 escolas primárias com 498 alunos e que em 1975 existiam 37 escolas, com 1448 alunos.⁴⁵² Outro artigo comentava: “Num município em que o índice de analfabetismo é de 2,5 % é inegável que o setor educacional está alcançando o melhor dos rendimentos”.⁴⁵³ Quanto ao Mobral,⁴⁵⁴ o jornal a “Notícia Ilustrada” informava:

Mobral: Missão cumprida - Mobral custou aos cofres públicos municipais a irrisória soma de seis mil e oitocentos cruzeiros. Pareceria aos menos avisados, um descaso para com um movimento de âmbito nacional, que tem uma finalidade de tão profundo alcance social. Ocorre, entretanto que desde sua criação, o Mobral tem tido pouco a fazer e já atualmente não existem analfabetos a não ser alguns excepcionais, irrecuperáveis.⁴⁵⁵

A qualidade de vida da sociedade receptora funciona como um fator de atração para os migrantes, como reitera Maia.⁴⁵⁶ Dessa forma, quanto mais benefícios a população natural tiver a sua disposição, como acesso à saúde, a educação, lazer,⁴⁵⁷ qualidade de habitação, poder de compra, etc., mais atrativa a cidade será para os migrantes. Ou seja, os migrantes almejavam ter acesso aos mesmos benefícios e oportunidades que os naturais e melhores

⁴⁵² Caderno especial. Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 684, ano V, 25, jul. 1976.

⁴⁵³ Panambi, um município privilegiado que tem 20 mil habitantes unidos em torno da indústria e agricultura. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 659, ano V, 10, març.1976.

⁴⁵⁴ O MOBREAL foi o programa de combate ao analfabetismo desenvolvido pelo governo militar para substituir o programa de Paulo Freire. Freire foi enviado para o exílio logo após o golpe militar pois os mesmos consideravam suas idéias subversivas. Cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁴⁵⁵ Caderno Especial. Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 684, ano V, 25, jul./1976.

⁴⁵⁶ MAIA, Rui Leandro Alves da Costa. **O sentido das diferenças** - Migrantes e naturais: Observação de percursos de vida no Bonfim. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a ciência e a tecnologia Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003, p. 61.

⁴⁵⁷ Neste quesito, Orlando Schneider mencionava seu entusiasmo quanto a construção de um parque de Esportes em Panambi ao repórter do jornal **A Notícia Ilustrada**, diz ele: “é uma das exigências da comunidade e em torno do qual existem divergências de idéias. Na opinião do Prefeito este Parque deve servir para pessoas de todas as idades, ou seja, além do pavilhão de Esportes deve ter recantos para crianças e também para pessoas idosas”. (...) O articulista comentava que: “Orlando fez uma viagem a Alemanha onde pode ver parques como esse e acredita que o exemplo pode ser seguido por Panambi. O Parque iria ao encontro direto dos interesses de todas as empresas da comunidade que sentem a necessidade de seus funcionários contarem com uma área de lazer que preencha todos os modernos requisitos técnicos. A construção somente de um pavilhão de esportes não seria a melhor opção, segundo Orlando. O que deve existir é um complexo todo dirigido ao lazer numa área de três hectares”. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 10, mar.1976.

condições de vida do que no seu local de origem.⁴⁵⁸ Todavia em Panambi, essa vinda de migrantes ocorria de forma desordenada e acelerada, carecendo de um planejamento urbano adequado. Nas palavras de Walbrink,

o grosso [das pessoas] dessas vilas aí veio de Palmeira, Caiçara, dos arredores de Frederico Westphalen, (...) quem trouxe a maioria foi a Cooperativa, Kepler etc. Assim sabe, essa vila Esperança, isso anoitecia e no outro dia de manhã tinha um monte de barraca e não tinha onde morar... E aí, o que o poder público tem que fazer? Providenciar água, luz... E ajudar a construir um “biongo” [casa pequena, sem estrutura básica]! E ali atrás do Ernesto Rehn também, de repente tinha 15 família morando, não tinha água, não tinha estrada, não tinha nada...⁴⁵⁹

Complementa explicando: “venho porque alguém foi lá convidar eles! Vamos pra Panambi, lá tem emprego! Tem emprego fácil! Tem isso, tem aquilo que não tem em Palmeira, porque em Palmeira não tem nenhuma indústria! Cruz Alta não tem nenhuma indústria”.⁴⁶⁰ Provavelmente eram estas expectativas que motivavam a formação de “redes migratórias”,⁴⁶¹ envolvendo familiares ou conhecidos, como exemplifica Almeida:

O meu irmão mais velho que mora até hoje aqui namorava uma menina aqui de Panambi, que trabalhava no hospital de Passo Fundo, que os pais moravam em Panambi, e ele acabou casando com essa moça e foi morar aqui em Panambi, então ele me disse que aqui se conseguia mais emprego e eu vim.

Assim, diversos migrantes moravam em pensões ou hospedavam-se na casa de seus parentes. Linn recorda que havia diversas famílias que aceitavam pensionistas.⁴⁶² Os migrantes vinham de outros estados e de diversas cidades da região como, por exemplo: Condor, Palmeira das Missões, Frederico Westphalen, Carazinho, Erval Seco, Miraguaí, Passo Fundo, Ajuricaba, Pejuçara, Santa Bárbara, Cruz Alta, Carazinho, São Pedro do Sul, etc. Nas palavras de Schneider: “Uma imensidade de gente (...) Panambi passou a ter uma soma maior no mínimo de 10.000 pessoas, nesses dez anos de crescimento”.⁴⁶³ O mapa a seguir situa os municípios mencionados pelos entrevistados como origem dos migrantes:

⁴⁵⁸ Cf. SAYAD, 1998, op. cit.

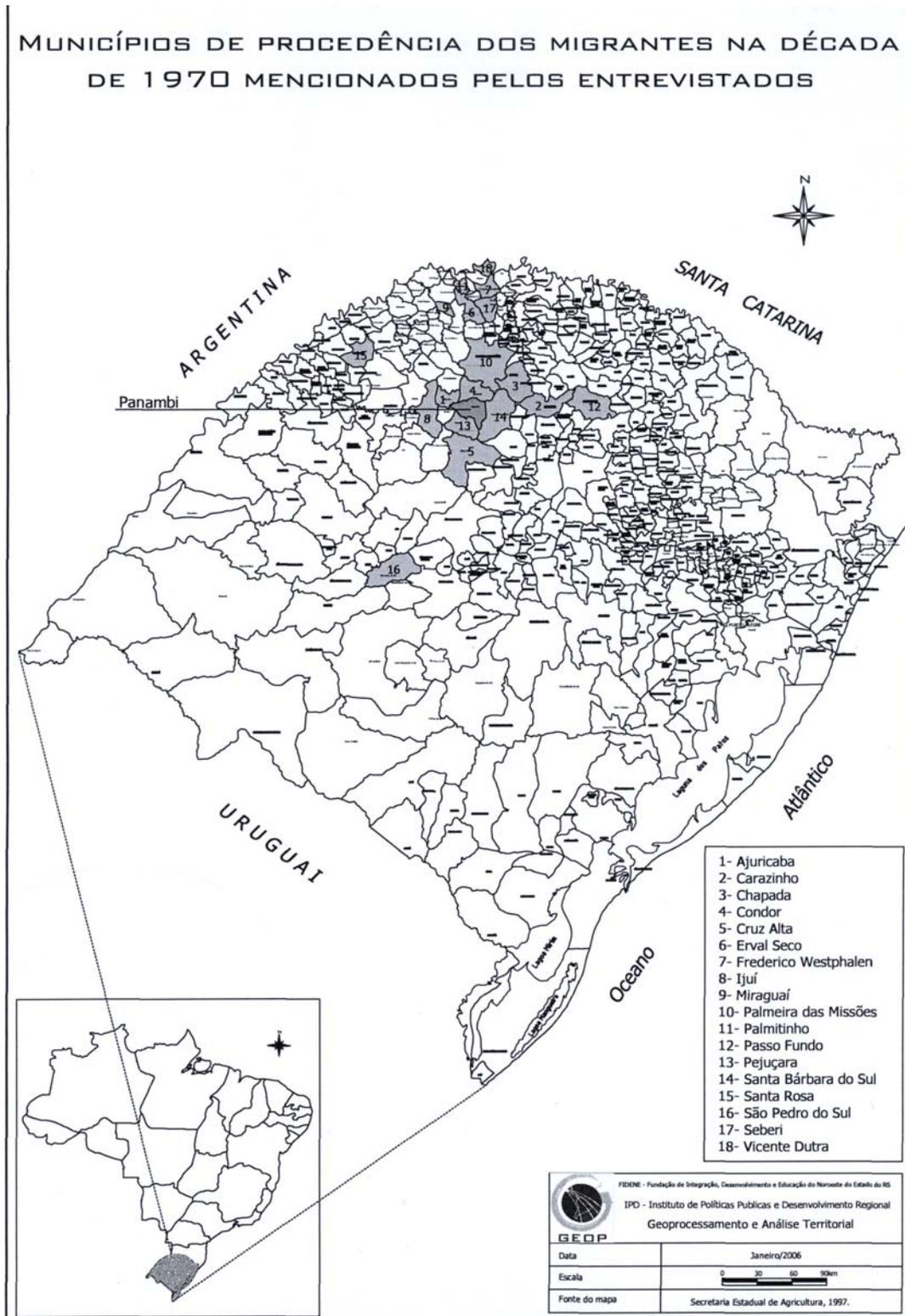
⁴⁵⁹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

⁴⁶⁰ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

⁴⁶¹ A respeito de “redes migratórias” cf. RAMOS, op. cit.

⁴⁶² LINN, Néri. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 15, set. 2005.

⁴⁶³ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.



Mapa 2. Fonte: IPD- Instituto de Política Públicas e desenvolvimento Regional

A vinda de imigrantes não foi vista de forma passiva pela comunidade panambiense. As manifestações contrárias ou inquietas transparecem nas páginas do noticioso local, pertencente a Miguel Schmitt-Prym, o qual foi durante muitos anos presidente da ACI. Os principais anunciadores do jornal eram empresas do município e, esporadicamente, figuras ilustres da comunidade publicavam artigos, ou seja, o periódico representava a opinião de uma determinada classe social, na maioria, pertencente ao grupo étnico alemão. O mesmo também expressava sua opinião a respeito das migrações através de artigos explícitos sobre o tema ou de forma implícita, fazendo referência a outros lugares, ou reproduzindo textos que não situavam o problema narrado. Um exemplo é o texto “A Revolta”:

Eles chegam com o amanhecer. Em bandos sujos. Espalham ao redor esse cheiro, impossível de definir, feito de miséria e de falta de asseio. Tomam os blocos de assalto. Ninguém mais consegue passar cinco ou seis minutos sem atender a campainha da porta. São de todos os tipos e idades. Crianças recém foragidas das fraldas. Meninos e meninas a caminho dos 10 anos. Adolescentes. Adultos, velhos. Confundem-se nos trapos da aura deprimente da sujeira, no olhar meio assustado, às vezes meio insolente, no interminável refrão de pedir isto ou aquilo para um filho doente, para um parente que precisa ser internado, para a mãe paralítica que não pode sair da cama e nem comprar remédios. Concorrem com os viralatas. Fuçam no mesmo lixo e tem o recurso da inteligência. As crianças, principalmente, me provocam piedade e revolta. Piedade imponente, nascida da consciência de saber que nunca poderei resolver-lhes o problema com alguns trocados, com os restos de comida ficados do jantar de ontem. A revolta é mais ampla. Abrange a sociedade inteira. Engloba os infelizes que se procriam como animais, pelos cantos escuros da vida, sem nenhum controle, alheios ao crime que praticam contra a vida. Atinge os dogmáticos, os carolas que falam contra o controle da natalidade esquecidos do fato de não haver grandeza nenhuma na concepção irresponsável de crianças destinadas à marginalidade e à mendicância. Que me importa se lá nos confins do Brasil existem áreas geográficas a preencher? O problema que me interessa esta aqui nas cidades superlotadas, onde a miséria aperta a campainha das portas desde o amanhecer. Não acredito que Deus aceitasse a desgraça hereditária dos pequeninos magros e corrompidos que vagam atrás das latas alheias quando disse “crescei e multiplicai-vos” aos homens. E ele também aconselhou aos homens a responsabilidade pelos próprios atos. Depois da piedade e da revolta, o medo. Para onde enveredarão essas legiões intermináveis de deserdados? Poderão respeitar a mesma sociedade que os ignorou na distribuição das chances, dos acessos aos bens essenciais da vida. Não acredito. A conclusão apavora. Agora mesmo, os jornais pululam de atentados, de crimes praticados por menores desajustados. Acreditem, trata-se apenas da crista da onda pioneira. Outras virão, soprados pela revolta, pelo analfabetismo, pela ignorância e pelos vícios de seres humanos que ficariam muito melhor do outro lado do existir, como simples células seminais, nunca como produtos embrutecidos de uma fertilidade que se manifesta entre trapos e miséria.⁴⁶⁴

O texto não explicita o lugar que analisa. Todavia, parece tratar-se, pelo menos de forma indireta, de Panambi, como indicam os seguintes indícios: as edições deste período

⁴⁶⁴ A revolta. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 345, ano III, 07, out. 1973, p.9.

traziam diversos artigos e notas, nas quais os autores expressavam seu descontentamento com o aumento da violência, dos pedintes e com a falta de casas, ou seja, temas expostos no texto. Outro indicativo refere-se ao fato de que foi publicado em letras pequenas e estava quase “escondido” num canto da página, o que fazia com que pudesse passar despercebido aos leitores menos atentos. O texto leva a pensar que os diretores do jornal, ao mesmo tempo em que sentiam a necessidade de expor sua opinião a respeito dos migrantes, temiam causar polêmica.

O periódico publicava com frequência textos que tratavam de problemas verificados no local, mas também presentes a nível macro. O tema urbanização era um dos mais recorrente.⁴⁶⁵ Os textos tratavam sobre as dificuldades para conciliar o desenvolvimento econômico com o êxodo rural,⁴⁶⁶ as migrações e a falta de infra-estrutura nas cidades. Um exemplo é a conclusão do texto “O preço do crescimento”: “o êxodo rural toma o rumo das pequenas cidades, incapazes de agüentarem sozinhas o aumento demográfico conseqüente”.⁴⁶⁷ Na mesma linha, um artigo definia como “caótica” a expansão urbana verificada neste contexto,⁴⁶⁸ enquanto outro ponderava a respeito do fato de que junto com o emprego, surgiam os sub-empregos ou, com o aumento excessivo da população, o próprio desemprego, situação que exigiria assistência social.⁴⁶⁹

O serviço de assistência social era encarado com certa resistência e aversão por parte dos “estabelecidos”. Por um lado, acreditava-se que as classes menos favorecidas acostumar-se-iam com o assistencialismo, e por conseqüência, não iriam se empenhar em trabalhar. Esse receio está implícito no texto “Deus salve os barrigudinhos”:

E de repente, o homem compreendeu que quanto menos se tem, melhor é. Não há preocupação com ladrões, não há preocupações de manter o nível de vida porque baixo nível qualquer situação agüenta por mais que seja a inflação. Os filhos barrigudinhos de vermes não tem importância. Os pés descalços também não. A mulher esquelética, vestindo roupas que a boa senhora lhe mandou também não tem importância. Haverá sempre uma boa senhora. Haverá sempre a erva que vai curar os vermes dos filhos barrigudinhos. E o rancho feito com tábuas de caixão que o homem da loja deu porque não tinha para quem vender também não tem importância.⁴⁷⁰

Essa situação contrariava a própria formação cultural de Panambi, calcada no trabalho, onde, mesmo em meio às dificuldades, cada qual trabalhava e, como resultado, conseguia adquirir seu pedaço de terra, sua casa, seu carro ou outros bens. O assistencialismo era visto

⁴⁶⁵ Entre os quais destacamos: A crescente urbanização brasileira. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 381, ano IV, 04, jan. 1974.

⁴⁶⁶ Entre os quais destacamos a seguinte publicação: Êxodo rural. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 3, ano I, 09, jun.1971, p. 5.

⁴⁶⁷ O preço do crescimento. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 115, ano I, 18, mar.1972.

⁴⁶⁸ Urbanismo: um grande quebra cabeça. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 263, ano II, 26, mar.1973.

⁴⁶⁹ Procura de emprego. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 24, jun.1971.

⁴⁷⁰ Deus salve os barrigudinhos. **O Panambiense**, Panambi, nº 1354, ano XII, 10, març.1971, p.5.

com preconceito como algo destinado “aos pobres”, “aos de fora”, que não queriam trabalhar. Ou seja, deturpava a própria imagem que os panambienses faziam de si e a sua representação de trabalho e forma de vida.

Em qualquer contexto, as migrações desorganizam o cotidiano das sociedades receptoras. Acirram, por exemplo, os inúmeros problemas no sistema de saneamento básico, de saúde, educação, recolhimento do lixo, moradia, além de intensificarem os problemas sociais e desencadearem conflitos étnicos. Relativamente ao saneamento, uma reportagem de 15 de setembro de 1975 destacava:

Obras de saneamento são uma determinação da Secretaria de Saúde, que visa melhorar o aspecto sanitário das áreas populacionais, que vivem a margem dos centros maiores. Em Panambi teríamos a Vila Esperança, Vila Italiana, Vila Ball, Bairro da Coréia. São áreas que não tem água potável, não têm sanitários, e as que existem são tão infectadas, que oferecem perigo a toda a vizinhança. Esse saneamento visa melhorar essas pequenas áreas, atingindo depois até o interior do município as áreas populacionais. Visa também contar com a participação efetiva da própria população atingida. Não é um serviço público, seria muito simplista, é saneamento comunitário. (...) Mas é acima de tudo uma medida de higiene que interessa a todos indistintamente.⁴⁷¹

Beck recorda: “Tinha problema na área de atendimento a saúde, inclusive fiz muitas campanhas através da rádio [sic] de auxílio...”⁴⁷² O Jornal denunciava os problemas nesta área, como no artigo “Depois das três horas ninguém consegue dormir”, no qual os moradores residentes próximo ao principal posto de saúde da cidade, reclamavam do barulho feito por aqueles que aguardavam atendimento médico.

Ernesto Winter, reside bem em frente ao prédio da Associação Comercial e Industrial, onde se forma a fila do INPS, para o fornecimento de ficha. Ele disse que a partir de 3:00 horas da madrugada, ninguém naquela rua consegue dormir. “Não há condições”. (...) Outro morador (...) disse que no domingo passado por exemplo, às 22 horas já havia gente guardando lugar na fila para conseguir uma ficha. O pessoal que vai guardar lugar na fila, traz rádios e gravadores e ligam-nos no último volume. Também muitas mulheres com crianças pequenas, vão para a fila nas primeiras horas da madrugada. As crianças começam a chorar e aí ninguém mais consegue dormir. Ele também diz que o pessoal faz as suas necessidades fisiológicas nos fundos do prédio da Associação ao lado do terreno onde reside.⁴⁷³

⁴⁷¹ Obras de saneamento depende da comunidade. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº623, ano V, 15, set.1975.

⁴⁷² BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁴⁷³ Filas no INPS. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 14, fev.1978, p.4-5.

Os entrevistados pelo jornal *A Notícia Ilustrada* reconheciam que o atendimento deficiente era um problema nacional, no entanto, um deles destacava:

Eu não consigo entender porque Panambi com seu grande número de indústrias e estabelecimentos comerciais, não tem ainda uma agência do INAMPS. Esse é um problema que toda a comunidade enfrenta. Ele é mais grave onde não existe uma agência do INAMPS. Mas o problema é nacional. Há mais previdenciários do que fichas disponíveis. *Em Panambi, há poucos meses começou a surgir um grave problema que só poderia ser sanado para muitos com a ação da polícia.*⁴⁷⁴ (grifo nosso).

O artigo insinua que o problema havia se intensificado há pouco tempo e, de forma geral, deixa a impressão de que este agravamento estava relacionado com as migrações verificadas no período. Outro grave problema citado freqüentemente pelo Jornal refere-se à precariedade no abastecimento de água, o qual estava sobrecarregado devido ao surgimento de novas vilas. Como alternativa, nesses lugares a população construía poços artesanais ou, em alguns casos, buscava água em riachos ou no rio Fiúza.⁴⁷⁵ Essa situação deixava margem para episódios como os ocorridos na Vila Arco-Íris, localizada na periferia da cidade,⁴⁷⁶ onde se verificou uma disputa pela posse de um poço artesiano desapropriado pela Prefeitura. O conflito envolveu o proprietário da firma “Móveis Barta”, o qual pretendia cobrar uma tarifa aos usuários do poço situado em seu terreno, a população que não queria pagar a taxa e a Prefeitura. Sobre o caso, o Jornal publicou um artigo onde os funcionários da empresa defendiam a causa do patrão:

O sistema de fornecimento de água na Vila Arco Íris, aplicado pela Prefeitura Municipal, criou uma situação gravíssima. As modernas instalações da firma Barta, Vianna & Cia Ltda, estão entupidas, isto pela falta gravíssima de água. Há na fábrica 28 pessoas, as quais são obrigadas a fazer suas necessidades no matão diariamente, no lado da fábrica, o qual já está bem cheio. É lá que está o perigo, se entrarem crianças, poderão contaminar-se com várias doenças. Nós trabalhadores não podemos lavar nossas mãos antes de comermos nossas merendas no tempo do recreio, nem antes do almoço e da janta. Também não podemos tomar banho, pois nós, a maioria estamos morando na firma. O poço de água tem grande sobra, mas a referida água não é bombeada conforme necessita-se, e o depósito da Prefeitura está fechado. Antes da desapropriação, a máquina trabalhava até 16 horas por dia.⁴⁷⁷

⁴⁷⁴ Filas no INPS. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, 14, fev.1978, p.4-5.

⁴⁷⁵ O rio Fiúza é o rio que corta a cidade, no qual a CORSAN possui a sua principal fonte de captação de água.

⁴⁷⁶ A Vila Arco-Íris localiza-se em um dos pontos mais altos da cidade, o que também contribuía para dificultar o abastecimento de água que permaneceu deficitário até o final da década de 90.

⁴⁷⁷ A pedido. *O Panambiense*, Panambi, nº 1197, ano XI, 28, jan.1970.

Os moradores da Vila Arco-Íris, em uma nota no mesmo noticioso, esclareciam que, após a desapropriação do poço, o atendimento havia melhorado e, portanto, eram gratos à Prefeitura. Além disso, destacavam que anteriormente sentiam-se imensamente lesados pelo ex-proprietário do poço, o qual seguidamente aumentava as taxas e ameaçava cortar a água dos que se recusassem a pagar.⁴⁷⁸ Posteriormente, outros artigos demonstravam que o ex-proprietário estava inconformado com a desapropriação e disposto a brigar na justiça pela reintegração de posse; em contrapartida a Prefeitura continuava insistindo na desapropriação do poço, visto que a Companhia Rio-Grandense de Saneamento/Corsan não conseguia atender de maneira satisfatória às necessidades da Vila. Não se encontra informações sobre o desfecho do episódio, todavia as queixas quanto à qualidade e a abrangência do abastecimento de água continuaram freqüentes na imprensa ao longo década de 70, mesmo depois da ampliação do sistema. Em 1975, 20% da população ainda não possuía água encanada.⁴⁷⁹

A constante chegada de migrantes também provocou um estrangulamento da estrutura habitacional da cidade, como destacava um artigo do periódico local:

Faltam casas para receber as centenas de famílias que vem para Panambi procurar empregos nas industrias. Esta é atualmente uma das preocupações da administração municipal, segundo o prefeito Orlando Schneider, que vê no fenômeno apenas mais um dos ônus que o extraordinário desenvolvimento da comunidade deve pagar.⁴⁸⁰

Neste contexto, a zona urbana expandiu-se para áreas mais afastadas do Centro, nas quais os problemas referenciados anteriormente se multiplicavam. Como consta,

Panambi é uma das cidades que mais cresce em toda a região, cresce desordenadamente. Aqui é que se faz mais calçamento, mas o calçamento nunca atende a todas as muitas necessidades e pedidos. Aqui se vende terrenos a preços os mais absurdos e mesmo assim tem gente querendo construir e não consegue comprar. Aqui os imóveis valorizam mais que as ações da maioria das grandes empresas brasileiras, *mas a cidade continua com aspecto de vila.*⁴⁸¹ (grifo nosso).

⁴⁷⁸ O documento foi assinado por 75 moradores da Vila Arco-Íris. A pedido. **O Panambiense**, Panambi, nº1233, ano XI, 08, mai.1970.

⁴⁷⁹ 20% da população não tem água encanada. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 541, ano V, 24, fev. 1975.

⁴⁸⁰ Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 684, ano V, 25, jul.1976.

⁴⁸¹ Como passear onde não tem passeio. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 43, ano I, 20, set.1971.

A característica de “vila” ou de “cidade pequena” pode ser observada, por exemplo, na desconfiança que os migrantes enfrentavam por parte dos locatários, que preferiam alugar seus imóveis para pessoas estabelecidas em Panambi. Beck recorda:

quando vim para cá de Santa Rosa tive dificuldade para achar casa para alugar! Até houve um fato curioso... eu fiquei 10 dias e não tinha conseguido casa para alugar e minha família tinha ficado em Santa Rosa, aí eu disse pro diretor que eu ia voltar (...) aí quando eu disse para ele que eu voltava ele pegou o carro dele e saiu abaladamente procurar casa e voltou e achou... eu não conhecia a cidade... daí encontrou uma casa e acabei ficando... aluguei esta casa, mais tarde construí a minha casa.⁴⁸²

Todavia, a desconfiança parece ter cedido lugar à possibilidade de lucro que esse mercado oferecia devido ao aumento da demanda. Schmitt-Prym afirma que “naquele tempo os agricultores tinham dinheiro: compravam casas, compravam terrenos e faziam casinhas”⁴⁸³ O mesmo menciona um caso:

Um exemplo típico disso foi a vila “Pão Pequeno”, (...) ali tinha 7 ou 8 casinhas, de 50, 60 m², que eram alugadas. Quem fez foi um padeiro, e cada vez que ele fazia mais uma casinha o pão aumentava de preço e diminuía de tamanho. O próprio dono do loteamento dizia “a nossa vila pão pequeno vai fazer uma casa”.⁴⁸⁴

Em 1976, embora aproximadamente 200 construções estivessem em andamento, o déficit ainda era de aproximadamente 500 casas.⁴⁸⁵ Conseqüentemente, o preço dos aluguéis aumentava constantemente e alguns proprietários de terrenos especulavam como alertavam os vereadores: “Os terrenos no centro têm toda a infra-estrutura como água, luz, calçamento e até calçada muitas vezes. Acontece que muitos são terrenos baldios. O imposto é baixo,

⁴⁸² BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁴⁸³ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005. O mesmo acrescenta: “Os agricultores tinham dinheiro, né! Naquele tempo assim, quando eu comprei a primeira máquina impressora “off set”, sabe que nós fomos pioneiros disso no RS, o primeiro computador para composição Panambi, foi atirado no depósito. Nós íamos buscar dinheiro não era em banco, era no interior. A gente fazia empréstimo em quilo de porco. A gente pedia emprestado e o agricultor contava vou te dar equivalente a 1000 KG de suíno vivo, que a Cooperativa de Cruz Alta comprava, ou aqui o frigorífico. Aí que era assim que a gente negociava... Isso era um negócio muito sério, isso do quilo do porco. Eles já abatiam o juro. Era tão sério que quando o quilo de porco caía (o preço), a gente devolvia dinheiro a menos para o agricultor. Eles honravam esse compromisso”.

⁴⁸⁴ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005

⁴⁸⁵ Caderno especial – Panambi: Desenvolvimento, um desafio que este município aceitou. A *Notícia Ilustrada*, Panambi, ano V, 25, jun.1976.

permitindo aos proprietários não vendê-los para esperar melhor preço ainda”.⁴⁸⁶ O poder público procurava solucionar o problema através de articulações políticas que visavam oferecer financiamentos para a construção de imóveis e compra de terrenos. Em 1976, foi criado o Conselho de Habitação – COMUHAB, o qual pretendia facilitar o relacionamento com a Companhia de Habitação do Rio Grande do Sul - COHAB/Rio Grande do Sul⁴⁸⁷ e, conseqüentemente, promover a consecução de casas populares.⁴⁸⁸ No mesmo período,

o BNH financia a construção de casas, mas dificilmente atinge aquela faixa dos que ganham de 1 a 5 salários mínimos. Os juros deste serviço com o BNH, se torna de um custo muito elevado. Por esta razão, O Governo Federal instituiu um novo sistema para dar condições ao operário de nível reduzido de rendimentos, para que o mesmo possa adquirir seu terreno. Foi denominado de PROFILURB (Programa de Financiamento de Lotes Urbanizados), que visa a desapropriação de uma certa área de terras em zona periférica da cidade. No Perímetro Urbano, de 5 a 10 hectares, sendo que este valor, está desapropriado pelo Governo do estado, e por intermédio da Prefeitura Municipal que se incumbirá, das ruas, iluminações, sistema viário e água. Esse sistema atenderá todos os assalariados.⁴⁸⁹

O articulista destacava também que o projeto visava, inicialmente, à aquisição do terreno e que existia um acordo entre a Prefeitura Municipal, BNH e COHAB para que a prestação fosse acessível aos operários. Refere ainda que já havia 150 pessoas inscritas para ingressarem no programa.⁴⁹⁰

⁴⁸⁶ Panambi integrada no sistema habitacional do Rio Grande do Sul. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 664, ano V, 19, mar.1976.

⁴⁸⁷ O Banco Nacional da Habitação (BNH) foi criado em 1964, no entanto não operava diretamente com o público. Sua função era realizar operações de crédito e gerir o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), por intermédio de bancos privados e/ou públicos e de agentes promotores, como as companhias habitacionais (por exemplo a COAB) e as companhias de água e esgoto. O BNH foi a principal instituição federal de desenvolvimento urbano da história brasileira, na qualidade de gestor do FGTS e da formulação e implementação do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e do Sistema Financeiro do Saneamento (SFS). Foi extinto, por decreto presidencial, em 1986. ARRETCHE, Marta T.S. **Banco Nacional da Habitação**. Disponível em : <www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty> Acesso em 09 jan. 2006.

⁴⁸⁸ Lei 423/76 - 15/03/76. Prefeitura Municipal de Panambi.

⁴⁸⁹ Panambi integrada no sistema habitacional do Rio Grande do Sul. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 664, ano V, 19, mar.1976.

⁴⁹⁰ Panambi integrada no sistema habitacional do Rio Grande do Sul. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 664, ano V, 19, mar.1976.

Encontra-se diversos artigos no jornal *A Notícia Ilustrada* que enfatizavam os esforços da Administração Municipal para auxiliar a população mais carente na construção de suas casas, como este, publicado em fevereiro de 1971:

Na sua viagem a Porto Alegre Erico Kepler, iniciou o cumprimento de sua agenda na cidade de Farroupilha. Nessa cidade ele manteve um demorado contato com o prefeito, para colher subsídios sobre a implantação de um plano de habitação no município, beneficiando a população de baixa renda. Disse Erico Kepler que segundo a Lei Municipal, os adquirentes de terrenos, devem ser da indústria ou do comércio, e somente poderão participar do plano se não possuírem outro imóvel. O prazo de pagamento dos terrenos é de 10 anos e durante esse período não poderá vender o terreno e nem alugar a casa que tiver construído. (...) Esse plano, segundo Kepler, deverá atingir também aqueles moradores das áreas alagadiças da cidade, que farão a troca pura e simples com a Prefeitura.⁴⁹¹

O artigo, além de indicar que os representantes do poder público estavam empenhados em elaborar um projeto viável de habitação, tanto que buscavam “bons” exemplos em outros municípios, ainda nos fornece a informação de que um dos pré-requisitos para habilitar-se aos programas era já ser funcionário de uma das empresas locais. Essa medida cumpria duas funções: servia como garantia de pagamento para os imóveis a serem financiados e dificultava a vinda de indivíduos que não tivessem emprego garantido, podendo futuramente constituir ônus à cidade. Outro problema verificado nesse contexto era o surgimento de loteamentos ilegais: “na Prefeitura Municipal se registraram nos últimos meses mais de 40 pedidos de licença para a construção de residências. Deve-se levar em conta que em nossa cidade se constrói muito, principalmente nos arredores, sem devida licença da Prefeitura”.⁴⁹²

A preocupação com a organização e legalização destes novos lotes e dos já existentes levou a administração a criar o Conselho Municipal de Bairros, COMUBAI, que tinha por finalidade estimular a criação de associações de Bairros, autorizar e oficializar nomes para os mesmos, incentivar a criação de centros comunitários e, prioritariamente, delimitar a área dos bairros e autorizar ou não os pedidos de loteamento para a criação de novos bairros. O COMUBAI era composto pelos seguintes membros: prefeito municipal, engenheiro ou seu representante da prefeitura, um representante da câmara dos vereadores, um representante de cada clube de serviço sediado em Panambi e, após escolha, um representante de cada

⁴⁹¹ Relatório das atividades de Erico Kepler. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, 14, març.1979.

⁴⁹² A cidade cresce. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº 175, ano II, 18, ago.1972.

bairro.⁴⁹³ A tarefa de organizar os loteamentos foi levada a cabo pela administração municipal que ao longo da década de 70, por diversas vezes, convocou os proprietários dos loteamentos a regularizarem sua situação:

O funcionário Plínio Figueiredo está a disposição daqueles que tem ou iniciaram loteamentos com vendas de terrenos na periferia da cidade e não conseguiram legalizar as suas propriedades (...) Todos os proprietários que tiverem dificuldades nestas situações de legalizações devem procurar este setor, assim como moradores que adquiriram terrenos em algumas áreas deverão interessar-se para que este setor possa resolver estes problemas, existindo atualmente alguns na Vila Italiana, Zona Norte e na Zona Sul da cidade onde loteamentos se localizaram sem a devida legalização. É necessário agora receber uma planta com loteamento, dar nomes as ruas, colocar números nas casas já existentes. Portanto é o Plano que está sendo executado pela administração com vistas a regularização de muitas residências nos setores de loteamento na periferia de nossa cidade.⁴⁹⁴

Outra medida foi a inserção no Código de Posturas de regras para construir loteamentos, tais como estipular o que cabia ao poder público e aos donos dos lotes, regulamentar os espaços para as ruas, etc. Regulamentava também os critérios de cadastramento, lançamentos, arrecadação e fixava os preços unitários de terreno, alíquotas, padrão e os diversos tipos de construção; estabelecia o zoneamento para efeito do lançamento e arrecadação dos impostos sobre a propriedade predial e territorial urbana.⁴⁹⁵ O não cumprimento das leis de regulamentação causava diversos problemas:

Uma cidade jamais poderá ser planejada como estava Panambi, onde cada proprietário de gleba traçava as ruas de tal forma a se tornar o melhor beneficiado com a posição das mesmas. Nesse sentido nos defrontamos com um velho sistema e que até hoje não conseguimos superá-lo: a chamada rua na divisa das propriedades, onde cada proprietário cede metade de sua rua. Com base neste sistema é que cada proprietário tem hoje um verdadeiro labirinto de ruas na cidade de Panambi.⁴⁹⁶

Neste contexto, um artigo de novembro de 1977 questionava: “Loteamentos: Solução para a expansão da cidade ou aumento dos problemas para a população?”⁴⁹⁷ O articulista argumentava que os loteamentos não possuíam saneamento básico, nem planejamento das

⁴⁹³ Lei nº376/74- 06 de novembro de 1974: Art. 1º e 2º. Prefeitura Municipal de Panambi.

⁴⁹⁴ Proprietários de loteamentos deveram legalizar propriedades. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 643, ano V, 28, jan.1976.

⁴⁹⁵ Lei nº417/75- 31/12/1975. Prefeitura Municipal de Panambi.

⁴⁹⁶ Loteamentos: solução para a cidade ou aumento para os problemas para a população? **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 06, out.1977, p.1.

⁴⁹⁷ Loteamentos: solução para a cidade ou aumento para os problemas para a população? **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 06, out.1977, p.1.

vias internas e que proliferavam de forma muito rápida, o que só fazia aumentar o problema. Salientava:

Para que surja um loteamento urbano, deverá a Prefeitura através do Setor de Planejamento traçar as ruas principais, que deverão ser obedecidas a rigor pelo loteador, que se responsabiliza a dar ao seu loteamento a infra-estrutura assegurando aos lotes o necessário para que possam ser edificados. A Prefeitura Municipal cabe o direito de demarcar áreas a serem posteriormente loteadas, aprovar ou reprová-las, bem como demarcar áreas onde poderão ser loteados para fins industriais ou áreas danosas a saúde pública.⁴⁹⁸

Por fim, considerava que os compradores de imóveis nos loteamentos deveriam ser alertados de que o calçamento, o fornecimento de água e energia elétrica seriam disponibilizados a longo prazo. Entendia que o processo acelerado de urbanização verificado em Panambi exigia que os órgãos competentes investissem em planejamento:

A verdade é que deve estar previsto o que será feito, por exemplo, nos próximos dez anos, quanto a água, luz e calçamento. Sem planejamento não é possível administrar e solucionar os problemas sociais de Panambi que dia após dia vem se agravando. (...) o assunto, diante de suas implicações e da importância, deve merecer um estudo mais apurado por parte da administração pública panambiense.⁴⁹⁹

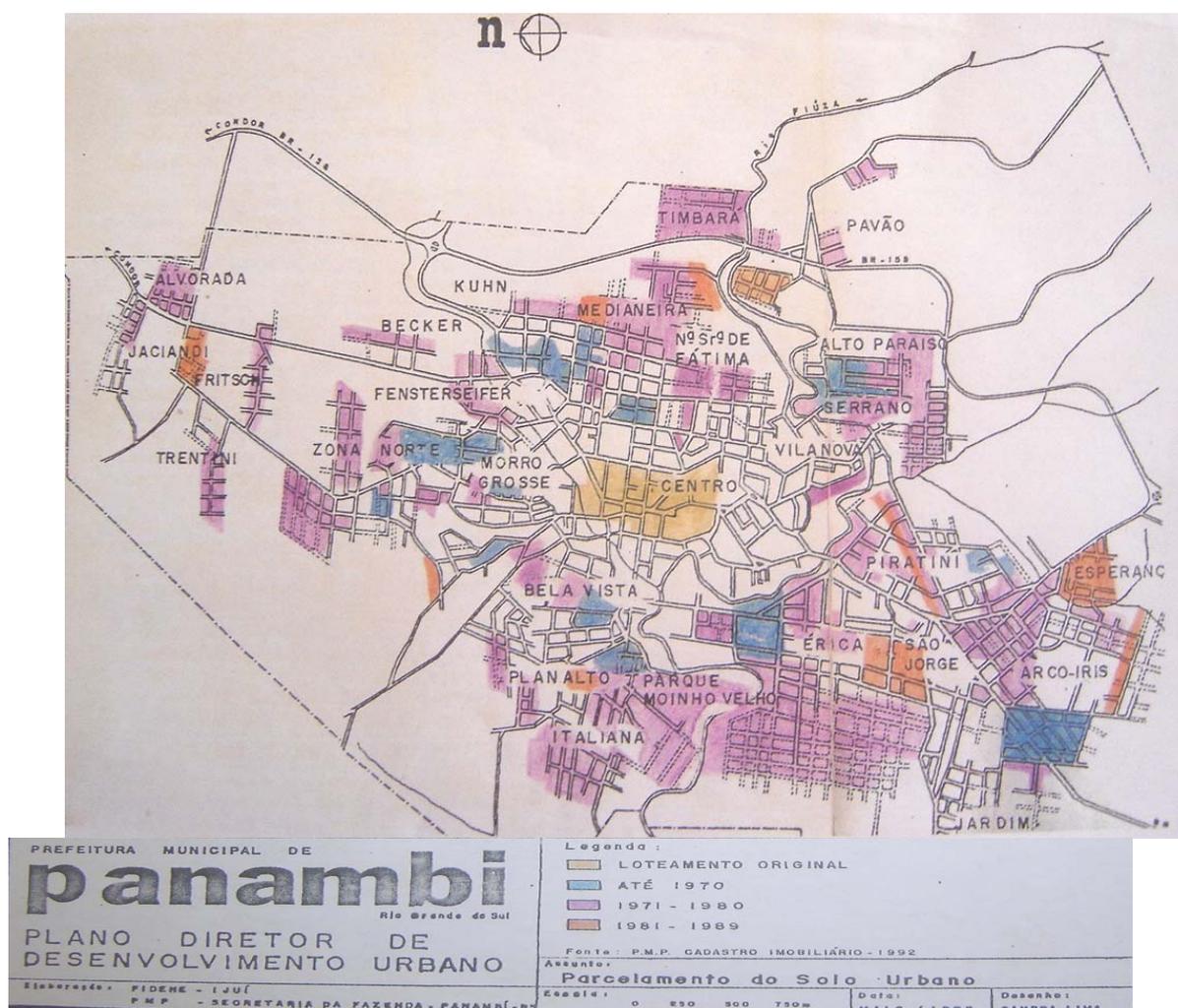
A década de 70 caracteriza-se pela preocupação com o crescimento desordenado e intenso da urbe. Segundo Braun, “a implantação de novas áreas de loteamento juntamente com a ampliação do perímetro legal (Decreto 06 de 26 de junho de 1976) propiciou a grande expansão da cidade”.⁵⁰⁰ Em 1977 existiam pelo menos 76 pedidos aprovados para construção de novos loteamentos, número considerado excessivo, demonstrando que o crescimento urbano da cidade havia se invertido, “ao invés de dentro para fora, cresce de fora para dentro” ou, em outras palavras, o crescimento dos loteamentos era muito superior ao do centro da cidade.⁵⁰¹ O Mapa 2 dá uma idéia desse crescimento vertiginoso, confirmando as discussões em voga no período sobre a ausência de um planejamento urbano.

⁴⁹⁸ Loteamentos: solução para a cidade ou aumento para os problemas para a população? **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 06, out.1977, p.1.

⁴⁹⁹ Loteamentos: solução para a cidade ou aumento para os problemas para a população? **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 06, out.1977, p.1.

⁵⁰⁰ BRAUN, Sandra. **O processo de formação sócio - espacial do Bairro Esperança**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. Monografia (Graduação em Geografia Licenciatura Plena), Departamento de Ciências Sociais, UNIJUÍ, 2005.

⁵⁰¹ Loteamentos: solução para a cidade ou aumento para os problemas para a população? **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 06, out.1977, p.1.



Mapa 3 – Área urbana de Panambi – Maio de 1992. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PANAMBI. **Plano diretor de desenvolvimento urbano**. 2º Semestre de 1992. Mimeo, p. 104⁵⁰²

3.2.1 A cidade “bela, higiênica e alemã”

No século XX, a sociedade passou por uma grande mudança cultural causada pelo avanço tecnológico e pelas “revoluções nos costumes”. O mundo já não era mais o mesmo:

⁵⁰² PREFEITURA MUNICIPAL DE PANAMBI. Plano diretor de desenvolvimento urbano. 2º Semestre de 1992. Mimeo. Provavelmente, os autores do Plano Diretor tenham considerado dados “oficiais” para afirmarem que o Bairro Esperança foi fundado na década de oitenta, pois encontramos diversos artigos no jornal **A Notícia Ilustrada** que comprovam que a compra de terras para este loteamento e a construção de casas havia iniciado em 1972. O trabalho de Sandra Braun também refere como data inicial o ano de 1972. Cf. BRAUN, op. cit.

invenção da pílula anticoncepcional, revolução feminina, luta contra o racismo, máquinas que facilitavam a vida cotidiana, mas que muitas vezes causavam o espanto das pessoas.⁵⁰³ Em Panambi não foi diferente, Almeida recorda: “começou a modernidade a se instalar em Panambi, eu lembro quando foi instalado o primeiro semáforo, em frente à Kepler Weber, ficava um monte de gente olhando. Vendo quando mudava de cor!”(risos).⁵⁰⁴ Essas transformações afetavam diretamente o cotidiano das pessoas. Colocavam em contato gerações muito diferentes: os mais velhos educados dentro de suas tradições e os mais jovens, para os quais o sentido da tradição era cada vez mais irrelevante. Dadas as proporções, também houve uma “aproximação”, principalmente através das migrações, de sociedades que buscavam a manutenção da tradição, ou do que definiam como “sua cultura”, com outras, detentoras de valores diferentes.⁵⁰⁵ Um texto no jornal local, de 02 de setembro de 1975, ponderava:

Panambi apresenta condições muito favoráveis para adoção de uma política permanente de planejamento: o dinamismo econômico, a coesão comunitária, a *homogeneidade cultural* são condições que, infelizmente, nem todas as nossas cidades possuem. A cidade cresceu consideravelmente e as urgências do desenvolvimento industrial colocam problemas de vulto. (...) A nossa primeira tarefa será auxiliar o pensamento da população local sobre as aspirações específicas que possa ter com relação ao futuro da cidade. *E não se trata apenas de aspirações expressas mas, também, das que estão contidas em potencial nos hábitos e na maneira de viver das pessoas. Todo o mundo sabe que os valores culturais são muito significativos aqui e dizemos culturais no sentido mais amplo da palavra.*⁵⁰⁶ (grifo nosso).

Assim, se por um lado, segundo os entrevistados, na década de 70 alguns identificadores do grupo étnico alemão, como o uso da língua, não eram mais do domínio de todos; por outro, a tensão entre os migrantes e estabelecidos gerava a reação defensiva da sociedade receptora expressa, por exemplo, na tentativa de representar Panambi como cidade “bela, higiênica e alemã”. Neste sentido, Pesavento esclarece que: “o ‘nós’ identitário sonhado, que corresponde ao mundo dos cidadãos, do espaço urbano normatizado e da vida

⁵⁰³ A respeito das mudanças no cotidiano provocadas pelas novas tecnologias no século XX: Cf. HOBBSAWM, Erich. **A Era dos Extremos: O breve século XX 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁵⁰⁴ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁵⁰⁵ Cf. HOBBSAWM, 2001, op. cit.

⁵⁰⁶ Planejamento urbano de Panambi em breve. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 622, ano V, 02, set.1975. p. 6.

regrada, se constitui necessariamente numa dimensão relacional: a cidade da ordem existe por ‘causa e contra’ a alteridade denunciada”.⁵⁰⁷

Uma moradora, em carta ao jornal, em outubro de 1971, desabafava:

Muitos irão se lembrar que há pouco tempo atrás, Panambi era considerada um exemplo de cidade limpa! Todos tinham orgulho de apresentarem suas calçadas bem varridas. Raro era o caso de alguém tirar um papel no chão. *Antes*, se encontrava gente ajuntando quando o vento tinha espalhado algo, para logo adiante por no lixo.⁵⁰⁸ (grifo nosso)

Em seguida, questionava-se:

O que mudou? Teremos mudado tanto que hoje já não ligamos para isto? Que hoje tanto faz para nós entrarmos em nosso pátio, onde esta nossa casa e encontrarmos tudo limpinho, quando na frente, na calçada, há uma camada de pó tão alta que nem a chuva mais consegue lavar, que os inços entre uma lage e outra mostram-se orgulhosos como se fossem uma flor rara que ninguém deve tirar? Qual a casa que pode dizer que na sua nunca chega uma criança com a frase tão conhecida: a sr pode me dar um pedaço de pão? É tão simples para nós dar e mandá-lo embora. Ninguém tem tempo a perder... mas com isto estaremos ensinando o que estas crianças? Relendo o assunto inicial, pensemos... Por que não dar uma vassoura e mandar varrer a frente, na nossa calçada e talvez uma ou outra vez atirar um balde de água? Aí sim, teríamos nossas calçadas sempre varridas, ajudando o embelezamento de nossa cidade e principalmente ensinado a estas crianças que para o engrandecimento de nossa pátria é necessário trabalhar!⁵⁰⁹

O texto fornece alguns indícios a respeito de como as pessoas estavam percebendo as mudanças. Sobressai a idéia de que as “coisas” eram diferentes “antes”, ou seja, no passado a cidade era limpa, organizada, não possuía pedintes. A autora da missiva situa sua narrativa entre o que ocorria antes e como a situação se apresentava no presente. Sugeriria que era necessário ensinar a “quem não soubesse”, por exemplo, o trabalho e a higiene, pois só desta forma Panambi poderia voltar a ser o que era e contribuir para o “engrandecimento” da Pátria. “Antes”, as pessoas conseguiam manter a cidade dentro de uma “determinada ordem”. Beck lembra que

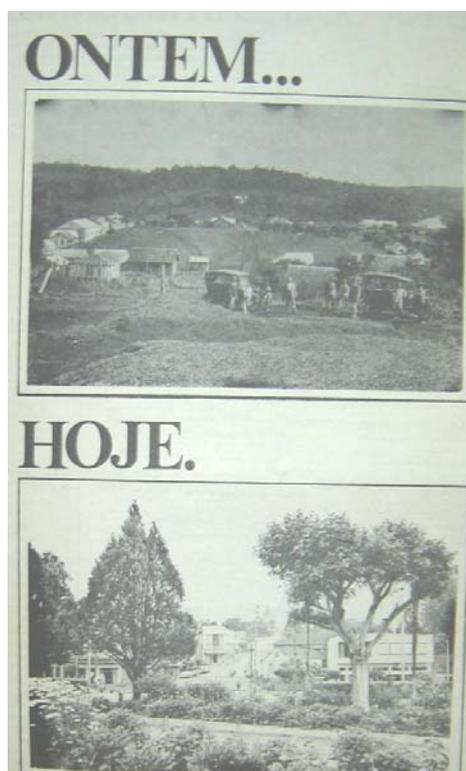
⁵⁰⁷ PESAVENTO, Sandra Jatthy. Lugares Malditos: a cidade do outro no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19. n. 37, set. 1999a.

⁵⁰⁸ Limpeza da cidade e pobreza: Crítica construtiva, por Luiza. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº66, ano I, 22, nov.1971.

⁵⁰⁹ Limpeza da cidade e pobreza: Crítica construtiva, por Luiza. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº66, ano I, 22, nov.1971.

era bem pequena a cidade, tinha poucas ruas calçadas, mas era 1960... por aí... e tinha uma pracinha tão bonitinha... isso ficou gravado na minha memória. Eu nunca tinha ouvido falar... assim, da cidade... mas tem coisas que a gente não esquece... eu me lembro que era uma cidade muito limpa... eu fumava na época, saí da Rádio e entrei no carro e fiquei com vergonha de jogar o toco no calçamento porque tava tão limpinho...(...) Era uma cidade que a gente podia deixar o carro com a chave dentro que não acontecia nada, depois com o tempo começou a mudar...⁵¹⁰

Cristalizou-se, então, no imaginário local uma idéia de Panambi ontem e Panambi hoje, amparada em concepções, por vezes, contraditórias.⁵¹¹



Propaganda 3 - Panambi ontem hoje.
 Fonte: **A Notícia Ilustrada** 25 jul. 1977, p.3

⁵¹⁰ BECK, René.. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁵¹¹ Essa idéia estava tão introjetada, que na década de 80 foi organizado um livro didático pela Secretaria de Educação e Cultura, para ser utilizado no Ensino Fundamental, cujo título era “Panambi: ontem e hoje”. Cf. SIMON, Mary Lea (Org.). **Panambi Ontem Hoje**. Panambi: Publipan.

Neste cenário, a população não se reconhecia mais: o que via não era a cidade que havia projetado, não era o cotidiano com o qual estava acostumada, nem com o que havia sonhado: por um lado, o desenvolvimento econômico fora um dos principais objetivos dos colonizadores, e evidentemente continuava sendo importante; por outro, a preservação da cultura também era uma marca daquele lugar e, aos poucos parecia estar sendo ameaçada, tanto nos principais valores, como nos religiosos, como apresentado no primeiro capítulo, quanto nas pequenas coisas, como manter a cidade limpa. Neste sentido, pode-se comparar a crise da década de setenta, ocorrida em Panambi, com a ocorrida no Rio de Janeiro, na mudança do Império para a República:

no final do século, com a passagem da Monarquia para a República, a elite carioca não se reconhecia na imagem refletida no espelho. A identidade urbana do Rio de Janeiro não poderia ser construída em cima de uma cidade feia, imunda, perigosa, caótica. A cidade do desejo negava a cidade real, e o espelho deveria refletir a imagem de uma urbe higiênica, linda e ordenada.⁵¹²

Essa situação parece ter levado os grupos dirigentes e a população em geral a procurar formas reconhecíveis para reconstruir o cenário da urbe. Daí a preocupação com as normas de higiene, infra-estrutura e problemas sociais, aspectos estes que, de forma geral, caracterizam os processos de urbanização.⁵¹³ Schmitt-Prym afirma que “quando o hospital de Panambi foi projetado, foi projetada uma ala de indigentes. O nosso hospital, na planta, tinha um pavilhão dos indigentes. Foi feito.”⁵¹⁴ Obviamente, os indigentes pensados aqui representavam a população pobre da cidade, geralmente luso-brasileira e migrante.

Panambi se imaginava e representava como uma cidade “bela, limpa, ordenada”. Essa concepção era reforçada também na imprensa, como no artigo de 1977: “Panambi: cidade que cresce e cada vez fica mais bonita”:

⁵¹² PESAVENTO, Sandra Jatthy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999b. p. 169.

⁵¹³ Cf. PESAVENTO, 1999b, op. cit.; SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatthy (org). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997; PESAVENTO, 1999a, op. cit.; PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

⁵¹⁴ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

Há cidades que surgem com a marca indelével de seu futuro. PANAMBI, já tinha uns traços belos que só embelezam com o tempo. O espaço verde, ao redor da área urbana, uma população caprichosa na cidade e no interior, sempre com vontade de autoferir a técnica. Estes aspectos gerais da mentalidade de um povo e do status em que ele vive podem ser medidos por uma população sem pobreza. Este espírito nota-se no morro do pão pequeno. Ontem, era uma paisagem de matos e arbustos, sem nenhum valor. Hoje porque não consideramos como um cartão de visitas? Ali foram construídas casas, em estilo arquitetônico, moderno, umas verdadeiras mansões que embelezam e que dá gosto admirar. Outro exemplo de crescimento, são as Vilas São Jorge, Vila Nova, Vila Arco-Íris, Vila Kuhn e outras, que há pouco tempo atrás possuíam poucas casas, e hoje estão povoadas de casas bonitas e seus proprietários são na maioria da classe média. As principais ruas, com apenas alguma exceção, são conservadas e limpas. E a nossa praça, é considerada por muitos, como uma das mais bonitas, e está bem situada. O parque infantil é muito freqüentado pelas crianças que passam horas e horas divertindo-se. O zelador Alberto Müller, a quase dez anos cuida das árvores, canteiros e passeios. Da grande variedade de árvores plantadas destacamos, o ipê amarelo, as licustres. Muitos panambienses desconhecem os lindos canteiros com rosas, azaléias, amor perfeito, onze horas e outras. São algumas destas coisas bonitas desta praça a qual o velhinho zelador Müller, empresta todo o carinho e dedicação.⁵¹⁵

Pode-se inferir que um dos quesitos considerados para definir a cidade como “bela” era o aspecto das habitações, somando-se a isso o espaço verde e uma população sem pobreza. Se havia esta preocupação oficial em não deturpar a imagem da cidade,⁵¹⁶ em diferentes momentos nota-se que a mesma não era consenso pois diversos artigos do mesmo jornal chamavam atenção para o fato de que algumas pessoas não estavam “cuidando” de suas moradias a contento. Um artigo, intitulado “O exemplo” destacava a atitude de uma moradora que havia decidido limpar um terreno baldio. As reclamações quanto ao desleixo dos proprietários de terrenos baldios eram comuns.⁵¹⁷ Fica implícita mais uma vez a alusão aos migrantes que estavam chegando, dando a entender que em parte eles eram os responsáveis pela sujeira pública, pois não possuíam a mesma mentalidade de limpeza dos panambienses.

⁵¹⁵ Panambi: cidade que cresce e cada vez fica mais bonita. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº742, ano VII, 06, jan.1977, p.3.

⁵¹⁶ Neste sentido, por exemplo, em 1978 a câmara de vereadores regulamentava uma lei que punia os que não efetuassem a limpeza de suas propriedades. Lei : 559/78- 30/09/78: Cap. XIV: Do combate as pragas e animais nocivos e limpeza das propriedades urbanas: Artig. 127: Todo proprietário ou possuidor de terras ou terrenos tem o dever de combater as pragas e animais nocivos que aí se criam ou proliferam; Art. 128: Qualquer pessoa poderá reclamar junto à prefeitura providências contra a invasão de animais nocivos e pragas vindas do terreno do visinho, bem como exigindo desde a limpeza e roçado dos terrenos/quem não limpar o terreno pode ser intimado e terá 30 dias para limpar o terreno; Art. 30: As pragas e animais nocivos existentes em terrenos, praças e cemitérios de propriedade da prefeitura ou pessoas velhas e reconhecidamente pobres serão combatidas por conta da prefeitura que se responsabilizará também pela limpeza do terreno.

⁵¹⁷ O exemplo. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 23, mar.1979.

Outro fator que parecia comprometer a imagem de bela que a cidade queria construir para si era uma vila pobre próxima ao centro. A questão foi resolvida de forma gradual ao longo da década de 70. Para tanto contribuíram os programas sociais coordenados pelo município e a valorização imobiliária dos terrenos próximos ao centro. Schmitt-Prym reitera:

as populações mais pobres, elas vão, com o tempo vão ser pressionadas para se afastar do centro da cidade. O centro da cidade vai desenvolvendo, vai urbanizando, e aí as populações mais carentes, automaticamente elas são jogadas para fora do centro. Porque o centro vai ficando mais caro, os terrenos vão urbanizando, os imóveis vão valorizando. A infra-estrutura da cidade vai encarecendo também, a vida no centro, daí então o pessoal pobre vai vendendo e vai se afastando do centro. Isso aconteceu na história de Panambi com a chamada vila Picumã, a Coréia e essas famílias, a medida que foram aumentando, não tinham mais como ficar naquele nucleozinho. E aí foram indo pra onde, pra fora, cada vez mais pra fora. E a migração também trouxe isso. Com o desenvolvimento da indústria houve migração muito forte e essas famílias que vinham de fora, geralmente elas vinham praticamente sem recursos, desempregados, pequenos agricultores que vendiam suas propriedades e vinham para cidade, o êxodo rural. E aí então foram surgindo as necessidades de se fazer os chamados loteamentos populares. O primeiro grande loteamento popular foi a Vila Esperança.⁵¹⁸

A Vila Coréia era popularmente conhecida por Vila “Picumã”. Nos dois casos percebe-se um forte preconceito na denominação daquele espaço. Coréia remetia ao país asiático de mesmo nome, cuja situação de pobreza e problemas sociais era amplamente conhecida no período. Schmitt-Prym explica:

Coréia, Picumã... por que Coréia, naquele tempo, na Ásia era considerado um gueto, dava muita briga. O primeiro bairro pobre não era bairro, era aqui em cima. Nós chamava de vila Picumã. Por causa da fumaça. As casas não tinham piso, eles faziam fogo no chão, e as casas eram pretos por dentro de Picumã. Fumaça salta pelas frestas de casa...⁵¹⁹

João da Silva Oliveira recorda: “antes tinha o bairro Fátima, que antes era o bairro Coréia, e daí a Coréia ficou uma favela, aí a cidade foi crescendo, o pessoal foi comprando terreno, construindo casas e aí os mais pobres foram criando o bairro Esperança”.⁵²⁰

Alguns moradores foram cooptados por programas sociais que ofereciam a possibilidade de construir casas em outras regiões da cidade. Um jornal de 1971 noticiava:

⁵¹⁸ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁵¹⁹ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁵²⁰ OLIVEIRA, João da Silva. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 15, set. 2005.

Sociedade Panambiense de Auxílio dos Necessitados está por receber da Prefeitura Municipal em terreno nas proximidades da propriedade de Alberto Handel, a fim de transferir para aquele local a população da chamada vila Popular. Trata-se de uma ação social de grande alcance, por motivos óbvios. O Prefeito Municipal já manifestou sua intenção de fazer doação, faltando apenas o referendo da Câmara Municipal de Vereadores sobre o assunto, o que se espera venha a ocorrer sem problemas, pois o terreno já foi adquirido com essa finalidade. Uma vez efetuada a transferência, pretende a SPANE lançar uma campanha comunitária, com a finalidade de levantar recursos para a construção de casas de pouco custo, embora em condições de dar um mínimo de higiene aos que forem transferidos para as mesmas.⁵²¹

Os motivos óbvios aos quais o artigo se referia certamente eram as condições de higiene. Neste período era comum denominarem de “vila popular”, os loteamentos povoados por pessoas de baixa renda, no caso, a vila em questão é a Coréia. Beck confirma: “era perto da rodoviária... mas esse pessoal foi indo mais para a periferia da cidade”... O lugar que menciona como destino desta população é o que originou o Bairro Esperança.

A retirada de elementos que perturbavam a imagem de cidade ordeira, bela, moral, integrava o cotidiano dos agentes policiais. Eram recorrentes as notícias a respeito do aumento da violência⁵²² e a prisão de “elementos por vadiagem” no centro da cidade.⁵²³ Uma manchete de 1979 anunciava: “Polícia faz *nova* Blitz: prende desocupados e prostitutas que perturbam a comunidade” (grifo nosso). Trazia o nome das prostitutas e dos vadios, num total de doze pessoas, entre eles, apenas dois não possuíam sobrenome luso-brasileiro.⁵²⁴

O aumento de pedintes nas ruas centrais, dentre eles menores de idade, preocupava. Leonardo Meyer, em um artigo de 1974, abordava essa questão:

Nesses últimos meses, o problema do menor em nossa cidade está se agravando e de imediato necessita de uma definição. Diuturnamente, encontramos, pelas ruas de

⁵²¹ Spane quer construir casas. **O Panambiense**, Panambi, nº1335, ano XII, 27, jan.1971.

⁵²² Um artigo do jornal **A Notícia Ilustrada** destacava: “Quanto às ocorrências policiais, novamente Panambi classificou-se em segundo lugar, perdendo somente para Cruz Alta”. Panambi em segundo lugar nas ocorrências. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº650, ano V, 16, fev. 1976, p.2.

⁵²³ O processo de retirada dos pobres que acontece em Panambi, acontece também de forma concomitante em uma cidade vizinha. O jornal **A Notícia Ilustrada** noticiava: “Operação limpeza” em Santa Bárbara do Sul: O Delegado de Santa Bárbara do Sul, Iran Bittencurt da Silva, está promovendo a “Operação Limpeza” em sua cidade, visando o bem estar da comunidade. Menores que andam furtando e menores “mariposas” que desfilam durante a noite nas ruas principais.⁵²³

⁵²⁴ Polícia faz Blitz. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 09, març.1979. As colunas do “Doutor Careta”, personagem criado pelo jornal **A Notícia Ilustrada** para criticar livremente os acontecimentos locais, foi a principal “voz” a se levantar contra a prostituição no centro da cidade, o que ocorreu, por exemplo, nas seguintes edições: 08, set.1976; 01, fev.1977; 31, mar.1977; 04, abr.1977.

nossa cidade, meninos sem amparo pedindo esmolas, *dessa maneira dando uma má impressão àqueles que nos visitam.*⁵²⁵ (grifo nosso).

Meyer prosseguia: “É impressionante o número de meninos que saem de casa em casa a procura de alimentos e vestimenta, inclusive nas ruas, pedindo um ‘troquinho’ para o que eles alegam comprar um pedaço de pão, porque em casa não há”.⁵²⁶ Em 1979 o mesmo autor publicava outro artigo no qual denunciava que os menores pedintes continuavam sendo um grande problema da cidade, e que o problema aumentaria caso não tomassem providências.⁵²⁷

Uma das alternativas encontradas para combater os problemas sociais foi a criação de um Conselho Municipal de Assistência Social, que tinha como funções: “coordenação e orientação dos seguintes setores da saúde, alimentação, orientação, emprego, alfabetização, habitação, economia do lar, relacionamento e fiscalização do indigente, entre outros”.⁵²⁸ No tocante à demanda por educação, desencadeada a partir das migrações, o periódico local destacava: “diante do fato de Panambi receber constantemente famílias de outros municípios, muitas das quais analfabetas, que procuram colocação nas fabricas, necessário se torna instalar mais um curso de alfabetização”.⁵²⁹ Outro artigo informava:

A prefeitura municipal, após doar terrenos para o auxílio aos necessitados organizou um núcleo habitacional, proporcionando melhores condições de vida. Nesse núcleo se localizam as famílias que são deveras necessitadas e que recebem toda a assistência necessária, isto comprovado de visitas feitas às famílias onde foi preenchido uma ficha cadastral das mesmas. Por sua vez estas mesmas famílias e outras localizadas em áreas que não fazem parte do núcleo, também foram visitadas e receberam um cartão de identidade para retirar os alimentos na prefeitura. Os alimentos são comprados através de verbas que as firmas e pessoas associadas doam à SPANE para esse fim. Esta verba é mensal. (...) Queremos fazer um apelo às famílias de nossa cidade para que não dêem esmolas ou auxílios individuais para ninguém. Caso aparecer em sua casa alguém solicitando ajuda, encaminhe-o a prefeitura (...) evitando que o número de pedintes seja maior do que já é, *dando um aspecto feio para a cidade.* (grifo nosso).⁵³⁰

Subentende-se que a imagem da urbe era mais importante do que a preocupação com a situação social dos pedintes, pois o maior argumento para encaminhá-los aos responsáveis

⁵²⁵ MEYER, Leonardo. O problema do menor. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº472, ano IV, 12, ago. 1974.

⁵²⁶ MEYER, Leonardo. O problema do menor. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº472, ano IV, 12, ago.1974.

⁵²⁷ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 05 a 06, set.1979, p.5.

⁵²⁸ Lei 317/71- 12/11/71. Prefeitura Municipal de Panambi.

⁵²⁹ COMUM quer mais um curso de alfabetização. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 20, ago.1977, p.2.

⁵³⁰ Toda pessoa como ser humano deve interessar-se. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº327, ano III, 24, ago.1973, p.3.

pela assistência social era o fato de que sua presença “dava um aspecto feio à cidade”. O artigo mencionava ainda: “toda vez que alguém bater em sua porta não dê nada antes de pedir algo em troca. Por exemplo: se lhe pedirem esmolas, peça antes que lhe façam algum trabalho por menor que seja, nem que tenha que ficar junto com o pedinte no desenvolvimento da tarefa, porque ‘Não se deve dar o peixe, mas sim ensinar a pescar’”.⁵³¹ Essa mentalidade pode ser verificada no modelo de pedinte lendário da década de 70: “Seu Joaquim Machador”, o “bom velhinho” que embora com a saúde debilitada fazia pequenos serviços e cultivava sua horta.⁵³²

Segundo Schmitt-Prym:

Sim ele era o protótipo do indigente. Era um homem que não pedia nada, pra ninguém. (...) minha esposa e eu, muitas vezes recebemos ele aqui na empresa, porque ele chegava e pedia uma vassoura pra varrer a calçada, chegava assim: ‘vizinha, não tem uma vassoura pra varrer sua calçada, ta cheia de folhas’. E aí a gente sabia que dava a vassoura prá ele depois ele vinha cobrar o serviço. Não pedia esmola.⁵³³

Encontra-se diversos artigos no jornal que narravam sua história e descreviam suas virtudes:

Nas festas da comunidade sua “figura raquítica catando restos de ossos era um dos atrativos”, “Joaquim do vento, Joaquim Machador”, era assim que o chamavam. Joaquim do vento nunca frequentou nenhuma escola, todavia: “viveu na grande escola que é o mundo, onde se aprende todas as profissões. Mas ele aprendeu a apenas a ser bom e honesto, embora dependesse da caridade alheia”. (...) Quando tinha 85 anos sua esposa morreu. Foi um choque para seu Joaquim que ficou sozinho e ainda mais doente. (...) Então seu filho Pompílio Dias Inácio que residia em Porto alegre, resolveu buscá-lo para morar com alguns parentes. (...) Seu estado de saúde piorava ainda mais. Joaquim quase não se alimenta, passa quase o tempo todo chorando e pedindo para voltar para Panambi. Sua enteada e parentes não tem meios para realizar talvez, o último sonho do Joaquim do vento: passar seus últimos

⁵³¹ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº327, ano III, 24, ago.1973, p.3.

⁵³² Joaquim migrou com sua família para Panambi quando tinha 30 anos. Inicialmente, como era agricultor, residiu no interior do município, trabalhando nas terras de seu irmão. Ficaram 6 anos ali, porém um incêndio acabou com sua casa, o que os levou a migrar para Cruz Alta, onde permaneceram por 10 anos. Depois voltaram para Panambi novamente. Foram morar em uma chácara onde eram responsáveis pela lavoura. Mais tarde, tiveram que abandonar o interior do município e foram morar na Vila Picumã. Todavia, no início da década de setenta: “Joaquim foi “obrigado” a morar em outro lugar. Foram morar na vila Popular”, atual bairro Esperança. E o Joaquim onde está? Terezinha Gomes. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº533, ano V, 05, fev. 1975.

⁵³³ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

dias entre este povo e esta cidade que o acompanhou em todos os capítulos de sua longa vida.⁵³⁴

Assim, Joaquim era o protótipo do indigente porque trabalhava em troca dos donativos, era bom, honesto e, acima de tudo, embora sendo migrante, aprendera a amar Panambi.

Concomitante à atuação do setor de assistência social, havia a movimentação da sociedade civil que se articulava através de associações como o Rotary e Lions para organizar campanhas beneficentes que além de recolher alimentos e vestimentas, muitas vezes tinham finalidades educativas. Em 1970, um grupo de jovens voluntários se propunha a realizar um trabalho social nos bairros:

Como já é do conhecimento dos leitores está sendo preparado o trabalho coordenado como serviço social dos bairros de nossa cidade. O trabalho será desenvolvido por jovens luteranos, católicos, metodistas e deverá contar ainda com jovens e adultos de outras denominações religiosas. Uma preparação de várias semanas foi executada e hoje o grupo se encontra preparando para levar avante a tarefa que se propõem executar nos seguintes campos: alfabetização de adultos, clube de mães, educação e recreação com juvenis, educação e recreação com crianças. (...) As equipes participarão neste fim de semana de mais uma visita às vilas N.S. de Fátima e Popular, para divulgar e orientar as famílias quanto a possibilidade de participação destes trabalhos. A mocidade espera contar com o apoio da população neste trabalho. A coordenação do movimento enfatiza o fato de que não pretende receber do povo panambiense valores, dinheiro ou alimentos, mas sim apoio moral e elementos para educação e ensino como: livros, cadernos, figuras e revistas, jogos de mesa, bola para esporte.⁵³⁵

O artigo prossegue informando que os jovens estavam visitando as vilas para diagnosticar suas necessidades e que o principal objetivo de suas atividades era “recuperar as pessoas que por si só não podem alcançar uma situação melhor de vida”.⁵³⁶ O mesmo objetivo parecia latente na campanha realizada por algumas entidades em 1975:

As entidades de nossa cidade COMASO, SPANE e LBA, lideradas por cidadãos de nossa comunidade estão em pleno funcionamento proporcionando uma vida melhor aos carentes que vivem em nosso meio. Uma das principais ações é na Vila Esperança, onde auxiliam crianças carentes. As professoras ensinam a escrever, mas também dão noções de higiene e agricultura. Por outro lado, o auxílio cultural, além

⁵³⁴ GOMES, Terezinha. E o Joaquim onde está? **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº533, ano V, 05, fev.1975.

⁵³⁵ Trabalho social de jovens voluntários. **O Panambiense**, Panambi, nº1221, ano XI, 08, abr. 1970, p.2.

⁵³⁶ Trabalho social de jovens voluntários. **O Panambiense**, Panambi, nº1221, ano XI, 08, abr. 1970, p.2.

das crianças é estendido às pessoas cujas idades não lhes dá oportunidade para fazer outra coisa. Salienta-se que os que têm condições de trabalhar, recebem apenas a orientação necessária para tal. (...) a escola tem carência de materiais... (...) ainda sobre a escola, os pais tem obrigação de enviar seus filhos a escola, sendo somente esta sua preocupação, pois muitos deles não se importam ao mínimo com suas famílias. Citou a informante que muitos deles poderiam conseguir um emprego na prefeitura. Poucos se apresentaram e foram destacados varredores de rua, mas ao cabo de 2 ou 3 dias não aparecerem mais no serviço. Adiantou a presidente da LBA que a principal causa da pouca importância dada pelos pais em conseguir um emprego é a bebida que lhes tira a razão de viver. Numa iniciativa da SPANE, os velhos desamparados que receberão um rancho semanalmente juntamente com roupas deverão apresentar uma carteirinha que será confeccionada (...). *O Sr. Lauro Vanderer, administrador do CCTA, elaborou e está pondo em prática, um plano para a horta caseira, devendo todos os que moram naquela vila cuidar e plantar verduras e legumes, cuidando, inclusive do jardim.*(...) por último, a LBA já enviou a Porto Alegre diversos projetos para serem executados entre os carentes, como horta, corte e costura e empregadas domésticas. (...) lembrando que “quem dá aos pobres empresta a Deus”.⁵³⁷ (grifo nosso).

Outra preocupação era auxiliar a população a compreender algumas regras de higiene. Um texto de 1975 esclarecia os objetivos de uma destas campanhas:

Visa também contar com a participação efetiva da própria população atingida. Não é um serviço público, seria muito simplista, é Saneamento comunitário. Por esta falta de Saneamento atinge toda a população dependendo do contato que todos têm durante o dia, mesmo com pessoas residentes no perímetro da cidade. Mas é acima de tudo uma medida de higiene que interessa a todos indistintamente. O COMASO, LBA, SPANE, e os encarregados deste serviço do Posto de Saúde, o sr. Nilceu e Sr. Gomes estão encarregados de dar maiores informações e inclusive aceitar material, verba para este empreendimento.⁵³⁸

Essas campanhas beneficentes fizeram com que Panambi se destacasse em termos de assistência social, o que para muitos era outro fator que atraía os migrantes.⁵³⁹ Concluindo, observa-se que a idéia de “cidade bela, higiênica, ordenada, ordeira” estava enraizada no imaginário das pessoas. Os elementos que compunham esta representação estavam intimamente relacionados com os valores do grupo étnico alemão, como podemos constatar através da carta do Sgt Ubyrajar Henriques, do 3º Batalhão Rodoviário, que morou algum tempo em Panambi e depois mudou-se para Cuiabá, Mato Grosso. A carta foi escrita a amigos de origem alemã, residentes no município e foi publicada pelo jornal *A Notícia Ilustrada*, onde também tinha amigos.

⁵³⁷ Entidades assistências e seu trabalho. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº557, ano V, 04, abr.1975.

⁵³⁸ Obras de saneamento depende da comunidade. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº623, ano V, 15, set.1975.

⁵³⁹ Cf. Panambi, cidade modelo em assistência social. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº586, ano V, 16, jun.1975.

Recebi no dia 3 deste, os cartões que vocês me enviaram. Fiquei muito contente e também com uma baíta saudade daí de Panambi, do Bar e de toda aquela turma buena que aí ficou... A vida aqui é “Flórida”, estou pagando 300 cruzeiros de aluguel por uma casa que até tenho vergonha de discriminar, para dar um trailer só vou dizer que não tem forro, dizem que é por causa do calor. Verdura aqui só para remédio e ainda assim pelos olhos da cara. Estes dias passou um crioulo vendendo cenoura e eu banquei o machão, umas quatro sem perguntar o preço. Quando o tal dito cujo crioulo me disse, fiquei com uma vontade louca de pegar a Princesa Isabel e torcer o pescoço da dita, um cruzeiro novo cada uma! Ah! Eu falei em crioulo, Bueno crioulo aqui é raro, o que tem mais é o que a gente conhece aí por “pau-de-fumo”. Caramba! Como tem preto aqui.! O que faria sucesso aqui em Cuiabá seria uma fábrica de desodorante.....Aqui tem muito japona e alguns *deutsche*, *aliás são os que trabalham para tirar a grana desta cambada de preguiçosos!*Puxa! Que povinho preguiçoso este aqui de Cuiabá! Não querem nada com o batente! (...) O que eles gostam muito é da tal pinga... (...) Puxa vida, eu começo a me recordar de toda a turma e termino me emocionando...(...) Mas, deixando as brincadeiras de lado, quero agradecer a você e toda aquela gente boa, os cartões que me mandaram. Muito obrigado, mas obrigado mesmo. Quando eu vi a foto de Panambi, senti a dor da saudade me roer por dentro. Eu nunca pensei que Panambi iria calar tão fundo no meu íntimo, e quem fez Panambi para mim, foram vocês todos, com uma amizade que eu agradeço e sei que foi sincera, assim como sincera é a estima que tenho por todos vocês.⁵⁴⁰

O tom nostálgico da carta é evidente. Não se pode esquecer que a mesma era destinada a amigos do grupo étnico alemão. Por isso, talvez, o autor tenha utilizado a estratégia de destacar as qualidades dos integrantes deste grupo étnico para demonstrar sua estima pelos mesmos. Percebe-se que o sargento logo aponta alguns elementos considerados importantes para a população panambiense, como a qualidade da habitação, a qual descreve como péssima em Cuiabá, a higiene pessoal, que no caso é descrita de forma claramente racista e o consumo de verduras, o qual diz ser limitado devido aos altos preços, deixando implícito que em Cuiabá não se cultivava hortas tal como em Panambi. Nas entrelinhas lê-se uma comparação entre Panambi e Cuiabá, destacando-se o fato que o principal elemento comparativo é a presença dos alemães: em Cuiabá, existiam poucos, mas, juntamente com os japoneses, eram os que trabalhavam; em Panambi, ao contrário, eram a maioria, o que deixa subentendido que a situação descrita como negativa em Cuiabá estava relacionada com a ausência dos alemães e Panambi “era o que era” graças ao trabalho alemão. Neste sentido, segundo Pesavento:

a identidade, enquanto padrão de referência, sensação de pertencimento e fator de coesão social – é uma categoria socialmente construída”. Acrescenta a autora: “a identidade urbana, representa um referencial simbólico de identificação que remete às imagens concretas da urbe mas que a extrapolam, integrando-se a todo um imaginário social construído sobre a cidade.⁵⁴¹

Proust acrescenta: “o que se tem no pensamento quando se pronuncia o nome de uma cidade não é exatamente a imagem concreta de um lugar, mas imagens irreais, construídas pelas sensações do vivido, do percebido e do sonhado”. O autor ainda nos remete à posição de

⁵⁴⁰ Saudades de Panambi. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº12, ano I, 30, jun. 1971.

⁵⁴¹ PESAVENTO, 1999b, op. cit., p. 98.

Calvino, da cidade imaginária, acessível pela representação, ao mesmo tempo individual e coletiva, que nos é transmitida pela memória/evocação e pela experiência/sensibilidade do vivido.⁵⁴²

Em Panambi, como exposto no segundo capítulo, os grupos dirigentes locais procuraram construir, de forma intencional, a representação de que se tratava de uma “cidade alemã”. A representação era sustentada pela manutenção de certos laços com a pátria de origem, bem como pela tentativa de reproduzi-los no local. A vinculação com a Alemanha havia sido contida pelas políticas da Campanha de Nacionalização e, posteriormente, abalada com a revelação dos crimes cometidos pelo Partido Nazista, que fez com que muitos evitassem a identificação com a pátria de origem. No entanto, na década de 70 houve uma retomada do “orgulho de ser alemão” devido a alguns fatores específicos como: o desenvolvimento econômico e tecnológico da Alemanha, as comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul (1824-1974) e a presença dos migrantes em Panambi.

No cenário mundial, muitos nem se referiam mais aos acontecimentos que envolveram o país durante a Segunda Guerra. “Em decorrência do desanuviamiento político e dos vários acordos entrementes assinados, Berlim deixou de ser manchete, hoje são poucos os que ainda falam do muro da Vergonha.”⁵⁴³

Além disso, outros fatores contribuía para que o grupo étnico procurasse resgatar um certo “orgulho de ser alemão”: o governador do Estado era descendente de imigrantes⁵⁴⁴ e o presidente do país, Ernesto Geisel (março de 1974-março de 1979) era um gaúcho, luterano, descendente de imigrantes alemães. O Jornal A Notícia Ilustrada de 1973 noticiava o júbilo da IECLB diante da indicação do referido general:

A indicação do general Ernesto Geisel para suceder ao general Médici, na presidência da república, embora não altere os rumos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) nos seus objetivos específicos no terreno temporal, implica em auspiciosas expectativas que poderão se refletir beneficentemente no trabalho evangélico. Ainda no terreno temporal, é significativa a evolução histórica e sociológica que permite a um general brasileiro, de origem alemã, sobretudo de formação luterana, ascender a suprema magistratura do país.

⁵⁴² PROUST apud PESAVENTO, op. cit., 1999b, p. 98.

⁵⁴³ O articulista se referia ao muro de Berlim, que separava a Alemanha em comunista e capitalista. Este muro havia sido erguido após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha fora derrotada. De forma geral o texto encara o muro como símbolo da derrota e, conseqüentemente como uma menção aos feitos do Partido Nazista. PIMPÃO, Altair Carlos. Berlim já não é manchete. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 08, març.1976.

⁵⁴⁴ Embora o major Euclides Triches, que governou o Estado no período de 1971 – 1975, fosse descendente de imigrantes italianos, o fato de pertencer a um grupo de imigrantes tornava seu mandato extremamente significativo para as populações de descendentes de imigrantes em geral.

(...) Geisel, neto de um pastor Luterano, é indicado para presidir a maior nação católica do mundo. A IECLB rejubila-se com a notícia.⁵⁴⁵

Logo, quando em 1974 um grupo se uniu para organizar os festejos dos 150 anos da imigração alemã, o fato teve grande repercussão tanto que, em alguns momentos contou com a presença do próprio Geisel.⁵⁴⁶ Em 1973, o Governador do Estado estipulou o biênio da imigração. No mês de maio do mesmo ano, o jornal local publicava o ofício recebido do Palácio Piratini, o qual esclarecia os objetivos do evento:

Com o objetivo de celebrar condignamente o pioneirismo da colonização luso-brasileira, o sesquicentenário da imigração alemã, o centenário da imigração italiana e a contribuição das demais correntes imigratórias que trabalharam para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, o Governo do Estado, pelo decreto nº 22.410 de 22 de abril de último, institui o “Biênio da Colonização e Imigração”.⁵⁴⁷

Mais adiante o ofício convidava o órgão a integrar-se nas comemorações pelo que este destacava que já havia publicado artigos sobre o tema e que pretendia dar prosseguimento às publicações.⁵⁴⁸

A coordenação das comemorações do biênio se dividia em subcomissões de festividades, de assuntos históricos e culturais e de relações e intercâmbio. Todavia, a organização das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã possuía uma comissão específica, no mesmo formato, mas com dedicação exclusiva ao Sesquicentenário. A programação envolvia cerca de 30 municípios e abrangia entidades públicas e privadas. Estavam previstas exposições, congressos, feiras, festivais, inaugurações, concursos, desfiles, banquetes, recepções, exposições, cultos religiosos, atos cívicos, concertos artísticos e baile de kerb. A abrangência dos festejos abarcava as áreas histórico-cultural, econômica, industrial, agropecuária, religiosa e desportiva, em âmbito estadual, nacional e internacional.⁵⁴⁹

⁵⁴⁵ O candidato luterano: Geisel. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº312, ano, III, 18, jul. 1973, p. 2.

⁵⁴⁶ “Geisel esteve presente nas comemorações do Sesquicentenário da Imigração alemã no Rio Grande do Sul”. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº467, ano IV, 31, jul. 1974.

⁵⁴⁷ Governo institui biênio da colonização e imigração. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº284, ano II, 16, mai. 1973, capa.

⁵⁴⁸ Governo institui biênio da colonização e imigração. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº284, ano II, 16, mai. 1973, capa.

⁵⁴⁹ Sesquicentenário alemão. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, ano IV, 16, mai.1974 .

Entre suas principais ações, pode-se relacionar a tentativa de estreitar laços comerciais com a Alemanha. Segundo Pimpão,

Um dos pontos positivos das promoções do Biênio da Colonização e Imigração (...) é a integração econômica, o fortalecimento econômico do Estado e a intensificação do intercâmbio econômico entre o Rio Grande do Sul e os países de origem das correntes imigratórias que aqui se fixaram. (...) O 2º Encontro Teuto-Brasileiro de empresários é uma das grandes promoções do Sesquicentenário da Imigração Alemã. E com a sua realização, estamos alcançando um dos objetivos principais do Biênio da Colonização e Imigração.⁵⁵⁰

Em Panambi, a organização das atividades comemorativas ficou a cargo da Câmara Júnior e da Prefeitura Municipal, especialmente do órgão de turismo local, o PROTUR. Inicialmente o município procurou integrar-se nas comemorações elegendo uma representante para concorrer ao título de “Rainha do Sesquicentenário”, cuja etapa final ocorreu no salão da SOGIPA, em Porto Alegre. A candidata panambiense era Susan Schulien, que, conforme noticiava o jornal local: “entre mais 27 garotas de descendência alemã (...) teve a honra de ficar entre as 10 primeiras colocadas”.⁵⁵¹

Outra ação relacionada aos festejos do sesquicentenário foi a promoção de um concurso escolar para eleger um projeto que serviria de base para a construção de um “monumento ao imigrante”. Podiam participar da atividade todos os estudantes inscritos nos educandários do município, o que demonstrava que a comissão local estava realmente empenhada em envolver a população nas comemorações, pois ao se disporem a participar do concurso, cujo prêmio era uma razoável quantia em dinheiro,⁵⁵² os estudantes e os professores, precisam inevitavelmente estudar a história da imigração alemã e encontrar formas de exaltar os feitos dos “pioneiros”.⁵⁵³

O projeto escolhido previa a construção de um monumento formado por um casal de colonos trabalhando na terra e pretendia representar a disposição para o trabalho destes imigrantes. O monumento foi construído na beira do rio Fiúza, local onde se acreditava que os

⁵⁵⁰ PIMPÃO, Altair Carlos. Berlim já não é mais manchete. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 08, mar. 1976.

⁵⁵¹ O 25 de Julho não será esquecido. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº469, ano IV, 05, ago. 1974.

⁵⁵² O prêmio fora oferecido pela Prefeitura Municipal.

⁵⁵³ Concurso escolar para construção do monumento ao imigrante. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº416, ano IV, 29, mar.1974.

primeiros imigrantes teriam acampado. Mais tarde o local recebeu a denominação de “Praça da Imigração”.⁵⁵⁴

A inauguração do monumento ocorreu em 25 de julho de 1974 e marcou o início oficial das comemorações do Sesquicentenário Alemão em Panambi. Neste dia foram realizadas diversas atividades festivas. Logo pela manhã, ocorreu uma Salva de Canhões, realizada pelos soldados do 29 GAC de Cruz Alta. Em seguida, na Praça Engenheiro Walter Faulhaber, realizou-se a apresentação da Banda Municipal do Imigrante, que havia sido formada há poucos dias especialmente para homenagear os imigrantes alemães. A mesma executou o Hino Nacional enquanto se dava o hasteamento da Bandeira Nacional e da República Federal da Alemanha. Após, houve a realização de um culto ecumênico que foi finalizado pela fala do Cônsul Honorário da Alemanha.⁵⁵⁵ Para finalizar o dia, houve uma apresentação do Grupo de Danças *Schwaben International*, da Alemanha Ocidental, no Centro Cultural 25 de Julho, evento que foi prestigiado por um enorme público.⁵⁵⁶

Outras atividades ainda foram realizadas para comemorar o Sesquicentenário, como por exemplo: a apresentação da Orquestra Alemã “*Hansrucker Musikvereinigung*”;⁵⁵⁷ a criação da Bandeira Sesquicentenário⁵⁵⁸ e homenagens aos imigrantes alemães durante o Desfile de 7 de Setembro, bem como diversas publicações de artigos que procuravam resgatar a história da imigração alemã, destacando a importância do grupo para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

O jornal, além de noticiar os fatos que demonstravam que a cidade procurava preservar a cultura alemã e manter os laços com a Alemanha, também procurava preservá-los, tanto que até metade da década de 70 publicava um suplemento escrito em língua alemã que era muito apreciado pelos leitores: intitulava-se “*Das Panambier Blatt*”.⁵⁵⁹ A autora era

⁵⁵⁴ O 25 de Julho não será esquecido. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº469, ano IV, 05, ago.1974.

⁵⁵⁵ No monumento a homenagem ao imigrante. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 25, jul.1974.

⁵⁵⁶ O 25 de Julho não será esquecido. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº469, ano IV, 05, ago.1974.

⁵⁵⁷ O 25 de Julho não será esquecido. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº469, ano IV, 05, ago.1974.

⁵⁵⁸ Lei Nº367 – 28, jun. 1974. Prefeitura Municipal de Panambi.

⁵⁵⁹ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

Gertrud Schmitt-Prym, mãe de Miguel Schmitt-Prym. O suplemento foi encerrado com a morte da autora.

O jornal também favorecia a manutenção dos laços com a Alemanha através de publicações que destacavam a situação daquele país na época. As edições apresentavam uma coluna na qual o leitor ficava informado a respeito dos mais variados temas: política, economia, desenvolvimento científico, etc. De forma geral, os textos procuravam demonstrar que a Alemanha vivia um período áureo de desenvolvimento e que sua tecnologia era cada vez mais avançada, como procurava demonstrar o artigo intitulado “A Alemanha de hoje”:

Um avião a jato (de passageiro) atravessa a Alemanha Ocidental de norte a sul em 70 minutos, na direção leste-oeste em meia hora. Esta área que o avião sobrevoa em tão curto período abrange... 250.000 quilômetros quadrados. A Alemanha Ocidental tem, portanto, mais ou menos o tamanho do Rio Grande do Sul. Sua população, porém, é várias vezes maior, pois alcança 61,3 milhões de habitantes. A história deste país apresenta altos e baixos. Também o presente é às vezes, confuso e difícil de explicar. Mas a realidade deste país e deste povo revela vida e força. Sua atualidade demonstra juventude e é jovem e aberta ao mundo.⁵⁶⁰

Chama atenção também o fato de que muitos desses textos procuravam estabelecer comparações entre o Brasil e a Alemanha, nas quais a Alemanha era colocada como “melhor”. Por exemplo, em um artigo cujo título era “Na Alemanha é assim”, o articulista elogiava a preocupação com o meio ambiente que, segundo o mesmo, havia naquele país: “Se tivéssemos uma consciência de gente civilizada e evoluída, poderia se dispensar até o policiamento, pois cada um deveria compreender que, a natureza precisa ser preservada. Mas, infelizmente, isto está um bocado longe”.⁵⁶¹ Na mesma linha, destacava a opinião de um jovem estudante que há pouco regressara da Alemanha: “Waldenor acha *que os professores alemães são bem mais qualificados* e o método escolar difere em alguns pontos, mas que o método brasileiro também é excelente”⁵⁶² (grifo nosso). Note-se que a referência aos métodos educativos brasileiros aparece como um complemento, deixando a impressão de que o estudante quis apenas ser diplomático ao citar o Brasil, já que seu objetivo principal realmente era ressaltar a superioridade alemã.

⁵⁶⁰ A Alemanha de hoje. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº462, ano IV, 17, jul. 1974, p. 3.

⁵⁶¹ Na Alemanha é assim. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº91, ano I, 19, jan. 1972, p.2.

⁵⁶² **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº535, ano V, 10, fev.1975.

Os intercâmbios entre pessoas oriundas da Alemanha e panambienses também eram notícia. Essa estratégia objetivava o acirramento de relações econômicas e laços culturais. O jornal *A Notícia Ilustrada* de 1978 informava:

Uma comitiva composta de assessores do Governador de Baden-Württemberg chegou as nove horas de hoje ao aeroporto de Ijuí. (...) A comitiva seguiu para Panambi onde a programação se desenvolverá com uma sessão solene da Câmara Municipal de Vereadores. Após um encontro com empresários locais especialmente convidados no restaurante Moinho Velho e ao meio-dia almoço com a colônia alemã no Centro Cultural 25 de Julho.⁵⁶³

Diversas manchetes também destacavam, de forma eloqüente as visitas de autoridades alemãs: “Cônsul alemão visitará Panambi”,⁵⁶⁴ “Panambi recebe visita do Cônsul alemão: Sr. Schlichting Franz”,⁵⁶⁵ “Representantes da República Federal da Alemanha estiveram em Panambi”,⁵⁶⁶ “Cônsul geral da Alemanha esteve aqui”,⁵⁶⁷ “Cônsul geral da República da Alemanha em Panambi”.⁵⁶⁸ Referente à visita do Cônsul em 1980, o periódico destacava:

Tendo em vista a visita do Cônsul da República Federal da Alemanha a Panambi no próximo dia 23, visando assinalar a comemoração da Proclamação da Lei Fundamental para República Federal da Alemanha, o seu consulado em Porto Alegre, programou uma série de apresentações de filmes na cidade e interior sobre a atualidade alemã.⁵⁶⁹

De forma geral, os textos que descreviam estas visitas procuravam demonstrar que os (i)migrantes/descendentes de alemães haviam alcançado o sucesso econômico em solo brasileiro, bem como a integração à nova pátria, todavia continuavam mantendo os laços com a pátria de origem.

Adolfo e Olga Kepler imigrantes que em 1904 se radicaram na então Neu-Württemberg, trouxeram da Alemanha uma bagagem de amor inestimável: o amor ao trabalho, o respeito ao próximo, o ideal da integração na coletividade, a fé e a reverência ao criador. Essas sementes, cultivadas pelos pioneiros e seus seguidores,

⁵⁶³ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 29, mar.1978.

⁵⁶⁴ **O Panambiense**, Panambi, nº1136, ano X, 27, ago. 1969.

⁵⁶⁵ **A Notícia Ilustrada**. Panambi, nº58, ano I, 29, nov.1971

⁵⁶⁶ **A Notícia Ilustrada**. Panambi, 22, set.1975.

⁵⁶⁷ O artigo destacava que esta fora a segunda visita a Panambi desde que o cônsul havia assumido o consulado geral da República Federal da Alemanha em Porto Alegre, o que parecia querer demonstrar a importância do município para a autoridade e conseqüentemente para a Alemanha. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 27, jun.1979.

⁵⁶⁸ **A Notícia Ilustrada**. 15, mai.1980.

⁵⁶⁹ **A Notícia Ilustrada** 21, mai.1980.

caíram em solo fértil e geraram ao longo de meio século os frutos que hoje estão simbolizados na pujança empresarial da Kepler Weber. É esta a mensagem que a Kepler Weber, empresa genuinamente brasileira, que reconhece e preza suas origens, transmite ao Dr. Karl August Von Kameke, cônsul geral da Alemanha, em Porto Alegre. Bem vindo Sr. Cônsul. Fique certo de que sua visita a nossa cidade, na data em que se comemora a proclamação da Lei Fundamental para a República da Alemanha é motivo de muita alegria e honra para todos nós.⁵⁷⁰

Outro tema freqüente eram as pretensões de estabelecer relações comerciais com a Alemanha:

O Prefeito Orlando Schneider recebeu em Berlim o certificado de participação no Seminário organizado pela Fundação alemã para o Desenvolvimento Internacional. Nas quatro semanas que o Prefeito de Panambi esteve na Alemanha pode observar o interesse dos homens do Governo daquele país em intensificar as relações com o Brasil através de iniciativas semelhantes ao seminário lá realizado. O Seminário teve 27 participantes, sendo que Orlando Schneider era o único a falar alemão, o que tornou a sua participação de importância não só para ele, mas também no assessoramento dos seus companheiros sempre que isso se tornou necessário.⁵⁷¹

Uma reportagem, publicada em 1978, demonstrava que as possibilidades de negociação com a Alemanha eram cada vez mais concretas:

Empresas vão manter intercâmbio com Baden (região) Württemberg: Como conseqüência da visita da missão de Baden-Württemberg deverá ocorrer na próxima quarta-feira uma reunião na Associação Comercial Industrial de Panambi com os empresários interessados, e o Prefeito Municipal mais o Cônsul da República Federal da Alemanha prof. Hermann Wegermann. A reunião será na Prefeitura Municipal e se destina a traçar uma estratégia para contatos mais objetivos com o Governo, Empresas e Instituições Financeiras da Alemanha, visando a curto ou médio prazo um intercâmbio no campo econômico-empresarial.⁵⁷²

Os eventos culturais envolvendo a participação de pessoas oriundas da Alemanha também eram amplamente destacados pelo jornal. Dentre estes, grupos de dança e corais, cujas apresentações ocorriam em momentos especiais, como as comemorações de “25 de julho” e objetivavam homenagear os colonizadores e aproximar os dois países.⁵⁷³ Por outro lado, ocorriam viagens de grupos folclóricos locais para a Alemanha. Por exemplo, em 1975, o grupo de Coral “Elsenau” realizou diversas apresentações na velha pátria.⁵⁷⁴ Eram

⁵⁷⁰ Pioneirismo que tem raízes na Alemanha. **A Notícia Ilustrada**, 23, mai.1980, p.7.

⁵⁷¹ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº601, ano V, 21, jul.1975.

⁵⁷² **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 22, ago.1978.

⁵⁷³ Cf. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº453, ano IV, 26, jul.1974 p.3.

⁵⁷⁴ Grupo Elsenau foi à Alemanha. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº 431, ano IV, 06, mai.1974, p.5.

freqüentes também as viagens individuais a passeio, a trabalho ou de estudo. Além da relação direta com o país de origem, através dos intercâmbios, havia também as “indiretas”, que ocorriam através da formação de grupos folclóricos de dança, de grupos de corais,⁵⁷⁵ dos grupos que cultivavam os jogos típicos dos colonizadores,⁵⁷⁶ dos bailes tradicionais, como o de Kerb, da apreciação dos alimentos considerados típicos, como a rosca de sal e o *Keskuche*,⁵⁷⁷ do gosto pelos filmes que remetiam à Alemanha e pela leitura, favorecida pela existência da Sociedade de Leitura Faulhaber que possuía um grande acervo de obras escritas no idioma alemão e contava com grande número de leitores.⁵⁷⁸ Veja-se, por exemplo, o balanço do acervo publicado pelo jornal *A Notícia Ilustrada* sobre o biênio 1974-1975.⁵⁷⁹

⁵⁷⁵ Na década de setenta ainda havia uma série de grupos de corais que cantavam músicas em homenagem à pátria. Sobre a importância da música para o cultivo da germanidade cf.: GRÜTZMANN, op. cit.

⁵⁷⁶ Por exemplo, os grupos de tiro ao alvo e os de bolão.

⁵⁷⁷ A grafia corresponde à fonética dialetal. Na realidade a expressão é “Käsekuchen”. Bolo de requeijão muito apreciado, cuja “especialidade” é atribuída aos integrantes do grupo étnico alemão.

⁵⁷⁸ A Biblioteca fora iniciada pelo próprio Herrmann Meyer, que em 1903 doou 400 livros. Sua intenção era proporcionar aos habitantes da colônia o contato com a cultura da terra de origem. A instituição de imediato apresentou uma boa freqüência, tendo já em agosto de 1903 trinta leitores. A Biblioteca foi administrada pelo pastor Hermann Faulhaber e sua esposa Dona. Maria. Em 1906 a biblioteca já contava com 2291 livros. Até a morte do Pastor Hermann Faulhaber, a biblioteca funcionava em uma das salas da “Stadplatz-Schule” (Escola da sede). Em 25 de agosto de 1927 foi fundada a “Fundação Faulhaber” dirigida pelos senhores Friedrich Krahe e Adolfo Franke, servindo como bibliotecária a senhora Maria Faulhaber, neste mesmo ano o acervo foi transferido para a residência da senhora Faulhaber. Em 1935, após a conclusão do novo prédio da escola a Biblioteca foi novamente transferida para uma sala da antiga escola, servindo como bibliotecária a Sra. Sidow. Em princípios de 1939 o acervo era de aproximadamente 4500 livros. Com a ocupação da escola particular pelo governo do estado o acervo da biblioteca foi transferido para “Casa Faulhaber”. Foi iniciada a reorganização com fichário por título, Autor e classificação por assuntos de acordo com as exigências do Instituto Nacional do Livro, onde a biblioteca foi registrada em 1938 sob o nº 444. Em janeiro de 1942 as atividades da Sociedade foram interrompidas pela apreensão por ordem do Delegado de Polícia de Cruz Alta, Augusto Munis Reis, pelo agente policial Armando Dill de todos os livros, fichários, livros de atas, etc., material que foi transportado em caminhão de porcos a granel para Cruz Alta. Naquela época a biblioteca já contava com consideráveis nº de obras em português e apesar da insistência dos responsáveis pela biblioteca não foi possível salvar do seqüestro os livros com carimbo “Propriedade do Instituto Nacional do Livro” que fizeram parte do acervo. Em agosto de 1942 o então secretário da entidade. Engenheiro Faulhaber entrou em contato no Rio de Janeiro com o diretor do INL, Dr. Augusto Mayer, o qual insistiu, que a biblioteca fosse reorganizada e como sinal de confiança do lado do Ministério da Educação fez uma doação de 55 livros. Em virtude da doação do INL o Delegado de polícia de Cruz Alta restituiu 110 volumes. Em 11 de outubro de 1942 foi efetuada uma Assembléia Geral sob a presidência do sr. Otto Kepler, na qual foi decidida o reinício das atividades da biblioteca com 165 livros e 21 sócios. Com a colaboração do INL, doações e muitos esforços dos sócios, especialmente do Eng. Walter Faulhaber, em 1953 por ocasião da transferência da Casa Faulhaber para uma sala do Grêmio Desportivo Panambi, a biblioteca possuía 2411 livros e contava com 123 sócios. Em 6 de agosto de 1955 foi aprovado pela AGE a nova redação dos estatutos, e a nova denominação de Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber. Em 1958 o casal Walter e Sigrid Faulhaber doaram um terreno para construção de uma sede para a Biblioteca. A construção do prédio foi efetuada na presidência do sr. Bruno Prass e em 24 de agosto de 1963 foi realizada a primeira Assembléia Geral na nova sede. A instalação da Biblioteca (estantes, mesas, etc) foram doadas pela

Tabela nº 7 - Situação do acervo da Biblioteca Municipal 1975-1976

SITUAÇÃO DO ACERVO				
	Livros em Português	Livros em Alemão	Não registrados	Totais
31-12-75	3.789	3.306	503	7.598
31-12-76	3.919	3.373	501	7.803
Acresc. 76	130	67	8	205

Além do acervo da Biblioteca, os panambienses ainda podiam ter acesso ao “*Serra Post Kalender*”, que era comercializado no município.⁵⁸⁰

Os traços germânicos estavam expressos ainda na arquitetura da cidade.⁵⁸¹ Essa característica serviu também para que se pensasse em tornar Panambi uma cidade turística. Um exemplo claro foi a construção do Hotel Elsenau, cujo estilo foi inspirado nas construções alemãs e mesmo antes de sua finalização já despertava a atenção de diversas pessoas.

Elsenau já estava sendo um ponto de atração, pelo movimento de veículos que se nota principalmente aos fins de semana, de pessoas que estão na cidade em visita a familiares e que não deixam de dar uma olhada no Hotel. Isto é sintoma muito bom, e acreditam os empreendedores que uma vez concluídos, indiscutivelmente o Elsenau Hotel será ponto de referência para a nossa cidade.⁵⁸²

Estampava também uma fotografia do Hotel.

República Federal da Alemanha. A nova sede foi inaugurada oficialmente em 21 de setembro de 1963. Biblioteca pública foi ampliada. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 19, maio.1978.

⁵⁷⁹ Biblioteca pública foi ampliada. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº792, ano VII, 02, maio.1977.

⁵⁸⁰ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, ano 1, nº76, 15, dez.1971.

⁵⁸¹ Cf. WEIMER, Günter. **Arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Ed. Da Universidade, UFRGS: São Paulo, Nobel, 1983

⁵⁸² **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 28, dez. 1977.



Propaganda 4: Hotel Elsenau em fase final. Fonte: **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 28, dez. 1977

Miguel Schmitt-Prym, um de seus idealizadores e sócio-proprietário explica:

A gente pensou realmente em turismo, explorar a indústria do “enxaimel”, que é a indústria do turismo. Então quando nós projetamos o Elsenau, nos projetamos em estilo germânico, com aquecimento central, com tudo assim como é na Europa. Isso foi bem intencional, foi bem direcionado assim, vamos criar uma pequena Europa, Alemanha, uma pequena cidade turística aqui na região, fora do eixo Nova Petrópolis, Gramado e Canela.⁵⁸³(grifo nosso)

Da mesma forma, em 1977, um leitor do jornal *A Notícia Ilustrada* escrevia um texto sugerindo que o poder municipal construísse, na entrada da cidade, uma “casinha” em estilo “enxaimel”, a fim de marcar ainda mais o traço étnico da localidade.⁵⁸⁴

Fica evidente o fato de que havia um grupo interessado em reforçar a representação de que Panambi era “uma cidade alemã”, ou seja, o reforço desta representação não ocorreu por acaso, foi intencional, direcionado a atender determinados interesses. O grupo mencionado pelo entrevistado como principal articulador era formado por membros da ACI, ou seja, os proprietários dos maiores empreendimentos comerciais e industriais de Panambi, que tinham

⁵⁸³ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁵⁸⁴ Esboço de uma idéia. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 08, nov.1977.

grande influência junto aos órgãos públicos municipais, estaduais e federais, bem como a entidades em geral.

Todavia, se por um lado a intenção de criar uma “pequena Alemanha” estava relacionada com “a indústria do turismo” e, desta forma, baseada na possibilidade do lucro de alguns setores; por outro, havia alguns grupos, formados principalmente pela população mais idosa, que se preocupavam em manter os laços com a Alemanha por questões culturais. Um exemplo dessa relação é a trajetória do imigrante alemão Roberto Ruff, publicada pelo jornal *A Notícia Ilustrada*. O artigo gira em torno das dificuldades encontradas pelo imigrante ao longo de sua vida e enfatiza que embora o mesmo tenha trabalhado pelo bem da nova pátria e a assumido como sua, sempre sentiu muita saudade da Alemanha. Enfatiza que “sua nova pátria não parou e ele contribuiu para este desenvolvimento, sem deixar nunca de cultivar as tradições e os costumes da velha pátria que um dia o viu nascer”.⁵⁸⁵ Segundo Pesavento,

a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade, podendo assumir uma força maior para a existência que o real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas.⁵⁸⁶

A intenção de tornar Panambi uma cidade turística não foi levada a cabo nos termos desejados por seus idealizadores. No entanto, encontra-se alguns indícios de que a representação teve grande alcance, tanto que em 1974 uma moça, moradora de Ribeirão Preto (SP), divulgava uma nota nos classificados locais, solicitando que uma família concordasse em realizar intercâmbio, pois ela tinha muito interesse em conhecer a cultura alemã.⁵⁸⁷

A tentativa dos panambienses em manter algumas características do grupo étnico alemão e tentar reproduzir uma “Alemanha no Brasil”, despertava a curiosidade tanto dos brasileiros quanto dos cidadãos alemães. Em 1975, o jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*,⁵⁸⁸ publicou um texto que abordava aspectos do cotidiano do município. O artigo foi reproduzido no idioma alemão e em português pelo jornal local:

⁵⁸⁵ De Neu-Württemberg eles fizeram uma nova pátria. **A Notícia Ilustrada**, Panambi 29, mar. 1978.

⁵⁸⁶ PESAVENTO, 1999b. op. cit., p. 8

⁵⁸⁷ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº490, ano IV, 25, set. 1974, p. 2.

⁵⁸⁸ Segundo o articulista do **A Notícia Ilustrada**, 23, jun.1975, p.5, o jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* era o mais lido da Alemanha.

Para cada dez habitantes, um tem um televisor e um automóvel. Panambi é uma cidadezinha muito rica e bonita, sem desempregados e sem presidio. Uma folha de carvalho no escudo da cidade lembra a descendência de Württemberg dos avôs, que o grupo de Cantores Elsenau ainda homenageia com seus cantos em alemão (...). Ainda existem aqui grupos de bolão e clubes de tiro. *A Notícia Ilustrada* antigo O Panambiense ainda até hoje publica um suplemento em alemão, e ainda aos domingos às nove horas, se ouvem sermões em alemão na Igreja Luterana. Na igreja Católica, entretanto, só ouve português. Panambi (...) é tão alemã porque era uma colonização particular.⁵⁸⁹

Outro fato é que, em 1978, uma rede de TV da Alemanha fez um documentário a respeito de Panambi. O jornal destacava numa reportagem de capa: “TV da Alemanha veio filmar Panambi”. A característica que interessara aos jornalistas logo ficava evidente: “Um lugar onde muitas pessoas oriundas da Alemanha ainda falam a língua alemã”.⁵⁹⁰ Parece que o principal ponto de interesse dos cidadãos alemães referia-se ao fato de que, mesmo no final do século XX, em meio ao desenvolvimento econômico, Panambi continuava mantendo as características culturais dos primeiros (i)migrantes alemães, façanha esta atribuída ao projeto de colonização levado a cabo pela Empresa de Herrmann Meyer.

3.2.2 O convívio entre estabelecidos e migrantes

A convivência entre os estabelecidos e os migrantes foi permeada por disputas pelo poder. Nesse sentido, percebe-se que os dirigentes locais procuravam formas de demonstrar que os (i)migrantes alemães e os seus descendentes haviam construído as bases econômicas e culturais da cidade e, portanto, eram os “donos” do lugar. Em outras palavras, procuravam formas de diferenciar-se dos migrantes. Neste sentido, Silva esclarece:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação ou seja, identidade e diferença, aí esta presente o poder. A diferenciação é o processo central

⁵⁸⁹ Teuto brasileiros em Itapiranga . **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº589, ano V, 23, jun.1975 p.5

⁵⁹⁰ **A Notícia Ilustrada**. Panambi, 20, nov.1978.

pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que produzem está diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ('estes pertencem, aqueles não'); de marcar fronteiras ('nós' e 'eles'); classificar ('bons e maus'; 'puros e impuros'; 'desenvolvidos e primitivos'; 'racionais e irracionais'); normalizar ('nós somos normais; eles são anormais') A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. (...) Dizer 'o que somos' significa também dizer 'o que não somos'. A identidade e a diferença se traduzem assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem esta incluído e quem esta excluído.⁵⁹¹

Em Panambi, uma das facetas desse processo foi o uso do passado não apenas como base para construir uma identidade comum aos habitantes, que reafirmasse seu poder, mas também como fonte de elementos que os pudessem diferenciar dos migrantes mais recentes.⁵⁹²

O principal meio utilizado para divulgar e discutir a história local foi o jornal *A Notícia Ilustrada*. O periódico disponibilizava seguidamente espaços para que interessados publicassem seus textos a respeito dos mais variados temas. Por outro lado, também editava cadernos específicos com o mesmo objetivo. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a edição do suplemento intitulado "Por que nos orgulhamos de Panambi?".

O primeiro Caderno da série trazia um texto sobre a emancipação do município. Apresentava os idealizadores da emancipação como verdadeiros heróis, uma vez que se prontificaram a desafiar todos os obstáculos que representavam entraves ao desenvolvimento econômico local e ao desenvolvimento da cultura. Enumerava ainda as conquistas e problemas enfrentados pelas primeiras administrações.⁵⁹³ Posteriormente, abordou o desenvolvimento econômico dos principais empreendimentos locais, como a Kepler Weber S.A.⁵⁹⁴ e a COTRIPAL, ambas contextualizadas historicamente.⁵⁹⁵

⁵⁹¹ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da Identidade e da Diferença. In: _____. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 81- 82.

⁵⁹² **Sobre o tema cf.: MICHELS, Sérgio Ervino.** A história ensinada na colônia particular de Neu-Württemberg sob a ótica do protestantismo, da germanidade e da educação. **Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências), PPG em Educação nas Ciências, UNIJUÍ, 2001; PEIXOTO, José Tadeu Leal.** Panambi: História da Formação Social de uma Comunidade de Imigrantes do Noroeste Gaúcho. **UEL: Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2003. Mestrado em História Social Programa Associado UEL/UEM.**

⁵⁹³ "Por que nos orgulhamos de Panambi"? 1º caderno. **O Panambiense**, Panambi nº1176, ano X, 04, dez. 1969.

⁵⁹⁴ "Por que nos orgulhamos de Panambi"? 3º Caderno. **O Panambiense**, Panambi, nº1193, ano XI, 16, jan.1970.

Algumas edições do referido Caderno também versaram sobre a religião e a educação. Um deles trazia a história do Colégio Evangélico Panambi, fundado pelos (i)migrantes alemães e de origem, e do Colégio Nossa Senhora de Fátima, que possuía um curso de Magistério.⁵⁹⁶

De forma geral, a estrutura dos textos publicados no Caderno “Por que nos orgulhamos de Panambi?”, estava dividida em duas partes: na primeira, apresentava dados que comprovavam o “desenvolvimento e o sucesso” da empresa ou da entidade descrita; já na segunda, havia uma contextualização histórica, na qual procuravam destacar que o “presente favorável” era consequência direta do trabalho e da dedicação de seus fundadores, cuja maioria absoluta era de origem alemã.⁵⁹⁷

Nas datas comemorativas publicavam-se também colunas especiais, versando sobre temas específicos da história do município. Percebe-se claramente a intenção de produzir “uma história” que tivesse como principal marco a imigração alemã. Isso era expresso, por exemplo, na exaltação dos feitos de Herrmann Meyer, Hermann Faulhaber ou daqueles que haviam articulado a conquista da emancipação política:

No momento em que a notícia chegou a Panambi e Condor, a indústria, o comércio e o povo pararam para comemorar aquele importante acontecimento. O povo foi para as ruas festejar, sob o badalar dos sinos, o apito das fábricas, abraços e risos. Os emancipacionistas estavam com a consciência tranqüila de que havia feito algo, para o bem estar do seu povo, o qual soube reconhecer o trabalho e sacrifício de meia dúzia de homens, imbuídos dos mais altos espíritos patrióticos, visando dias melhores e sem dependência de outros municípios para a sua sobrevivência.⁵⁹⁸

Os textos procuravam colocar esses cidadãos como heróis, dignos de prestígio e exaltação.⁵⁹⁹ Não só as pessoas que exerciam uma vida pública eram destacadas. A história de

⁵⁹⁵ O 4º Caderno da Série “Por que nos orgulhamos de Panambi”, **O Panambiense**, Panambi, nº1198, ano XI, 30, jan.1970, trazia dados a respeito do desenvolvimento econômico da cidade e a respeito da História de Hermann Faulhaber.

⁵⁹⁶ Cf.: “Por que nos orgulhamos de Panambi?” 2º caderno. **O Panambiense**, Panambi, nº1179, ano XI, 12, dez. 1969.

⁵⁹⁷ O caderno abordou a história de grandes e pequenas empresas fundadas por (i)migrantes descendentes, no entanto, não houve publicações a respeito de empresas fundadas por luso brasileiros.

⁵⁹⁸ Luta pela Emancipação de Panambi. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 15, dez.1978.

⁵⁹⁹ Outra medida no sentido de constituir alguns cidadãos como heróis foi a construção de monumentos em sua homenagem, Walter Faulhaber, por exemplo, um dos líderes da campanha emancipacionista e primeiro prefeito da cidade, “ganhou” um busto na Praça Central que foi inaugurado em 15 de dezembro de 1979.

vida de imigrantes e descendentes de alemães era contada como exemplar, ressaltando sempre o seu sucesso econômico, concedendo-lhes também o status de heróis: “Enquanto houver memória e documentos, (...) homens como Otto Berndorfer, que com a sua profissão, colaborou com o progresso de Panambi, não serão esquecidos”.⁶⁰⁰

Embora, aparentemente, a história de Panambi e os seus agentes estivessem bem definida, havia uma disputa interna em torno de seu marco inicial. A disputa pela memória oficial girava em torno de definir, se os pioneiros foram os alemães ou os luso-brasileiros, no caso, estancieiros e caboclos⁶⁰¹ – os índios sequer eram cogitados. Outro aspecto era o primeiro nome da localidade: Salina ou Neu-Württemberg?

Nesse sentido, o Padre Pedro Luiz escreveu uma carta ao jornal, na qual defendia que o primeiro nome de Panambi fora Salina. O Padre iniciava sua argumentação, contrapondo a seguinte colocação publicada anteriormente pelo jornal: “Possivelmente, se deva a Chico Saleiro a primeira denominação da área que, medida por agrimensores em 1888, teria sido por eles denominada Salina”.

O “possivelmente” e o “teria sido”. São erros históricos. (...) Várias escrituras de terras, da empresa Hermann Meyer provam que referidas áreas ‘estão situadas em Salina, denominação dada pelos agrimensores à posse de terras’ (Cf. Arquivo Histórico D. Hermann Meyer by advogado Eugênio Leitzke, diretor do colégio Evangélico Panambi). (...) Do apelido de Chico Saleiro, surgiu Salina por que lá se secava sal, bem como era dado aos animais. (...) Havia uma Salina realmente e explica a tradição que estava localizada na praça Walter Faulhaber. Rufina “Saleiro”, filha do Velho Saleiro, explica quase tudo, agora dentro do mesmo tecido histórico. (...) Os moradores mais antigos de Salina foram Chico Saleiro, dono de serraria e engenho de farinha de mandioca (*o Kepler de então*), (grifo nosso) Manuel da Encarnação, fundador do lugar homônimo, e Luiz Malheiros, hoje os que malham são um poderio. Em seguida, chegou a colonização teutônica, e com tal potência de entrada, súbita que até o nome de Salina aluiu e soterrou. Sintetizou bem isso, Neco Mariano em 1945: ‘ninguém resistiu ao poderio germânico, embora tenha vindo tudo ao natural e suave. Aquela avalanche humana trazia no bolso outro nome, mas o natural já existia’. Salina é o nome expressivo, bonito e histórico. Não é verdade senhores vereadores?⁶⁰²

⁶⁰⁰ A vida de um imigrante é a história de uma empresa comercial panambiense. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 17, fev.1977.

⁶⁰¹ Sobre a definição de caboclos e as suas atividades na região Noroeste do Rio Grande do Sul, cf. ZARTH, Paulo A. Os esquecidos da história: exclusão do lavrador nacional no Rio Grande do Sul. In. ZARTH, Paulo A. et al. **Os caminhos da exclusão social**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

⁶⁰² PADRE, Pedro Luiz. A história de Panambi. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº645, ano V, 02, fev.1976.

A primeira preocupação do autor é justificar através de documentos que o primeiro nome de Panambi foi Salina. Sua narrativa enfatiza que os primeiros estabelecidos na localidade foram os luso-brasileiros. Inclusive compara o poder que Chico Saleiro tinha na época com o poder que a família Kepler exercia naquele momento histórico na cidade, o que indicava a percepção de uma “inversão” de poder ocorrida na cidade: no início da colonização pertencia aos lusos; na década de 70 aos descendentes de (i)migrantes alemães. Neste sentido, o autor menciona que a colonização veio com tal força que até mesmo o primeiro nome do local procurou suplantar. Outra menção a esta inversão parece implícita no questionamento que concluiu o texto, pois deixa subtendido que os integrantes do poder legislativo, formado majoritariamente por (i)migrantes e descendentes de alemães, não estavam “convencidos” de que o primeiro nome do município fora Salina, o que parece ter levado o padre a, diante das “evidências”, solicitar o seu respaldo, pois provavelmente acreditava que deveriam representar os interesses de toda a população, não apenas de um grupo.

Em resposta ao texto do Padre Pedro Luiz, tempos depois, o jornal *A Notícia Ilustrada* publicou um artigo no qual reiterava as informações trazidas pelo padre, esclarecendo que aceitava que o primeiro nome do município fora Salina. O texto inicia situando a instalação na colônia do “patrono” Hermann Faulhaber, em seguida descreve alguns de seus feitos em Elsenau, denominação dada pelos primeiros imigrantes, o que ocupava a maior parte do texto. Por fim, o articulista menciona a presença de Chico Saleiro e confirma: “Em todo o caso foi Salina o primeiro nome do lugar conforme provara o Padre Pedro Luiz que esteve aqui durante muito anos”.⁶⁰³ O articulista indica que poderia aceitar o fato, até mesmo para evitar polêmicas, mas sem dar-lhe destaque ou torná-lo muito significativo, já que continuava defendendo que o desenvolvimento econômico só se iniciara devido à presença dos (i)migrantes alemães. Neste sentido é significativo destacar que o título do artigo era “De Elsenau a Panambi”. Ora, se pretendia concordar que o primeiro nome de Panambi fora Salina, não deveria ser “De Salina a Panambi ?” Outro aspecto interessante é que ao lado do artigo, o jornal publicava uma grande fotografia de Hermann Faulhaber, o que deixava claro qual o seu “mito fundador”. O primeiro nome até era negociável, poderia ter sido Salina, porém, o desenvolvimento do local derivava de Elsenau, a sede da colônia Neu-Württemberg.

⁶⁰³ De Elsenau a Panambi: um pouco de nossa história. *A Notícia Ilustrada*, Panambi, nº784, ano VI, 14, mai.1977.

Outro artigo publicado anteriormente também deixava clara a posição do jornal: “A verdadeira história de Panambi começou em 1889 com a fundação do núcleo colonial Neu-Württemberg pelo Dr. Meyer”.⁶⁰⁴

A “disputa” iniciada no jornal parece ter motivado Adil Alves Malheiros a lançar, em 1979, o livro “O Vale das Borboletas Azuis”,⁶⁰⁵ no qual defende a importância da presença lusa na formação do município, bem como destaca que estes haviam sido os primeiros moradores de Panambi.

Em contrapartida, no final da década de setenta, o jornal abriu espaço para as publicações sistemáticas de Eugen Leitzke. O mesmo fora diretor do Colégio Evangélico Panambi e, em 1972, iniciara a pesquisa e coleta de materiais que mais tarde seriam reunidos por ele no Museu e Arquivo Histórico de Panambi, do qual foi diretor durante muitos anos. A principal característica de seus textos é a defesa da participação dos imigrantes alemães na construção social de Panambi. Todavia, procurava demonstrar que os indígenas haviam ocupado a região antes mesmo dos lusos. Desta forma, Leitzke procurava demonstrar que a posição de Malheiros era tão tendenciosa quanto afirmava ser a do grupo germânico, pois ignorava os indígenas, preocupando-se apenas com seus antepassados portugueses.⁶⁰⁶

Assim, a disputa envolvia de forma direta os grupos estabelecidos de origem germânica e lusa, o que não excluía a participação dos migrantes, como era o caso do Padre Pedro Luís. O fato, que era uma disputa simbólica, indica que a presença dos migrantes também desencadeava querelas entre os detentores da memória local. Notadamente, há indícios de que alguns luso-brasileiros estabelecidos começaram a contestar o poder do grupo germânico, frente ao que estes buscavam afirmá-lo, tanto diante destes, quanto dos migrantes.

A localidade caracterizava-se pelo fato de que grande parte das pessoas se conhecia, possuíam vínculos sólidos, tanto no campo pessoal como no profissional: compartilhavam uma identidade comum, um sentimento de responsabilidade e dedicação à comunidade natal. Identificavam-se objetivamente como “nascidos em Panambi” e subjetivamente como “nós”. Essa postura fazia com que, muitas vezes, se unissem “contra” aqueles que não faziam parte

⁶⁰⁴ Panambi: 19 anos. *A Notícia Ilustrada*. Panambi, nº465, ano IV, 25, jul.1974.

⁶⁰⁵ MALHEIROS, op. cit., 1979.

⁶⁰⁶ Cf. PEIXOTO, op. cit.

de sua comunidade, principalmente quando estes contestavam seus costumes, como aconteceu nos casos narrados no primeiro capítulo. Outra postura era avaliar, se os migrantes possuíam alguma característica que os habilitasse a fazer parte do grupo; neste sentido era comum o seguinte questionamento: “de que família tu és?”, o que, segundo Schmitt-Prym “é uma coisa meio característica da gente aqui. A primeira coisa é ver se o cara é ou não daqui. É uma coisa um pouco inserida na nossa cultura”.⁶⁰⁷ Assim, dois fatores “facilitavam” a vida dos migrantes em Panambi: possuir um sobrenome de origem alemã, ou saber falar o idioma alemão. Beck recorda o episódio que marcou a chegada de sua família em Panambi:

a minha esposa fala alemão e nós chegamos naquela época... eu vim na frente de carro e o caminhão com a mudança veio atrás e daí nós chegamos, era de noite, tinha dado blecaute... tava a cidade as escuras e o acesso do Posto 300 até a entrada da cidade era uma pedraria, tinham empedrado... e no morro onde fomos morar não tinha luz e não tinha nem água... tinham desligado tudo e então a minha esposa falou para a vizinha em alemão e já conseguimos tudo, água, luz...⁶⁰⁸

Da mesma forma, esta “cumplicidade” entre os estabelecidos permitia que seus membros reservassem uns para os outros a maioria dos postos-chave das organizações políticas, religiosas e outras da comunidade, excluindo deles as pessoas que não lhes pareciam ser seus iguais.⁶⁰⁹ Em Panambi, um exemplo é o caso da Igreja Batista Emanuel, liderada pelos Kepler, cujo número de membros de origem alemã era expressivo, tanto que a mesma era conhecida como “igreja dos alemães”. Em 1969 a igreja é dividida: a sede continuaria atendendo aos grupos alemães, ou nas palavras de Néri Linn “só gente da alta”; e a Segunda Igreja Batista atenderia os não alemães. Tanto na Batista quanto nas demais denominações religiosas, havia certa resistência em admitir migrantes como membros das diretorias.

No que diz respeito às entidades associativas, sociais e recreativas, os migrantes também não ocupavam cargos representativos, salvo raríssimas exceções. Schmitt-Prym recorda:

⁶⁰⁷ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁶⁰⁸ BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁶⁰⁹ Esta característica também foi percebida por Norbert Elias e John L. Scotson ao analisarem as relações entre estabelecidos e outsiders numa comunidade próxima de Leicester, no fim da década de 1950 e início da de 1960. Cf. ELIAS; SCOTSON, op. cit., p.103.

Eu me lembro por exemplo, nas eleições da diretoria do Grêmio Esportivo Panambi, hoje não, mas na época era uma entidade forte e prestigiada na comunidade, eu me lembro que nas assembleias quando era pra lançar candidato a primeira coisa que questionavam era exatamente isso [se a pessoa havia nascido em Panambi]. Mas como é que vocês vão entregar a presidência do Grêmio para um camarada que vem de fora e tal... que não tem raízes aqui... Essa história de ter raízes sempre foi muito valorizada. Isso é verdade... É um pouco de cultura de nossa gente.⁶¹⁰

Segundo Neri Linn “não era qualquer um que entrava lá, era bem separado”.⁶¹¹

No campo político, só haviam sido eleitos prefeitos de origem alemã e até o final da década de 70 nenhum católico assumira o cargo. Quanto aos vereadores, raramente um luso-brasileiro conseguia se eleger.⁶¹²

⁶¹⁰ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁶¹¹ LINN, Néri. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 15, set. 2005.

⁶¹² Walter Faulhaber, um dos principais líderes da Campanha Emancipacionista, foi o primeiro Prefeito de Panambi. Para instalar a Prefeitura, usou recursos próprios e angariou móveis. Governou o município durante cinco anos, gratuitamente. O segundo Prefeito foi o sr. Arno Goldhardt, eleito pela coligação partidária: PRP-PTB. Assumiu o governo em 31 de dezembro de 1959. Conrado Doeth que era um dos braços direitos de Walter Faulhaber continuou trabalhando em uma das secretarias da prefeitura. O terceiro Prefeito foi o sr. Rudy A. Franke, eleito pela coligação partidária PTB-PRP. Em sua administração foi construído o prédio para a Prefeitura. O quarto prefeito volta a ser novamente o Sr. Arno Goldhardt. O quinto Prefeito foi o Sr. Orlando Idílio Schneider, industrialista. Foi eleito pelo partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA). O sexto Prefeito foi o Sr. Hermann Dietrich, comerciante. Também foi eleito pela ARENA. CÂMARA DE VEREADORES: Durante a administração do Eng^o Walter Faulhaber e Abílio Hartemink, houve dois períodos legislativos: 1^a Câmara de Vereadores: Funcionou de 28/2/1.955 a 31/12/1.955, com os seguintes vereadores eleitos: Rudolfo Arno Goldhardt, presidente do PRP; Belisário Gentil de Oliveira, V. P. – PTB; Antenor Pires do Rosário, PTB; Edmundo Rahmeier, 2^o V. P. – PRP; Rudi A. Franke, secretário – PTB; Germano Keller - PTB; Florinal Duarte da Rosa – PSD; Adolfo Ebert – PSD. 2^a Câmara de Vereadores Período de 31/12/55 a 31/12/1.959 Rudolfo Arno Goldhardt, presidente – PRP; Eugênio Guilherme Knorr, 1^o vice pres. – PSD; Edmundo Rahmeier, 2^o V. pres. – PRP; Rudi Arnoldo Franke, Secretário – PTB; Florinal Duarte da Rosa – PSD; Delmar Lasch – PL; Henrique Deckert – PRP; Suplentes que assumiram no período acima: Rodolfo Fritsch, PRP; Adolfo Ebert, PSD; José Almeida Schmitz, PTB; Antenor Pires do Rosário, PTB; Alberto Afonso Dhein, PTB; Emilio Klasener, PTB; Eugênio Trentini, FD;. Germano Keller, PRP; Emilio Bock, PRP; Arno Wendlanf, PRP; Francisco de Lara Frick, FD. 3^a Câmara de Vereadores de 31/12/1.959 a 31/12/1.963: Fernando G. Dose, presidente – PRP; Heitor Severo Malheiros, 1^o v. pres. – PTB; Adolfo Ebert, 2^o v. pres. – FD; Zeno Dilon Basso, secretario – FD; Edmundo Kuhn – PRP; Ervino Krambeck – PRP; Henrique Liebercknecht, o qual renunciou no segundo período e foi substituído por Florinal D. da Rosa. Durante este quadriênio, assumiram por diversas ocasiões, os suplentes: Harry Lautert, PRP; Henrique Deckert, PRP; Kurt Kopp, PRP; Rudolfo Fritsch, FD; Florinal Duarte da Rosa FD; Ervino Krambeck, PRP; Remígio Assis Faccioni, PRP; Rudolfo Rehn, PTB e Eugenio Guerces Dill, FD. 4^a Câmara de Vereadores Legislatura de 31/12/63 a 31/12/1.969 Harry Trennepohl, presidente – ADP; Bruno Laux, 1^o v. presidente – ADP; Walter Walhbrink, 2^o v. presidente – ADP; Odilo Zimmermann, secretario – ADP; Adão Guilherme Fetter – PTB; Remígio Assis Faccioni – ADP; Heitor Severo Malheiros – PTB. Suplentes que assumiram no período - 1.963 a 1.969: Haraldo G. Grosse, PTB; Ervino Kruger, ADP; Sebastião Dallabrida, ADP; Eugenio Franke, ADP e Maximiliano Vincensi, ADP. 5^a Câmara de Vereadores de 31/1/1.969 a 31/1/1.973 Hermann Dietrich, presidente – ARENA; Odilo Zimmermann, 1^o v. presidente – ARENA; Remígio Assis Faccioni, 2^o v. pres. – ARENA; Armindo J. Stalhoefer, secretário – ARENA; Otto Willy Knorr – MDB; Willy Germano Pautz – MDB; Albino Hinnah – MDB. Suplentes que

Essa monopolização dos principais cargos das associações e outras organizações locais por membros do grupo étnico alemão, ou de forma mais específica por famílias, como os Kepler, ou entidades, como a ACI, as quais eram interligadas por idéias afins, era uma das fontes mais vigorosas de poder.⁶¹³

Percebe-se também a tentativa de construir um modelo de “cidadão”, o qual espelhava-se na figura dos (i)migrantes alemães, suas “conquistas” e seus valores. Uma síntese destas qualidades foi expressa em uma propaganda da Colheitadeira “CLAAS” que anunciava: “Vendem-se alemães fortes e bonitas para agricultores: Não apenas bonitas e fortes como também espetaculares em eficiência e desempenho, planejadas e construídas com a tecnologia alemã”.⁶¹⁴ O argumento é extremamente significativo: a eficiência e o desempenho da máquina são oriundos da tecnologia alemã, ou seja, a máquina é eficiente porque tem tecnologia alemã, assim como os alemães são eficientes de forma geral.

Na mesma linha, o Jornal A Notícia Ilustrada de 1975, ao referir-se à trajetória da firma Kepler Weber, destacava:

Da modesta ferraria de 1925 ao pujante parque industrial dos dias que correm, a história de Kepler Weber S.A reflete, em cada capítulo, em cada frente de trabalho, a coragem de aceitar desafios, a vontade de produzir, *o senso inato da responsabilidade* e o espírito de liderança dos irmãos Otto e Adolfo Kepler. Dos capítulos que já foram escritos pelos pioneiros e dos novos capítulos que as gerações de hoje estão acrescentando a essa dignificante epopéia, *fica a certeza do quanto*

assumiram 69 a 73: Edgar Bublitz, MDB; Eloi Dieter Wendland, MDB; Alcido Scholten, MDB; Werner Blauth, ARENA e Manoel Severo Malheiros, Arena. 6ª Câmara de Vereadores Período de 31/1/1.973 a 31/1/1.977 Érico Aquino Weber, presidente – MDB; Eugênio Erico Korndoerfer, 1º v. pres. – MDB; Armindo João Stahlofer, 2º v. pres. – ARENA; Alfredo Streicher, secretário – MDB; Valdenor Severo Malheiros – MDB; Célio Schwingel – MDB; Alfredo Kepler – ARENA; Werner Blauth – ARENA; Conrado Nunes dos Santos – ARENA. Suplentes que assumiram no quadriênio de 73 a 77 Edgar Bublitz, MDB; Elio Martins, MDB; Eugênio Armindo Janke, MDB e Evaldo Mohr, ARENA; A 7ª Câmara de Vereadores do Legislativo foi de 31/1/1.977 até o fim do mandato deste período legislativo, está assim composta: Wilson Vincensi, presidente – ARENA; Eugênio Gressler, 1º vice – ARENA; Conrado Nunes dos Santos, 2º v. pres. – ARENA; Armindo João Stahlofer, secretário – ARENA; Hilberto Pinz – ARENA; Celio Schwingel – MDB; Delmar Hinnah – MDB; Valdenor Severe Malheiros – MDB; Marie Schmitt – MDB; Lideranças: MDB — Célio Schwingel, líder da oposição; MDB — Delmar Hinnah, líder da bancada; Hilberto Pinz, líder da ARENA. MALHEIROS, Adil Alves. O vale das borboletas azuis, p. 70 a 75.

⁶¹³ Elias chegou à mesma conclusão em sua análise a respeito das disputas de poder entre sociedades estabelecidas e recém chegadas. Cf. ELIAS; SCOTSON, op. cit., p.103.

⁶¹⁴ Colha lucros. **O Panambiense**, Panambi, nº1381, ano XII, 19, mai. 1971.

*podem realizar aqueles que também fazem do trabalho uma oração.*⁶¹⁵ (grifo nosso).

O texto é uma nota da empresa que, em 1975, comemorava 50 anos e ampliava suas instalações com a inauguração da Fábrica II. Note-se que o autor atribui o desenvolvimento econômico à grande dedicação ao trabalho e indica que “todos” os que agissem da mesma forma poderiam alcançar o mesmo desenvolvimento. O “velho” discurso capitalista, de que “todos têm as mesmas condições”, fundia-se numa versão particular, na qual a dedicação ao trabalho era colocada como algo inato ao grupo étnico alemão.

A descrição da figura de Otto Kepler apresenta outros indicativos das características que o “bom cidadão” deveria possuir:

Otto Kepler nasceu em 20 de fevereiro de 1901. Com a idade de 6 anos transferiu, com seus pais, residência para a sede da colônia, onde frequentou durante oito anos a escola. Já naquele tempo trabalhava nas tardes na ferraria do pai e ficou orgulhoso, que já podia executar algum trabalho útil. Durante os anos na escola e também nos seguintes o falecido diretor da colônia, Hermann Faulhaber, exerceu sobre ele uma influência benéfica com relação a vida espiritual foi fortemente influenciado pela personalidade cristã do irmão Hermann Geier. Posteriormente chegaram aqui os irmãos Landenberger que se encarregaram com muito amor da juventude, o que não ficou sem influência no seu desenvolvimento espiritual. Com a idade de quatorze anos já fez parte do coro da comunidade e acompanhou os cantos com o violino. Com 16 anos Otto Kepler começou a ajudar na casa comercial, que os pais tinham fundado. Aplicado, e sempre pronto a ajudar, encarregou-se do trabalho pesado no armazém e do carroceiro. Este último trabalho era especialmente pesado, pois muitas vezes aconteceu, no caminho a 14 km até o moinho, ser forçado a carregar os pesados sacos morro acima, quando a carroça ficou muito pesada. Somente quem sabia deste trabalho pesado podia notar os vestígios do mesmo no seu porte. Com 18 anos Otto Kepler foi a Porto Alegre, para prestar o serviço militar no Tiro de Guerra. Durante o dia aprendeu na firma Uhr & Cia o ofício de serralheiro, ficando após a conclusão do serviço militar. Em Porto Alegre, Otto dedicou-se ao serviço da comunidade e com vinte anos já ocupou o cargo de secretário. Sua estadia na comunidade de Porto Alegre foi para sua vida futura uma verdadeira benção. A frequência de um curso técnico em Kiel, na Alemanha, tinha de ser interrompido devido a uma séria enfermidade. Modesto e simples foi o caráter e o procedimento de Otto. Detestava arrogância e orgulho e sempre procurava dar a honra exclusivamente a Deus. Otto não foi somente um irmão, mas um sublime exemplo, tanto nas lides do dia a dia, quanto no empenho de seguir Jesus.⁶¹⁶

Kepler é referenciado pela dedicação ao trabalho, lealdade a Deus, pontualidade e humildade. Além disso, o articulista faz questão de enfatizar que era descendente de imigrantes alemães e que havia sido influenciado pelos ensinamentos de Hermann Faulhaber,

⁶¹⁵ A *Notícia Ilustrada*, Panambi, mai.1975.

⁶¹⁶ A *Notícia Ilustrada*, Panambi, ago.1978.

deixando transparecer que as qualidades do homenageado estavam intimamente relacionadas com sua formação baseada nos valores do grupo étnico alemão. Na mesma linha, um artigo de 1980 homenageava Adolfo Kepler:

Homem com poderes materiais inúmeros, preferia se servir dos poderes espirituais que o seu respeito pelo semelhante lhe atribuíam. Conhecia os problemas pessoais de todos os que com ele conviviam e procurava adequar a sua necessidade de impor disciplina, as contingências do momento que o seu semelhante enfrentava. Jamais vi Adolfo Kepler ser áspero com alguém que estivesse em dificuldades. (...) Tinha gigantismo de ser humilde, e jamais permitiu a si, ou que em seu nome se praticasse injustiças. E quando isto ocorria, a revel de sua vontade de acertar, sabia compreender, pedir desculpas, ser humilde, enfim, ser gente acima de empresário. Devemos saber agradecer, me disse um dia Adolfo Kepler.(...) Um dos seus filhos comentava que ele não descansara na vida, não usufruiu sua riqueza material, *não viajou a passeio e só tirava férias quando seu médico exigia.* (...) (grifo nosso). Desenvolvimento empresarial representava para ele desenvolvimento humano. Deu vação a este enfoque nas raras oportunidades em que se pronunciou, na sua posição de líder, na Associação comercial, no Rotary clube, nos Conselhos de entidades e em todas as suas participações. (...) Ele nos transmite através (...) que nada valem os bens materiais se não acompanhados de bons sentimentos, de respeito mútuo, de preocupação e ação pela nossa comunidade.⁶¹⁷

O articulista destaca a obediência a Deus, a humildade, o fato de ser um cidadão ordeiro, disciplinado, avesso a injustiças, preocupado com o bem estar do próximo e que “jamais tirava férias”, ou seja, que trabalhava incansavelmente. Embora ambos os textos sejam homenagens póstumas e, portanto, carregadas de ufanismo, expressam de maneira significativa um discurso corrente que procurava constituir algumas características que pudessem servir de referência para a “população como um todo”, mas principalmente para os migrantes, cuja necessidade de se enquadrar na disciplina do trabalho local era latente. Neste sentido, Schneider refere:

Essa gente viu que no Brasil chegou uma nova fase de industrialização e eles queriam se juntar a isso, e vieram se radicar aqui. Foi bom que eles vieram porque fortaleceram o nosso parque industrial, mas a formação deles é completamente diversa da nossa. Nós tivemos que reforçar o nosso sistema escolar. Tudo isso teve que acontecer pra essa gente se preparar.⁶¹⁸

Uma das estratégias utilizadas pela empresa Kepler Weber S.A. na contratação de seus empregados, era privilegiar os iguais, isto é, além da origem étnica alemã, levava-se em conta

⁶¹⁷ **A Notícia Ilustrada**, Panambi, 18, out.1980.

⁶¹⁸ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

a sua denominação religiosa: preferiam-se os membros da Igreja Batista Emanuel. Schmitt-Prym recorda: “naquele tempo tinha gente que se filiava na Igreja Batista, se batizava pra conseguir emprego na Kepler Weber. É irmão da igreja então...”⁶¹⁹ João da Silva Oliveira complementa: “Os cabeludos não podiam entrar na Kepler Weber, de preferência tinha que ser da religião deles. Mas aí depois mudou. No meu setor já começavam a entrar. Não era fácil” (refere-se ao fato de que não era fácil se adaptar às regras colocadas para permanecer no emprego). A própria expansão da empresa, requerendo cada vez mais mão-de-obra especializada contribuiu para a mudança desse caráter de empresa-família-religião.⁶²⁰

No cotidiano, havia certo cuidado por parte dos empregados no sentido de demonstrar que se enquadravam no perfil desejado pelos patrões. Beck menciona: “existia assim um respeito com a direção (...) naquele tempo fumava... mas se tava vindo um pessoal que a gente via que era da Kepler Weber a gente apagava o cigarro e jogava fora... não queria ser visto fumando... coisa desse tipo assim.”⁶²¹

Quanto à relação dos migrantes com os operários germânicos nos locais de trabalho:

Eles chamavam nós de “alemão de merda”, isso era comum, e os alemão chamavam eles de caboclo, de nego sujo também. Mas isso sempre dava uma encrenca. Mas eles se adaptavam porque eles vinham aqui sabendo que eles iam trabalhar pra uma empresa que era o, pelo mínimo era uma empresa mista que tinha que a maioria de origem alemã, e davam emprego e davam o dinheiro no fim do mês. E quando isso não dava, despachavam, aí eles se sentiam perseguidos. Quando alguém perdeu o emprego, ou por uma razão da empresa ter que diminuir as despesas, ou porque ele não se adaptou ao serviço que ele tem que fazer, então ele se sentia prejudicado.⁶²²

Por outro lado, para alguns alemães/descendentes, os “novos moradores” poderiam representar uma ameaça aos seus empregos: “eles também entendiam que se eles vinham e também tavam sujeito a tomar o lugar de trabalho deles! Meu filho precisa trabalhar e agora vêm eles aqui... então por isso que, muitas vezes, tem, fica assim, ríspido contra isso”.⁶²³

⁶¹⁹ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁶²⁰ Sobre esse aspecto, cf. ALMEIDA, op. cit.

⁶²¹ BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁶²² WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002. Sobre as relações interétnicas nos espaços de trabalho, cf. WEBER, Regina. **Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

⁶²³ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

Porém, o grau de escolaridade garantia os melhores empregos para os germânicos, além disso, como eram “conhecidos” dos donos das fábricas, conseguiam os melhores salários: “E aí era os padrinhos! Afilhados do chefe.”⁶²⁴ Beck pondera:

Bom eu acho que não se trata de preferência, acho que se trata de disponibilidade, tinha aquelas pessoas disponíveis para trabalhar... é claro que eles iam dar... é óbvio que você vai dar opção pro teu irmão porque senão nem vale a pena você pertencer a uma congregação, se você não tem preferência... Você ajuda primeiro ao teu irmão, irmão pela religião, pela fé... não é verdade? Não é assim que funciona (irmão pelo grupo étnico?!). Então eu acho que isso não é preconceito... (...) não se trata disso, tem que dar preferência mesmo pro irmão que vai na mesma igreja, porque aí as pessoas se conhecem mais... eu acho que não se trata de preferência... Você ajuda primeiro ao teu irmão... irmão pela religião, pela fé... não é verdade? Não é assim que funciona?! Então eu acho que isso não é preconceito... e não é nem paternalismo... (...) Tem que dar preferência pro irmão que vai na mesma igreja porque aí as pessoas se conhecem mais... (...) eu acho até que tá certo...⁶²⁵

Assim, mesmo com o aumento da oferta da mão-de-obra, os germânicos continuavam com os melhores empregos, pois além de contar com esta “rede que os protegia”, os que vinham “de fora”:

simplesmente eram servente! A maioria saiu da colônia, saiu da lavoura, e veio aqui pra trabalhar numa fábrica como servente, qualquer serviço, serviço braçal! Prá eles, o negócio era ter um dinheiro no fim do mês e eles, como todo ser humano, eles tem chance de aprender as coisas. Ele vai aprendendo, um mais que o outro, e assim, eu acho que é até na função de educador, também tem uns que tem mais facilidade de ensinar que o outro, e o outro tem mais facilidade de captar as coisas! Assim é no trabalho também, tem gente que produz e, com facilidade, outros tem dificuldade e produz pouco. Então eles, a grande maioria, não tinha nem o quarto, nem o quinto ano de escolaridade, a maioria, não assinava nem o nome! Infelizmente.⁶²⁶

Os migrantes “não tinham opção, vinham aqui pra trabalhar, trabalhar e entrar no ritmo dos outros (leia-se habitantes da cidade), então quem não agüentava esse ritmo era despachado”.⁶²⁷ A assimilação por parte dos migrantes dessa cultura do trabalho, marcada por traços germânicos, se processou a partir de mecanismos instituídos pelo poder municipal e pela relação cotidiana: “Isso foi gradual. E à medida que vinha a pessoa tinha que se adaptar a essa comunidade, e freqüentar a escola, ter a sua igreja, e ter a sua casa, que é uma das coisas importantes da vida de um alemão é ter a sua propriedade, ter a sua casa, conseguir um

⁶²⁴ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

⁶²⁵ BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁶²⁶ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

⁶²⁷ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

emprego, e aí ter um comportamento de empregado condizente”.⁶²⁸ Pois, “o importante na vida é emprego. Se você tem um emprego e tem um senso de responsabilidade, e tu vê o exemplo do outro, começa a ter um comportamento também de acordo”. Os que vêm de fora entram no “ritmo da cidade”, que exerce sobre eles um “aculturação econômico e social”.⁶²⁹ O “comportamento condizente” faz parte da cultura local: trabalhar, ser religioso e ter apreço pela ordem.

Para Wahlbrink,

eles não tinham opção, isso, eles vinham aqui pra trabalhar, trabalhar e entrar no ritmo dos outros, então quem não agüentava esse ritmo, ou ele era despachado e aí ele procurava então, aí termina aonde, na função pública, ele fica, como, qualquer serviço público, então ele era varredor de rua, ou era alguma coisa assim! Aquilo aonde tu não precisa ter nem uma especialização!⁶³⁰ (grifo nosso).

E exemplifica: “Construtora [Rehn], os chefes eram eles [integrantes do grupo étnico alemão]! E o resto tinha que ser resto! Aqueles resto que são mais fácil dominar, que eles precisam do emprego!”⁶³¹ De forma geral, essas relações parecem sintetizadas na análise de Schneider:

Eu acho que havia uma grande diferença, grande diferença entre as pessoas que vieram em 50, 60, 70 pra cá, da imigração interna formada regionalmente na microrregião nossa, daqueles que vieram, os colonos que vieram na migração interna que se falou. Isso eram os filhos e netos de alemães que tinham escolaridade segura. Era diferente. Era a diferença. Culturalmente eram diferentes. Eles aqui puderam vir aqui trabalhavam na colônia, eles tinham capital, os pais lhes davam capital, eles podiam trabalhar nas indústrias, eles tinham escolaridade. Aqueles de lá primeiro tinham que, não tinham casa, não tinham emprego, tinham uma grande família, tinham que pedir escolas, eles tiveram que assimilar isso aí tudo primeiro. Vê a aparelhagem social, comunitária que teve que assumir essa gente toda.⁶³²

E conclui: “Bom, *os alemães eram pessoas estabelecidas*. (grifo nosso) As pessoas que vinham de fora eram completamente, não quero usar o termo marginal, quero ver se eu

⁶²⁸ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

⁶²⁹ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

⁶³⁰ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

⁶³¹ WAHLBRINK, Walter. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 14, fev. 2002.

⁶³² SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002

consigo outra palavra, eram pessoas ainda carentes de uma formação, desde formação cultural, formação escolar, formação econômica, formação social”.⁶³³ Dessa forma, ao mesmo tempo em que os estabelecidos procuravam formas de distinção, buscavam também maneiras de enquadrar os migrantes no seu modo de viver.

O estranhamento ocorria nas duas extremidades: os “de fora” também estranhavam o modo de vida dos estabelecidos, como salienta Sidnei Chaves de Almeida: “Panambi dez horas da noite não tinha ninguém andando na rua. Tava todo mundo dormindo! Cinco horas da manhã começava a agitação para ir ao trabalho”.⁶³⁴ Acresce outro diferencial:

Uma diferença era a língua, por que nós falávamos em português e aqui as pessoas mais antigas, a maioria, falava só em alemão. Então havia bastante desconfiança. Você chegava em um bar, clube, em uma padaria e eles perguntavam uma coisa e tinha duas pessoas paradas do lado falando em alemão e eles olhavam para ti e a gente sabia que havia uma discriminação de raça por que o alemão sempre queria ser o superior. Tu ter uma cor mais morena, tu era negro. E eu sendo branco, até hoje na prefeitura o meu apelido é “Negão”. Mas, é claro que depois eu me acostumei, porque é o jeito deles, que não havia maldade. Mas no começo, pra mim, diferenciou bastante, porque onde moram só brasileiros, morenãos, existe mais afetuosidade, existe mais amizade, afeição. Tu vê pelas famílias, se um irmão deixava de ver o outro irmão dois ou três anos... ficava no Mato Grosso... (entre os alemães) quando o cara retornava para casa, eles só apertavam a mão e diziam: ‘tudo bem, como foi lá?’ Não existia aquele abraço, aquela loucura que a gente tem... se eu não vejo meu irmão uma semana, eu abraço ... e nesta parte eles são mais frios... e isso eu senti. Por outro lado eu senti que a honestidade era maior aqui. Aqui a coisa funcionava melhor. Menos bandidagem, menos assaltos, menos vandalismos que existia nas grandes cidades onde se quebravam os bancos das praças e sinais... isso aqui não existia...era mais fácil as coisas...então isso eu me adaptei bem... e pelo que dava pra perceber, quase toda a cidade tinha carro. Nem que fosse um fusquinha... mas tinha na garagem. No fim de semana não se trabalhava, nem no sábado, nem no domingo... Mas aí se descobria quem era alemão e quem não era. O alemão sábado e domingo fica fazendo horta, fazendo seu jardim, fica ajeitando a casa... e eu não. Fim de semana é folga é festa! E aí isso que eu via diferença, e bastante!⁶³⁵

Nota-se que ao mesmo tempo em que percebia a existência de diferenças, procurava compreendê-las a fim de se adaptar ao lugar. Um exemplo é o fato de afirmar que “acostumou” ao contexto, que “era o jeito deles”. A adaptação requeria esta compreensão, além da assimilação de certos costumes. Nesse sentido, Almeida menciona que com o passar do tempo, sua família adquiriu alguns dos costumes locais, como por exemplo, fazer horta:

⁶³³ SCHNEIDER, Orlando Edilio. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 13, fev. 2002.

⁶³⁴ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁶³⁵ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

“Nós acabamos pegando o hábito! Tu trabalhava a semana toda, no fim de semana, tu lida no pátio”.⁶³⁶

Ainda havia outros aspectos que chamavam a atenção dos migrantes, como menciona Almeida:

os tipos de baile, os bailes de kerb, que eram dois três dias, a maneira por exemplo dos bailes que eu ia em Passo Fundo eram bailes normais, aqui não! Chegava meia-noite no baile vão comer cuca, lingüiça na cozinha e depois o público ia dançar de novo! E também essa mania de comer doce com salgado! Isso eu nunca vi na minha vida! Pela culinária das padarias, Keskucke os gostos são bastante misturados e as vestes também. As mulheres os homens, a maneira de se vestir, prá nós que não entendia do assunto eram uns baita duns grossos! Aquela maneira riscadinha sempre comprava na cooperativa não era listradão era bem listradinho! O alemão é grandão, então tem o pé grande, tu vê pelo sapato que é uma enormidade! (...) O alemão era desengonçado tu via quem era de fora, do interior, de fora de Panambi, era só tu dar uma volta na cidade e já via que tinha gente de fora, pela maneira de se vestir, falar e andar, a maneira de se comportar, já sabia se era de fora! E preto... se um preto aparecesse na cidade, aparecia na Arco-Íris em dez minutos a vila Kuhn [refere-se a pontos extremos da cidade] já sabia que o preto tava na cidade, não tinha preto, aparecia ladrão era negão, tem que ser...⁶³⁷

Quanto à relação dos estabelecidos com os migrantes, refere:

Normalmente era pacífica, era boa... tinha uns bolinhos, tipo nazistas...Que eu peguei colega meu, que trabalhou comigo, que esses cara na hora que param pra comer merenda, ficava conversando com eles exaltavam até a última Hitler, que se ele comandasse o mundo não existiria essa fome, violência, os cara ainda eram seguidores, então isso era mais triste, esses já eram mais! (...) eles tinham mania de dizer sai nego, nego é vadio, vagabundo, tudo que é nego é ladrão... virou uma brincadeira... e em torno da brincadeira estavam num churrasco, davam de espezinhar em cima ... daí eu sempre largava também, tipo, o que você tá fazendo na minha terra, volta para a tua se é tão bom lá e daí eles também tinham um saudosismo grande da Alemanha e esses que tavam, que nunca conheceram a Alemanha, que os avós vieram para cá, todos eles diziam que iam um dia voltar para a Alemanha...(..) mas encontrava diversos amigos, eu tinha vários, muitos, quase como na minha terra. Tinha o cara que me emprestava o carro pra mim sair, eles pegavam confiança em você! Só o que matava era ir na casa desse amigo! Aí era ruim! Chegava no portão, já tinha que começar bater o sapato! E vinha batendo! Quando chegava na porta da casa, tinha que tirar o calçado, deixar pro lado. Tinha um chinelo de couro do lado de dentro que você colocava. Então entrava pra dentro. Isso era ruim! Eu nunca havia feito esse tipo de coisa antes... Foi aqui em Panambi que aprendi esse tipo de coisa... e no interior tinha bastante dificuldade porque a maioria, isso a partir de 1960, 1970... 80% das pessoas mais antigas do interior, e até mesmo a gurizada, falavam só alemão. E não tinha como se comunicar com estes... eu lembro que tinha um irmão mais velho que já morava a mais tempo aqui e daí um casal de velhos, só falava alemão e os tios também, pouquíssima coisa em

⁶³⁶ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁶³⁷ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

português, só em alemão e os filhos, as crianças também e as escolas do interior também davam aulas em alemão, acho que também, então tinham dificuldade com quem trabalhava com entregas, inclusive, quando iam entregar calcário, maquinário, coisas assim... não dava, tinham que levar um intérprete junto...⁶³⁸

Os migrantes pareciam dispostos a buscar pontos de equilíbrio, pois como mencionou um dos entrevistados, “precisavam do emprego”. Assim, exceto em momentos de muita tensão, como no caso do “filme e do sino”, analisados no primeiro capítulo, ou em situações em ambiente privado, como a mencionada por Almeida, quando o mesmo sugeriu que os alemães voltassem para a Alemanha, o convívio entre os grupos era tido como “pacífico”. Um fato a ser considerado é que tanto nos casos de contestação mencionados no primeiro capítulo, quanto no caso do Padre Pedro Luiz, narrado no terceiro capítulo, quem contestou os valores da sociedade estabelecida não foram os operários das fábricas, mas sim, indivíduos que não tinham “muito a perder”: o dono do cinema, o promotor e a autoridade religiosa. Sujeitos que não dependiam diretamente dos “favores” do grupo dirigente local, mas que também estavam sujeitos ao seu poder, principalmente o representante do poder judiciário que após o encerramento do caso foi transferido de Panambi.

Quanto aos operários, manifestavam sua contrariedade quanto à supremacia do grupo étnico alemão em situações informais, como no caso mencionado por Almeida, ou no referido no primeiro capítulo quando, de maneira anônima, um entrevistado do jornal Zero Hora declarou que os “alemães precisavam entender que não mandavam mais em Panambi”. Percebe-se que, nestas situações, seu principal argumento consistia em enfatizar que eram “brasileiros” e que o Brasil era melhor que a Alemanha.

A mencionada harmonia parecia ancorar-se num processo no qual os migrantes eram incorporados como “membros” da sociedade receptora na medida em que assimilavam os costumes locais ou contraíam matrimônio com alguém nascido em Panambi; do contrário, mesmo que se tornassem bem sucedidos economicamente, os estabelecidos, vez por outra, “faziam questão” de destacar que estavam em dívida com a sociedade panambiense, pois sua condição financeira favorável era tida como consequência do contexto local. Schmitt-Prym explica: “é muito comum ouvir ‘mas esse cara veio de fora, veio morto de fome’, (...) ‘esse cara aqui veio com uma mão na frente e outra atrás’, agora tem mansão...”.⁶³⁹ Notadamente as relações eram permeadas por “um certo receio”: “Existia

⁶³⁸ ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁶³⁹ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

esse bairrismo! Ah, vem de fora quer mandar! Não quem manda somos nós! Parecia que era uma comunidade bem fechada”...⁶⁴⁰

Se de maneira geral a negociação era a relação preponderante, o cotidiano também demonstrava que a fronteira incluía de forma clara elementos de discriminação em relação aos pobres e aos migrantes, ou principalmente aos “migrantes pobres”. Um exemplo é a criação da “Vila Esperança”, espaço que se constituiu como o modelo mais acabado do “outro”, da antítese da cidade ideal imaginada.

3.2.3 Vila Esperança: a “cidade do outro”.⁶⁴¹

A Vila Esperança foi o espaço mais característico da estigmatização na década de 70. Sua formação iniciou em 1972, quando a administração municipal realizou a compra de uma área de terras do Sr. Alberto Hendel, com objetivo de formar um loteamento popular, o qual destinava-se principalmente a pessoas vindas de outros municípios e aos moradores da já mencionada Vila Coréia, popularmente conhecida como Picumã.⁶⁴²

A referida área se situava em um local retirado da zona central da cidade e grande parte de sua extensão era tomada por um banhado coberto de matagal, o que a tornava não muito recomendável para a habitação e diminuía seu valor no mercado imobiliário.⁶⁴³ Esses fatores parecem ter sido fundamentais para a escolha do terreno:⁶⁴⁴ “foi naquele local por causa do banhado. Aí alguém disse ‘isso está bom demais’ (...) não vou dizer o nome da pessoa, uma pessoa preeminente de Panambi”.⁶⁴⁵ Schmitt-Prym acrescenta, “essas pessoas,

⁶⁴⁰ BECK, René. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 08, ago. 2005.

⁶⁴¹ O título é uma referência a PESAVENTO, 1999a, op.cit.

⁶⁴² Em Panambi as periferias abrigam os que vieram na última grande corrente migratória, o centro e seus arredores os alemães/descendentes.

⁶⁴³ Cf. BRAUN, op. cit.

⁶⁴⁴ Outro fato é que a vila possibilitava o comércio daquelas terras que de outra maneira dificilmente seriam comercializadas.

⁶⁴⁵ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

elas moravam muito mal. Elas moravam em porões, em galpões, uma sub-habitação que existia aqui na cidade. Olha que a gente chamou de Esperança na época porque eles tinham ali a esperança de uma nova vida, uma nova existência.”⁶⁴⁶

A colocação pode ser interpretada de duas formas: o local era “bom demais”, se comparado com a antiga habitação daquelas pessoas, ou as pessoas que iriam habitar a vila eram consideradas de “segundo escalão” e, portanto, deviam dar-se por satisfeitas com o que lhes era oferecido.

A Prefeitura facilitou a construção de casas naquela área, não cobrando pelo terreno e procurando atuar junto aos setores responsáveis para obter os créditos necessários que facilitassem o pagamento das residências.⁶⁴⁷ Além disso, o projeto contava com o apoio de lideranças locais, do setor de assistência social e de voluntários da classe média alta que formavam grupos de auxílio a carentes.⁶⁴⁸ Segundo Schmitt-Prym,

Tudo estava concentrado, vamos dizer assim, pra vila Esperança, o bairro pobre, mais carente. Uma escolinha foi feito lá. Era uma escola assim, só pro bairro porque era muito pobre, porque o pessoal não tinha como se matricular em escolas privadas, a administração se preocupou em colocar uma escola. Inclusive no loteamento popular que foi feito lá foi reservados as áreas pra escola, creche, pro centro social, Associação de moradores. Isso no início da colonização do loteamento já estava previsto.⁶⁴⁹

A atuação destes grupos abrangia diversas atividades: organizavam campanhas junto a comunidades para angariar donativos, promoviam palestras na vila a respeito de saúde, educação, higiene, afazeres domésticos, organização de hortas e jardins, etc. Ou seja, assumiam um papel pedagógico, pois se dispunham a “ensinar” aos moradores conhecimentos que consideravam importantes. Também promoviam mini-cursos profissionalizantes que

⁶⁴⁶ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁶⁴⁷ Um dos principais condicionadores do aumento de moradores na Vila foi a instalação Fábrica II da Kepler Weber (1975) nas proximidades.

⁶⁴⁸ De acordo com Schmitt-Prym, a SPANE [entidade de auxílio aos carentes] surgiu com o propósito de dar assistência às famílias aqui da Coréia”. SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁶⁴⁹ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

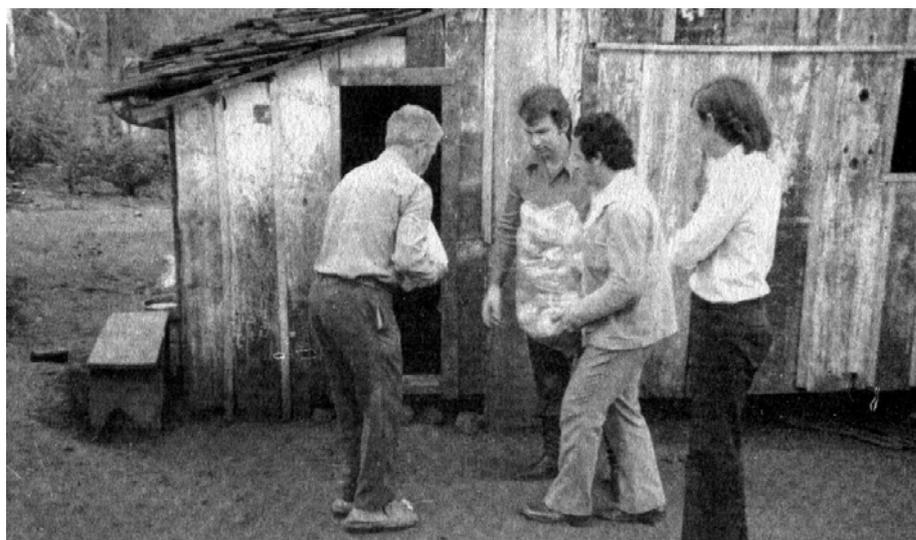
tinham como objetivo oferecer uma alternativa de renda aos moradores. Em 1973, A Notícia Ilustrada trazia um artigo cujo título era “Um auxílio que está sendo compreendido”:

Os menos favorecidos pela sorte, as pessoas idosas desamparadas, encontraram um lugar para continuar a viver com tranquilidade[refere-se a vila Esperança]. (...) Ontem à tarde nossa reportagem esteve visitando aquela vila em companhia do encarregado do Departamento de Assistência Social, Sr. Heitor Malheiros, oportunidade em que pode constatar o que se fez até o momento e o que se fará num futuro breve. (...) a grande maioria delas [famílias] gozando de um conforto que nunca tiveram, tendo oportunidade de melhorar suas vidas, mudar a vida de seus filhos. Heitor Malheiros quase que diariamente visita todas as casa que a Prefeitura construiu e se algum problema existe, seja de saúde ou de acomodações, providencia para que tudo seja resolvido. De quando em vez se promove naquele núcleo, palestras sobre higiene, educação, etc. É pensamento do Departamento de Assistência Social construir, com a ajuda da indústria e comércio um salão para que os moradores tenham um local onde possam se reunir e ouvir os ensinamentos que até lá serão levados. Heitor Malheiros mostrou o quanto o Poder Executivo está dando o seu apoio, àquela gente, não se descuidando um momento da assistência social. Semanalmente o próprio prefeito Orlando Schneider visita a Vila Popular para ver “in loco” o que está se fazendo. Como em todo bairro, existem as “residências modelos”. Uma delas é a do Percival (mais conhecido pela alcunha de Barroso). Ele trabalha o dia todo, plantando, limpando o terreiro, cuidando das árvores frutíferas que ele mesmo plantou no terreno que lhe foi destinado. Outra residência que serve de modelo é a de Alberto Salsen. Ele é uma espécie de líder da vila e tem muita coisa para ensinar aos moradores, principalmente sobre hortifruticultura. Sua grande horta é uma jóia. Muitas dessas casas foram construídas com o auxílio da indústria, do comércio e até mesmo de particulares. Uma das casa foi doada pelo sr. Hermann Wegermann, outra pelo sr. M.S.P. e muitas das telhas que cobrem aquelas casa foram ofertada pela Olaria Baal. Fica aqui o pedido do Departamento de Assistência Social da Prefeitura Municipal, os agradecimentos a todos que colaboraram.⁶⁵⁰

O artigo procura demonstrar que a formação da Vila foi um grande benefício oferecido com intenções humanitárias às pessoas mais carentes e que essas, ao compreenderem o “favor” que lhes fora prestado, esforçavam-se para retribuir a “generosidade”, cuidando de sua residência e adquirindo hábitos louvados pelos estabelecidos, como o cultivo de hortas.⁶⁵¹ De forma geral, dava a entender que tudo corria bem no cotidiano da Vila.

⁶⁵⁰ Um auxílio que está sendo compreendido. A **Notícia Ilustrada**, Panambi, nº319, ano III, 06, ago. 1973, p.5.

⁶⁵¹ Outro artigo mencionava também que algumas casas estavam sendo pintadas e que muitos moradores faziam questão de cultivar um jardim. A **Notícia Ilustrada**, Panambi, nº366, ano III, 28, nov.1973 .



Propaganda 5 - Moradores da Vila Esperança recebendo doações de alimentos

Fonte: **A Notícia Ilustrada**, 19, set.1973.

Todavia, percebe-se que a direção do Jornal era discreta ao referir-se às condições inadequadas em que viviam muitos moradores, preferindo omitir alguns fatos, embora nem sempre isso fosse possível, já que, por exemplo, na foto que ilustrava o artigo “Moradores da Vila Esperança recebendo doações de alimentos”, ao registrar o momento em que o grupo de assistência entregava as doações, registrou-se também a precariedade da residência, a qual certamente não se enquadrava no modelo almejado para a Vila. Os artigos deixam a impressão de que os articulistas procuravam não mencionar os problemas do local porque compartilhavam um sentimento descrito pelos entrevistados: o de que a Vila “representava uma vergonha para Panambi”, não apenas pelo descaso dos moradores quanto às condições de vida, mas também pelo alto índice de violência ali registrado. Não se pode esquecer também que o jornal era mantido por anunciantes e, evidentemente, estava comprometido em resguardar os interesses destes. Almeida recorda:

fizeram o bairro Esperança e colocaram aquelas pessoas menos favorecidas de Panambi a morar nas casa, ganharam as casas... a prefeitura doou, só que foi

bastante problemática nos primeiros cinco, dez anos... porque muita gente se matou ali, era o bairro mais brabo que tinha, era a Esperança. *Só entrava quem queria e saía quem podia...* (grifo nosso) Os mais brabos acabaram morrendo, ou indo embora ou presos! E as pessoas de bem e os loucos acabaram vendendo os imóveis.⁶⁵²

Ora, se de fato essas características causavam constrangimento à comunidade, e é notório que causavam, é compreensível que a direção do periódico optasse por não mencioná-los. Provavelmente, considerava inadequado que pessoas de outros lugares ficassem a par da situação, pois julgavam que o fato pudesse comprometer a “boa imagem” que a cidade divulgava de si. Assim, salvo raríssimas exceções,⁶⁵³ não se encontra notas que divulguem a violência apregoada pelo entrevistado. Oliveira pondera: “Antigamente a Coréia que era violenta, daí mudaram para lá, criaram a Esperança e aí a fama ficou lá...”⁶⁵⁴

Ao longo das décadas de 70 e 80, o preconceito parece ter se consolidado, tanto é que o próprio termo “vila” se tornou pejorativo, sinônimo dos lugares supostamente habitados pela “ralé” e a “Esperança”, símbolo maior dessa denominação. Seus moradores conviviam com o estigma e muitas vezes optavam por omitir o endereço, principalmente quando iam procurar emprego. A respeito da temática, Santos analisa:

esses lugares se constituem em fronteiras, em barreiras e empecilhos para as relações estabelecidas na cidade. Fronteiras que não são físicas, que não dizem respeito a construções ou edificações que impossibilitem os contatos entre as pessoas, mas que são dadas de acordo com a distância de onde se vive - em relação ao centro da cidade-, com o tipo de moradia que se tem, com a renda e, portanto, com quem habita esses lugares, ou seja, os trabalhadores pobres; como se essas fossem premissas de julgamento de quem é “do bem” e “do mal”, como se os lugares dissessem quem somos e o que pretendemos.⁶⁵⁵

Outro fato é que no início da década de noventa, um Projeto de Lei, encaminhado pelo vereador Alfredo Streicher, sugeriu que as ruas da Vila fossem batizadas com nomes de países onde a língua oficial fosse a portuguesa, muitos destes localizados no continente africano:

⁶⁵² ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 26, set. 2005.

⁶⁵³ Ocorrências policiais: “Foi comunicada a DP que na vila Esperança estava um bêbado perturbando os moradores. Trata-se de Pompilio Severo Nunes que foi recolhido pelos policiais, que para acalmar os ânimos do cidadão fizeram-no pousar na ‘lage’ na noite de domingo para segunda”. **A Notícia Ilustrada**, Panambi, nº623, ano V, 15, set. 1975, p.7.

⁶⁵⁴ OLIVEIRA, João da Silva. Entrevista concedida a Eliane de Mello. 15, set. 2005.

⁶⁵⁵ SANTOS, Edna Maria Chimango dos. Sonhos e viveres na cidade. In: **Anais XXIII Simpósio Nacional de História** – História: Guerra e paz. Associação Nacional de História – ANPUH, Londrina/PR, 2005. CD-Rom.

Angola, Moçambique, São Tomé, Macau, Timor, Ilha da Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné Bissau, Luanda e Travessa Lusíadas. A iniciativa indica a clara intenção de demonstrar que havia diferenças entre a Vila e o restante da cidade, visto que as demais ruas recebiam nomes de pessoas preeminentes ou de países europeus. Para Bourdieu, “o espaço social se organiza segundo a lógica da diferença, e as palavras que o representam traduzem, de maneira simbólica, estas distâncias, desigualdades e diferentes formas de ser”.⁶⁵⁶ Deste modo, a forma como as pessoas se referem aos lugares ou como se relacionam com as pessoas que os habitam, é feito a partir de um sistema classificatório que se apóia no simbólico e se relaciona com a construção da diferença entre os grupos. Segundo Pesavento: “A linguagem da estigmatização configura uma condição atribuída, que expressa uma alteridade condenada. As correspondências se estabelecem nos registros de língua constituindo os lugares malditos que têm como contraponto e referência uma identidade desejada”.⁶⁵⁷ E conclui: “Assim, aqueles que detêm o poder estabelecem os registros de linguagem que definem e atribuem sentido à realidade, expressando o resultado de um enfrentamento de forças que tem lugar no plano das relações de poder”.⁶⁵⁸ No que se refere à Vila Esperança, sem dúvida, a nomeação que gradativamente assumiu caráter discriminatório partiu do grupo que compunha a elite local, da mesma forma que anos antes havia partido do mesmo grupo o projeto que deslocou os habitantes pobres das vilas próximas ao centro da cidade. Consta que o único a se manifestar contra ao projeto de Streicher foi o vereador Miguel Schmitt-Prym: “Dá parecer contrário à matéria por entender que ruas em que moram cidadãos panambienses, por mais humildes que sejam devem receber nomes de ilustres figuras de nossa história”.⁶⁵⁹ O mesmo explica:

O Bairro dos marginais, (...) as lideranças da época chamavam assim, consideravam até um insulto. Eu cheguei a perguntar ao Alfredo Streicher, meu amigo, nosso secretário. Ele propôs isso, rua Angola... Mas escuta tche, pega uma rua dessas para dar nome de teu pai no dia em que deram o nome a uma rua. E ele disse “Deus me livre!”. As pessoas diziam isso. (...) Isso é discriminação contra a pobreza, eu critiquei muito isso na Câmara, eu era vereador na época. Eu metia o pau. Isso foi

⁶⁵⁶ BOURDIEU apud PESAVENTO, 1999a, op. cit.

⁶⁵⁷ PESAVENTO, 1999a, op. cit.

⁶⁵⁸ *Ibidem*.

⁶⁵⁹ Parecer do vereador Miguel Schmitt-Prym ao projeto de lei que denomina Ruas do Bairro Esperança. Livro de Atas da Câmara de Vereadores de Panambi. 27 de agosto de 1990.

uma coisa do pessoal do PMDB que não queria colocar o nome de nenhuma família daqui, de nenhum familiar numa vila que era a vergonha de Panambi.⁶⁶⁰

Segundo Pesavento: “A topologia simbólica dos lugares estigmatizados da urbe associa (...) a pobreza ao perigo e à contravenção, estabelecendo ainda correlação entre cor, condição social e comportamento desviante”.⁶⁶¹ A atribuição de nomes com significado depreciativo se configura como manifestação do poder por parte daqueles que se constituem como cidadãos, sejam eles da elite propriamente dita ou dos setores médios urbanos, autores do registro discriminador: “Não sei por que se chama Esperança, não perguntaram para escolher o nome das ruas”.⁶⁶² Uma moradora avalia: “Muita discriminação pelo povo da cidade. Dizem: ‘só pode ser da Esperança’ (bairro). (...) botaram nome da África. É porque semo pobre. Esculacharam com nós”.⁶⁶³

Assim, a análise feita por Pesavento, sobre Porto Alegre, ilustra coerentemente o caso de Panambi: “se quer burguesa, bela, moderna, higiênica, ordenada... e branca”. Ou em outras palavras, quer manter-se “alemã”, todavia, a presença dos migrantes representa uma ameaça a esta pretensão. Nesse sentido, “os espaços estigmatizados da urbe podem ter ‘cor’ precisa, e o vocabulário que designa a cidade indesejada também pode estabelecer uma associação racial/étnica com avaliações de natureza social, econômica e moral”.⁶⁶⁴

Por fim, destaca-se que entre os primeiros moradores a fixar residência na vila Esperança estava Rufina Dias de Bairros – descendente de Francisco Manoel de Barros, (o Chico Saleiro) – e seu esposo Rodolfo José de Bairros, vindos de Palmeira das Missões.⁶⁶⁵ A trajetória deste casal nos parece extremamente simbólica por sintetizar a “inversão” nas relações de poder ocorrida em Panambi após o início do processo de colonização, o qual privilegiou os colonos europeus em detrimento dos nacionais: o antepassado dela foi um dos principais proprietários das terras compradas pela Empresa Colonizadora, ou seja, era um dos

⁶⁶⁰ SCHMITT-PRYM, Miguel. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. 25, ago. 2005.

⁶⁶¹ PESAVENTO, 1999a, op. cit.

⁶⁶² Entrevista disponível na Secretaria da Escola Estadual de Ensino Médio Paulo Freire. Panambi-RS.

⁶⁶³ Entrevista disponível na Secretaria da Escola Estadual de Ensino Médio Paulo Freire. Panambi-RS.

⁶⁶⁴ PESAVENTO, 1999a, op. cit.

⁶⁶⁵ Pequena história do Bairro Esperança. Coordenação pedagógica da Escola Municipal Monteiro Lobato.

estabelecidos. Todavia, ela retornava a Panambi como migrante, para habitar a vila dos outros, dos “*outsiders*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre os (i)migrantes e as sociedades receptoras são extremamente complexas, pois implicam numa negociação entre ambas as partes: os que chegam, e querem ser aceitos, e os estabelecidos, que resistem à incorporação desses novos elementos. Essa relação reservada está relacionada aos interesses de grupos distintos, muitos dos quais sem consenso interno, e ao convívio entre pessoas de diferentes culturas e de situação econômica desigual. Tal diversidade pode ocasionar o surgimento de diversos conflitos, acarretando modificações significativas tanto na infra-estrutura da sociedade receptora, quanto no modo de vida dos indivíduos envolvidos no processo, como parece ter ocorrido em Panambi, onde os dilemas desta disputa se mostraram latentes desde o início de sua formação. Contudo, este processo verificado em Panambi é um reflexo do que acontecia em outros locais, dadas as respectivas especificidades e proporções.

As políticas imigratórias, calcadas nos interesses das elites dirigentes, privilegiaram o acesso à terra aos imigrantes europeus em detrimento dos nacionais. Esta elite planejava a construção de uma nação moderna, que seria viabilizada através do melhoramento da raça, ou seja, da “mistura” entre o sangue europeu e brasileiro, o que produziria, de acordo com os intelectuais da época, uma nova raça, uma espécie capaz de fortalecer as bases produtivas e culturais do país. Suas ações propiciaram a constituição de sociedades marcadas pelo caráter étnico, nas quais os (i)migrantes/descendentes gradativamente conquistaram poder econômico, cultural e político. Mais tarde, essa situação seria vista com desconfiança tanto

pela população luso-brasileira de modo geral, quanto pelo Estado que determinaria o abandono da cultura do país de origem como pressuposto para os (i)migrantes/descendentes serem integrados à sociedade brasileira.

Os (i)migrantes/descendentes alemães foram um dos grupos que mais resistiram à assimilação proposta pela sociedade receptora. O elemento central desta discordância estava no conceito de ambos a respeito da nacionalidade: os brasileiros usavam o conceito do *jus soli*, os alemães, o do *jus sanguinis*. Em outras palavras, seu entendimento de incorporação à sociedade brasileira envolvia a concepção de que era perfeitamente possível conciliar a cultura alemã com a cidadania brasileira. Assim, embora apresentassem diferenças entre si, os (i)migrantes/descendentes alemães uniram-se em prol da construção de uma identidade comum no Brasil. Os elementos que compunham esta identidade foram forjados, principalmente, através das discussões de alguns intelectuais teuto-brasileiros e cidadãos alemães que ficaram conhecidos como germanistas. Os mesmos, de forma intencional e dirigida, defendiam que os imigrantes/descendentes deveriam manter a cultura alemã no Brasil, pois era a fonte do que consideravam suas principais características: amor ao trabalho, disciplina, fervor religioso, etc. Desta forma, se a cultura se perdesse, essas características gradativamente se perderiam. Neste sentido, um de seus argumentos para manter a cultura era o de que só poderiam ser bons cidadãos brasileiros se mantivessem a cultura alemã, a qual lhes chegava através do uso da língua alemã e da manutenção dos laços com a pátria de origem. Esse discurso processava-se num contexto de relações conturbadas com os nacionais e elaborava-se claramente como uma reação à visão negativa construída a respeito dos mesmos, ou seja, constituía-se em relação ao outro.

Neste contexto, a Alemanha era vislumbrada como o “local ideal” e o retorno, embora praticamente impossível, habitava o imaginário de muitos (i)migrantes/descendentes. Destarte, a criação da colônia Neu-Württemberg se configurava como uma alternativa para aqueles que almejavam viver o mais próximo possível da Alemanha, preservando-se da assimilação cultural. O projeto da Colonizadora de Herrmann Meyer ia nessa linha, pois, via propaganda, vendia a imagem de que o local seria um “refúgio” para os imigrantes desejosos de preservar a cultura, tanto pela paisagem natural, quanto pela arquitetura. Um dos mecanismos para garantir o projeto inicial foi a contratação do pastor protestante Hermann

Faulhaber, encarregado de estruturar a igreja e a escola, centros de reatualização de difusão dos ideais do germanismo, tornando-o uma prática cotidiana. O ideal de “colônia alemã”, em primeira instância, foi apresentado com fins comerciais, pois era um acessório a mais para a venda das terras.

Assim, a construção da representação de Neu-Württemberg como uma “Segunda Alemanha” ou a “Alemanha no Brasil”, se baseava nos interesses “românticos” e capitalistas de seu fundador e nas lembranças dos imigrantes, na idealização que faziam da pátria de origem, ou até mesmo, no caso dos descendentes que não haviam conhecido a Alemanha, somente em relatos. O esforço para reproduzir um cenário que representasse a Alemanha e em agir conforme os princípios, que atribuíam ao grupo étnico alemão, era uma forma de dar continuidade à cultura e diferenciar-se dos nacionais. Em outras palavras, viviam em torno da “presença de uma ausência”: a representação criava o real e norteava as relações entre os indivíduos.

Nesse cenário, o desequilíbrio entre o poder dos luso-brasileiros e dos (i)migrantes/descendentes alemães era latente e tomou distintos rumos ao longo do século XX. A área que hoje compreende o município de Panambi, respeitada a presença indígena original, inicialmente era habitada por luso-brasileiros, esses eram os estabelecidos. Com a imigração, houve uma inversão: os lusos que possuíam terras as venderam para a colonizadora, ou como no caso dos caboclos, tiveram que abandonar as terras que habitavam. Então, gradativamente, os (i)migrantes/descendentes alemães adquiriram poder econômico e articularam formas de manter sua cultura, tornando-se “estabelecidos”.

Concomitantemente, as relações entre os dois grupos eram permeadas por negociações. Por exemplo, muitos lusos aprendiam a falar o idioma alemão e os imigrantes aprendiam a língua portuguesa. O acesso à língua vernácula facilitava a inserção no mundo dos brasileiros, mesmo que mantivessem vínculos com a pátria de origem. Desta forma, viviam em contato com os “dois mundos”, em meio a um processo que Stuart Hall chamou de “tradução”. A Campanha de Nacionalização inverteu a relação de poder entre luso-brasileiros e imigrantes/descendentes alemães, colocando os “brasileiros” como exemplo de conduta para os descendentes e acentuando a necessidade de abandonarem o uso do idioma alemão em seu cotidiano, do contrário, seriam considerados não integrados à sociedade brasileira.

Notadamente, conforme o contexto se alterava, modificavam-se os elementos que compunham a fronteira. Após o término da Campanha de Nacionalização, a língua alemã passou a se restringir cada vez mais ao âmbito familiar, especialmente na zona rural. No início da década de 70, a representação da cidade continuava ancorada em seu uso, o que não correspondia mais à realidade. Naquele período, os elementos diferenciadores diziam respeito à preservação de um estilo de vida relacionado com as supostas características do grupo étnico alemão.

Um momento chave para a estabilização e consolidação do poder político e econômico do grupo de origem alemã em Panambi foi a emancipação do Distrito, delineando claramente o caráter germânico que se pretendia dar ao novo município. O evento estava intimamente relacionado com a constituição de um grupo formado essencialmente pelos membros da ACI, os quais procuravam articular o desenvolvimento econômico local, demonstrando uma preocupação com a preservação de valores culturais. Esse grupo manteve forte influência nos rumos escolhidos para a cidade nos anos posteriores. Por outro lado, o pós-guerra implicou numa retração do grupo étnico alemão: a vinculação com a Alemanha havia sido contida pelas políticas da Campanha de Nacionalização e, posteriormente, abalada com a revelação dos crimes cometidos pelo Partido Nazista, o que fez com que muitos evitassem a identificação com a pátria de origem. A década de 70 caracteriza-se como um momento de retomada do “orgulho de ser alemão”. Contribuíram alguns fatores específicos, como o desenvolvimento econômico e tecnológico da Alemanha, as comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul (1824-1974) e a presença dos migrantes luso-brasileiros em Panambi.

Panambi tornara-se, na década de 70, um pólo de atração para os migrantes, em decorrência do seu acelerado crescimento econômico, favorecido pelo contexto macro, pela atuação dos grupos dirigentes locais e pelo crescimento da Cooperativa Tritícola Panambi e da empresa Kepler Weber S.A. Em outras palavras, foi produto do desenvolvimento da agricultura e da indústria. Este desenvolvimento gerou um incremento da demanda por mão-de-obra, resultando num processo migratório interno – meio rural para urbano – e de outras cidades para esta. Todavia, se por um lado as empresas precisavam de trabalhadores para continuar crescendo, por outro, a cidade não possuía uma infra-estrutura capaz de comportar

esse crescimento populacional: faltavam escolas, moradias, atendimento no setor da saúde, sistema sanitário, distribuição de água, etc. Também houve um aumento dos problemas sociais. Além disso, os migrantes não compartilhavam os mesmos valores culturais dos estabelecidos.

Uma das reações da sociedade receptora foi buscar formas de integrar essas pessoas. Houve uma preocupação em oferecer uma infra-estrutura básica. Paulatinamente, tentou-se inculcar nesses migrantes o modelo de cidadão que se imaginava para Panambi, a fim de perpetuar aquele modo de vida, baseado nos princípios da cultura germânica. Outra reação foi a tentativa de distinguir-se desses migrantes, o que estava expresso na tentativa de representar Panambi como cidade “bela, higiênica e alemã”. Resultou desse posicionamento o movimento de retirada dos pobres do centro da cidade, criando-se para eles a Vila Esperança. Essa Vila é a síntese do lugar dos outros, dos que não pertenciam à sociedade estabelecida. Sua pobreza e seu próprio modo de ser eram motivo de vergonha. O lugar destinado aos “outros” foi se constituindo como totalmente diferente do que era o modelo que remetia à origem germânica da cidade: os nomes das ruas da Vila eram todos de países africanos; por consequência, seus moradores eram classificados pejorativamente como “negrada”, demarcando-se bem a diferença.

Transparece aí um movimento de mão dupla: por um lado, aparece o serviço de assistência social, preocupado com o bem estar dessa população menos favorecida, proporcionando-lhe um lugar melhor para habitar. Por outro lado, evidencia-se um claro processo de segregação social e, até certo ponto, étnica. Afasta-se do seio dos estabelecidos os *outsiders*, compostos em sua maioria por migrantes de origem lusa. O que estava em jogo era a preservação de um modo de vida e a manutenção do poder por parte dos grupos que tradicionalmente o detiveram. Deste modo, mesmo que em alguns momentos, como se evidenciou nos casos do filme “O Exorcista” e do “sino”, os migrantes tentassem reverter a situação e demarcar o seu espaço de ação, logo eram recolocados em seu “lugar” e lembrados de sua posição de *outsiders*.

Espaços geográficos – centro x periferia –, um vocabulário estigmatizado para designar determinados lugares, personagens e práticas sociais as quais delimitavam a exclusão

e a discriminação social, integravam a construção da fronteira que designava quem pertencia e quem não pertencia à sociedade estabelecida.

Esse processo de distinção age em duas vias: numa, desqualifica-se a cultura do “outro”, noutra, procura-se enaltecer a cultura germânica. No último caso, há uma tentativa em imprimir traços germânicos à cidade, como na arquitetura (casas e estabelecimentos comerciais em estilo enxaimel, com fins turísticos, como o Hotel Elsenau), comidas típicas, corais, intercâmbios com a Alemanha, grupos de danças típicas alemãs, monumentos em homenagem aos idealizadores da colônia, construção de uma história oficial que destacava a importância dos imigrantes alemães. Enfim, cria-se um cenário onde prevalece o perfil germânico, o qual reproduz uma realidade em certos momentos artificial: muito mais o que deseja ser do que o que é. Essa representação acaba sendo incorporada pelos indivíduos como a realidade e assim aceita, do mesmo modo que é exibida aos de fora e aceita pelos mesmos como o real. Em outros termos, Panambi é alemã porque se reconhece e é reconhecida como tal pelos outros, embora essa representação não perfaça o todo.

Na concretização dessa imagem de Panambi, a imprensa desempenhou um papel fundamental. O jornal *A Notícia Ilustrada* dava conta do cotidiano da cidade, enaltecendo o seu progresso econômico, o crescimento populacional, os melhoramentos urbanos, as ações das autoridades políticas. Abria espaços também para os problemas decorrentes da modernização da cidade como para os advindos do constante fluxo migratório. De forma geral, expressava o pensamento da elite dirigente. Almejava uma aproximação com a Alemanha, noticiando o seu desenvolvimento econômico, seus avanços tecnológicos e acontecimentos culturais. Internamente, preocupava-se com os problemas sociais, como o aumento do índice de pobreza, analfabetismo, violência, etc. Em alguns momentos, reportagens e artigos assumem um linguajar pejorativo, expressando a sua visão negativa sobre os *outsiders*, responsabilizando-os, indiretamente, como causadores dos problemas verificados no município. Aplauda, silenciosamente, a criação da Vila Esperança, pois entende que essa medida era extremamente necessária. Em seu noticiário, destaca o serviço de assistência social prestado aos menos favorecidos, sublinhando a boa vontade e preocupação da sociedade panambiense. Mesmo em relação à Vila Esperança, as notícias procuram camuflar os problemas reais: a violência destacada pelos entrevistados não está nas páginas do

jornal. Há um cuidado em não divulgar o que considerava vergonhoso: se a Vila Esperança era problemática em todos os sentidos, isso era uma questão a ser solucionada internamente de forma discreta, sem criar alarde, a fim de não prejudicar a imagem da cidade.

O clima de tensão existente entre os *outsiders* e os estabelecidos pode ser percebido em alguns momentos excepcionais. Quando Walter Furtado divulgou a exibição do filme “O Exorcista”, desencadeou uma disputa que envolveu diversos grupos locais e fez emergir conflitos característicos de uma sociedade em transição. Havia transição de uma sociedade agrária com aspectos de aldeia para uma cidade urbanizada. Contudo, se havia mudanças nas estruturas produtivas e na infra-estrutura urbana, o imaginário coletivo e os seus valores ainda permaneciam os mesmos, o que entrou em choque com os valores trazidos pelos novos grupos de migrantes. Dentre os migrantes, os que contestaram o poder dos estabelecidos e o seu jeito de viver eram os indivíduos que não dependiam economicamente do grupo dirigente local, ou seja, aqueles que não tinham muito a perder. Mesmo nesses termos, o caso do Sino demonstrou que não era um bom negócio desafiar os panambienses, visto que depois de encerrado o caso, conseguiram pleitear a transferência do promotor Odoné Sanguiné.

Os operários manifestavam sua contrariedade quanto à supremacia do grupo étnico alemão em situações informais, ou anonimamente, como o entrevistado do jornal Zero Hora, o qual declarou: “esses alemão precisavam se convencer que não mandam mais na cidade...”. Percebe-se que, nessas situações, seu principal argumento consistia em enfatizar que eram “brasileiros” e que o Brasil era melhor que a Alemanha. Fica evidente que os *outsiders* tinham consciência da concentração do poder nas mãos dos alemães e de origem, bem como a contestação passiva dessa situação.

Porém, o convívio entre *outsiders* e estabelecidos, embora tenso, parecia ancorar-se num processo, no qual os migrantes eram incorporados como “membros” da sociedade receptora na medida em que assimilavam os costumes locais ou contraíam matrimônio com alguém nascido em Panambi. Lentamente, os migrantes que se fixaram na cidade foram adquirindo os hábitos e valores locais, transformando-se em estabelecidos. Atualmente, preocupam-se igualmente com a questão: “de que família tu és”, tornando difícil distinguir os migrantes da década de 70 dos então estabelecidos. A sociedade estabelecida acaba flexibilizando e transmutando as suas fronteiras de acordo com o novo contexto.

Concluindo, não é difícil perceber o quanto a década de 70 foi marcada por mudanças e tensões. A incorporação dos (i)migrantes na sociedade receptora é um processo complexo. No caso dos (i)migrantes/descendentes alemães resultou na produção de uma sociedade marcada pelo caráter étnico, que pairava entre a incorporação e a diferenciação. O desenvolvimento econômico resultou num intenso afluxo de migrantes, os quais foram protagonistas das principais transformações ocorridas na cidade, como o aumento da desigualdade social, as modificações na infra-estrutura e o início da desintegração dos velhos sistemas de valores e costumes, os quais controlavam o comportamento das pessoas, mantendo certo jeito de viver. Sua vinda refletiu-se na atitude defensiva da sociedade receptora, que intensificou sua busca por paradigmas identitários, calcados nos “valores” do grupo étnico alemão e voltados para a produção da diferença entre a sociedade estabelecida e os migrantes, a fim de produzir mecanismos que possibilitassem aos migrantes incorporar seu jeito de viver. A problemática dos estabelecidos e *outsiders* não é um caso singular de Panambi, e nem tampouco resolvido. Atualmente, a tensão ganhou novas feições, personagens e fronteiras, mas a essência do conflito permanece: os *outsiders* continuam sendo responsabilizados pelos principais problemas, enquanto os estabelecidos procuram manter seu poder. O problema tende a se agravar no século XXI, como o demonstraram os recentes episódios ocorridos na França. Enfim, é uma temática que deve despertar cada vez mais a atenção dos estudos historiográficos.

BIBLIOGRAFIA

ÁLBUM de recortes de jornais de Minoly Gomes de Amorim, 1906-1923. Panambi, datil. Museu e Arquivo Histórico de Panambi.

ALMEIDA, Elmar Soero de. **Aprendizagens para o mundo do trabalho: histórias de metalúrgicos em Panambi** – RS. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências)-Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), 2000.

AMSTAD, Theodor (org.); RAMBO, Arthur Blásio (trad.). **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ASSOCIAÇÃO dos escritores de Panambi. **Porções de Bem Querer**. Ijuí: SEDIGRAF, 1997.

BACZKO Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1995, v.5, p. 296-332.

BAIRON [SANTANA], Sergio. **O Fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão**. Revista História, São Paulo, n. 129-131, p. 19-30, .ago-dez/1993 a ago-dez/94, p. 21-22.

BALHANA, Altiva Pilatti. Política Imigratória no Brasil, antes e após a proclamação da República. In: WESTPHALEN, Cecília; BALHANA, Altiva Pilatti. **Revoluções e Conferências**. Curitiba: SBPH-PR, 1989.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

BASSANEZI, Maria Sílvia B. Imigrações internacionais no Brasil. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

- BEUTER, Ivo. **Panambi e Tanganica, origem semelhante, porém, destinos diferentes.** Panambi: digitado, 2004.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Kenote Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Coleção Humanitas, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRAUN, Sandra. **O Processo de formação sócio - espacial do Bairro Esperança.** Ijuí: UNIJUÍ, 2005. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia), Departamento de Ciências Sociais, UNIJUÍ, 2005.
- BRUM, Argemiro Jacob. **Desenvolvimento econômico brasileiro.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura – trigo e soja.** Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- BRUM, Argemiro Luis. **O Brasil na história da economia mundial da soja.** Ijuí: UNIJUÍ. Departamento de Economia e Contabilidade, 1993.
- BURKE, Peter (org.).** A Escrita da História: novas perspectivas. **São Paulo: UNESP, 1992.**
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CANABARRO, Ivo dos Santos** Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do Integralismo em Ijuí. **Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFRGS, 1994.**
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à história.** 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelsen. **Identidade, indivíduo e grupos sociais.** Curitiba: Juruá, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural - Entre práticas e representações.** Lisboa, Difel: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika. **As culturas alemã e brasileira no relato da viagem de Herrmann Meyer, pelas colônias alemãs do Rio Grande do Sul.** REDES, Santa Cruz do Sul, v. 6, n.3, p. 55-71, set./dez. 2001.
- DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. (Prismas).
- DREHER, Martin N. (org.). **Hermann Gottlieb Dohms: textos escolhidos.** Porto Alegre: Ed.: PUCRS, 2001.

- DREHER, Martin N. (org.). **Imigração e Imprensa**. Porto Alegre: EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.
- DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- DREHER, Martin N. **O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos**. Estudos Leopoldenses –Série História, v. 3, n. 2, 1999.
- DREHER, Martin N. **O fenômeno imigratório alemão para o Brasil**. Estudos Leopoldenses, v. 31, n. 142, 1995, p. 59-82.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. RJ: Jorge Zahar Ed, 2000.
- FAULHABER, Hermann. **Pequeno Tratado de História do Brasil** por perguntas e respostas para uso das escolas primárias. 5. ed. Ijuí: Ulrich Löw, 1937.
- FAUSEL, Erich. **Cinqüentenário de Panambi 1899-1949**. s.l.: s.ed., 1949.
- FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FAUSTO, Boris. **A Historiografia da Imigração em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1991.
- FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- FÉLIX, Loiva Otero. **Memória e História: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil. 1808-1824-1974**. São Paulo/ São Leopoldo: Instituto Hans Staden/ Federação dos Centros Culturais “25 de Julho”, 1974.
- GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)**. Porto Alegre, Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004. Dissertação de mestrado defendida em 1996 no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GERTZ, René E. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.
- GERTZ, René E. **Os “quistos” étnicos alemães**. Estudos Leopoldenses. Série História, São Leopoldo, v. 2, n.1, p. 7-25, 1998.
- GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GEVEHR, Daniel Luciano. **Fanáticos, violentos e ferozes liderados por Jacobina Endiabrada: As representações anti – Muckers, em “ O ferrabraz ” (1949 – 1960)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UNISINOS, 2003.
- GINZBURG, Carlo. A micro-História e outros ensaios. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991**
- GINZBURG, Carlo. **O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo**. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **GINZBURG, Carlo**. Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRÜTZMANN, Imgart. **A mágica flor azul: A canção alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. PUC-Faculdade de Letras. Curso de Pós Graduação em Letras. Julho de 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HENN, Ronaldo. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- HINNAH, Denise. **Ser retratista em Panambi. História oral de vida**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. Monografia (Graduação em História Licenciatura Plena), Departamento de Ciências Sociais, UNIJUÍ, 1999.
- HOBBSAWM, Erich. **A Era dos Extremos: O breve século XX 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOBBSAWM, Erich. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, [1998], 2005.
- HOBBSAWM, Erich; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- KEPLER, Olga. **Origem e descendência da família Kepler**. Porto Alegre: Gráfica editora Estrela LTDA, 1987.
- KEPLER, Walter. **Manuscrito sobre Vivência em Panambi**. Museu e Arquivo Histórico de Panambi. s/d.
- KLEIN, Herbert S. **Migração internacional na história das Américas**. In: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo : EDUSP, 1999.
- KUPER, Adam. Cultura. **A Visão dos Antropólogos**. Bauru, EDUSC, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: Enciclopédia Einaudi. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. v. I, p. 95-106.
- LEITZKE, Eugen. Carlos Ernesto Knorr, Anna Müdsam Knorr. **Cem anos da História familiar em terras brasileiras**. s.l.: s.ed., 2002.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000
- LÉVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP/FAPESP, 1998.

MAIA, Rui Leandro Alves da Costa. **O sentido das diferenças - Migrantes e naturais: Observação de percursos de vida no Bonfim**. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a ciência e a tecnologia Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003.

MAIO, Marcos Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

MALHEIROS, Adil Alves. **O vale das borboletas azuis**. Panambi: Publipan, 1979.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**. O princípio da pesquisa. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 1998. (Coleção Educação).

MAUCH, Claudia. VASCONCELOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). **Re-Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MELLO, Eliane de. "O Alemão é mais..." A construção das relações interétnicas num núcleo de colonização alemã: O caso de Panambi. **Ijuí: Unijuí, 2003. Monografia (Licenciatura Plena em História), Departamento de Ciências Sociais, UNIJUÍ, 2003.**

MELLO, Eliane de; NEUMANN, Rosane Marcia. **"Panambi, palavra do idioma Guarani que, em língua de gente, significa borboleta"**. As especulações em torno do nome de Panambi, *Notícia Ilustrada*. Panambi, p.4-4, 2005.

MELLO, Eliane de; NEUMANN, Rosane Marcia. **Sobre a emancipação de Panambi – I-II. A Notícia Ilustrada**. Panambi, p. 8-8, 2005.

MEYER, Dagmar E. **Identidades traduzidas. Cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo e Santa Cruz do Sul: Sinodal e EDUNISC, 2000.

MEYER, Dagmar Estermann. **Alguns são mais iguais que os outros: etnia, raça e nação em ação no currículo escolar**. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MICHELS, Sérgio Ervino. **A história ensinada na colônia particular de Neu-Württemberg sob a ótica do protestantismo, da germanidade e da educação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências), PPG em Educação nas Ciências, UNIJUÍ, 2001.

MICHELS, Sérgio. **Colégio Evangélico Panambi – Rumo ao Centenário (1903-2003)**. A *Notícia Ilustrada*, Panambi, 08 nov. 2002.

MONSMA, Karl. **Conflito simbólico e violência interétnica: Europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914**. In: Anais VII Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História – ANPUH, Pelotas/RS, 2004. CD-Rom.

MONSMA, Karl. **Histórias de violência: inquéritos policiais e processos criminais como fontes para o estudo de relações interétnicas**. Texto preparado para publicação em DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. (Org.). **Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: EDUFSCAR, 2005, p. 159-208.

MÜLLER, Telmo Lauro (org). **A Nacionalização e a Escola Teuto-Brasileira Evangélica**. In: *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

NEUMANN, Rosane Marcia. **“Não São Eles Tão Felizes Como Nós...” A campanha de nacionalização e a integração dos alemães à sociedade brasileira.** CRONOS - Revista de História, Minas Gerais, n. 6, p.129-148, 2002.

NEUMANN, Rosane Márcia. **“Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor”. A Campanha de Nacionalização nas Colônias Alemãs.** São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UNISINOS, 2003.

NEUMANN, Rosane Marcia. **A colonização alemã na Linha Ocearu no final do século XIX.** Ijuí: UNIJUÍ, 2000. Monografia (Licenciatura Plena em História), Departamento de Ciências Sociais, UNIJUÍ, 2000.

NEUMANN, Rosane Marcia. **As relações de poder local na campanha de nacionalização.** VI Encontro Estadual de História - Ser historiador, 2002, Passo Fundo. Anais. Passo Fundo: UPF, 2002 (CD-ROM).

NEUMANN, Rosane Márcia. **Neu-Württemberg: o cartão-postal da Empresa de Colonização Herrmann Meyer.** Trabalho apresentado no Seminário: História e Fotografia: imagens das cidades brasileiras, junto ao PPG em História PUCRS/Doutorado. Primeiro Semestre de 2005. (mimeo).

NODARI, Eunice Sueli. **A Renegociação da Etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954).** Porto Alegre: PUC, 1999. Tese (Doutorado em História), PPGH, PUC/RS, 1999.

O CENTENÁRIO da Comunidade Evangélica de Panambi. Folha das Máquinas, Panambi, 29 nov. 2002.

OBERACKER, Carlos Henrique. **A colonização baseada na pequena propriedade agrícola.** In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difel, 1967. Tomo II, v. 3.

OBERACKER, Carlos Henrique. **A contribuição teuta à formação da Nação Brasileira.** Rio de Janeiro: Presença, 1985.

PANAMBI, CIDADE DAS MÁQUINAS, EM FOTOS. Panambi: Publipan, 1974.

PEDROSO, Maria T. C. **Imigração alemã em Panambi.** Ijuí: UNIJUÍ, 1996. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.

PEIXOTO, José Tadeu Leal. Panambi: História da Formação Social de uma Comunidade de Imigrantes do Noroeste Gaúcho. **UEL: Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2003. Mestrado em História Social Programa Associado UEL/UEM.**

PELLANDA, Ernesto. **A colonização germânica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1925.

PELLANDA, Ernesto. O colono Alemão, o Deuschtum, o nazismo e sua recuperação nacional. **Revista Província de São Pedro**, Porto Alegre: Livraria do Globo, n. 2, p. 110-123, 1945.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares Malditos: a cidade do outro no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19. n. 37, set. 1999a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. **Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999b.**

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920. **Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.**

PETRONE, Maria Theresa Schorer. **Imigração**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difel, 1977. Tomo III. v. 2, p. 109.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n 10, 1992.

PORTO, Aurélio. **O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est. Graf. S.Terezinha, 1934.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998

PREFEITURA MUNICIPAL DE PANAMBI. **Plano diretor de desenvolvimento urbano**. 2º Semestre de 1992. Mimeo.

PY, Aurélio da Silva. **A 5ª coluna no Brasil. A conspiração nazi no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1942.

PY, Aurélio da Silva. **O nazismo no Rio Grande do Sul: relatório**. [s.l.] : [s.n.], 1940, p. 21.

RAISON, Jean-Pierre. **Migração**. In: ROMANO, Ruggiero (ed.). Enciclopédia Einaudi. Região. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986. v. 8, p. 488-517.

RAMBO, Arthur B. A identidade teuto-brasileira em debate. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: PUCRS, v. XXV, n. 2, dez. 1999.

RAMBO, Arthur B. **Nacionalização e ação policial no Estado Novo**. Estudos Leopoldenses. Série História, São Leopoldo, v. 1. n.1, p. 149-182, 1997.

RAMOS, Ana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações internacionais: O bem receber e o ser recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Carmem A. **A prática de educação em organizações cooperativas: O caso Cotripal**. UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul Departamento de Pedagogia. Mestrado em Educação nas Ciências, 2005.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- SANTANA, Sérgio Bairon Blanco. **História Palinódica: significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira**. São Paulo: USP, 1991. Tese de doutorado.
- SANTOS, Edna Maria Chimango dos. Sonhos e viveres na cidade. In: **Anais XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e paz**. Associação Nacional de História – ANPUH, Londrina/PR, 2005. CD-Rom.
- SAUSEN, Jorge Oneide. **Adaptação Estratégica organizacional: O caso da Kepler Weber S.A.** Tese de doutorado. Universidade Federal de SC. Florianópolis, 2002.
- SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo do imigrante. **Revista Travessia**, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano XIII, n° especial, jan. 2000.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SCHRÖDER, Ferdinand. **A Imigração Alemã para o Sul do Brasil até 1859**. São Leopoldo: Ed.UNISINOS,2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SERNA, Justo; PONS Anaclet. El ojo de la aguja. ¿De qué hablamos cuando hablamos de microhistoria?.TORRES, Pedro Ruiz (org). **La Historiografía**. Madrid, Marcial Pons, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. **A Assimilação dos Imigrantes Como Questão Nacional**. Mana: estudos de antropologia social. Rio de Janeiro: v.3, n.1, abril de 1997.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: FCC, 1982.
- SILVA, Edmilson Nunes da & TARGA, Luiz Roberto Pecoits. **A exclusão política da oligarquia tradicional gaúcha**. Primeiras Jornadas de História Regional Comparada, suporte CD-ROM.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**.Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**.Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SIMÃO, Édina F.; KEIDAN, Zina M. **Panambi: Cem anos de Colonização. Panambi: Museu e Arquivo Histórico de Panambi, 1998-99**. (Coletânea de textos publicados em jornal).
- SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castelo (1930-1964)**. 12ª edição.São Paulo, Editora Paz e Terra, 2000.

- SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SOUZA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945**. Campinas SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes**. A colônia de São Leopoldo na fase pioneira. 1824-1850. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.
- TRUDA, Francisco de Leonardo. **A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930.
- URBIM, Carlos; PORTO, Lucia; ACHUTTI, Magda. **Rio Grande do Sul: Um Século de História**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- VAINER, Carlos B. **Estado e migrações no Brasil. Anotações para uma história das políticas migratórias**. *Revista Travessia*, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, abr. 2000, p.15.
- WEBER, Regina. **O trabalhador fabril em gestação: depoimentos sobre os anos 30 e 40 no interior do Rio Grande do Sul**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- WEBER, Regina. **Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.
- WEBER, Roswithia. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: O “25 de julho” em São Leopoldo, 1924-1949**. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.
- WEIMER, Günter. **Arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Ed. Da Universidade, UFRGS: São Paulo, Nobel, 1983.
- WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. 2ª edição, São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: As práticas de Cura no sul do Brasil. (1845 - 1880)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: UFRGS. IFCH, n. 14, p. 177-204, nov. 2000
- ZARTH, Paulo A. **Do arcaico ao moderno: as transformações no Rio Grande do Sul rural do século XIX**. Niterói, Rio de Janeiro: UFF, 1994. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, 1994.
- ZARTH, Paulo A. **História agrária do Planalto Gaúcho. 1850-1920**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- ZARTH, Paulo A. Os esquecidos da história: exclusão do lavrador nacional no Rio Grande do Sul. In. ZARTH, Paulo A. et al. **Os caminhos da exclusão social**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

INTERNET

SEYFERTH, Giralda. **Etnicidade, e cultura: A constituição da identidade teuto-brasileira.** Disponível em: <http://www.iacd.oas.org/Interamer/Interamerhtml/Zarur45.html/Zar45_Seyf.html> Acesso em 14 dez. 2001.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão.** Com Ciência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. n. 17, dez. 2000/jan. 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/framere.port.htm>> Acesso em 10 abr. 2002.

SEYFERTH, Giralda. **O Regionalismo da Tradição na Perspectiva Nacionalista: A Identidade Regional Segundo Gilberto Freyre.** In.: Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos, 2000, Recife. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/sinmt/artigos/o_regionalismo.html> Acesso em 29, mai. 2002.

VIALES HURTADO, Ronny. **Las migraciones internacionales: reflexiones teóricas y algunas perspectivas de análisis desde la historia.** Cuadernos Digitales: Publicación Electrónica en Historia, Archivística y Estudios Sociales. Universidad de Costa Rica, Escuela de Historia, n. 1, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.historia.fcs.ucr.ac.cr/c1-his.htm>> Acesso em 12 out. 2002.

LESCHWITZ, Edgar. **Panambi: Vale das Borboletas Azuis.** Disponível em: <<http://www.ieclb.com.br/historia.htm>> Acesso em 10 jan. 2002.

MEYER, Dagmar E. Estermann (UFRGS). “Alemão”, “estrangeiro” ou “teuto-brasileiro”? Representações de docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>> Acesso em: 28 dez. de 2002.

STEGER, Hanns-Albert. **Gilberto Freyre y Alemania.** In.: Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos, 2000, Recife. Disponível em: <<http://nmnt.fgf.org.br>> Acesso em 29 mai. 2002.

The Exorcist; Ano de Lançamento (EUA): 1973; Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/exorcista.htm>> Acesso em 12 nov. 2004.

FREYRE, Gilberto. **Nós e a Europa germânica: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX.** Prefácio. Rio de Janeiro: Grifo, 1971. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/index.htm>> Acesso em 18 abr. 2002.

Cálculo da inflação. Dados disponíveis em: <<http://www.savoy.net.com.br/easycalc/correcao.asp>> Acesso em 17 de dez de 2005.

ARRETCHE, Marta T.S. **Banco Nacional da Habitação.** Disponível em: <www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty> Acesso em 09 jan. 2006.

IPDU, Unijui. Disponível em : <www.unijui.tcche.br>. Acesso em : 10 de set de 2004.

TITANIC. Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes>> Acesso em 09 jan. 2005.

FONTES ORAIS

ALMEIDA, Sidnei Chaves de. Bairro Arco-Íris. Panambi, 26/09/05. Entrevista concedida a Eliane de Mello. Nascido em Passo Fundo, vem para Panambi em 1976 a procura de trabalho, no entanto, devido a sua dificuldade para assimilar os “costumes” da cidade retorna para Passo Fundo em 1980. Todavia, em 1982, volta para Panambi, onde assume um cargo público no qual permanece até os dias atuais.

BECK, René. Bairro Centro. Panambi, 08/08/2005. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Radialista, nascido em Santa Rosa, migrou para Panambi, a convite do diretor da Rádio Sul - brasileira, em 1973. Seus programas radiofônicos eram extremamente populares, sendo que o mesmo exercia um papel importante na formação da opinião de seus ouvintes. Na década de oitenta recebeu o título de cidadão panambiense.

CAVALHEIRO, José dos Santos. Bairro Arco-Íris. Panambi, 23/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. José dos Santos Cavalheiro: Brasileiro, filho de agricultores, viveu sua infância no interior do município. Mais tarde, mudou-se para zona urbana onde atuou como comerciante.

KEPLER, Walter Roberto. Bairro Centro. Panambi, 18/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Walter Roberto Kepler: Filho da tradicional família Kepler, de intensa atuação na localidade, é pastor da Igreja Batista, atuando anteriormente também já na mesma comunidade.

KLOS, Otmar Sigismundo. Bairro Centro. Panambi, 21/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Otmar Sigismundo Klos: Filho de imigrantes alemães, que atuam desde o início da colonização como fotógrafos.

KUFF, Ilse Herta. Entrevista realizada por Eliane de Mello em 15 de setembro de 2005, em sua casa, na rua Bruno Knorr, nº101. Nascida em Panambi, seus pais vieram da Alemanha para o Distrito na década de 20. Sempre foi dona de casa. Morou na zona rural até 2003.

LINN, Néri. Bairro Centro. Panambi, 15/09/2005. Entrevista concedida a Eliane de Mello. Nascido na zona rural do município de Panambi, com 14 anos foi morar e trabalhar com seu cunhado em Condor, permanecendo ali até ir para o quartel. Em seguida mudou-se para Panambi onde trabalhou na empresa Faulhaber, de 1969 a 1970. Em 1974 começou a trabalhar na empresa Kepler Weber, onde permanece até os dias atuais.

OLIVEIRA, João da Silva. Bairro Centro. Panambi, 15/09/2005. Entrevista concedida a Eliane de Mello. Nasceu no interior do município de Panambi. Até os treze anos trabalhou com seu pai, como agricultor. Em seguida, empregou-se em uma granja, onde permaneceu até os 18 anos quando foi para o Quartel. Mais tarde, trabalhou na empresa Ernesto Rehn e, em 1975, foi contratado pela empresa Kepler Weber, permanecendo até os dias atuais no mesmo emprego.

PHILIPP, Armin. Bairro Centro. Panambi, 17/08/2005. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Nasceu em Panambi Filho de Hans Arno Philipp e Lídia Marta Kepler. Seu avós maternos foram Adolfo Kepler Sênior e Olga Richter Kepler, da família dos fundadores da Empresa Kepler Weber. Seu avó paterno, Arno Phillip, era escritor, crítico literário, jornalista, maçônico, traduziu Minas de Prata, Inocência, Viuvinha e outros romances e livros de autores brasileiros, para o idioma alemão. Na década de 70 Armin mudou-se para Porto Alegre e visitava Panambi esporadicamente. Atualmente pesquisa a

história de Panambi e publica seus textos no Jornal Folha das Máquinas, do qual é funcionário.

PRASS, Bruno. Centro, 14/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Bruno Prass: Professor, filho de teutos que se estabeleceram, provavelmente, na Picada do Café. Veio para Panambi durante o período da Segunda Guerra Mundial.

RÖHLE, Nilsa Hack. Bairro Zona Norte. Panambi, 22/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Nilsa Hack Röhle: Dona de casa, Nilsa é filha de Luis Martin Hack, sub-intendente e sub-delegado de Panambi na década de 1930. Sempre atuante na política local. A mesma também teve forte atuação na comunidade evangélica e na sociedade de leitura Faulhaber.

SANTOS, Nelci Silva dos. Bairro São Jorge. Panambi 15/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Nelci Silva dos Santos: Professora brasileira que sempre morou na zona urbana do município. Aprendeu o idioma alemão no Colégio Evangélico Panambi.

SCHMITT-PRYM, Miguel. Bairro Centro. Panambi, 25/08/2005. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Seus pais vieram da Alemanha para Neu-Württemberg na década de 30; ele nasceu em Marina Di Massa, distrito da província de Carrara, Itália. Tinha dois anos quando sua família radicou-se em Panambi. Embora não tivesse formação específica, começou a trabalhar como jornalista com 14 anos. Foi correspondente do Jornal Diário de Notícias de Porto Alegre e do Correio Serrano, de Ijuí. Mais tarde, fundou o Jornal A Notícia Ilustrada, de Panambi. Foi presidente da ACI e prefeito municipal em duas gestões.

SCHNEIDER, Orlando Edilio. Bairro São Jorge. Panambi, 13/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Orlando Edilio Schneider: Trabalhou a vida inteira como industrial. Herdou a empresa OLVEPIM de seu pai. Tem forte presença na história política do município, foi prefeito durante 3 mandatos e também atuou como vereador.

SCHÜLER, Hélio. Rua Barão do Rio Branco. Panambi, 15/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Hélio Schüler: Trabalhou de 1942 a 1960 na empresa Faulhaber, sendo que nesse tempo a firma passou a ser Sociedade Anônima, e ele tornou-se sócio. De 1960 a 1980, atuou na Malharia Panambi, onde também integrou a sociedade anônima. Na década de 80 regressou para a empresa Faulhaber, onde trabalhou até 1992, quando se aposentou.

SILVA, Argeu Nunes da. Bairro Esperança. Panambi 20/01/2006. Entrevista concedida a Eliane de Mello. Rua Cabo Verde, 186, Esperança. Nascido nos arredores de Palmeira das Missões migrou para Panambi na década de 70. Profissional da área da construção civil, trabalhou durante alguns anos na Construtora Rehn.

SPODE, Lindolfo Adolfo e Irma Borges Spode. Bairro Erica. Panambi, 16/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Lindolfo Adolfo Spode e Irma Borges Spode: Ele foi como pracinha para a II Guerra Mundial, retornando, casou-se com D. Irma. Foi agricultor no interior de Panambi. Já D. Irma é um caso típico de descendente de uma família lusa, cuja mãe era de origem alemã, sendo que a língua e costumes germânicos predominaram em sua formação.

WAHLBRINK, Walter. Bairro São Jorge. Panambi, 14/02/2002. Entrevista concedida a Eliane de Mello e Rosane Marcia Neumann. Walter Wahlbrink: Filho de agricultores que desenvolviam a atividade de ferreiro. Sua família foi proprietária de um salão de baile. Na década de 60, transferiu-se para a zona urbana onde foi eleito vereador. Tornou-se funcionário público até se aposentar. Ao mesmo tempo, sempre foi músico.

JORNAIS

A NOTÍCIA ILUSTRADA. Panambi, 1970-1981.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre 1937-1944.

CORREIO SERRANO. Ijuí, 1917, 1930-1945.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre, avulsos 1939-1943.

DIÁRIO SERRANO. Cruz Alta, 1939-1943.

DIE SERRA-POST. Ijuí, avulsos.

FOLHA DA SERRA. Cruz Alta, 1939-1943.

FOLHA DAS MÁQUINAS. Panambi, 1992-2003.

JORNAL DO ESTADO. Porto Alegre, 1939.

O PANAMBIENSE. Panambi, 1969.

ZERO HORA. Porto Alegre, 1970-1980.

LOCAIS DE PESQUISA:

Arquivo da Associação Comercial e Industrial de Panambi, Panambi.

Arquivo da Biblioteca do Colégio Santíssima Trindade, Cruz Alta.

Arquivo particular do Jornal Diário Serrano, Cruz Alta.

Câmara Municipal de Vereadores, Panambi.

Museu e Arquivo Histórico de Panambi - MAHP, Panambi.

Prefeitura Municipal, Panambi .